
TALIONS
Dark Hunter 25,1
SHERRILYN
KENYON
CONTOS ESCUROS

Contos Escuros

Sherrilyn Kenyon

Por anos, os fãs ansiosos têm clamado por uma coleção com todas as novelas da autora número 1 de best-seller, Sherrilyn Kenyon. Ante ao pedido entusiasmado, nós entregamos esta coletânea de contos novos, incluindo histórias que anteriormente eram exclusivas do site da Sherrilyn, bem como, uma história completamente nova, nunca antes vista!

Sherrilyn Kenyon leva os leitores para o universo dos Dark-Hunters, semideuses, dos Dream-Hunters aos demônios, e tudo mais. Perigosa e emocionante, cada história é um passeio estonteante, história após história, provando como Sherrilyn cativou milhões de leitores em todo o mundo. Agora, os leitores são convidados a ir fundo no mundo rico e imaginativo de Kenyon e experimentar cada conto com o coração acelerado, pois ela nunca para de criar!

Traduzido e Revisado do Inglês
Envio do arquivo: Δίκη
Revisão Inicial: Eirini
Revisão Final e Formatação: Cleusa
Imagem: Élica
Talionis

Comentário Revisora Eirini: Bom, esse livro na verdade é uma coletânea de “epílogos”, contos, novelas, histórias curtas, que a autora havia lançado em vários livros da coleção Dark Hunters, nos últimos anos. Com certeza os fãs da série já leram quase todas as histórias. Dentre as histórias desse livro temos 3 inéditas, e é sobre elas que eu gostaria de comentar. A primeira história inédita, e que abre o livro, é a história de Aricles e Bathia. Ou, Styxx e Beth, alguns milhares de anos antes dos fatos narrados no livro do Styxx. Quando a autora lançou “Styxx”, a grande crítica dos fãs americanos (ou melhor, a segunda grande crítica, porque a primeira foi o excesso de tortura, violência, etc.), foi que a autora descreveu com tanta ênfase as desgraças do personagem, que a “história” em si, ficou diluída. Eu mesma quando cheguei ao final do livro, reli váriasssssssssssss passagens (em inglês, em português, em espanhol, meditei, pensei...), pra ver se eu não tinha deixado algo de lado. Várias informações estão “nas entrelinhas” e outras apenas jogadas ou sem informação alguma (ou alguém entendeu TUDO o que aconteceu com Set pai e Seth filho, mesmo tendo lido The Guardian?). Então, a autora resolveu contar a

história da vida anterior de Styxx e de Bathia. Quando eles se conheceram... e se vocês acharam Styxx romântico e um fofo, vão se derreter pelo Ari... tão lindinho... críticas? Ah! Bem... advinha quem aparece para fazer a “festa” com Ari??? Ele! O deus que precisa urgentemente de terapia, ou melhor: a velha e boa psicanálise freudiana, com direito a divã, muitas horas falando sobre o pai e principalmente, sobre a mãe. Porque, queridos e queridas: Apolo nos livros da SK, é um caso emblemático de uma criança que teve sériosssssssssss problemas com a figura paterna e conflitos com a figura materna. O que eu quero dizer? Lembram-se de tudo o que Apolo fez com Styxx no livro anterior? Pois é... ele já havia feito tudo com Aricles alguns séculos antes!!!!! Hellooooooooooo????? Contar de novo a mesma história? Enfim... só vou dizer que Ari é muito lindo! Lindooooooo! As outras duas histórias inéditas que estão nesse livro, até onde eu entendi (e eu posso ter entendido tudo errado), não possui ligações com os Dark Hunters (!!!). Principalmente porque são duas histórias que não tem nada de sobrenatural, vampiros, deuses, nadinha... No site da autora (http://www.sherrilynkenyon.com/book/dark-bites/

), a própria autora disse que essas duas histórias não estão relacionadas com o universo Dark Hunters (????!!) Love Bytes é sobre o amor de um casal numa empresa de informática e se passa nos dias atuais. Santa Wear Spurs (Papai Noel Usa Esporas), é sobre um casal no velho oeste americano. Duas histórias bem fofinhas, florzinhas... Espero que gostem e deixem seus comentários. Boa leitura!

Novelas Incluídas:

Dark Bites
HOUSE OF THE RISING SON
PHANTOM LOVER **– já feito**
WINTER BORN **– já feito**
A DARK-HUNTER CHRISTMAS **– já feito**
UNTIL DEATH WE DO PART **– já feito**
A HARD DAY'S NIGHT SEARCHER **– já feito**
SHADOW OF THE MOON **– já feito**
FEAR THE DARKNESS **– já feito 11**
WHERE ANGELS FEAR TO TREAD **– já feito**
LOVE BYTES
SANTA WEARS SPURS
REDEMPTION **– já feito**

Desde 2004, a autora de best-seller internacional, Sherrilyn Kenyon, colocou mais de sessenta novelas na lista de best-sellers do New York Times, nos últimos três anos apenas, ela reivindicou o primeiro lugar dezessete vezes. Esta extraordinária autora de best-sellers, continua no topo de todos os gêneros que ela escreve.

Proclamada a voz proeminente na ficção paranormal pelos críticos, Kenyon ajudou os pioneiros a definir a tendência atual paranormal, que cativou o mundo e continua a abrir novos caminhos que ultrapassam as linhas de gênero tradicionais.

Com mais de 25 milhões de cópias de seus livros publicados em mais de 100 países, suas séries atuais incluem: *Dark Hunters, A liga, Lords of Avalon, Crônicas de Nick, e O Código Belador.*

DARK BITES

Para vocês, leitores, por aceitarem cada uma dessas aventuras comigo. E como sempre, à minha família e amigos que toleram minhas muitas horas de solidão, enquanto eu trabalho, e que me mantém sã sempre que eu saio da toca do coelho. E como sempre, aos meus amigos da informática, por todo seu trabalho duro e tornar essas aventuras possíveis. Vocês são demais!

A CASA DO FILHO EM ASCENSÃO[1]

20 de julho, 12.252 a.C

— Como é que eles se parecem?

O demônio daeve, Caleb Malphas, se afastou dos soldados ante a voz delicada e sem emoção, da deusa que ele servia. Como era seu costume, ela apareceu em silêncio e de repente atrás dele, algo que sempre era desconcertante para um guerreiro que não gostava de alguém ou alguma coisa em suas costas.

Com cabelos longos, castanho escuro, pele impecável, e olhos vivos verde, ouro vivo, Bathymaas era uma beleza rara, mas com o sangue-frio como qualquer criatura que já conhecera. Como personificação da justiça, ela não deveria ter qualquer tipo de emoção ou sentimento...

E ela não tinha. No entanto, era tão amável como cruel, e muito além da compreensão dele.

Malphas olhou para os quatro soldados que estavam treinando na grande arena na frente dele. — Não são maus. Eles podem realmente sobreviver a algumas batalhas.

Seu humor negro se perdeu frente a uma deusa que não conhecia isso. Felizmente, ela entendia o sarcasmo, e, por isso, nunca se ofendeu. E isso fazia com que a servir fosse muito menos doloroso para ele, e era a principal razão que concordou em ajudá-la a montar sua equipe de protetores de elite, que seriam encarregados de manter seu povo em segurança.

Ela colocou uma mecha de cabelo para trás de seu rosto. — Nós ainda precisamos de mais dois para representar os atlantes. Tem alguma sugestão?

— Há um campeão da Atlântida que está construindo um nome para si mesmo, durante os jogos e festivais. Galenus de Didimosia. Eu estava planejando testá-lo e, em seguida, convidá-lo para se juntar à nossa feliz equipe hoje, mais tarde.

— Você já o viu lutar?

Malphas assentiu. — Dois dias atrás. Ele derrubou seis adversários maiores de uma só vez, durante uma partida de exibição. Ele é impressionante, e dada a forma como ele saboreou a luta e a vitória, ele deve ser um bom complemento para o nosso grupo.

— Posso ir com você?

— Claro, minha senhora. Eu ficaria muito honrado.

Inclinando a cabeça para ele, ela saiu com uma graça que rivalizaria com a sua própria amada Lilliana. Essa comparação o fez estremecer involuntariamente, enquanto memórias vivas surgiram para esfaqueá-lo com arrependimentos dolorosos. Recusando-se a ir até lá com seus pensamentos, Malphas voltou-se para os homens que ele estava treinando para proteger este mundo frágil, desse mesmo tipo de tragédia que ele mesmo passou.

— *Você deveria ter estado lá*, irmão. Foi incrível! Eles vieram até mim como bestas gigantes montanhosas, querendo apenas o meu sangue e ossos para comer, e eu os venci, sozinho. — Quando ganhei a luta... este grito incrível subiu através do anfiteatro como um trovão estridente. Colocando as mãos em volta da boca, Galenus demonstrava o som.

Aricles sorriu para o seu gêmeo, enquanto Galenus passou a ilustrar suas habilidades de espada, como o especialista que havia ganhado seu torneio há dois dias. — Sabe o que realmente me impressiona Galen?

Seu irmão congelou com uma carranca no meio de seu falso golpe de espada. — O que?

— Ajudar-me a colocar o fertilizante nos meus campos.

Galenus zombou indignado, enquanto subia em cima do muro e fazia uma careta. — Como você pode ficar aqui? Eu odeio a agricultura e animais e campos... Você deve vir comigo na próxima vez e participar dos jogos. Juntos, seríamos invencíveis... e ganharíamos dinheiro suficiente para fazer o próprio rei parecer um mendigo.

Aricles fez uma pausa para enxugar o suor da testa com o antebraço, antes de cortar o cordão de um novo lote de estrume. Ao contrário de seu irmão, que estava vestido com a elegância de nobre para rivalizar com túnicas e chlamys de um príncipe, ele estava sem camisa, com apenas um saiote castanho curto e sapatos de couro gasto para cobri-lo, enquanto trabalhava. Mesmo assim, o suor escorria pelas costas e grudava em seu cabelo curto, castanho-avermelhado na cabeça. — Não é tão ruim aqui. O Pai precisa de ajuda.

Bah! Ele tem uma abundância de funcionários para isso. Por que nós devemos trabalhar como cães no calor do verão? Nascemos para ser melhor do que isso.

Discordando completamente, Aricles içou o barril em cima de seu ombro para carregá-lo para onde havia deixado às plantas. — Não há nada de errado ou indigno sobre o trabalho de um bom dia. Você deve experimentá-lo algum dia.

— Diz o homem coberto de merda de vaca.

Aricles jogou um punhado dela para o irmão. E acertou no meio do peito, manchando sua túnica branca gritante.

— Ugh! Isso é nojento Ari! Eu não posso acreditar que você fez isso.

Rindo, Aricles começou a espalhá-lo em torno das plantas em germinação. Nunca compreendera o amor de seu irmão ou a necessidade para a guerra. Pessoalmente, odiava conflito e luta. Gostava muito mais de criar e construir, do que matar e destruir. Conquistas e jogos de batalha, não lhe agradavam nem um pouco. A única razão que um homem deveria pegar numa espada era para proteger aqueles que amavam, não tomar deliberadamente a vida de outra pessoa.

Ainda espumando em fúria, Galenus saiu.

— Um dia Galen, — Aricles o chamou atrás, — você vai aprender a amar a agricultura. Eu prometo a você!

— Se esse dia chegar espero que Misos[2] bata minha cabeça idiota contra a parede, — ele gritou de volta enquanto saía para se lavar e trocar de roupa.

— Nunca deixo de me espantar como vocês dois podem ser tão parecidos e ser tão diferente na disposição e forma. É como se você fosse a noite e o outro o dia.

Isso porque Aricles havia propositadamente aceito sobre os ombros a responsabilidade muito cedo em sua vida, para que Galen não precisasse.

Aricles endireitou-se assim que seu pai se juntou a ele e lhe ofereceu um copo de água. Grato, ele bebeu de um gole. — Galen não é tão ruim pai. Ele é um bom homem, com um grande coração.

— Ele precisa que aquela selvageria dentro dele seja domada, antes que o leva à sua destruição total. Dos meus três filhos, ele é o único que me mantém acordado à noite de preocupação. Assim como o fato de que Perseus o idolatra. Eu temo que um dia, ele vá seguir seu irmão mais velho para a guerra e eu vou perder os dois.

— Eu não teria esse medo. Perseus jamais deixaria sua amada Julia para ir à guerra.

Seu pai sorriu e deu um tapinha em seu ombro nu. — Eu nunca pensei nisso, e você está certo. Ele preferia morrer a deixá-la. Muito obrigado por colocar minha mente à vontade. Seu pai pegou o copo. — Agora, se eu pudesse deixar meu filho mais velho interessado em uma mulher...

Aricles não comentou enquanto se virava para fertilizar as plantas. Embora seu pai não soubesse, ele havia amado também, na idade de Perseus. E o seu coração fora esmagado quando ele tropeçou nela na floresta, tendo relações sexuais com outro homem. Mesmo que os dois estivessem sendo cortejados em particular por vários meses, ele não havia roubado mais do que um único beijo por medo de desonrá-la. Pensou que ela fosse a perfeição, e ela riu na cara dele pela sua cortesia.

Eu preciso de amor de um homem, não de um tolo.

Desde então, não se aproximou de outra mulher. Deixou-as para seu irmão gêmeo, que sentia tanto respeito por seus corações e sentimentos como Claudia tivera por ele. Se quisesse ser escarnecido e ridicularizado, tinha irmãos para isso. Não precisava de uma mulher para fazê-lo, também.

— Akri!

Ele olhou ante o grito alarmado de Gideon para ver um bando de sete demônios voando na direção do servo e seu pai. Com o coração batendo, Ari olhou em volta por Galen. Mas seu irmão ainda estava fora se lavando e trocando de roupa, e não tinha ideia de que estavam sob ataque.

Droga!

Aricles foi à cerca para pegar a lança e a *xiphos* de seu irmão. Utilizando-a como um dardo, ele jogou ao demônio mais próximo a se alcançar sobre seu pai, que estava correndo de volta para ele,

enquanto o demônio batia suas asas enormes e lambia os lábios negros. A lança atingiu o demônio no centro do seu peito. O demônio caiu no chão com um grito ecoando enquanto morria.

Tão rápido quanto podia, atravessou o campo para lutar contra os seis restantes. Pela aparência, eles eram Carontes, uma das mais ferozes raças de demônios. E, infelizmente, os humanos e os atlantes eram seu alimento preferido.

Aricles se esquivou de suas garras sujas e conseguiu evitar suas presas, enquanto lutava contra eles com tudo o que tinha. Infelizmente, para os demônios, ele compartilhava as proezas em combate de seu irmão. Podia não desfrutar da esgrima e da morte, mas ele era muito bom no que fazia. Dentro de um punhado de minutos, ele deixou os demônios deitado em pedaços no chão.

A visão de seus restos o enojou, assim como o sangue em suas mãos e corpo.

Seu pai o abraçou. — Graças aos deuses que você estava aqui.

— Graças a Galen por deixar seu *xiphos* para trás, enquanto ele saiu para se lavar. Aricles fez uma careta de desgosto. — E por falar nisso, eu estarei de volta para ajudar com suas carcaças assim que me limpar.

Com repulsa pelo desperdício desnecessário, ele se dirigiu para o riacho que corria pelo meio da sua propriedade.

Ele apenas começou a se lavar quando uma luz brilhante brilhou na frente dele. Agarrando a espada de Galen, ele hesitou quando viu uma mulher bonita em um longo peplos[3] brancas, e um homem vestido de preto.

— Fique tranquilo. O homem estendeu as mãos para mostrar que ele não estava aqui para a batalha. — Nós só queríamos falar com você por alguns minutos.

Aricles baixou a espada, mas manteve-a em sua mão. - Quem?

— Eu gostaria de recrutá-lo. A voz da mulher era suave e melódica. Calma. A combinação perfeita para sua altura e beleza etérea.

— Por que?

O homem riu. — Você não é de desperdiçar palavras, não é mesmo?

Malphas, a mulher o repreendeu. — Você não está ajudando.

— Perdoe-me, deusa.

Deusa...

Agora sua beleza fazia sentido total. Mas o que um deles quereria com um simples agricultor? Ele não conseguia entender isso.

Bathymaas estudou o homem no córrego. Alto e bem musculoso, ele parecia se lavar tão ferozmente, como havia combatido os demônios de Malphas. Seu cabelo castanho-avermelhado era cortado curto nas costas e mais na frente. E enquanto ele era muito bonito, seus inteligentes olhos azuis eram ardentes. — Você está ciente de que a guerra eclodiu atlante?

Ele franziu o cenho. — Que guerra?

Malphas cruzou os braços sobre o peito. — Você está familiarizado com o termo Chthonian?

Aricles balançou a cabeça.

Foi a deusa quem explicou. — Alguns seres humanos, atlantes, ou apolitas nasceram com os poderes de um deus, para que possam proteger seu povo dos deuses que abusam ou se aproveitem deles. Cada um é dotado com a capacidade de matar um deus e não podem perturbar a ordem do universo ou destruí-lo. Mas para cada deus que matam, eles perdem um grau de seu próprio poder. Se eles matam muitos deuses, eles morrem.

— E, infelizmente, eles se cruzaram foram para a garganta um do outro por quase um ano até agora.

A deusa balançou a cabeça. — Não há ninguém que possa proteger o seu povo, enquanto houver essa guerra, e alguns grupos estão se aproveitando de sua atenção negligente, e caindo como aves de rapina sobre inocentes. É por isso que estou montando uma equipe que pode assumir temporariamente suas

funções de proteção até que os Chthonians retornem à razão.

Aricles estreitou os olhos enquanto entendia porque eles estavam aqui. — Você quer que eu lute por você?

— Sim.

Aricles riu da ideia. — Não, obrigado. Não sou um soldado. Sou um agricultor.

Malphas bufou. — Então por que você estava em uma luta na arena há dois dias?

— Eu não estava. Você viu o meu irmão.

— Esse era o seu irmão? — Perguntou Malphas desconfiado.

— Sim. Galenus. Sou Aricles.

Malphas parecia ainda mais confuso. — Mas você é aquele que lutou contra os demônios agora mesmo.

Ele deu de ombros. — Galen e eu aprendemos e praticamos juntos. Mas ele é o único que ama as xiphos, não eu.

Malphas sorriu para a deusa. — Acho que encontramos nossos dois que faltavam.

Aricles balançou a cabeça. — Não, você não encontrou.

Malphas avançou, mas a deusa o deteve.

— Vá encontrar este Galenus e peça-lhe para se juntar a nós. Eu quero falar com Aricles sozinha.

— Sim, minha deusa. Malphas desapareceu sem questionar.

Aricles saiu do córrego e enxugou-se com a toalha que tinha deixado sobre o banco. — Se você acha que pode me fazer mudar de ideia, minha senhora... você não pode. Eu não quero ter nada a ver com a guerra.

— Você sabe quem eu sou?

— Diafonía, Apollymi, Symfora... Ele chamou todas as deusas guerreiras do panteão Atlante. — Nada disso importa para mim.

— Sou Bathymaas, a personificação de toda a justiça. O meu papel neste mundo é simples, manter o equilíbrio entre o certo e o errado. Para mantê-lo sagrado e certificar-se que nenhum dos lados esmague o outro. Tenho certeza que você pode respeitar isso.

— Eu posso.

— Então, lute por mim.

Balançando a cabeça, ele começou a passar por ela.

Ela colocou a mão suavemente no seu braço para detê-lo. — Por favor, Aricles. Os deuses lhe deram um presente surpreendente e habilidade. Quem melhor para empunhar uma xiphos para mim, do que um homem que não leva o amor ou a glória de guerra? Ao contrário de outros, você não vai lutar para o bem dela, mas pelas razões certas.

Ele queria dizer não para ela. Mas quando olhou para aqueles olhos verdes dourados tingido e sentiu o calor de sua mão em sua carne, ele se perdeu em suas artimanhas. A parte mais triste? Ela não estava nem mesmo as usando para com ele.

E ainda assim ele queria enterrar seu rosto contra seu cabelo e inalar o cheiro doce dela. Ele nunca tinha sido tão atraído por qualquer mulher. Nem mesmo por Claudia.

Ela não é uma mulher.

Não, ela era uma deusa.

E ele não era nada mais do que um simples agricultor, um fazendeiro caipira.

— Então o que você me diz, meu bom Aricles? Você vai representar o seu povo e ser um campeão para mim, para o bem de todos?

Ele queria dizer que não. Desesperadamente. Mas seu coração bloqueava seu senso comum, com um desejo de fazer o sorriso de a deusa aparecer, quando respondeu por ele. — Quem sou eu para lutar contra a vontade dos deuses?

— Aricles! Você nunca vai adivinhar o que... As palavras de Galenus desapareceram quando passou

por entre as árvores para ver Bathymaas com ele. Ele arqueou uma sobrancelha curiosa.

Bathymaas virou para Galen, mas não reagiu fisicamente. — Vocês são gêmeos.

Aricles deu um sorriso irônico. — Desde o nascimento.

Malphas riu, mas a expressão de Bathymaas não mudou em nada. — Você vai ter que perdoar a deusa. Ela não entende o humor, ou qualquer emoção, nesse assunto.

Essas palavras o chocaram. — De verdade?

Bathymaas assentiu. — Agora, vai pegar suas coisas, e vamos levá-lo para sua nova casa.

Galen soltou um grito de júbilo enquanto Aricles se encolheu. Seu pai não ficaria feliz com isso, sabia disso, e quando eles voltaram para a pequena casa de pedra onde tinham nascido, ele provou que estava certo.

— Eu não vou permitir! — Seu pai rosnou enquanto eles empacotaram seus poucos pertences. — Eu preciso de pelo menos um de vocês aqui.

— Pai, — Galen respirou. — Você não entende a honra que é isso. Fomos selecionados pela mão da própria deusa. Temos que honrar os deuses e sua vontade, não é isso que você sempre nos ensinou?

Seu pai virou os olhos azuis atormentados para Aricles, implorando-lhe para ficar.

— Eu posso manter Galen seguro, desde que esteja com ele. Vou me certificar de que ele venha para casa, para você, inteiro.

Seu pai segurou a parte de trás da cabeça de Aricles na mão e puxou-o em seu abraço. — Meus filhos são tudo que tenho neste mundo. Eu não podia suportar viver se eu perdesse um de vocês.

— Vamos ter cuidado. Mesmo se eu tiver que amordaçar Galen.

O pai beijou cada uma de suas bochechas, em seguida, moveu-se para fazer o mesmo com seu irmão. — Eu sempre soube que lhe perderia para Misos, mas esperava ter mais anos com você antes de sair para a guerra. Vinte anos apenas não é suficiente. Cuide do seu irmão Galen. Que nenhum mal acontecer a ele ou você.

— Eu vou *Papsi*. Seus olhos brilhavam de alegria e entusiasmo, e Galenus pegou sua espada e mochila, e se dirigiu para a porta.

Aricles suspirou quando varreu seu olhar ao redor do quarto que tinha compartilhado com Galenus e Perseus, que estava fora com a sua Julia. Com dezesseis anos, seu irmão mais novo era tanto um escravo do seu coração, como Galen era da sua libido. Ele odiava que tivera a chance de dizer adeus a ele. — Diga Perseus que vou sentir falta dele e que não se atrase com suas lições.

Seu pai sorriu. Tome cuidado, m'gios.[4]

— E você também, *Papsi*. — Aricles o abraçou uma última vez antes que seguisse Galen para onde a deusa e seu servo os esperavam.

— Parece que você não evacuou em um mês, disse Malphas assim que o viu.

Carrancudo, Aricles não tinha certeza do que fazer com o homem que seria seu treinador e comandante.

Galen bufou. — Ele sempre parece assim. Nasceu com prisão de ventre. — Seu irmão se aproximou dele. — Venha Ari, seja jovem uma vez na vida.

— Tentei a sua imprudência uma vez e achei cansativo. Melancolia me serve muito bem.

Malphas riu. — Então, onde está o seu xiphos?

— Eu não tenho um.

— Ele sempre usa um pedaço de madeira para treinar comigo.

Com um grunhindo seu descontentamento, Malphas inclinou a cabeça para a sua deusa. — Eu acho que estamos prontos.

Num momento eles estavam fora na floresta, e no próximo, estavam dentro de um templo como Aricles nunca havia visto. Feito de ouro maciço, e brilhava ao redor dele. Imagens de cores vivas e desenhos geométricos foram pintados por todo o ouro.

— Onde estamos? — Questionou.

A deusa cruzou as mãos na frente dela. — Tebas, no Egito. Este é o meu principal templo. O do meu pai está ao lado.

— O seu pai?

— Set.

Os olhos de Aricles se arregalaram. Enquanto ele conhecia só alguns deuses fora de seu panteão Atlante nativa, Set era um que todos conheciam. Dizem que era o deus mais feroz da existência, o deus do caos, que apavorava sua própria família. — Eu não sabia que ele podia ter filhos.

— Eu não nasci dele. Eu fui criada por ele.

— Não entendo.

Malphas bufou. — Depois que Set teve um pequeno colapso emocional que custou vários deuses e partes de seus corpos e vidas, a fonte primordial decidiu que eles precisavam lhes dar outra coisa para se concentrar e fazê-lo feliz. Ele fez um gesto para Bathymaas. — O que melhor emocionalmente do que uma bela filha para tomar conta?

Galen deu um sorriso para Aricles. — Que tipo de melhor, na verdade?

Malphas passou um olhar de advertência ao Galen. — Coloque-o de volta em sua tanga, amiguinho. Nossa deusa é virgem e é para continuar assim. Ela nem sequer sabe o que fazer com um beijo, por isso não tente um a menos que você queira conhecer o mau, o fim de minha espada e a fúria de seu pai.

Galen fez uma careta. — Arrependido e entendido.

Malphas levou-os a uma sala onde outros quatro homens estavam descansando. — Bem-vindo ao Eperon[5]. Temos dois guerreiros de cada raça mortal. Ele empurrou o queixo para os dois homens que estavam com as facas. Um deles era uma besta montanhosa, que fazia os dois irmãos parecerem uma paródia em altura e estatura. Aliás, um de seus braços musculosos era facilmente do mesmo diâmetro da cintura de Bathymaas. Usava o cabelo louro-dourado e longo trançado nas costas. O outro era bem musculoso também, e provavelmente estava dois a três centímetros mais alto do que os irmãos. Seu cabelo loiro-branco era cortado curto e tinha uma barba cheia. —Representando a raça Apolita temos Haides. — Ele era o maior dos dois. — E Hector.

Eles trocaram gentilezas enquanto Malphas indicava o homem em sua cama, que estava lendo um pergaminho. Ele tinha cabelos e olhos negros e uma barba desgrenhada que era o mesmo comprimento que o cabelo dele. — Nossos seres humanos são o filosófico Monokles, e, ele fez um gesto para a pessoa que estava afiando sua espada, — Phelix. — Ele tinha o cabelo vermelho brilhante que caiu logo após seus ouvidos.

Malphas bateu no ombro de Galen. — Guerreiros cumprimentem nossos atlantes. Galen e Aricles.

Haides estreitou seus olhos sobre eles. — Como podemos distingui-los?

Galen sorriu. — Eu sou aquele que está realmente vivo e gosta de participar de atividades divertidas. Aricles raramente sorri e provavelmente discutirá filosofia com Monokles.

Aricles manteve seu rosto sereno. — E eu vou ser aquele a chuta bunda de Galen durante o treinamento.

Hector riu de todo coração. — Eu já gosto deles. Ele indicou uma cadeira vazia à sua direita. — Guarde o seu equipamento e juntem-se a nós.

Aricles levou as coisas de Galenus. — Vá em frente. Eu vou cuidar disso.

Como sempre, Galen não hesitou em aceitar a sua oferta.

Enquanto ele se juntava aos lutadores, Aricles olhou para Malphas. — Quais camas são as nossas?

— As duas sob a janela. Seu treinamento vai começar uma hora depois do amanhecer. Tenha uma boa noite e lembre-se, sem derramamento de sangue no templo da deusa. Guarde-o para o campo de batalha. Malphas saiu depois de uma reverência.

Aricles colocou seus pertences pessoais no espaço entre suas camas. Ouvindo seu irmão brincado

com seus dois novos amigos, ele puxou a faca pequena e um pedaço de madeira que ele tinha começado a esculpir há quatro dias. Era uma figura feminina, vaga. Não conseguira visualizar o rosto da escultura claramente.

Até hoje.

Começara como uma oferta para uma das deusas da sua terra natal, mas agora... Bathymaas seria perfeita para isso. Vendo a graça real na madeira, começou a refazer a peça.

Depois de alguns minutos, Monokles veio vê-lo. — Você faz isso parecer fácil. Há quanto tempo você tem sido um escultor?

— Desde o primeiro verão que fiquei com o meu avô em Ena. Era algo que ele fazia todas as noites, após as tarefas concluídas. Eu tinha quatro ou cinco anos, e ele me segurava no colo e pacientemente me instruía.

— Eu nunca conheci meus avós. Um deles era um herói grego que morreu em batalha, quando o meu pai era um menino, e o outro era um oficial da cavalaria que pereceu na guerra enquanto minha mãe estava grávida de mim. E o de vocês? Ele era um oficial aposentado?

Aricles balançou a cabeça. — Ele era um simples agricultor, como seu pai antes dele. Por natureza, os atlantes são pacíficos... com exceção peculiar do meu irmão, que foi corrompido em sua juventude por um amigo que lhe disse muitos contos gregos.

Monokles ficou rígido. — Isso é um golpe para mim?

— De jeito nenhum, bom Monokles. Você tem todo o direito de estar muito orgulhoso de sua família de soldados. Como sou orgulhoso pela minha que trabalhava suas fazendas. Meu insulto foi dirigido ao meu gêmeo, unicamente. Ele acha que o resto dos membros de sua família é caipira do sertão porque preferem cultivar o solo a fazer a guerra com os nossos vizinhos.

Aquelas palavras pareciam confundi-lo. — Ainda assim, você está aqui. Por quê?

Aricles encolheu os ombros. — Nosso lugar é não questionar a vontade dos deuses. Mas, ao invés, fazer melhor para honrá-los, e aos nossos antepassados, e a nós mesmos.

Monokles fez uma careta. — Quantos anos você tem?

— Vinte e você?

— Uma década mais velho, e ainda assim você fala como um sábio antigo.

Galen bufou. — Isso é porque o meu irmão nasceu um homem velho. Ele veio do ventre jorrando sabedoria de nossa mãe, e com mais paciência do que qualquer homem mortal jamais deve possuir. Ele deveria ter sido um sacerdote.

— Isso é verdade? — Perguntou Monokles. — Será que você teria preferido o sacerdócio?

— Provavelmente, mas na hora de fazer votos, eu tinha outras obrigações. — Ele estava apaixonado por Claudia e tinha planejado se casar com ela. Para pagar o preço de noiva[6] do pai dela, ele trabalhara em três empregos, além de suas tarefas domésticas.

Mas um fazendeiro era a última coisa à que ela queria estar amarrada.

Agora, já era tarde demais para se tornar um sacerdote.

Talvez fosse uma amarga ironia que ele acabasse no serviço de uma deusa, depois de tudo.

— O que você está fazendo?

Bathymaas ergueu os olhos da sfora, ante a pergunta de Malphas. A pequena bola laranja que lhe permitiu espionar seus recrutas. — Eu queria ter certeza de que nossas duas mais recentes adições, não encontrariam a resistência dos outros.

— Eles estão se adaptando bem?

— Parecem estar. — Ela estudou Aricles enquanto ele continuava magistralmente a talhar, enquanto seu irmão se entretinha com os outros. — Você acha que nós cometemos um erro forçando Aricles a deixar sua fazenda?

Caleb ficou boquiaberto com sua pergunta. — Será que eu ouço uma dúvida?

— Eu não sei, respondeu ela com sinceridade. — Sentimentos mortais estão além de mim. Mas sei como os seres sensoriais são complicados. Não quero que ele esteja com dor por causa de nossa decisão.

Caleb arqueou uma sobrancelha. Em todos os séculos em que serviu sua deusa, nunca a ouvira questionar uma decisão antes. Impressionante, realmente.

Nem que ela se importara com os sentimentos de alguém. Ele não tinha certeza do que fazer com isso. Ou o que era isso sobre Aricles que fazia com que ela duvidasse de suas decisões agora.

Estranho.

— Os seres sensíveis se ajustam... no tempo.

Ela encontrou seu olhar. — Você nunca se ajustou por estar sem Lilliana.

Ele estremeceu com uma verdade amarga que o machucou. — Eu sou um demônio e muito diferente deles. Além disso, Lil me mudou a partir do que eu era, e em seguida, foi violentamente tirada de mim. Não é o mesmo que sair de casa para servir a uma deusa e defender o meu povo.

Bathymaas evitou dizer outra coisa. Sabia o quanto doía a ele falar sobre sua esposa. E, pela primeira vez, sentiu uma dor estranha no peito, pela perda dele. Não tinha certeza do porquê.

No entanto, não havia como negar que estava ali.

Se ela ao menos soubesse por que sentia isso agora.

28 de outubro de 12.252 aC

Bathymaas observava Aricles sentado sozinho na margem de um pequeno córrego. Uma vez que eles haviam se mudado de Eperon de seu templo de Tebas para a ilha de Atlântida, que estava localizada no mar Egeu, ela mantinha um olhar atento sobre seus homens. Eles eram agora alvos. Não apenas dos Chthonians, mas dos deuses também. E a última coisa que queria, era que eles fossem atacados antes que estivessem prontos para se defender. Mesmo sendo guerreiros valentes, era mais difícil de lutar contra os demônios e deuses, do que contra os mortais.

E enquanto os outros cinco estavam ansiosos para tomar os seus lugares como guerreiros de elite, Aricles ficava sozinho com sua reticência para a batalha. Tal como acontecia agora, enquanto os outros foram buscar confortos carnais, ele se sentou no seu banco gramado com nenhuma outra companhia do que sua sombra.

Franzindo a testa para ele, ela não tinha ideia do que era ele fazia lá, ou por que parecia tão contente com isso. Nem entendia por que ele não estava com seus irmãos...

Aricles inclinou a cabeça quando sentiu a presença de Bathymaas atrás dele. Estranho como ele estava tão em sintonia com ela. Mesmo antes do cheiro de lírios doces terem alcançado seus sentidos, ele sabia que ela estava aqui com ele. — Sou necessário minha deusa?

— Não. Ela parou a seu lado para tocar o carretel artesanal que ele tinha nas mãos. — O que é que você está fazendo?

Ele puxou a linha. — Estou pescando.

— O que?

— Peixes.

Sua carranca se aprofundou. —É assim que se faz?

— É. Você gostaria de tentar?

— Eu não tenho certeza. O que se faz para pegar os peixes?

Aricles sorriu ante a pergunta inocente. Enquanto os outros membros de seu bando perdia a paciência com a incapacidade dela de compreender as atividades humanas e as emoções, ele a achava bastante sedutora e cativante. — Vem se sentar comigo minha senhora, e vou lhe mostrar. Ele tirou sua capa e a colocou no chão para proteger sua roupa e lhe dar alguma proteção contra a grama úmida.

Na forma mais saborosa e mais graciosa que ele jamais tinha visto, ela se sentou ao seu lado.

Ele mostrou-lhe cuidadosamente o gancho de metal que havia feito. — Você coloca a isca no anzol. Ele pegou uma minhoca de uma pequena panela de barro, onde ele as colocara há pouco tempo e mostrou-lhe como fazer.

— Isso vai machucá-las?

— Eu tento não pensar sobre isso.

— Oh, me desculpe.

Ele limpou as mãos. — Uma vez que é colocada no gancho, você a coloca na água e espere que um peixe morda a isca. Então você puxar o peixe da água e o captura.

Ela viu quando ele jogou a linha lá dentro — Quanto tempo leva?

— Pode ser imediatamente ou levar horas a partir de agora, ou até mesmo não acontecer.

Isso pareceu confundi-la ainda mais. — Isso não o aborrece?

Ele balançou a cabeça quando ouviu os insultos de seu irmão em sua mente sobre o seu passatempo favorito. — Na verdade não. Acho que é relaxante me sentar com os meus pensamentos e ouvir o sussurro do vento por entre as árvores.

— Você tem uma serenidade que os outros não têm.

Esse foi um termo educado para aquilo que Galen chamava de grosseria. — Eu sou um homem simples, com necessidades simples.

Ela passou a mão sobre as esculturas que tinha feito no carretel. Foram feitas para o deus da água, Ydor, que dizia a favor dos pescadores. — E quais são essas necessidades que você fala?

Aricles coçou o queixo. — Boa companhia. Sem conflitos. E uma barriga cheia é sempre bom.

Bathymaas foi surpreendida com a sua lista curta. — Nada de amor ou segurança?

— Segurança pode ser encontrada em qualquer lugar. Uma caverna ou tenda. Quanto ao amor... Estou muito feliz sem ele.

Isso era muito estranho para ela. — Eu pensei que todos os homens quisessem ser amados.

— Pessoalmente, eu prefiro não ter essa dor.

— É por isso que você não está fornicando como os outros?

Aricles riu. — O que eles estão prestes a fazer hoje, não tem nada a ver com amor minha senhora. Isso é um ato físico que não envolve seus corações.

Isso fez ainda menos sentido para ela. — Então por que você não está com eles?

— O que eu posso dizer? Meu irmão fornica o suficiente por nós dois. — Aricles parou ao vê-la tentando entender sua explicação irreverente. Ela era tão inteligente sobre a maioria das coisas, mas quando se tratava de emoções humanas, era tão pueril e inocente como Malphas os tinha avisado. — A verdade minha senhora... quando eu era um garoto e ficava com o meu avô, minha tia veio no final de uma noite. Ela estava histérica e chorando por se encontrar grávida de um homem que ela pensava que a amava. Ela tinha dado seu corpo para ele e quando ela concebeu seu filho, ele confessou que só estava se divertindo com ela e não tinha interesse em fazê-la sua esposa. Meu avô me disse que as mulheres, ao contrário dos homens, muitas vezes confundem sexo com amor, e que muitas mulheres atribuem grande

importância ao ato físico. Eu amava e adorava minha tia, e quando ela se matou dias depois, quando fora até ao seu amante e ele novamente a insultou e a negou, abriu um buraco no meu coração. Jurei que nunca faria mal a uma mulher como aquela, e que eu não tomaria nenhuma amante, exceto minha esposa.

— Mas você não é casado.

— E é por isso que eu estou pescando em vez de fornicando.

— Oh, ela respirou depois hesitou, enquanto digeria a sua explicação. —Então você nunca teve uma mulher?

Encolhendo-se internamente por causa dessa pergunta, Aricles corou. — E ficaria muito agradecido, se você não contasse a ninguém sobre isso minha senhora. Os homens podem ser muito insultantes sobre essas coisas.

— Por quê?

— Honestamente, nunca tive muita certeza. Parecia que deveriam ser gratos, por menos uma concorrente no mercado, e ainda não é assim. Ao contrário, eles acham que sou um homem fraco e efeminado que não consegue todas as mulheres que encontra.

Bathymaas tentou dar sentido a isso, enquanto algo começou a puxar a vara em suas mãos. — Trata-se de uma fisgada?

— Sim, na verdade. —Ele se moveu para sentar-se atrás dela e envolver seus braços em volta dela para que pudesse lhe mostrar como tirar o peixe dentro d'água. O calor de seu corpo e o aroma rico e viril de sua pele deixou-a com a cabeça tonta, de uma forma que nunca acontecera antes. Por alguma razão, ela queria enterrar seu nariz contra sua pele e se deleitar com isso...

Isso era muito peculiar.

Seus músculos estavam duros e flexionados ao seu redor, quando ele levantou o carretel para lhe mostrar um peixe balançando. — Aqui está. — Ele se afastou de modo a não derramar água em seu vestido.

Ele cuidadosamente colocou o peixe em uma pequena cesta de vime, em seguida, envolveu a linha e gancho em torno do carretel.

— É isso?

Aricles assentiu. — Eu só preciso de um para uma refeição. Algumas pessoas pescam por esporte e soltam o peixe depois de pegá-lo, mas eu só faço isso quando é muito pequeno ou jovem para ser comido.

Ele era sempre gentil e compassivo para com todas as coisas. Apesar do fato de que ele era um guerreiro letal, Aricles era um homem muito gentil.

— Posso ver você prepará-lo? Eu nunca vi ninguém fazer isso antes também.

— Claro, minha deusa.

Moveu-se mais para cima, onde uma pequena fogueira havia sido preparada. Puxando uma faca, ele sentou-se para remover as escamas do peixe.

Ela estudou a maneira graciosa que ele começou a sua tarefa. — Você se move com tanta experiência...

— Eu faço isso há algum tempo.

Ele mostrou.

E isso a deixou curiosa sobre ele. — Aricles? Você se importaria se eu viesse novamente para pescar outro dia?

— Eu ficaria honrado.

Bathymaas se sentou e continuou a vê-lo preparar sua refeição. O mais provável é que ela não deveria gastar tanto tempo apenas com ele, e ainda não fazia muito sentido em sua mente que ele estivesse sozinho, quando sabia que as pessoas, via de regra não gostava de solidão. Só parecia justo e correto que ele devesse ter alguém com quem conversar sobre seus dias de folga também, enquanto os

outros buscavam outras formas de companheirismo. Sem mencionar que ela gostava de ser capaz de lhe fazer perguntas e receber uma resposta. Ao contrário dos outros que ela conhecia, ele não perdia a paciência com ela. E isso a ajudava a entender melhor os mortais sensíveis.

Talvez essas excursões beneficiassem a ambos.

3 de março, 12.251 aC

— Eles são incríveis, não são?

Bathymaas não sabia sobre o que Caleb se referia. — Como assim?

— Desculpe-me, deusa. Eu esqueci que você não consegue entender as nuances... A forma como os irmãos se movem. Como se fossem uma só mente. Costas com costas. Sincronia perfeita. Não sei se é por serem irmãos ou gêmeos. Mas nunca vi nada parecido. Se tivéssemos um exército deles, nós não precisaríamos de outros.

Ela concordou. Eram lutadores incríveis. Enquanto os outros quatro sendo os melhores de suas raças, não foram capazes de derrotar Galenus e Aricles.

— Eles estão prontos para lutar?

Caleb fechou o rosto. — Eu não sei. A batalha traz ou o pior ou o melhor de todos. Às vezes, as duas coisas. Difícil prever até que eles estejam nela, como irão reagir.

— Eles vão permanecer unidos.

— Dito por uma mulher que não tem sentimentos e que nunca teve de lutar por sua vida contra uma série angustiante de inimigos ferozes.

Bathymaas tocou a cicatriz no pescoço do demônio, de um ferimento de batalha que quase havia lhe tomado a sua cabeça. Mesmo antes de seu nascimento, ele tinha sido um guerreiro. — Você estava sempre com medo?

— Por mim? Não. Eu nunca me importei se eu viveria ou morreria. Eu só lutava.

— Isso ajuda se você se importa?

— Mais uma vez, deusa, depende da pessoa. Todo mundo é diferente.

Ela viu quando Aricles balançou a cabeça de Haides e depois rebateu um ataque de Phelix. — Ele é o nosso melhor, não é?

Caleb assentiu. — Ele é o único que eu quero em minhas costas.

Essa foi a maior prova que Caleb podia dar. — É irônico que o nosso melhor é o que menos quer lutar.

Caleb bufou. — Não, deusa. A verdadeira ironia é o demônio que nasceu para acabar com o do seu tipo, é aquele a treiná-los para sua própria segurança.

— Você nunca foi mal Malphas. Você nasceu de partes iguais.

— E amamentado em veneno e ódio apenas. Eu discordo completamente de você, minha senhora. A única coisa boa em mim morreu em uma morte violenta. Vingança é tudo o que me sustenta agora.

Mas ela não acreditava nisso. Suspeitava que Caleb negava sua decência para se proteger de mais danos. Caso contrário, ele não estaria aqui com ela, ajudando a treinar seus soldados. Ele teria se juntado à sua mãe e tentado acabar com o mundo que eles estavam tentando desesperadamente salvar...

Assim como Aricles mesmo havia negado qualquer prazer real ou frivolidade. Para proteger os seus irmãos e pai dos demônios, que muitas vezes atacavam sua pequena fazenda, enquanto seu pai estava profundamente bêbado, Aricles havia aprendido a lutar como seus atacantes. Para ficar sóbrios e vigilantes em todos os momentos. Ela tinha visto as cicatrizes em sua carne das batalhas que ele tivera quando era um menino. Um menino que deveria ter sido protegido de danos, não como o único protetor de sua família. Batalhas que seu pai não sabia nada. Era o que tinha levado Galen a aprender a lutar também, e foi uma grande parte da razão pela qual Galen odiava tanto sua fazenda.

Se eu vou lutar e morrer será pela glória e dinheiro. Não para salvar suínos e bovinos.

Mas Aricles lutava apenas pela sua família.

Sua nobreza calma era o que ela respeitava, e seu intelecto a fascinava. Para um homem que morava em uma fazenda, ele sabia muito sobre filosofia e política. E ainda mais sobre a natureza e ciência.

Houvesse Aricles nascido nobre, ele teria sido um estadista brilhante.

— Merda!

Ela arqueou uma sobrancelha para os palavrões inesperados de Caleb. Ele começou a avançar para onde Monokles e Hector estavam prestes a matar uns aos outros, mas antes que ele pudesse alcançá-los, Aricles desarmou os dois homens.

— Aqui agora! Isso é realmente o que você pretende? Aricles perguntou a Monokles. — Você quer a cabeça de Hector?

— Ele não retrocede! — Monokles apontou para o ferimento em seu braço. — Eu estou sangrando! E quero a bunda dele. — Ele pulou, mas Aricles o pegou novamente e empurrou-o de volta.

Com a paciência de um antigo sacerdote, Aricles deu um tapinha no ombro de Monokles. — E quando os porcos dançam, as vacas festejam.

Monokles fez uma careta. — Que língua você está falando?

— É um ditado Atlante. Não se entregue ao seu temperamento. Olhos irritados são cegos, especialmente na batalha. A melhor maneira de perder a sua vida é estar focado na espada que lhe deu o ferimento em seu braço, levando você a perder a faca que vem para o seu coração. — Ele olhou para Hector. — Nunca se esqueça de que uma mão lava a outra e ambas lavam a mesma cara.

Isso finalmente controlou o temperamento de Monokles. — Você deveria ter sido um filósofo, Ari. Ele estendeu a mão para Hector. — Irmãos?

Balançando a cabeça, Hector a pegou e sorriu. — Sempre... Venha, vamos cuidar dessa lesão. Desculpe-me, não verificar o comprimento do meu ataque. Isso não vai acontecer novamente.

Bathymaas viu quando Caleb os levou, enquanto Aricles esperou por sua abordagem.

— Minha senhora. — O rico e profundo timbre de sua voz, nunca deixou de provocar calafrios estranhos em sua pele.

— Quando os porcos dançam, as vacas festejam? Outra das palavras de seu avô?

Ele sorriu timidamente. — Sim.

— Você deveria anotá-las.

Sua risada adicionou mais calafrios a ela. — Se não houver outra razão, pelo menos vai deixar Galen insano.

— Como assim?

— Ele odeia esses ditados. É por isso que ele se retirou tão rapidamente quando falei isso. Ele acha que eles são tão piegas quanto eu.

— Eu não acho que você é piegas Aricles.

— Porque beleza só vê beleza... e você é a mais bela de todas. — Com uma saudação nítida que aumentou a definição de seus músculos bem esculpidos, ele seguiu atrás dos outros.

Bathymaas mordeu o lábio enquanto o observava pelas costas. Ela não deveria sentir nada, também...

Aricles a fascinava.

E ela não podia esperar para falar com ele novamente, quando estivessem sozinhos.

30 de maio de 12251 aC

Bathymaas sentou-se dentro do círculo dos braços de Aricles, segurando a vara, enquanto pescavam e ele lia uma carta de seu pai sobre casamento de seu irmão Perseus, em breve. Ao longo dos últimos meses, ela começou a ansiar pelas suas tardes tranquilas e não sabia o porquê. Além do que, o som da voz dele fazia coisas muito estranhas à sua respiração e à sua pele. Não conseguia entender tudo isso.

E quando ela se inclinou para trás contra o ombro musculoso, e o peito duro, e observava enquanto lia para ela, ficou curiosa sobre os lábios. Antes que pudesse deter a si mesma, ela estendeu a mão e tocou-lhes.

Ele fez uma pausa para olhar para ela com uma sobrancelha arqueada.

— Os lábios de todos os homens são tão suaves como o seu Ari?

Um sorriso doce apareceu no rosto dele. — Eu suponho que sim deusa. Mas não tenho o hábito de sentir os lábios de outros homens, então não sei ao certo. Havia uma pitada de diversão em sua voz.

Ela amava o fato de que ele não fazia nenhum comentário, quando dizia algo impróprio ou ignorante. Ao contrário de outros, mesmo de Caleb, ele nunca ficava irritado com ela.

E os lábios dele a intrigava e muito. Assim como a linha de sua mandíbula forte, esculpida e dos pelos espinhosos que provocavam a carne de seus dedos. — Por que as pessoas se beijam na boca?

— Diz-se ser bastante agradável.

— E você já beijou alguém?

— Não na boca minha senhora.

De repente, uma parte dele começou a inchar contra seu quadril. Franzindo a testa, ela se sentou para olhar para ele. — Você ficou ferido agora?

O rosto dele ficou vermelho enquanto ele se movia um pouco para trás dela. — Não, minha senhora.

Ela ficou ainda mais confusa com a resposta e ações dele. — Não é por isso que as partes do corpo incham?

Ele visivelmente se encolheu. — A maior parte do tempo.

— Mas nem sempre?

— Não. — Ele hesitou e limpou a garganta antes de falar novamente. — Essa parte de um homem incha sempre que ele está... excitado.

Isso era algo que ela nunca havia considerado ou que soubesse. — Eu o excitei?

Ele ficou ainda mais vermelho. — Perdoe-me se o insulto minha senhora. Eu não tenho nenhum controle sobre isso. Mas não se preocupe, eu respeito o seu estado e direito de nascença, e nunca vou te tocar inapropriadamente. Eu juro.

Uma sensação peculiar atingiu seu peito como um golpe. Era dor?

Ela não tinha certeza.

E estava fascinada pela protuberância debaixo de sua túnica. — Isso já aconteceu antes?

Seu olhar azul profundo a queimavam. — Toda vez que você está perto de mim deusa. Ou a qualquer momento que eu sinta o cheiro do seu perfume.

Seus olhos se arregalaram. — Mas eu nunca senti... não até agora.

Ele desviou o olhar e se mexeu desconfortavelmente novamente. — Eu normalmente tomo cuidado para que você não veja.

— Será que isso não te machuca também?

Pela sua expressão, ela sabia que ele se sentia estranho e envergonhado. No entanto, como sempre, ele estava pacientemente tentando explicar o assunto, para que ela pudesse entendê-lo. — Bastante. No entanto, prefiro estar com dor a insultá-la.

— Mas você não pode me insultar. Eu não tenho sentimentos que possam machucar.

Um pequeno sorriso brincou nos cantos dos lábios. — Eu me esqueço disso minha senhora.

— Como pode?

— Porque você não parece estar sem eles tempo todo. Como agora... seu rosto está enrugado como se você estivesse confusa ou perturbada, e assim são as emoções. Você parece ser muito atenciosa e extremamente curiosa. Tudo isso são emoções também.

Eram emoções?

— Eu tenho emoção?

— Parece que sim.

Será que ela tivera emoções o tempo todo e nunca soubera disso? Seu corpo a fazia reagir às coisas, mas achava que eram como respostas automáticas que não podia controlar.

Como o bojo dele.

Seria possível que essas reações físicas fossem as emoções que ela desconsiderava?

— Ari? Como são as emoções?

Ele colocou a vara de pescar ao lado, e virou-se para encará-la, enquanto conversavam. — Elas são difíceis de definir. Mas vou tentar. — A testa bonita dele se franzia, enquanto ele ponderava. — Bem... Às vezes eu tenho uma dor em meu peito quando meu irmão parece triste ou é ferido com alguma coisa. Isso é dor, simpatia, porque eu quero que ele seja feliz e saudável.

— O amor é desse jeito?

Aricles ficou em silêncio enquanto olhava para o deslumbramento infantil em seu rosto. A forma como a luz do sol fazia esses olhos castanhos incríveis brilhar com seu fogo e beleza. Em seu coração, ele sabia que já estava apaixonado por ela há semanas. Desde que ela começou a se juntar a ele para as tardes pacíficas.

Mas como ele poderia explicar o que sentia?

— Há diferentes tipos de amor. Isso parecia ser o melhor ponto de partida.

— Como o quê?

— Bem, eu amo meu pai, mas isso é mais obrigatório. Ele cuidou de mim quando eu era um menino e eu me importo com ele agora que está mais velho.

— Mas você disse que ele não se importava com você quando você era jovem.

Aricles lambeu os lábios enquanto tentava explicar uma relação muito complicada, que muitas vezes o deixara tão confuso quanto ela. Enquanto amava seu pai e morreria por ele, uma parte dele odiava e se ressentia de seu pai também. — Ele cuidou de nós até a morte de nossa mãe. Ele foi um grande pai, quando éramos pequenos. Em seguida, a perda da mulher que amava, o aleijou até que ele já não pudesse apoiar-nos emocionalmente. Ou até mesmo financeiramente. — Em vez disso, seu pai, tinha desistido da vida por um longo tempo. — Sem a minha mãe, ele não queria viver, e por isso ele se arrastou em seus copos e ficou lá. Então, alguém tinha que cuidar dele e da fazenda. — Aricles tentou não se lembrar daqueles primeiros anos após a morte de sua mãe. Haviam sido difíceis e duros, enquanto lutava com o seu próprio sofrimento ao tentar cuidar de seus irmãos e do pai, bem como da sua fazenda.

— Então o amor é obrigatório?

— Não exatamente. Quero dizer... sim, é, mas não é.

Ela esfregou sua testa. — Eu não compreendo isso.

Aricles ponderou por um momento. — O amor obriga você, porque você quer cuidar da pessoa que detém o seu coração. Sua felicidade e bem-estar significam muito mais para você. Então, sim, mas não é realmente obrigatório, porque você realmente não tem que cuidar deles. É o seu próprio desejo, que faz você se sentir assim.

— Ah... isso faz sentido.

— E, — continuou ele, — quando eles os deixam, é uma perda severa que assombra e entristece. Tudo que você quer é vê-los sorrir. Assistir a alegria da luz acima de seu rosto, e estar com eles.

Bathymaas assentiu. — Eu acho que entendo agora. — Era como se sentia a respeito dele. Ela não gostava de vê-lo atingido nas práticas, e quando ele sangrava, causava dor em seu peito. Como agora... ela ainda estava preocupada com o fato de que ele estava cheio, quando ela nunca soubera que isso acontecer com ele antes.

E o pensamento dele machucado...

Isso também causava uma dor no peito.

Ela baixou o olhar para sua virilha. — Por que você não está usando uma roupa debaixo hoje?

A cor voltou ao seu rosto. Era tão adorável e doce que, de alguma forma, a fazia querer tocá-lo e banir seu embaraço. — Eu fui ferido na prática e não queria correr o risco de reabrir o ferimento com a roupa.

Ela engasgou. — Onde você estava machucado?

— Em meu quadril.

Aricles segurou a mão dela quando ela se aproximou para examiná-lo. A respiração dele estava irregular, quando ele olhou para ela com uma expressão cheia de dor. — Por favor deusa. Já sendo bastante difícil. Se você me tocar lá... isso só vai ser pior para mim.

— Meu toque te machuca?

Ele acenou com a cabeça.

— Então por que você passa um tempo comigo?

Ele sorriu para ela enquanto soltava seu pulso. — Porque o prazer da sua companhia vale a pena a dor que me causa.

Isso não fazia sentido para ela. — Eu não posso compreender emoções mortais. Como qualquer prazer pode valer mais do que a dor?

— Simplesmente é assim.

O fato de que ele estava disposto a sofrer para estar na presença dela, a trouxe uma sensação estranha ao seu estômago. Ela não tinha certeza do que era, mas ele obrigou-a a levantar a mão e passar os dedos contra os lábios dele novamente. — Você vai me beijar Aricles, para que eu possa ver por que as pessoas fazem isso?

Ele expulsou um longo suspiro e a luz desapareceu de seus olhos. — Eu adoraria, minha senhora. Mas eu temo que nunca beijei ninguém assim. Tenho certeza que eu iria estragar isso.

— Eu não saberia também porque nunca beijei antes. E mesmo que você pudesse estragá-lo, eu ainda acho que gostaria de ver a confusão que causa. Você não está curioso Ari?

Aricles sentiu seu coração bater em sua pergunta. Ele estava mais do que curioso sobre qual seria o gosto dos lábios dela. Mas também estava um pouco assustado.

Quem é você para questionar uma deusa?

Ele era seu servo e seu guerreiro...

Mesmo incerto, ele gentilmente colocou a mão contra sua bochecha e acariciou seus lábios com o polegar. — Tem certeza de que quer que eu faça isso?

Ela assentiu com a cabeça.

Muito lentamente, ele baixou os lábios nos dela. No momento em que ele a provou, todo o seu corpo entrou em erupção com um calor tão grande, que fez com que todas as suas atrações passadas por outras mulheres, parecem leves e insignificantes. Ele se balançou todo enquanto imagens dele fazendo amor com Bathymaas o atormentavam. Ele daria qualquer coisa para mantê-la assim, mas sabia que nunca poderia tê-la, e ele teve sorte que ela permitiu tudo disso.

Bathymaas não tinha certeza do que esperar, mas quando a sua língua varreu a dela e seu cheiro encheu sua cabeça, algo dentro dela se estilhaçou. Sua respiração se intensificou ainda mais... Assim como ele. Ela sentiu seu coração batendo contra sua mão. Forte e poderoso.

Como ele.

Ele era tão duro e feroz, exceto pelos lábios que eram suaves e gentis. E, apesar de sua inexperiência, o beijo foi maravilhoso e fez as coisas mais estranhas a seu corpo. O fez pulsar e doer.

A cabeça de Aricles girava por causa do gosto de Bathymaas. Em todas as suas fantasias, ele nunca tinha sonhado que um beijo poderia ser tão doce. Seu corpo rugiu para a vida, fazendo exigências sobre os gostos de que nunca tinha sentido antes. Gastou cada grama de autocontrole que tinha, para aplacar-se com apenas esta pequena parte dela.

Afastando-se, ele olhou para seu rosto bonito.

Ela abriu os olhos e, pela primeira vez, ele viu a emoção real naquelas profundezas douradas. Seus olhos queimavam. Ela segurou a cabeça com as mãos e o puxasse de volta para mais um beijo escaldante.

Bathymaas sabia que deveria libertá-lo. Seria a coisa certa a fazer, e ainda...

Queria possuí-lo de uma forma que ela não podia compreender. Mais do que isso, ela queria empurrá-lo para trás e escarranchar-se nele. Passar suas mãos por todo o corpo, e não tinha ideia do porquê. Enquanto ocasionalmente vira os animais ter relações sexuais, realmente nunca pensara sobre isso. Era o que eles faziam para ter filhotes.

Mas agora, ela o queria dentro dela. Era como se seu corpo estivesse faminto por ele, como se seu estômago desejasse alimentar.

E ela não tinha ideia do porquê.

Será que ele sentia isso também?

Obrigando-se a retirar-se, tentou acalmar sua respiração, enquanto olhava para ele por debaixo de suas pestanas. — Isso é emoção Aricles?

— Para mim é deusa.

— O que você sente?

— Fome, minha senhora. Possessividade. Ternura. — *Amor*. Mas ele não se atreveu a dizer isso em voz alta. Ele já tinha cometido esse erro com uma mulher. — Acima de tudo, proteção e carinho.

Bathymaas olhou para seus braços e para os solavancos estranhos que sempre a acompanhavam, quando ele estava por perto. — O que é isso?

— Arrepios.

Ela passou a mão sobre os bíceps. — Você os tem também. Você também quer me tocar?

— Eu quero, minha senhora.

— E ainda assim você não me toca.

— Eu disse que eu não iria desonrá-la. Prefiro morrer a lhe causar qualquer dano.

Sua visão se nublou e sua garganta ficou apertada enquanto ele falava. Ela piscou várias vezes, mas em vez de ficar mais claro, sua visão se agravou e algo molhado caiu por suas bochechas. — O que é isso? Estou ficando cega?

Com uma expressão de carinho, ele levantou a mão e gentilmente roçou o polegar contra seu rosto. — Elas são chamadas de lágrimas.

— Por que eu as tenho?

Ele carinhosamente enxugou as bochechas. — Sempre que algo dói dentro de você ou que algo toca o seu coração, isso pode se manifestar de forma inesperada.

Franzindo a testa, ela olhou para baixo e levantou o amuleto egípcio entre os seus seios. — Mas meu coração está aqui. Nada o tocou.

Reprimindo um sorriso pela sua inocência, Aricles colocou um dedo entre os seios. — Não, minha senhora, o seu coração está aqui. Mas, enquanto ele dizia isso, ele percebeu que ela não tinha um batimento cardíaco. Ele fez uma careta.

Ela segurou o amuleto contra ele. — Eu não sou como você Ari. Quando eu era criança, eu descobri que aqueles que nascem de mães têm corações e batimentos cardíacos e que eu não tenho. Perguntei ao meu pai sobre isso e ele me deu este amuleto e disse que ele contém o coração dele, que ele perdeu para mim no momento em que fui criada. Ele disse que mantém o seu amor por mim e que, apesar de eu nunca entender o que é o amor, que, enquanto eu usasse o meu amuleto teria um pedaço dele comigo para me manter segura na sua ausência. Este é o meu coração. — O resto dela se franziu na expressão feliz que iluminava o rosto dele. — Por que você sorri desse jeito?

— Porque agora você tem dois corações minha senhora. O do seu pai e o meu.

Ela ainda não entendia o que ele queria dizer. Colocando a mão no peito sentiu o coração dele batendo. — O seu é como do meu pai. Forte.

— Mesmo assim, os corações são frágeis e fácil de quebrar.

— Como?

— Não é preciso muito. Quando você ama alguém, uma única lágrima, — ele limpou outra dela, — ou um rosto sério pode quebrar um coração. E se algo acontecer com a pessoa para quem você tenha dado seu coração, sua perda pode quebrá-lo em tantas peças que nunca irá sarar de novo.

Sua mandíbula se afrouxou. — Então é uma coisa boa que você deu o seu para que eu o guarde. Pois eu nunca poderei morrer ou ser prejudicada.

Seu sorriso se alargou. — Eu tenho muita sorte, realmente.

— E este lado físico do amor... é importante?

— Não. O amor pode suportar sem ele.

— Tem certeza?

Aricles assentiu enquanto ele afastava uma mecha de cabelo do rosto. Ele sabia que eles nunca seriam fisicamente íntimos, e ao mesmo tempo uma parte dele ansiava por essa experiência, ele a amava

o suficiente para não pedir algo que sabia que não poderia ter. Algo do qual ele não era digno. Mas, ao mesmo tempo, o pensamento de não compartilhar essas tardes tranquilas sozinho com ela, de não tê-la fazendo suas perguntas estranhas e embaraçosas aleatórias, doeu mais do que ele podia suportar. — Tenho.

De repente, ela puxou o amuleto para fora e o colocou no pescoço dele. O amuleto de pedra ainda estava quente pelo calor dela. — O que você está fazendo?

Ela colocou a mão sobre a dele. — Você me deu seu coração. É justo que eu te de o meu.

Ele sorriu pela doçura e inocência, que isso tocou todo o caminho para sua alma. — Isso não funciona assim minha senhora. O amor não é uma questão de justiça. Trata-se de emoção.

— Você é a emoção. Eu sou a justiça. Ela acariciou seu colar. — Isso é justo. Eu não preciso de dois corações e você não pode viver sem um. Então, eu tenho o seu e você tem o meu.

E ele nunca iria valorizar mais nada. Ele colocou sua mão sobre a dela e se deleitava com a beleza interior de sua deusa. — Obrigado minha senhora.

Bathymaas inclinou a cabeça para ele quando ela olhou para suas mãos unidas. Pela primeira vez, estava começando a entender por que as pessoas faziam as coisas estranhas que faziam.

Não por si, mas pelos outros.

Como ela disse a Ari, ela não poderia ser ferida ou morta. Mas isso não era verdade com relação a ele. E quanto mais pensava sobre algo acontecendo com ele, mais o peito se apertava. Mais difícil era para respirar. Mesmo sem perguntar sabia que isso era dor física. Algo sobre o qual ela deveria ser completamente ignorante.

No entanto, isso não era verdade.

De alguma forma, haviam trocado os corações, e se alguma coisa acontecesse com Ari...

Ela honestamente temia o que poderia acontecer. Quando seu pai lhe dera um coração, ele nunca disse o que aconteceria se ele quebrasse. Toda sua vida, ela o manteve seguro. Mas agora que tinha Ari, ela não poderia mais evitar que se machucasse.

Acima de tudo, não poderia impedi-lo de se machucar.

— Tenha cuidado por mim Ari.

— Sempre minha deusa. Você é o ar que eu respiro.

O calor se espalhou por ela com essas palavras. Por alguma razão, elas eram importantes para ela.

Assim como ele.

23 de agosto de 12251 a.C

Assim que chegaram à pequena aldeia mais próxima da casa onde haviam nascido Galen puxou Aricles para o lado, para que pudesse sussurrar enquanto Bathymaas olhava em volta para as pessoas as quais chamavam de Didimosia como lar. — Por que a deusa veio com a gente?

— Ela queria ver um casamento.

Olhando de volta para onde ela esperava com seus cavalos, Galen fez uma careta. — Ela me deixa nervoso.

Aricles sorriu para o irmão. — Relaxe. Ela não vai prejudicá-lo. Ele colocou a mão no ombro de Galen, em seguida, voltou-se para mulher que ele amava e adorava.

Vestida com a mais fina seda branca, ela era a beleza encarnada e parecia extremamente fora de lugar no reino mortal. Para o casamento de seu irmão, ele e Galen estavam vestidos com suas melhores túnicas e chlamyses[7]

do V ao III século a.C. Como usado por soldados, que poderia ser enrolado em torno do braço e utilizado como um escudo luz em combate.

. Mas em comparação com ela, eles pareciam os caipiras que Galen os acusara de ser.

Seu olhar etéreo varreu seu corpo, tornando-o ainda mais duro do que já estava. — Ari... É tão estranho vê-lo com roupas.

Aricles corou quando várias pessoas se viraram para olhar com grande curiosidade.

Bathymaas franziu o cenho quando notou suas reações. — Eu disse algo inapropriado?

— Não, minha senhora. Eles pensaram algo inapropriado.

Para sua surpresa, o rosto dela corou. — É isso que é constrangimento? — Ela sussurrou.

— Você quer cair em um buraco, onde ninguém possa vê-la, e ter de volta suas palavras?

Ela assentiu com a cabeça vigorosamente.

— Então, sim, minha senhora. Isso é constrangimento.

A mais adorável das caretas, contorcia suas belas feições. Ela inclinou-se para sussurrar em seu ouvido. — Eu não gosto dessa emoção Ari.

— A maioria das pessoas não gosta.

— Como se lida com isso?

— Nós mantemos nossos queixos erguidos, e continuamos com tanto orgulho como pudermos. Ele pegou a mão dela e colocou-o na dobra do cotovelo para que ele pudesse levá-la para a sala de reunião local que seu pai havia alugado para a festa de casamento de Perseus.

Correndo à frente deles, Galen entrou primeiro, com os braços erguidos. — A festa pode começar! A pessoa mais importante já está aqui. — Ele agarrou Walla, uma das meninas com a qual crescera junto, e a levou para um canto onde o vinho estava.

Bathymaas arqueou uma sobrancelha diante Aricles sobre as palavras e ações de Galen. —Devo perguntar?

— Defeito mental de quando eu o joguei fora do nosso berço, por roubar meu chocalho. Costumamos ignorar isso.

Bathymaas riu então congelou... como fizera Aricles. Com os olhos arregalados, ela engoliu em seco. — Achei tão engraçado.

Ele sorriu para ela. — Você tem a mais bela risada.

E isso a fez sorrir.

Percebendo que o ela tinha feito, ela rapidamente se silenciou. O medo a atingiu e isso a fez entrar em pânico ainda mais. Como Lilliana havia feito com Caleb, Aricles a havia mudado. Muito. Ele era tão diferente de qualquer pessoa que ela já conhecera. Tão doce e gentil.

Gentil.

E quanto mais ele explicava sobre as emoções para ela, mais sabia que sentia. Especialmente quando ele estava por perto.

Mas teria que ser mais cuidadosa para ninguém perceber que ela já não era sem emoção. Como deusa da justiça, nunca deveria tê-la experimentado. Nunca. Como poderia ser imparcial, com as emoções nublando seu julgamento?

E, no entanto, ela gostava do que Aricles a fazia sentir.

Tudo isso.

Fortalecendo suas expressões, ela permitiu que ele a levasse a seu pai e a apresentasse. Uma versão muito mais velha e mais esbelta que os gêmeos, ele não era tão alto, mas ainda assim ela podia dizer de onde Aricles e Galen haviam herdado sua boa aparência.

Ele ofereceu-lhe um sorriso amável. — Então você é a deusa que roubou meus filhos de mim. Eu posso ver agora porque eles não hesitaram em segui-la. Ele deu-lhe uma piscadela. — Se eu fosse uma centena de anos mais jovem, eu teria prazer em seguida você, também.

Ela inclinou a cabeça para ele. — Obrigado, Mestre Praxis.

— Você fez isso!

Ela se virou para a voz masculina feliz de ver uma versão menor, mais nova de Aricles e Galen. Todos os homens da sua família pareciam ser cópias virtuais de outro. Olhos azuis e os mesmos cabelos raivosamente marrom-avermelhados...

Com aqueles lindos sorrisos.

Aricles abraçou seu irmão mais novo, em seguida, apresentou-os.

Perseus se curvou com orgulho. — Minha esposa e eu estamos honrados com a vossa presença deusa. Obrigado por permitir que meus irmãos viessem. Eu não posso te dizer o quanto eu aprecio isso.

Ela olhou para Aricles, que era mais como um pai para Perseus do que Praxis. — Eu não acho que eu poderia tê-los impedidos... Mesmo com os meus poderes. Eles são terrivelmente dedicados a você e seu pai.

Corando, Perseus correu de volta para sua noiva, a pequena loira, que era tão obviamente apaixonada por ele, quanto ele por ela. Bathymaas viu como eles se abraçaram e ele a beijava com a mesma quantidade de paixão que ela sentia quando beijou Aricles.

De repente, sem fôlego, ela olhou para Ari e sentiu a onda peculiar calor através de seu corpo, que sempre batia nela quando olhava para ele. Em sua mente, ela imaginou ser a noiva e Aricles correndo até ela com a mesma exuberância.

— Você está bem, minha deusa?

A preocupação em sua voz deixou com os joelhos fracos. — Eu estou bem Ari.

Ele entregou-lhe um kylix[8] de vinho aguado.

Enquanto Aricles falava com seu pai, ela vagou pela sala, ouvindo as pessoas e vendo como eles agiam e interagiam. As pessoas sempre a haviam fascinado. Elas eram tão incongruentes e imprevisíveis.

E tão estranhas.

A música era linda, e aqueles que dançavam o faziam despreocupadamente, em feliz abandono. Foi só então que ela percebeu que Aricles nunca participara de tal comportamento frívolo. Ao contrário de Galen, que levantou uma mulher por cima do ombro e a girou ao beber de um kylix[9] prata, Aricles sempre fora rígido e digno. Controlado.

Circunspecto.

Ele disse a ela sobre o ano que, sua mãe morreu, quando ele tinha oito anos. Perseus era apenas uma criança, e seu pai ficara tão perturbado que foi incapaz de viver sem a sua esposa. Por dois meses seguidos, o seu pai ficara de cama com bebida, levantando apenas para assistir a mais básica das funções corporais. Toda a manutenção de sua fazenda, servos e família, caíram por sobre os jovens ombros de Ari. Seu pai não lhe dera nenhuma chance para lamentar-se por sua mãe, enquanto ele cuidava de seus irmãos, ele entrou na vida adulta muito cedo. E então, quando seu avô ficou doente dois anos depois, ele foi enviado para cuidar dele e de sua fazenda até a morte dele.

Com cerca de doze anos, Aricles estava sozinho com seu avô, quando o homem dera o seu último suspiro. E todos os preparativos do funeral haviam caído sobre ele também.

Não foi até agora que ela totalmente compreendera o que a perda de sua infância havia significado para ele. Outros homens de sua idade estavam rindo e tocando as mulheres ao seu redor. Dançando e cantando com alegria desenfreada. Eles se inclinavam contra os outros, sem pensamento ou preocupação.

Como Galen.

Enquanto isso, Ari estava sóbrio e sombrio.

Exceto quando eles estavam sozinhos. Então ele podia ser leviano e doce. Seus olhos se iluminavam com vida, e brincava com ela enquanto a ajudava a entender o humor e os seres humanos.

Como se sentisse seu humor triste, Aricles começou a ir até ela, mas em seguida, foi desviado por uma pequena garota que estava tentando alcançar o pão na mesa. Com um sorriso gentil, ele a pegou e ajudou-a, em seguida, colocou-a no chão.

A mãe da menina se juntou a eles e agradeceu-lhe antes que ela levasse sua filha para longe. Bathymaas encarou a barriga inchada da mulher. Era óbvio que ela estava prestes a ter outro filho, talvez até hoje. Ela nunca tinha prestado atenção a mulheres grávidas antes.

Agora...

Colocou a mão em sua barriga lisa e tentou imaginar qual seria a sensação de ter um bebê crescendo lá. Mordendo o lábio, encontrou o olhar de Ari e um frio estranho correu sobre ela enquanto imaginava com quem seu bebê pode parecer. Certamente, seria tão bonito como o seu pai.

— Está tudo bem deusa?

Ela franziu o cenho para sua pergunta. — Por que você nunca me chama pelo nome Ari?

Limpando a garganta, ele desviou o olhar. — Não é meu direito de usá-lo.

Mas ela suspeitava que havia mais do que isso. Era como se ele usasse seu título para lembrar a si mesmo que ele não teve um nascimento divino. E enquanto não poderia ter a genética, ele certamente tinha o caráter.

Sem mencionar o coração imortal que ela lhe dera.

— Eu gostaria de ouvir de seus lábios. Apenas uma vez. Será que você me agradaria?

Não houve falta de devoção naqueles belos olhos azuis, enquanto ele olhava para ela. — Eu sempre a agradaria... Bathymaas.

Ela saboreou a riqueza do seu sotaque, quando ele finalmente falou o nome dela. —Você dança Aricles?

Ele riu nervosamente. — Eu tentei uma vez e rapidamente aprendi, como mencionado anteriormente, que vergonha é uma emoção muito desagradável.

Ela amava como ele explicava as coisas. — Suponho que você não gostaria de tentar de novo...

— Pelo seu único prazer minha deusa, eu ficaria feliz em fazer papel de bobo.

Ele colocou o cálice de lado e estendeu a mão para ela. Sem hesitar, ela aceitou e permitiu que ele a puxasse para o salão com os outros. Enquanto dançavam, ela não viu nenhuma razão para ele estar envergonhado. Na verdade, ele era muito habilidoso. Mas mais do que isso, toda vez que ela sentia os braços em volta dela e seus músculos rígidos se flexionando, ela ficava mais ainda com os joelhos fracos.

Aricles esqueceu-se de todos os outros na sala, enquanto observava o brilho feliz nos olhos de Bathymaas e o sorriso que nas bordas de seus lábios. Para uma mulher que nunca tinha dançado antes, ela estava mais do que perfeita.

Porque ela é uma deusa.

Ele se assustou por ter facilmente se esquecido disso, sempre que ele estava com ela. Ele há muito tempo deixou de vê-la como algo diferente de seu coração.

Mesmo agora, tudo o que ele queria fazer era puxá-la para perto e abraçá-la, como fazia sempre que

se encontravam no riacho para pescar. E quando ela se acomodava em seus braços e colocava a cabeça em seu ombro, ele se derretia. Fechando os olhos, ele inalou seu precioso perfume e desejou que pudesse estar assim para sempre.

Muito em breve, a música acabou e ele foi obrigado a libertá-la de seu abraço.

Ele abriu os olhos e pegou olhar ameaçador de Galen em consternação, que ele sabia que merecia. Ele não tinha o direito de cobiçar uma deusa. Nem o direito de estar tão familiarizado com o que estavam fazendo.

No entanto, seu cérebro era surdo como seu coração. Não ouvia o senso comum. Todo o seu corpo o traia com desejos, necessidades e sonhos que sabia que não deveria sentir.

Bathymaas se levantou na ponta dos pés e deu um beijo casto na bochecha. — Obrigada por ter me agradado.

Ele inclinou a cabeça para ela e fez o possível para ignorar seu irmão, enquanto Galen continuava a encará-lo.

Horas mais tarde, depois que eles voltaram para seu quartel na ilha, Galen o encurralou no corredor de volta.

— O que está acontecendo com você e a deusa?

Aricles manteve seu nível de tom e sua expressão em branco. — Eu não sei o que você quer dizer.

— Sim, você sabe. Você a ama.

— Claro que sim. Eu amo todos os deuses.

— Sim, mas não gosto do jeito que você a trata. Não sou estúpido Ari. E sei o que eu vi.

Ele deu de ombros para a ira de Galen. — Eu não sou nada mais do que seu soldado. Do mesmo modo que você e os outros.

— E se eu não acreditar em você?

— Você é um tolo.

Galen amaldiçoou sob sua respiração. — Tudo bem, mas se eu estiver certo irmão, tome cuidado. O amor nunca funciona entre mortais e deuses. Se algo vier a acontecer com você... Lágrimas brotaram em seus olhos antes que ele rapidamente piscasse. — Eu teria que crescer e isso é a última coisa que eu quero fazer.

Sorrindo, Aricles o abraçou, em seguida, beijou-lhe a cabeça. — Não tema pequeno irmão. Ficarei aqui por um bom tempo para irritá-lo.

— É melhor ficar. Caso contrário, eu vou ter que segui-lo para Kalosis e dar uma surra em você.

8 de fevereiro de 12.250 aC

Amanhã Bathymaas teria que seu Eperon[10] para a batalha. Os deuses gregos estiveram ultrapassando seus limites há semanas, e as suas forças teriam de ser debeladas. Por isso era que sua equipe foi treinada.

Mas...

Mais e mais, ela tentava pensar em alguma razão para manter Aricles fora da luta.

Infelizmente, não havia uma lógica.

Ela não deveria se preocupar. Ela não deveria. Não era de a natureza ter sentimentos por alguém. Mas enquanto contemplava a ideia dele ser ferido, uma dor feroz dentro dela, a impedia de respirar. Não importa que ele dissesse a ela, que ele não pudesse respirar sem amor.

Era uma agonia.

E isso era algo que ela não poderia contar a ninguém, sobre o que ela sentia.

Nem mesmo a Aricles.

Se falasse, isso só faria com que ele fosse prejudicado. Ela nunca soubera nada sobre as emoções, e ainda assim ele conseguira fazê-la se sentir de um jeito que nada e nem ninguém havia conseguido.

Seu olhar foi para Malphas que estava formulando sua estratégia de batalha sobre uma mesa com um mapa. Ele perdeu seu amor há muito tempo. Havia uma escuridão permanente nos olhos dele e ela o via se quebrar em lágrimas de vez em quando, quando ele pensava que estava sozinho... Todas as vezes quando ele pegava o medalhão que ele usavam e que continha um pouco de cabelo de seu amor.

Ela nunca havia entendido até agora.

— Talvez devêssemos deixar os gregos combater entre eles.

Malphas olhou para ela com uma expressão severa. — Quem é você?

— Bathymaas.

Ele riu. — Aqui está a deusa que eu conheço. A um segundo atrás... nunca a tinha visto antes.

Ah, agora ela entendia por que ele fizera essa pergunta.

Suspirando, ela fechou a distância entre eles para que pudesse por olhar sobre seus planos. — Você tem certeza que eles estão prontos?

— Eu não os enviaria para a batalha, se não tivesse certeza. Eles aprenderam a ser uma equipe e estão unidos também. Não se veem como seres humanos, apolitas e atlantes, mas sim o seu Eperon. Você tem a sua lealdade mais do que as suas pátrias.

Ainda assim, não podia suportar a ideia de alguém machucar Aricles. De ele ter contusões em seu corpo impecável. Mas não tinha escolha. Teria que mandá-lo para fora e parecer que ela não poderia se importar menos.

Como é que ela ia fazer isso, não tinha ideia.

Por favor, Ari... não se machuque.

E ainda assim ela tinha um senso de presságio terrível, que dizia que a luta não acabaria bem para qualquer um deles.

9 de fevereiro de 12.250 aC

Parada à beira de um penhasco para que ela pudesse assistir a luta, Bathymaas mordia as unhas enquanto seus homens lutavam contra uma falange grega. Malphas estava à frente deles, mas era Aricles que lhe prendia a atenção. Fieis as palavras de Malphas, toda a sua equipe foi incrível. No entanto, era óbvio qual deles era o mais forte e mais experiente.

Nem mesmo Malphas com seus poderes demoníacos, poderia se igualar às habilidades de Aricles. Ele lutava como se ouvisse os pensamentos de seu inimigo. Como se soubesse cada movimento que fariam antes que o fizessem.

Com pouco esforço, os seus homens romperam a parede de escudos e colocaram os gregos na defensiva. Ainda assim, passaram-se horas antes que eles finalmente saíssem vitoriosos.

Respirando de alívio, ela se dirigiu para baixo até eles, enquanto o ar se agitava ao seu redor. Ela virou-se para encontrar o deus grego Apolo atrás dela. Vestido com a armadura completa, ele aparentava um descontentamento furioso.

— Então é verdade. Você está substituindo as Chthonians. Seu tom era acusatório.

Ela fez que não houvesse tanta emoção em sua resposta. — Não permanentemente. Mas sim, e até que parem a guerra minha equipe irá substituí-los, para certificar-se que as raças mortais estejam seguras de quem pudesse prejudicá-los ou subjugá-los.

De deuses cruéis, como você...

Ele rosnou baixo no fundo de sua garganta. — Eu não estou feliz, Bathymaas. Minha mãe muito menos.

Bathymaas teve que evitar curvar o lábio com a menção de Leto. Ela era uma puta egoísta, que sempre havia cobiçado os poderes de Bathymaas. Mas mais do que isso, Leto queria se vingar dela. Quando a deusa grega ficara grávida de Apolo e Artemis de Zeus, e sua esposa Hera havia exigido o sangue dela sobre isso, Leto exigira que Bathymaas fizesse algo para Hera como punição.

Infelizmente para Leto, a justiça estava do lado de Hera, a esposa que foi injustiçada. Leto não tinha nada que seduzir Zeus. Não era como se ela não tivesse sido avisada. Todo mundo sabia dos ciúmes de Hera contra aqueles que se rebelaram na virilha do marido.

Furiosa, Leto havia prometido a ela que um dia acabaria com Bathymaas por não ajudá-la com Hera. Mas aquele dia não era de hoje.

— Eu não posso ajudar os seus sentimentos ou os de sua mãe Apolo. A Justiça tem que ser cumprida.

Apollo desapareceu para depois reaparecer atrás dela. Envolvendo um braço ao redor da cintura dela, ele a puxou contra ele, para que pudesse sussurrar em seu ouvido. — Você realmente é tão gelada como aparenta? Ele espalhou sua mão contra seu estômago e esfregou-se contra ela para, que ela pudesse sentir sua ereção. Mas ao contrário de Ari, isso a deixou fria e com repulsa. — Eu sou um amante experiente Bathymaas. E com você, eu estaria no meu melhor comportamento. Prometo que você não ficaria sem emoção na minha cama.

Ela deu de ombros, para fora de seu abraço e se virou para encará-lo. — Você sabe. Não tenho nenhum interesse em você Apollo. — Ele fazia isso todas as vezes que estavam juntos.

E ela odiava.

Ele olhou para ela. — Você me deve alguma coisa por rasgar os meus homens hoje.

— Eu estou permitindo que você viva. Isso não é o suficiente?

Um tique furioso trabalhava em sua mandíbula. — Um dia, Bathymaas... Eu vou ter você.

Só sob o seu cadáver. Mas não se atreveu a dizer isso em voz alta. — Devo chamar o meu pai?

Apollo a deixou instantaneamente.

Aliviada além do que podia imaginar, ela voou para o acampamento de seus homens. Ela esperava que estivessem comemorando. Em vez disso, estava tão tranquilo, ouvia a leve brisa sussurrando ao seu redor.

Onde estavam?

Curiosa, ela se dirigiu à tenda de Malphas. Mas o que ela encontrou lá fez a respiração deixar seu peito e seu pânico aumentar. Aricles estava nos braços de Malphas com quatro flechas enfiadas profundamente em seu peito.

Levou tudo que tinha para não gritar e correr para ele. — O que aconteceu? — Ela perguntou com uma calma que definitivamente não sentia.

— Apollo... deus do arco e flecha, — Malphas rosnou. — A batalha havia terminado quando o desgraçado apareceu na frente de nós e disse que esta era a sua recompensa para o nosso melhor lutador. Antes mesmo que percebêssemos que ele estava armando e disparou quatro flechas em Aricles e desapareceu.

Seu sangue fervia enquanto ansiava por sentir o coração de Apollo em seu punho. Como ele se atrevia!

Mas sua vingança podia esperar. Aricles era tudo que importava. Ele estava deitado com os olhos semiabertos enquanto arquejava de dor.

Ela fechou a distância entre eles e tomou sua mão na dela. — Aricles?

Sorrindo, apesar de sua evidente agonia, ele encontrou seu olhar. — Desculpe-me, eu falhei com você deusa.

Sua garganta se apertou quando ele fez referência à sua promessa de não se machucar durante a batalha. Tecnicamente ele a manteve.

Ninguém disse nada sobre depois que acabasse.

— Você não falhou. — Sabendo que ela estava prestes a perder sua luta para segurar as lágrimas e emoções, ela olhou em volta para seus homens. — Eu preciso que todos vocês nos deixem.

Curvando-se, eles obedeceram.

Com exceção de Galen. Seus olhos azuis estavam cheio de lágrimas. — Será que ele vai viver? Sua voz quebrou-se com as palavras.

— Eu prometo a você. Agora vá e deixe-me curá-lo.

Balançando a cabeça, ele rapidamente fez a sua saída.

Sozinha com Aricles, ela caiu de joelhos enquanto as lágrimas caíram de seus olhos. Com suas mãos trêmulas, ela foi tentar puxar as flechas, mas ele a impediu.

— Você não pode minha senhora. Suas fechas são farpadas e você só vai me prejudicar ainda mais. Elas têm de ser empurrado por todo o caminho através do meu corpo para serem extraídas.

Ela chorou em voz alta com o pensamento. — Eu vou matar aquele filho da puta por isso! — Ela rosnou.

Ele lhe segurou o rosto com a mão e sorriu. — Você está mostrando emoção minha deusa.

Ela cobriu a mão dele com a dela enquanto ela lutava para conter as lágrimas. Mas era uma causa perdida. Ela não era o guerreiro que ele era. — Tem que haver outra maneira de tirá-las e não machucá-lo. Fechando os olhos, ela chamou sua tia Menyara para ela.

Pequena e linda, com a pele caramelo e cabelo preto, sua tia também era a deusa egípcia Ma'at... Outra deusa da justiça.

E da cura.

O melhor de tudo, Menyara era a única pessoa, além de seu pai, em quem Bathymaas confiava.

Menyara engasgou assim que ela viu as lágrimas. — Filha, o que aconteceu com você?

Soluçando, fez um gesto em direção a Aricles. — Por favor, cure-o, tia Mennie. Por favor.

Com seus olhos arregalados Menyara concordou sem hesitação. Ela colocou a mão no peito de Aricles e depois na flecha que quase arrasara seu coração. — Respire fundo.

Ajoelhado ao lado dele, Bathymaas segurou sua mão quando ele se preparou.

Aricles acenou para deixar a nova deusa saber que ele estava pronto.

Ela dissolveu a flecha, mas suas ações queimavam por dentro e por fora.

Aricles engasgou com a dor. A agonia fez a sua visão ficar turva e seu coração batia causando mais dor através de seu corpo.

Bathymaas inclinou a cabeça para baixo e apertou a bochecha dele, enquanto ela colocava a mão esquerda sobre o outro lado de seu rosto. Fechando os olhos, ele deixou seu cheiro e calor o aliviá-lo.

Até a tia dissolver a próxima.

Ele gritou com a dor.

Bathymaas apertou seu poder sobre ele. — Respire amor. Apenas respire.

Amor...

Ela nunca havia usado essa palavra com ele antes. Sorrindo, apesar de sua agonia, ele colocou sua mão esquerda sobre a dela.

Até o momento que a última flecha foi dissolvida, ele estava quase inconsciente da agonia de tudo. Ainda assim Bathymaas o segurava enquanto as lágrimas caíram contra sua pele.

Ofegante e fraco, ele encontrou o olhar de sua tia, que apareceu pouco satisfeita com seu

relacionamento.

— Ele precisa descansar muito esta noite, minha criança, — disse ela para Bathymaas. — Pela manhã, ele estará dolorido, mas funcionando.

Bathymaas apertou a mão dele antes que ela se levantasse. Ainda assim, ela se agarrou a ele. — Obrigado, Mennie.

Sua tia enxugou as lágrimas em seu rosto. — Oh, menina... Ela apertou os lábios e balançou a cabeça. — Não diga a seu pai sobre isso... ou à qualquer outra pessoa. Nunca.

— Eu sei.

Menyara colocou a mão no ombro de Aricles. — Se você tivesse qualquer outro coração, menino, eu o veria morto pelo que você fez para o meu bebê. — Ela segurou suas mãos entrelaçadas nas suas. — Vocês têm a minha bênção para esta fraqueza, e eu nunca direi uma palavra a ninguém sobre vocês. Mas tenham cuidado. Este segredo poderia destruir a ambos. — Ela beijou a bochecha de Bathymaas depois desapareceu.

Antes que ela pudesse se conter, Bathymaas deitou ao seu lado e segurou-o contra ela. — Você não tem permissão para se machucar novamente Ari. Você entendeu?

Ele sorriu pelo comando direto dela. — Eu vou tentar.

— Não, você vai ter sucesso. Ela passou a mão sobre o peito agora com cicatrizes. — Eu vou criar armaduras de uma maneira que ninguém o veja para protegê-lo quando estiver lutando. Nunca mais deixará a pele nua à mostra. Ela deixa você muito vulnerável.

— Mas é assim que nosso povo luta.

— Isso é estúpido.

— Toda guerra é minha deusa.

Ele estava certo sobre isso, e ela odiava que já houvesse concebido esta ideia. No entanto, se não houvesse, nunca saberia. Nunca saberia sobre o seu calor e sobre o seu coração.

Da lama vem a flor[11]. E ele era a sua flor.

Erguendo-se, ela deu um beijo suave em seus lábios. – Faça o melhor para mim Ari.

Ele afastou o cabelo do rosto e lhe ofereceu outro sorriso através de sua dor. — Eu vou. Eu prometo.

E ele nunca quebrara intencionalmente suas promessas. Esfregando o nariz de brincadeira contra o dele, ela lhe deu um beijo rápido, então, relutantemente, retirou-se para que ele pudesse descansar e se curar. Ela o cobriu com a manta.

Quando ela começou a se afastar, ele pegou seu pulso em um aperto suave. — Eu te amo, Bathymaas.

Mais lágrimas encheram seus olhos com suas palavras. — Eu também te amo Ari.

E ainda assim eles não ousavam demonstrar isso. A ninguém. A injustiça disso a fazia querer gritar. Não era justo que eles tivessem que manter isso em segredo, quando outros podem gritar sua alegria dos mais altos cumes.

Ela levou a mão aos lábios e beijou seus dedos cheios de cicatrizes. E enquanto ela fazia isso, ela sentiu uma agitação peculiar.

Com os olhos arregalados, ela ficou boquiaberta.

— O que minha senhora?

Incapaz de acreditar, ela apertou a mão ao peito e sentiu...

Seu coração.

Ele estava batendo!

Mordendo o lábio, ela tomou sua mão e apertou-a entre os seios. — Você sente isso?

Ele estava tão horrorizado quanto ela. — Você tem um coração.

— Não, ela disse sem fôlego. — Não é meu. Você me deu o seu. É o seu coração que bate dentro de mim, Ari.

Aricles ficou surpreso ao sentir o calor de sua pele e a batida forte sob as pontas dos dedos. E

enquanto ele se alegrava, também tinha pavor sobre isso.

O que eles fizeram?

Não poderia ser uma coisa boa mudar uma deusa.

Nunca.

De repente, uma batida soou contra o poste da tenda.

Bathymaas saltou para longe dele, ao mesmo tempo em que Malphas falava. — Temos permissão para que possamos entrar minha deusa? Eu tenho uma velha mulher nervosa aqui, que está prestes a se molhar com a preocupação de que seu irmão esteja morto.

Ela limpou o rosto e respirou irregularmente antes que assumisse seu papel sem emoção. — Entrem.

Galen correu para a cama e puxou o cobertor de volta, para que pudesse inspecionar o peito de seu irmão. Tudo o que restava eram quatro cicatrizes de onde Menyara havia selado as feridas fechadas. — Como isso é possível?

Bathymaas pigarreou. — Chamei minha tia por ele. Ele deve descansar esta noite, mas vai estar melhor pela manhã.

Aricles grunhiu enquanto Galen o abraçava como uma muralha de brita. — Pela manhã, estúpido, — ele engasgou. — Hoje à noite, eu ainda me sinto como se tivesse sido atingido por quatro flechas.

Rindo, Galen o soltou. — Lembre-se de sua promessa para mim irmão. Você não pode me tornar um adulto responsável ainda.

Aricles bufou. — Vá e beba seu estúpido. Comemore com os outros e eu o verei de manhã cedo.

— Mas não muito cedo. Galen piscou para ele antes que se levantasse e beijasse sua bochecha. — Durma bem.

— E você... certifique-se de dormir em algum momento antes do amanhecer.

Caleb soltou um suspiro irritado. — Acho que vou ter que procurar um abrigo com os outros esta noite. Não se acostume com isso Aricles. Eu não dou a minha cama ou tenda facilmente. Malphas inclinou para ela, em seguida, seguiu atrás de Galen. — Guarde um pouco de vinho para mim, seu bastardo guloso!

Bathymaas moveu-se para perguntar se poderia trazer alguma coisa para ele, mas Aricles já estava dormindo. Aliviada, ela passou o dedo pela linha de sua mandíbula perfeitamente esculpida, e saboreou a sensação de seus pelos arranhando sua pele.

Ela o conhecia há quase dois anos. De certa forma, parecia acabara de conhecê-lo, e, em outra forma, era como se ela o houvesse conhecido sempre. Ela pegou o amuleto e olhou para o coração de pedra que seu pai lhe dera. Este amuleto não era o que aquecia seu corpo por dentro. Seu coração agora pertencia a Aricles. Ele era aquele que ela estaria perdida sem o seu silêncio e sua natureza gentil.

Mesmo que devia estar horrorizada com o que ele fez com ela, mas não estava. Em vez disso, voltou-se para a cama para se deitar ao lado dele para que pudesse segurá-lo enquanto ele dormia. Mas quando ela fechou os olhos, não pôde evitar o medo que a perseguia. Ele era mortal. Ela não. Que esperança poderia, eventualmente, ter o seu amor? Haveria alguma maneira que este final não fosse muito terrível para os dois?

4 de abril, 12.250 aC

— Fuja comigo Ari.

Aricles apertou os braços em torno de Bathymaas, enquanto pescavam. — Eu não posso, meu amor. E nem você pode. Temos muitas responsabilidades para isso.

— Eu não me importo, não mais. A injustiça vai continuar. É a natureza dos mortais. Não importa o que eu faça, eles ainda machucarão uns aos outros. Portanto, cedi e desisti dessa luta inútil. Tudo que quero agora é estar com você.

Fechando os olhos, inalou seu doce perfume de lírio, desejando que pudesse se esquecer de tudo e ficar com ela. Mas não podia. E nem ela poderia. Se o fizessem, ele não tinha dúvida de que com o tempo, ela aprenderia a odiá-lo pela mudança. — Nós devemos fazer o que pudermos para ajudar os outros.

Ela suspirou profundamente. — E é por isso que eu te amo, mesmo que eu te odeie. Ela beijou sua bochecha.

Ele sorriu ante suas palavras contraditórias. Essa foi a única queda de suas emoções. Elas estavam agora intensas, às vezes.

Bathymaas acariciou o braço que estava perto de seu estômago quando sentiu sua ereção contra as suas costas. Ele nunca mais usou roupas de baixo, mas nunca fez um movimento para tocá-la mais intimamente do que um beijo. — Ari? Você já pensou em ter filhos?

— Eu costumava pensar.

— E agora?

— Eu nunca vou amar alguém além de você minha deusa. Então, eu já não penso nisso.

Ele estava disposto a morrer virgem, ao invés de desonrá-la. Era uma das muitas razões por que ela o amava. Ele já havia feito o voto publicamente, que iria se manter casto em sua honra.

Mas um coração tão precioso não merecia sofrer.

— Você faria amor comigo se eu lhe pedisse Ari? Ela sentiu seu pênis se erguer pela sua pergunta.

— Bathia, — ele repreendeu suavemente, — Você sabe o que é melhor.

Bathia era um apelido carinhoso de Atlântida, para o nome dela que ele só usava quando ela tocava seu coração. Na maioria das vezes, ele ainda se referia a ela como "deusa" ou "minha senhora", a fim de lembrar-se de que ela nasceu da Fonte Primordial e não era mortal como ele. Foi por isso que ela guardava qualquer momento que ele dizia o nome dela.

— Mas eu quero saber o que é estar com você plenamente. Para tê-lo dentro de mim. E acho que não há melhor presente, do que levar o seu filho para você. Meu próprio pequeno Aricles.

Aricles cerrou os dentes enquanto saboreava essas palavras. Elas significavam mais para ele do que

qualquer outra. Ainda...

— Você tem que permanecer virgem. Você sabe disso. Quem sou eu para contaminar uma deusa tão pura?

— Você é o homem que eu amo acima de todos os outros. Até de mim mesma.

— Bath...

Ela colocou os dedos sobre os lábios para impedi-lo de protestar. — Diga- me que você não tenha pensado nisso. Honestamente.

Um sorriso se curvou nos seus lábios. — Em cada momento que estou acordado, como você pode sentir quando você se inclinou contra mim. Eu não posso nem chegar perto do cheiro de uma flor, sem ficar duro.

Ela tomou sua mão na dela e a levou para o seu peito. — Então, alivie sua dor comigo.

Seu coração batia com a sensação do seio dela contra a palma da mão. Não havia mais nada no mundo que ele quisesse mais, que a saboreá-la, mas...

— Eu não sou nada além de um mortal fraco Bathia. Você é uma deusa. Não tenho o direito de tocar ou reivindicar qualquer parte de você.

Ela se virou em seus braços para se ajoelhar na frente dele. — Tenho o direito de tocar em você?

— Eu serei sempre seu servo minha senhora. — Ele falou sem pensar. E ele estava completamente despreparado quando ela levantou a túnica para que ela pudesse segurar sua ereção na mão delicada. Sua respiração saiu correndo, enquanto seus dedos suavemente o acariciavam e brincavam com ele. — Bathia...

— Shh, — ela sussurrou contra seus lábios enquanto acariciava seu corpo. Depois de um segundo, ela se afastou como um flash de luz. — Será que eu o quebrei?

Ele franziu o cenho alarme. — O que faz você pensar assim?

Ela levantou a mão para lhe mostrar. — Por que você vaza assim?

Sua carranca se derreteu em um sorriso. — Eu não sei. Isso acontece às vezes.

Franzindo a testa, ela estudou a mão dela. — É o mesmo que acontece comigo, quando eu fico úmida entre as pernas, quando você está próximo?

Aricles ficou boquiaberto com sua pergunta. Por um minuto, ele não conseguia pensar em como responder. Ela era tão ousada sobre assuntos tabus, que muitas vezes o pegava desprevenido. — Eu-eu acho que é.

Ela colocou a túnica dele de lado para que pudesse olhar para sua ereção. — Seu corpo é tão diferente do meu. Será que todos os homens são como você?

— Eu acho que sim, mas não tenho por hábito de estar com homens nus, especialmente quando eles estão excitados.

Ela sorriu para, em seguida, levantar a mão para que pudesse provar o que ela retirara dele. A visão dela fazendo isso, fez sua boca ficar seca. Ela não tinha ideia de como era difícil estar com sua inocência imaculada. Apesar todos os séculos que ela viveu, sabia tão pouco sobre os mortais e menos ainda sobre as relações de homens e mulheres.

— É muito salgado.

— Eu não sei.

Ela largou-lhe a mão novamente para acariciar o comprimento de seu pênis. Ele engasgou, enquanto o prazer absoluto rasgava através dele.

— Você gosta quando eu faço isso com você, não é?

Mais do que ela jamais saberia. — Deusa... por favor... você está me torturando.

— Então, faça amor comigo Ari. Ela abriu sua túnica e deixou-a cair, mostrando-se completamente ao seu olhar faminto.

Ele não conseguia respirar com a visão de seu corpo nu perfeito. De seus seios cheios, exuberantes e

os cabelos escuros na junção de suas coxas.

Antes que pudesse detê-la, ela colocou a mão em seu peito nu. A visão de sua pele bronzeada contra a dela e a sensação de seu mamilo tenso contra a palma da mão...

Ele estava acabado.

Levantando-se e ficando de os joelhos, beijou-a profundamente enquanto ela segurou-o novamente em sua mão. Ele estendeu a mão entre seus corpos para segurar sua mão em seu pênis, enquanto ele se balançava contra a pressão doce que ela fornecia.

Bathymaas sorriu pelo prazer que ela via no rosto dele. E quando ele moveu a mão da dela para tocá-la onde ela doía fisicamente, ela engasgou com a bem-aventurança mais requintada que ela já sentira.

— Você está tão molhada, ele respirou contra seu ouvido.

— Eu te disse, estou sempre assim, sempre que você está perto, mas não sei por que.

Ele gentilmente a colocou de volta contra o chão com um braço pressionado contra sua espinha. A força dele nunca deixou de surpreendê-la. Ele era tão feroz e ao mesmo tempo suave.

A fome escura em seus olhos quando ele olhou para ela, colocou em chamas. Sua mão continuou a acariciar e mergulhar profundamente em seu interior, tornando-a ainda mais sem fôlego quando ele provocou sua pele com a língua.

Então, lentamente, metodicamente, beijou e mordiscou seu caminho para seu ouvido e garganta, em seguida, seus seios. Todo o seu corpo estava eletrificado por seu toque. E quando ele substituiu sua mão com a boca, ela gritou em êxtase total.

Aricles mal conseguia recuperar o fôlego enquanto seu coração batia furiosamente no peito. Nunca, em toda sua vida havia provado nada mais doce do que seu corpo. Ela afundou as mãos em seus cabelos, pressionando-o para mais perto dela, enquanto lentamente dava prazer a ela. Ao longo dos anos, ele tentou imaginar o que seria a sensação de ter uma mulher, mas nenhuma dessas fantasias podia se comparar a esta realidade. E não era só porque ela era uma deusa. Foi porque ele a amava com cada parte de seu ser. Não havia nada que ele gostava mais do que sentar-se calmamente com ela, respondendo a sua infinidade de perguntas. Mesmo quando eram embaraçosas e horripilantes. Ela era a única pessoa com a qual ele realmente gostava de conversar. A única com quem ele poderia sentar-se por horas e não tornar-se aborrecido ou irritado.

De repente, o punho dela se apertou em seu cabelo. Ela jogou a cabeça para trás e gritou quando seu corpo inteiro tremeu. Fechando os olhos e sorrindo, ele saboreou-a ainda mais.

Quando ela finalmente parou, ela olhou para ele. — O que você fez comigo?

— É chamado de orgasmo minha senhora.

Ainda respirando pesadamente, ela franziu a testa. - Alguma vez você já teve um?

— Não. Eu só ouvi meu irmão e outros homens falam deles.

— Você precisa ter um. Eles são bastante notáveis.

Rindo, ele mordiscou seu caminho de volta até seu corpo para beijá-la, em seguida, ele se afastou para recuperar sua túnica para ela.

Ela fez uma careta para ele. — O que você está fazendo?

— Estou me retirando enquanto sua virgindade ainda está intacta.

Ela se sentou para puxá-lo para mais perto dela. — Meu Ari nunca se recua de nada.

Ele segurou seu rosto precioso em sua mão enquanto tentava fazê-la entender por que ele recuou agora. — Eu não quero te causar nenhum mal.

— Como amar poderia me prejudicar?

Ainda assim, ele não tinha o direito de fazer isso. — Você merece mais do que um garoto caipira da fazenda minha deusa.

— Meu Phoenix é um herói e um campeão, e enquanto em seu coração ele é um fazendeiro, não é caipira. E não vou deixar você insultá-lo.

Ele sorriu pelas suas palavras. Ela sempre o repreendia quando ele se insultava, e, em seguida, usou o nome de batalha com o qual os outros o haviam apelidado, para lembrá-lo de que ele era mais do que o que sentia em seu coração. Ele não sabia do que se tratava, mas ela sempre pode fazê-lo sentir como um rei com nada mais do que um simples olhar ou algumas palavras.

Inclinando-se para trás, ela o puxou com ela. — Agora, vamos para dentro, meu senhor, e encontrar o seu prazer.

E quando ela dobrou os joelhos e abriu as pernas para ele, ele já não tinha a capacidade de negar seu pedido. Amaldiçoando-se por sua própria fraqueza, ele colocou seu corpo sobre o dela, em seguida, deslizou suavemente para dentro.

Bathymaas engasgou com a plenitude de espessura de Aaricles enchendo seu corpo. Por vários segundos, nem se moveu enquanto olhavam um para o outro. Ela sorriu para ele. — Eu amo você Ari.

A intensidade daqueles olhos azuis a queimavam. — Eu também te amo. Com cada parte de mim. Lento e devagar, ele começou a balançar-se contra seus quadris.

Ofegante, ela gemeu enquanto ele lhe proporcionava prazer. Ele mergulhou para baixo para lhe dar um beijo que roubou o fôlego.

Ela saboreou o calor de seu corpo e em torno dela, enquanto passava a mão contra os pontiagudos cumes duros de seu abdômen. Ele era todo força e poder.

E o melhor de tudo, ele era dela.

Ele nunca havia tocado outra mulher assim. Nunca compartilhara esta parte de si mesmo com mais ninguém. Isso a fazia amá-lo ainda mais.

De repente, ele acelerou seus golpes e rangeu os dentes. Um instante depois, ele rosnou e estremeceu contra ela.

O sorriso dela se arregalou. — Viu? Eu disse a você.

Ele riu baixinho. — E você foi muito bem. Foi incrível. Eu finalmente entendi por que meu irmão é tão fascinado por mulheres. — Com sua respiração irregular, ele se levantou em seus braços para olhá-la enquanto eles ainda estavam unidos. — Eu te amo minha deusa, e eu te juro que eu nunca vou de bom grado tocar em qualquer mulher além de você.

Ela segurou o rosto dele em suas mãos. — Você me fez inteira.

Aricles prendeu a respiração quando o pânico cru o encheu. Ele estava feliz que ela estivesse feliz, mas no fundo ele não conseguia parar de pensar que isso não estava certo e que de alguma forma os deuses iriam puni-los por se atreverem a se amar.

2 de junho, 12.249 aC

Bathymaas retinha seu sorriso, enquanto ouvia a multidão torcendo por seu amado Eperon enquanto cavalgavam pelas portas de Corinto[12], enquanto ela estava em uma varanda do palácio. Estavam resplandecentes com as armaduras brilhantes em bronze, que ela criara para eles. Quando eles seguraram seus escudos e ficavam lado a lado, cobria cada centímetro deles e os mantinha seguro.

Durante o ano passado, eles haviam conquistado um nome para si no campo de batalha que garantia que todos os sete iriam entrar nos anais da história como alguns dos maiores campeões de todos os tempos.

Eles mais do que provaram serem dignos sucessores dos Chthonians, que continuavam em guerra uns contra os outros. A maioria dos panteões, agora, havia aprendido a comportar-se, mas ainda assim os gregos guerreavam com total abandono e descaso. A enfurecia que Apolo, Ares, Zeus, Poseidon e Leto não conseguissem parar de caçar aos humanos.

Ou pior, eles atacam os atlantes como se eles quisessem a guerra entre os dois panteões, de modo que haveria incontáveis perdas de mortais humanos.

Era algo que ela não poderia permitir.

Então, ela se matinha vigilante enquanto seus homens retornavam da batalha. Desde o ataque de Apolo contra Aricles, ela sabia que poderia esperar mais traição da parte dele.

E por falar nisso, ela sentiu a presença de Apollo atrás dela.

— Bem, bem... Eu estava esperando que você viesse.

Afastando-se da procissão abaixo, ela enfrentou o deus grego jovem. — Por que você continua a pender a balança da justiça?

— Você não sabe?

— Nem um pouco.

Ele estendeu a mão para tocar seu rosto. — É para chamar sua atenção.

Ela fez uma careta para ele. — Devo implorar seu perdão?

— Não implore. É impróprio de uma deusa tão bonita. — Ele colocou as mãos em cada lado da sua cintura e puxou-a contra ele. — É verdade que você não tem sentimentos?

Ela se empurrou contra ele, mas não podia afrouxar seu aperto. Estamparia para baixo sua irritação, ela sabia melhor do que mostrá-lo. — Sim.

— Então, se tivéssemos que fazer sexo, você não sentiria nada com isso?

— Provavelmente não.

— Será que devemos testar e ver?

Ela o empurrou para longe dela. — Não. Na verdade, nunca.

Apollo bateu contra a parede e olhou furiosamente. — Você não deve me negar Bathymaas. Eu não tolero rejeição muito bem.

— Você deve aprender.

Isso só o irritou mais. Ele se transportou para ficar na frente dela, então lhe deu um soco com tanta força, que ela caiu no chão. Sangue impregnou sua boca a dor explodiu em sua cabeça, atordoando-a. Ela nunca sonhou quanto doía um golpe, e lhe deu um novo respeito pelo seu Eperon e pelo o que eles passaram na batalha.

— Você sentiu isso? — Apollo rosnou quando ele a agarrou novamente. Ele estendeu a mão para a parte superior do vestido.

De repente, ele saiu voando enquanto um berro furioso soou.

Um borrão o seguiu e ele bateu contra a parede. Levaram vários segundos antes dela percebesse que era Aricles quem surrava o deus.

— Aricles! Ela respirou correndo em direção a ele antes de Apolo recuperou o suficiente para voltar ao ataque.

Assim que ela tocou em seu braço, ele parou de bater em Apollo e recuou. — Você está bem minha deusa?

Ela cobriu o rosto e balançou a cabeça, em seguida, virou-se para enfrentar Apollo.

Ele se levantou do chão, olhando para eles. — Eu exijo uma retribuição por sua arrogância.

Ela reprimiu sua descrença furiosa. — Arrogância? Como assim?

— Ele atacou um deus.

— Para proteger uma deusa. Suas ações foram justificadas e você deve ser grato por eu não soltar ele em cima de você, por você ter se atrevido. Você sabe muito bem.

Apolo cuspiu o sangue em sua boca no chão, onde fez uma poça vermelho brilhante. — Eu terei minha vingança sobre ele por isso.

— Toque-o e eu vou ter seu coração em meu punho. Agora saia daqui enquanto você é capaz.

Aricles não se atreveu a mover por medo de que ele faria a Apollo até que o deus tivesse ido embora. Mas assim que eles estavam sozinhos, ele segurou o rosto de Bathymaas na mão para estudar o machucado que estava se formando em sua pele delicada. — Você deveria ter me permitiu matá-lo.

— E arriscar que a mãe ou pai clamasse por sua cabeça? Nunca.

Ele a puxou suavemente contra ele e a segurou-a na segurança de seus braços. — Eu deveria estar aqui para te proteger.

— Você estava.

Um tique trabalhara arduamente em sua mandíbula. — E se ele te atacar de novo?

— Eu terei cuidado.

— Bathia...

Ela o beijou levemente para silenciar o seu protesto. — Nada vai acontecer comigo. Você é o único com quem me preocupo. Como você sabia que eu precisava de você?

— Eu não sei. Eu tive um sentimento ruim e não conseguia respirar, até que cheguei aqui.

Erguendo-se na ponta dos pés, ela o abraçou. — Estou feliz que você veio para investigar.

Apollo amaldiçoou quando ele viu seu rosto no espelho. Aquele desgraçado humano tinha devastado sua beleza. A fúria fazia sua mão tremer enquanto lavava o sangue de sua boca, nariz e bochecha.

— O que aconteceu com você?

Ele encontrou o olhar chocado de sua mãe no espelho. Como ele, ela tinha o cabelo louro-dourado, mas seus olhos eram da mesma cor verde como sua irmã gêmea, Ártemis. — Um dos Eperon de Bathymaas me atacou.

— No campo de batalha?

— Não. Eu só estava brincando com ela e o filho da puta começou a bater em mim.

— Sua mãe ficou boquiaberta. — Ela não o puniu por isso?

— Claro que não. Eles são seus animais de estimação.

Leto ergueu o queixo enquanto a fúria escurecia os olhos. — E você é meu filho. Como se atreve um mortal encostar a mão em você! — Ela fechou a distância entre eles para inspecionar suavemente seu rosto. — Vou levar isso até ela imediatamente.

— Ela não vai ouvir. Eu já exigi a restituição e ela disse que era justificada.

Leto enrolou o lábio. — Ela não deveria ser a palavra final sobre a nossa espécie. Ela é muito caprichosa com suas leis de justiça. Ainda estou fervendo sobre como você e Ártemis foram obrigados a nascer, e a maldição que Hera lhes deu, sem repercussões. Não importa o que a cadela diz não se justifica.

— Acredite em mim, Matisera, eu sei. Eu deveria rasgar a garganta de seu guarda Eperon com minhas presas e deixá-la ver por si mesma como justa é a maldição.

— Eu concordo, mas ela só o mataria por isso e afirmaria que é justo também. Não... precisamos de algo para levar para os outros deuses. Algo que mostre que ela não é imparcial.

— Como o quê?

Leto soltou um suspiro pesado. — Temos que pegá-la quebrando as regras.

— E como vamos fazer isso?

— Nós vamos segui-la, meu caro rapaz. Mais cedo ou mais tarde, ela será obrigada a estragar alguma coisa.

22 de outubro de 12.249 aC

— É só que acho ou parece que os deuses têm uma vingança contra nós?

Aricles olhou por cima de sua escultura, para encontrar o olhar de Hector. — Eles querem nos matar.

— Ah, bom. Eu não sou o único que percebeu. E eu que pensava que era só eu.

Fazendo uma careta, Galen moveu-se para se sentar no pé da cama de Aricles. — É desconcertante, não é? E a batalha não é tudo o que eu pensei que seria.

Aricles arqueou a sobrancelha pelo tom sombrio de seu irmão. — Isso é o remorso que ouço?

— É remorso. Eu continuo me lembrando daquele dia na fazenda, quando eles vieram para nos recrutar. Você se lembra de o que me disse, enquanto nós embalávamos nossas coisa?

— Não esqueça o seu manto?

Galen riu e balançou a cabeça. — Você me disse que a batalha não seria do mesmo jeito que os jogos de guerra que eu jogava. Que chegaria um dia, quando crescesse, que eu me cansaria de andar pelos campos saturados de sangue.

— E esse dia chegou irmão?

Ele acenou com a cabeça. — Eu nunca dei atenção ao fato de como eram jovens alguns soldados. Ou como irados os deuses se tornariam contra nós.

Hector soltou um suspiro pesado. — Eu acho que todos nós estamos sentindo isso. Eu juro, um dos soldados que mataram hoje, não poderia ter sido mais de quinze anos... se isso.

Haides se moveu para se sentar na cama de Galen ao lado deles. — Já se vão quatro anos desde que eu estive em casa. Minha irmã se casou e teve dois filhos desde que eu os deixei... Sinto falta da minha família.

Galen se recostou. — Nosso irmão teve um filho... Um filho há quase um ano e não o vimos ainda. E por alguma razão, continuo pensando em Talia. — Ele encontrou o olhar de Aricles — Você se lembra dela?

— Ela era linda e achei que você depositava muitas esperanças.

Galen sorriu tristemente. — Sim, ela era. Mas era muito circunspecta para mim. Eu sempre achei que ela se sairia melhor com você.

Aricles reprimiu o lembrete de que o outro problema de Galen com ela foi que ela se recusou a ir para cama dele. — E agora?

— Eu gostaria de uma mulher com tais costumes e convicções, e de natureza doce. Uma que eu pudesse confiar para permanecer fiel a mim, enquanto estivesse longe. Você acha que ela ainda pode estar disponível?

— Eu não sei irmãozinho.

Haides empurrou o queixo em direção à Phelix, que estava dormindo em sua cama no quarto. — Já notaram que ele parou de afiar sua espada?

Monokles assentiu enquanto ele se juntava a eles. — Eu continuo pensando em algo que meu pai costumava me dizer, ‘Lute meu filho. Não só com espada e lança, mas com tudo o que você tem’. — Suspirando, ele balançou a cabeça. — Mas agora, são as palavras de uma sacerdotisa de Athenas que me assombra. ‘Você deve atingir os limites da razão antes de pegar a sua espada e atravessar a fronteira da morte.’

— Estamos todos com saudades de casa. — Aricles olhou para cada um. Mas fizemos um voto para lutar por nossa deusa e para as pessoas de nossas pátrias. Como diz o velho ditado, ‘só os mortos verão o fim da guerra’. Não podemos esquecer que o bem começado ainda está na metade. As pessoas aprenderam esperar pelos nossos mantos vermelhos e pelas armaduras negras. Eles esperam pela nossa proteção agora. Como podemos abandoná-los?

Galen suspirou. — Palavras interessantes, considerando o fato de que você é o único de nós que não queria estar aqui.

Aricles parou sua escultura. — Eu ainda não tenho vontade de fazer a guerra. Mas não sou um covarde e não vou ter os deuses ou qualquer outra pessoa fazendo essa alegação sobre mim.

— Ele está certo, — Haides concordou. — Eles zombaram de nós, se nos retirássemos.

Aricles lhes ofereceu um sorriso triste. — Eu acho que todos nós poderíamos tirar uma licença. Eu vou falar com Malphas e com a deusa para ver se nós podemos ter uma semana para nós mesmos, para que possamos ver as nossas famílias e fazer a paz em nossos corações.

Monokles bateu-lhe no ombro. — Você está sempre cuidando de nós. Obrigado, irmão.

Aricles inclinou a cabeça para eles. — Qualquer coisa por vocês, você sabe disso. — Ele colocou sua escultura de lado e deixou seu quartel, para o pequeno templo que haviam erguido para sua deusa. Toda vez que chegava a casa da batalha, eles deixam uma oferta a ela por sua graça e glória. Não que isso fosse necessário. Ela sempre zelava por eles.

E, embora ela raramente ficasse no templo, viria a qualquer momento que Aricles chamasse por ela.

— Bathia? — Disse ele suavemente.

Ela apareceu instantaneamente com um sorriso brilhante antes que o puxasse contra ela. — Eu não tinha percebido que você havia voltado da batalha.

Por medo de trair a si mesmos, eles tentavam não ficar muito tempo juntos durante a guerra e treinamento. Ela estava achando cada vez mais difícil não reagir sempre que ele estava ferido, e seu medo por sua segurança era extremamente perturbador, enquanto ele tinha pessoas que tentam matá-lo.

— Nós viemos nesta manhã. Ele a beijou levemente nos lábios e saboreou o gosto e o cheiro dela. — Eu senti sua falta.

— E eu, de você. Fechando os olhos, ela afundou a mão em seus cabelos e respirou fundo contra o seu pescoço, o que o deixou coberto de calafrios.

Ele queria tanto estar dentro dela, seu corpo se sentia como se estivesse em chamas. Mas isso não era nem o momento nem o lugar. — Posso pedir um favor a você?

— Qualquer coisa.

— Os homens estão cansados. Existe alguma maneira de organizar uma pequena licença, para que possam visitar suas famílias?

— Você pergunta por eles e não a si mesmo?

— Você é a minha família deusa. Estou mais do que contente por estar aqui, mesmo na sua ausência.

Ela tocou os lábios antes que o beijasse. — Eu desejo que nós nunca tenhamos que nos separar, por qualquer motivo.

Assim como ele, mas nada podia ser feito. — Você está sempre no meu coração, não importa onde eu esteja.

Ela puxou para perto e segurou-o com força. — Diga aos homens que eles podem ficar fora por três semanas para ir para casa e ver as suas famílias, desde que outra guerra não saia. Eu devo recordá-los que eles devem estar prontos para voltar a qualquer momento. Mas espero que não seja necessário.

Quando ele começou a se afastar, ela o impediu. — No entanto, estou esperando que você não vá com eles.

Ele apertou sua mão contra os lábios e beijou sua palma. — Eu vou ficar.

Com um último beijo, ele voltou para o quartel para avisar os outros. Todo mundo ficou emocionado, exceto Galen que franziu o cenho para ele. — Por que você não vem comigo?

— Se formos atacados, um de nós é necessário ficar para trás. Eu me ofereci.

— Não é justo!

— Justiça não tem nada a ver com a vida ou a guerra, irmãozinho. Apenas é assim. E nós temos que fazer o melhor da maneira possível. Agora, as malas. Aceite sua licença e envie o meu amor ao Pai, Perseus, Julia e seu filho. Diga-lhes que eu penso neles frequentemente.

— Tudo bem. Mas vou sentir sua falta.

— Eu vou sentir sua falta também. No entanto, vou desfrutar de uma noite de sono sem o seu ronco.

Rindo, Galen o empurrou. — Eu não sou o urso no quarto. Esse é Hector.

Hector sorriu enquanto arrumava suas coisas. — Eu diria que estou sendo insultado por isso, mas é verdade.

Aricles foi para seu armário e puxou o pequeno cavalo esculpido e o soldado que havia feito para o sobrinho. Entregou a Galen. — Leve-os para Theodorus e lhe diga que seu tio espera vê-lo em breve.

— Eu irei.

— E mande lembranças para Talia também.

Galen corou, mas não falou enquanto continuava a fazer as malas.

Dentro de uma hora, apesar de ter sido quase anoitecer, os homens foram embora e Aricles estava sozinho no quarto que parecia de repente muito quieto. Desde que nasceu com um irmão gêmeo teve que compartilhar um quarto em casa com seus dois irmãos durante o tempo que podia se lembrar, ele nunca passou uma noite sozinho antes. Era estranhamente inquietante.

Esse era o seu pensamento até que ele sentiu uma presença calorosa atrás dele. Seu coração iluminou imediatamente.

Ele se virou, esperando ver Bathymaas.

Em vez disso, era o deus grego Apolo.

Aricles ficou em pé para confrontá-lo. — O que você está fazendo aqui?

Uma sorriso maligno se propagou em seu rosto. — Esperando o tempo para dar o troco Atlante. E desta vez, não há ninguém aqui para nos interromper.

23 de outubro de 12.249 aC

Franzindo a testa, Bathymaas se materializou no quartel do Eperon. Esperava que Aricles a chamasse uma vez que os outros saíram, mas era muito depois do anoitecer, e ela estava certa de que ele havia ido para casa agora.

Sua carranca se aprofundou quando ela o viu na cama, sem luz alguma. Com medo que ele estivesse doente, ela rapidamente fechou a distância entre eles. — Ari?

O horror a invadiu quando viu o rosto machucado dele. Contusões o cobriam completamente. Havia uma marca forte na forma de uma marca de mão em sua garganta, como se alguém o tivesse segurado e sufocado.

Com um gemido leve, ele se levantou.

— O que aconteceu?

A vergonha e o tormento escureceram seu olhar. — Está tudo bem minha deusa. Eu vou me curar.

— Quem fez isso com você?

— Isso não importa.

— É importante para mim! Foi um dos Eperon?

Ele engoliu em seco antes de responder. — Não. Eles foram para casa felizes.

— Então, quem?

Ele se recusou a encontrar o seu olhar. — Bathia, por favor... Não tenho nenhuma vontade de discutir o assunto.

Lágrimas nublaram sua visão quando viu o quanto ele havia sido espancado. Como ela desejava que tivesse o poder de curá-lo. Mas, infelizmente, não tinha a capacidade. — Vou chamar minha tia. Ela vai...

— Por favor, Bathia... Eu prefiro que ninguém mais saiba sobre isso.

— Por que?

Uma única lágrima caiu por sua bochecha. — Por favor, deixe assim.

— Você está me assustando Ari. Eu nunca te vi assim antes. Eu não entendo.

Aricles lutou contra as lágrimas que lhe sufocaram sobre o que Apollo tinha feito. Ele daria crédito ao deus, o bastardo sabia como punir alguém e garantir que preferia morrer a dizer à outra alma o que havia acontecido.

Bathymaas se sentou a seu lado e afastou o cabelo do rosto. — Existe alguma coisa que posso fazer?

Ele ainda não conseguia olhá-la nos olhos. Não tinha certeza se seria capaz de fazer isso de novo. — Apenas fique comigo por mais um pouco... Eu não quero ficar sozinho agora.

Ela tomou sua mão na dela e a segurou juntou ao seu coração. — Eu não tenho nenhuma intenção de deixá-lo, precioso... Você já comeu?

Ele balançou a cabeça.

Usando seus poderes, ela trouxe um prato de carne, queijo e frutas. Então, para sua surpresa completa, ela o alimentou na sua mão. Era um longo caminho para aliviar o seu horror, vergonha e dor. Mas ainda não era realmente suficiente.

Agora, tudo o que ele queria era morrer.

Bathymaas sentiu suas próprias lágrimas chegando, enquanto Ari continuou a fingir. Como ela desejava que tivesse o poder de ler a mente dele ou voltar no tempo para ver o que tinha sido feito. Não

estava brincando quando disse que a assustava. Algo dentro dele havia sido quebrado.

Querendo apenas ajudá-lo, ela conjurou uma bacia de água e gentilmente limpou seus ferimentos. Enquanto passava o pano sobre o seu pescoço, ela fez uma pausa com a visão de uma ferida de mordida.

Apollo.

Tinha que ser. Como parte de sua maldição contra Leto, Hera condenara os gêmeos a viver em sangue. Ao contrário dos outros deuses, Apolo e Artemis tinham que beber de outras pessoas para viver. Essa fora uma sentença dura, mas Bathymaas não tinha nenhuma maneira de desfazê-lo. Não sem matar os gêmeos.

— Isso foi feito por minha causa, não foi? — Ela não respirava.

Pela primeira vez desde a sua chegada, ele encontrou seu olhar. — Não, minha senhora. Nunca pense isso.

Ele poderia negar tudo o que quisesse, mas ela sabia a verdade. Esta foi a punição para deter o espancado Apolo.

Nesse momento, a escuridão tomou conta dela. Uma que era amarga e violenta.

Aterrorizante.

Nunca tinha sentido nada parecido antes. Tudo o que queria era se vingar de Apolo e machucá-lo.

E uma maneira ou de outra, ela faria Apollo pagar por isso...

30 de outubro de 12.249 aC

Causava dor a Bathymaas, a visão da sombra que atormentava e não deixava os olhos de Aricles, desde sua luta com Apollo. A luta sobre a qual ele se recusou a falar. Doía-lhe que ela não pudesse aliviar sua angústia, não importando o que ela tentasse. Aricles lhe dissera que ela ajudava apenas por estar com ele, mas ela o conhecia bem.

Apollo tinha deixado uma cicatriz duradoura sobre a sua alma, e por isso, ela queria que o coração do atleta olímpico em seu punho.

Tentando não pensar nisso, sentou-se no círculo dos braços musculosos de Ari, enquanto pescavam em seu lugar. Inclinando-se contra ele, podia sentir as batidas profundas do seu coração contra o seu ombro. — Estou feliz que você ficou comigo. Eu teria sentido terrivelmente a sua falta, caso você tivesse ido.

Ele beijou o topo de sua cabeça. — Eu sentiria saudades de você também.

— Você está com saudades de seu pai e seu irmão?

— Um pouco, mas eu ficaria com mais saudades de você se houvesse ido com Galen para vê-los.

Essas palavras a emocionaram. — Você só está dizendo isso para me fazer sentir melhor pelo meu egoísmo em mantê-lo aqui?

— Não Bathia. Verdade.

Erguendo-se sobre seus joelhos, ela se virou para ele e empurrou-o de volta para descansar em seus cotovelos. Quero tirar a tristeza de seus olhos, Ari. Diga-me o que fazer para te fazer feliz.

Aricles sorriu por aquelas palavras preciosas. — Eu estou feliz só de estar com você.

Ela apertou as costas dos seus dedos contra seu rosto barbudo. — Seu sorriso está tingido com tristeza e isso me faz doente ao vê-lo assim.

Aricles fechou os olhos e saboreou o calor da mão dela contra sua pele. Ele não a tinha tocado desde o ataque de Apollo. A vergonha foi demais para ele e não queria manchá-la com isso.

Mas agora...

Ele precisava que ela o abraçasse. Inclinando-se a beijou e deixou o aroma de sua pele e seu toque macio, apagar toda a dor dentro de seu coração. Ela era tudo o que realmente precisava. — Você é o ar que eu respiro Bathia.

— Então se case comigo Aricles.

Ele se afastou com um suspiro. — Deusa...

Ela colocou a ponta do dedo sobre os lábios para impedi-lo de falar. — Conheço os seus argumentos Ari. Mas não me importo com mais nada. Passei a eternidade protegendo os outros, e pensando apenas em suas necessidades. Quero ser egoísta agora. Toda vez que eu fecho meus olhos, eu sonho com você, eu e nosso bebê, em uma pequena casa no campo. Só nós três. Diga-me sinceramente que você não tenha pensado nisso também.

— Oh, Thia, é claro que eu penso.

— Então, fuja comigo.

— Não posso deixar o meu irmão e os outros. Quem iria lutar com eles se eu fosse embora?

— Então eu vou acabar com essa guerra entre os Chthonians. Quer se casar comigo se eu fizer isso?

Aricles mordeu o lábio pela doçura de seu pedido. — Você já tem meu coração, corpo e alma Bathia. Eu os dei a você de bom grado há muito tempo.

— Então você é meu marido?

Ele sorriu e afastou uma mecha de cabelo do rosto. — Não consigo pensar em nenhuma honra maior do que ter você como minha esposa.

Levantando-se e montou seu quadril e o beijou profundamente. — Você é meu Aricles de Didimosia. Guerreiro orgulhoso e agricultor gentil, assim chamado de Phoenix por seus irmãos. E eu nunca darei meu amor para outro, e você é, e será sempre o meu marido.

— E você Bathymaas, deusa da justiça e dona do meu coração é a única mulher que eu sempre vou amar. Você é tudo no meu mundo e tudo por aquilo que viverei. — Ele beijou a mão dela. — Você é e será para sempre a minha esposa.

Bathymaas removeu os pinos de sua túnica, expondo-se a ele. Ela tremeu com a beleza de seus olhos, enquanto toda a tristeza desaparecia e era substituído pelo amor. Isso era o que ela estava acostumada a ver, sempre que ele olhava para ela. Ela sentia falta disso terrivelmente.

Puxando a sua túnica, tirou-a para deixá-lo nu diante dela. Passou a mão sobre os pelos arrepiados de seus braços, enquanto sorria e brincava com o colar que ela lhe dera. Ele nunca tirava.

Ela mordeu o lábio enquanto deslizava suavemente sua túnica para baixo de seus quadris e o jogasse no solo. Os dois estremeceram quando o centro de seu corpo roçou os músculos rígidos, fazendo seu abdômen ondular.

Aricles arqueou as costas enquanto ela se inclinava para frente e roçava os seios contra o peito dele, antes que ela lambesse seu mamilo. Foi-se qualquer pensamento de qualquer coisa que não fosse a mulher em seus braços. E quando ela deslizou-se sobre ele, ele rosnou quando o êxtase o transpassou. Ele levantou seus quadris para dirigir-se ainda mais para dentro e seu corpo enquanto ela montava lentamente. Pela primeira vez, eles não tinham que temer Malphas ou qualquer um dos outros em cima deles. Eles estavam sozinhos e tinham uma quinzena completa ainda para desfrutar da companhia um do outro.

Ele segurou os seios com as mãos, enquanto ela sorria para ele. — Isso resolve tudo amor. Eu não vou sair daqui pelo resto da minha vida.

Ela riu de sua provocação. — Achava que eu fui a pessoa que implorou para que você fugisse.

Ele assobiou quando ela chegou por trás e fez seu corpo se voltar para ele. — Eu deveria estar louco por recusar.

— Bem... já que você é tão complacente...

Levantando a mão para seu rosto, ele olhou profundamente em seus olhos. — Neste momento Bathia, você poderia me pedir a lua e eu encontraria alguma maneira de obtê-la para você.

Bathymaas saboreava essas palavras, assim como saboreava a sensação de tê-lo profundamente dentro dela. Envolvendo-se em torno dele, ela rolou até que ele estivesse no topo. Sem dizer uma

palavra, ele assumiu a liderança e impulso contra seus quadris até que ela não aguentasse mais. Chorando, ela passou as mãos contra sua espinha e apertou-o contra ela.

Aricles rangeu os dentes, pois era ótimo quando ela o abraçava assim. Não havia nada que ele amasse mais do que a visão de seu rosto quando ela gozava para ele. Ela era a terra e o céu para ele. Completamente perdido por ela, enterrou seu rosto contra seu pescoço para que pudesse inalar seu cheiro de lírio, enquanto ele encontrava sua própria liberação.

Agitado e ofegante, colocou-se contra ela, tomando cuidado para não esmagá-la com o seu corpo.

Ela correu o dedo pela linha do queixo enquanto olhava nos olhos dele. — Meu precioso marido.

— Minha linda esposa.

Leto se virou para seu filho com uma sobrancelha arqueada, enquanto Apollo se manifestava ao lado dela para ver a puta, puta com o humano bastardo. — Eu te disse, não disse?

Ele ficou boquiaberto ao ver Aricles com Bathymaas. A fúria manchava suas bochechas. — Quando isso aconteceu?

— Do jeito que foi para ele, sem hesitação, eu diria que está acontecendo.

— E a cadela se atreveu a me negar, enquanto se prostituía por um maldito mortal!

Leto esfregou as costas com simpatia. — Ela não é digna de você, meu filho. Em vez disso, ela implora o amor do cão vira-lata. A última coisa que você quer é tocar em algo tão sujo.

Mas isso não era o que sentia. Ele queria vingança contra os dois por essa traição.

E por Zeus, ele teria.

Leto sorriu para ele. — Temos agora a maneira de acabar com os dois.

Apollo segurou o braço de sua mãe quando ela começou a dizer que iria até os outros, para dizer que Bathymaas não era tão imparcial quanto eles pensavam. — Espere... vamos pensar sobre isso por um minuto. Se contarmos os outros deuses, Bathymaas ainda tem seu grupo de guerreiros para lutar contra nós e interferir com nossos planos. Mas se esperarmos, podemos usar isso para destruir o Eperon de uma vez por todas, de dentro para fora. Nós podemos colocar uns contra os outros.

Ela riu. — Eu sabia que havia lhe criado, rapaz. E uma vez que esses bastardos estejam mortos, vamos destruir tanto Bathymaas e quanto seu tolo humano.

1 de novembro de 12249 aC

Aricles congelou em seu caminho para o estábulo, quando sentiu uma presença agora familiar que fez mal ao estômago.

Apollo.

Pronto para a batalha, ele se virou para o atleta olímpico e olhou para ele.

— O que você quer?

Com um sorriso sinistro, Apolo correu um olhar faminto por sobre o corpo de Aricles. — O que eu quero não é a mesma razão pela qual estou aqui... Parece que minha mãe aprendeu algo muito fascinante sobre você e a deusa à quem serve.

Seu sangue correu ainda mais frio enquanto se prepara para não demonstrar emoção alguma. — Eu não sei sobre o que você está falando. — Tentou dar um passo em torno do deus grego, mas Apollo cortar seu caminho.

— Oh, eu acho que você sabe. E tenho uma pequena proposta para você. Apollo acercou-se dele com um sorriso. — Você vai ficar doente e ser incapaz de lutar pelas próximas batalhas que pretendo iniciar, ou vou dizer a cada deus que existe, que nossa pequena rainha da justiça está fazendo a dança proibida com seu campeão. Na verdade, pelo que sei, ela está tendo relações sexuais com todo o seu Eperon.

Rosnando, Aricles avançou até Apollo, mas o deus maldito o arremessou tão forte, que ele ricocheteou na parede.

— Não abuse da sorte Atlante. Você não é tão bom, seja na cama ou fora dela. Apollo fechou a distância entre eles e agarrou-o pelo pescoço. Usando seus poderes, ele manteve Aricles completamente imóvel. — Você vai cooperar, ou quer que eu a arruíne para sempre? Tem alguma ideia do escárnio que

ela terá que aguentar? Ou o que os outros deuses irão fazer com ela, por violar seus deveres sagrados como um juiz imparcial?

A bílis subiu em sua garganta com a perspectiva, mas que escolha ele tinha? Ninguém jamais poderia saber sobre ele e Bathymaas. Seria destruí-la. — Eu vou fazer isso.

— Bom garoto. Apollo passou o dedo pelo lado do rosto de Aricles. — Pena que eu não tenho mais tempo para você hoje. Mas tenho uma batalha para planejar. Da próxima vez, no entanto...

Aricles se empurrou para longe dele, querendo plantar sua xiphos em linha reta através do estômago do deus.

Se ele pudesse, mas suas armas só trabalhava contra os deuses, quando Bathymaas as enfeitiçada.

Apollo recuou e deu um sorriso de escárnio sobre ele. — A propósito, eu não sou o único que sabe sobre vocês dois. Há outro deus, então se você está pensando que você pode me lançar durante a batalha e proteger Bathymaas... pense novamente. Então, enquanto eu viver, a minha mãe vai ficar quieta. Se eu expirar muito cedo, todo mundo vai saber sobre suas transgressões. Ambos: com Bathymaas e comigo. Muito para o seu voto castidade, certo? Seu sorriso ficou ainda mais zombeteiro. — E me diga o quanto a sua deusa te amaria, se descobrisse que eu tive um pedaço de sua bunda também? E se você falar uma palavra disso com ela, eu vou ver os poderes dela serem despojado e a matarei eu mesmo.

Aricles desviou o olhar quando a vergonha e o medo o invadiu. Um tic começou em sua mandíbula, enquanto ele agarrava sua espada e se forçava a não atacar. — Eu nunca vou entender como o povo grego tem estômago para tolerar você.

E ele ia encontrar uma forma de matar esse filho da puta. Mais cedo ou mais tarde.

20 de janeiro de 12248 aC

Vestido com sua armadura, Aricles ficou na beira do campo de batalha, enquanto o resto do Eperon se preparava para a próxima batalha. Ele começou a lutar com eles, até que ele havia visto Apollo. O deus lhe deu um olhar que o deixou saber que Aricles não seria uma parte deste conflito também.

No momento em que Aricles fez seu cavalo recuar, Hector olhou com raiva para ele. — Você irá lutar desta vez, não é? Ou você está doente de novo?

Quando Aricles não respondeu, Haides bateu com o punho na sua couraça, forçando Aricles a dar mais um passo para trás. — Ele não tem a intenção de lutar neste dia também. Olhe para ele... ele não está nem mesmo armado com sua lança.

Galen fez uma careta. — O que há de errado com você, irmão? O que mudou com você enquanto estávamos fora? Este é a nossa quinta batalha, que você se recusou a lutar.

Quando Haides foi para atacá-lo, Malphas veio entre eles. — Eperon, baixe as armas. Guarde-as para a batalha.

Haides cuspiu em Aricles. — Eu não luto com um covarde em quem não posso confiar a minha retaguarda. Ele é bem capaz de me apunhalar como meu inimigo.

Malphas virou-se para Aricles. — Você ainda está doente?

Enxugando a saliva do rosto, Aricles assentiu.

Monokles franziu os lábios. — Não há nada de errado com ele. Ele está tão em forma para lutar como qualquer um de nós.

Phelix empurrou-o por trás. — Tire-o da nossa vista Malphas. Nenhum de nós o quer aqui. Envie esse bastardo para casa, com o resto das mulheres.

Antes que Aricles pudesse se mover, Haides arrancou o elmo de sua cabeça e atirou-a ao chão. — Vá!

Com sua mão trêmula Aricles recuperou seu elmo e se dirigiu de volta ao acampamento, deixando os outros para lutar sem ele. Mas com cada passo que dava, ele odiava a si mesmo.

Eu não posso mais fazer isso.

Mas que escolha tinha? De qualquer maneira, estaria envergonhado. Pelo menos assim, ele era o único que sofria. Bathymaas estava protegida. Enquanto a reação sangrenta não se espalhasse para ela, ele conseguiria lidar com isso.

Ele apertou sua espada em punho com raiva, querendo cortar a cabeça de Apollo. Se ele empunhasse seu xiphos novamente em guerra, Apollo diria a todos que ele dormira com Bathymaas. Não importava que eles fosse casados. Bathymaas era uma deusa virgem cuja imparcialidade devia estar sempre acima de qualquer suspeita.

Seu amor por ele tornaria todos os seus julgamentos suspeito. E os deuses se reuniriam para puni-la por isso.

Seria como arruiná-la.

— Ari?

Ele congelou ao som da voz de Bathymaas. — Sim, minha deusa?

— O que há de errado?

Ele balançou a cabeça, incapaz de dizer à ela.

Ela colocou uma mão suave no braço entre a dobra de sua camisa e sua braçadeira. — Diga- me.

— Eu não posso.

— Eu sei que algo aconteceu com você. Por que você não fala comigo sobre isso?

Querendo apenas puxá-la para seus braços e segurá-la até que a dor dentro dele parasse fazer seu coração sangrar Aricles olhou para ela. Mais do que tudo ele ansiava por lhe dizer a verdade sobre por que ele não poderia lutar com os outros. Não era da natureza dele mentir ou reter algo. Mas como poderia? Como ela iria olhar para ele, se soubesse o quanto ele, seu guerreiro escolhido, seu marido, fora dominado e usado por outro homem? A última coisa que ele poderia suportar era vê-la olhar para ele com o mesmo nojo que sentia por si mesmo.

— Eu deveria sair e voltar para casa.

— Aricles...

— Por favor, Bathymaas. Eu sou uma distração para os outros. Eles já não confiam em mim ou me consideram um deles. Seria melhor para todos.

Lágrimas brilharam nos olhos dourados, que haviam esculpido um lugar permanente em seu coração. — Não seria melhor para mim.

Ele segurou-lhe o rosto com a mão enquanto suas emoções passavam por ele. — Você merece o melhor minha deusa. Eu não sou digno de você.

— Como você pode dizer isso?

— Porque é verdade.

Uma única lágrima caiu por sua bochecha impecável. — Malphas está me chamando. Eu tenho que ir.

Enxugando as lágrimas com as costas de seus dedos, ele acenou com a cabeça um instante antes que ela desaparecesse. Deprimido, Aricles voltou para a tenda do Eperon que havia partilhado, enquanto lutavam contra os deuses gregos nesta última guerra.

A derrota amarga do dia anterior, depois que ele se recusara a lutar, não fora bem aceita por seus amigos ou por seu irmão. Não que ele os culpasse. Ele estaria com raiva dele também.

Eu não tenho escolha.

Por mais que ele amasse os outros, ele amava Bathymaas muito mais. Deixaria o resto de o mundo queimar até virar pó. Ela era a única coisa que importava para ele. Para ela e somente por ela, ele morreria.

Com raiva, mágoa e dor, ele começou a arrumar suas coisas. Nunca desejara nada disso. Tudo o que queria era ser um simples agricultor. Ter uma vida tranquila longe dos horrores da guerra. Trabalhar duro em um campo durante todo o dia, e ficar com sua esposa durante a noite, e assistir a seus filhos

crescerem.

Ele chutou o tronco que segurava seu equipamento de batalha, odiando-o com todas as partes de si mesmo. Se não fosse por Bathymaas, já teria ido. Mas não podia deixá-la. Especialmente não agora. Doente e enojado, sentou-se em sua cama e abaixou a cabeça em suas mãos.

Horas mais tarde, Aricles apenas começara a arrumar as malas para os outros, quando ouviu um berro furioso. Ele se virou enquanto Haides vinha correndo para dentro da tenda e começou a batê-lo. Ele chutou o homem maior de volta. — O que está errado com você?

— Hector está morto por sua causa seu bastardo!

Essas palavras o atingiu como um martelo. — O que?

— Você me ouviu. Você nos deixou para morrer!

Aricles deu um pulo para trás e saiu correndo da tenda para verificar a sua afirmação. Ele não precisava ir muito longe.

Coberto de sangue, Hector estava do lado de fora, as feições pálidas e seus olhos vidrados. Os outros membros do Eperon estavam ao lado do seu corpo.

Aricles caiu de joelhos ao lado de Hector. A dor e a culpa o dilaceravam. E não ajudava o fato que quando se virou para olhar para eles, viu o seu ódio mútuo e desprezo para ele.

Mesmo Galen.

Lágrimas encheram os olhos e sufocou sua garganta. — Quem o matou?

Malphas suspirou. — Apollo.

Aricles rugiu com o peso de sua fúria. Ele estendeu a mão para tocar Hector, mas Phelix o chutou para longe.

— Você não é digno de tocar um herói, covarde!

Sua visão ficou escura e por um momento, Aricles quase atacou. No entanto, a sua raiva não era para com Phelix. Era para o bastardo Apollo, e Aricles não estava disposto a derramar o sangue de um inocente.

Galen cuspiu no chão ao seu lado. — Vá em frente e deixe-nos Aricles. É o que você faz melhor.

Então, como uma única unidade eles viraram as costas para ele para que soubesse que sua irmandade fora cortada. Nenhum deles queria mais nada com ele.

Nem mesmo seu próprio irmão gêmeo.

— Baathymaas?

Ela fez uma pausa ante a voz desconhecida. Virando-se, ela ficou chocado ao ver a deusa grega da guerra e da sabedoria, Atena, aproximando-se dela. Alta e de cabelos escuros, a deusa estava vestida com uma túnica vermelho-sangue. — Athena? O que você está fazendo aqui?

— Algo que eu não deveria, mas desprezo a traição em todas as suas formas.

Bathymaas franziu o cenho. — E de qual traição você fala?

Ela hesitou antes de responder. — Ouvi Apollo e sua mãe conspirar contra você...

Pressentimento a deixou sem fôlego, mas sabia que não devia deixar que Athena percebesse. — Eu?

Athena assentiu. — Apollo está chantageando um de seus homens... — Aricles. Meu irmão tem algum tipo de influência sobre ele e está forçando Aricles a ficar de fora das batalhas para que possamos vencer.

Preparando-se para o pior, tentou parecer indiferente. — Que tipo de influência ele tem?

— Não faço ideia. Mas conhecendo meu irmão, eu tenho certeza que é algo bem sujo.

Bathymaas inclinou a cabeça para a deusa. — Obrigada por me avisar. Não vou esquecer a sua bondade.

Balançando a cabeça, Athena deixou Bathymaas com seus pensamentos.

Bathymaas se teletransportou imediatamente para o acampamento onde encontrou seus homens tentando rasgar Aricles completamente. Eles o colocaram amarrado no chão, enquanto eles se revezavam

em socá-lo, chutando-o e pisoteando-o.

Apesar de Caleb não participava do abuso, não os impediu também.

— O que é isso? — Ela exigiu enquanto se movia para proteger Aricles deles.

Eles pararam imediatamente e se afastaram.

Com suas mãos trêmulas, ela cortou as cordas que prendiam o marido. A dor nos olhos dele torceu seu coração.

Aricles limpou o sangue de seus lábios. — É apenas uma discordância leve, deusa.

Ela ficou horrorizada por ele ousar defendê-los após a crueldade que ela havia acabado de presenciar. Enfurecida, ela tocou uma das marcas horríveis de chicote nas costas. Era uma polegada cheia e profunda e fazia a pele sangrar e ficar devastada. — Se esta é leve, eu odiaria ver severa. — Ela o cobriu com seu manto. Levantando-se, ela passou um olhar repreendendo sobre todos eles.

Nenhum deles parecia nem um pouco arrependido. Com tudo, os seus olhos tinham uma luz que disseram que estaria de volta em cima dele assim que ela se fosse.

Bathymaas rangeu os dentes antes que ela se afastasse. — Aricles caminhe comigo.

Cada um dos homens cuspiu nele quando ele se aproximou dela.

Até mesmo seu próprio irmão.

E isso quebrou o coração dela e acendeu sua fúria.

Bathymaas fez uma careta para eles. — Vocês são uma equipe.

— Éramos Haides rosnou. — Agora somos dois homens a menos. Nenhum de nós quer Aricles conosco depois disso.

Ela viu a decisão dentro de seus corações e isso a enojou. — Galen? Você está de acordo?

Ele olhou para seu irmão antes que ele assentisse.

Triste por Aricles, ela o levou para longe do acampamento enquanto os outros começaram os preparativos para o funeral de Heitor. Ela sentia por sua perda e sangrava sobre o sacrifício desnecessário. Hector havia sido um bom homem.

Mas agora, seus pensamentos estavam preocupados com o marido.

Ela suspirou profundamente. — Diga-me o que Apollo está usando para impedi-lo de lutar.

— Bathia...

Ela parou e se virou para encará-lo. — Eu quero a verdade Ari. Diga-me.

A angústia escureceu seus olhos quando ele olhou de volta para o Eperon. — Ele sabe sobre nós, e se ele descobrir que eu lhe disse, ele vai te matar.

Ela zombou da ameaça ridícula. — Ele não tem esses poderes.

— Mas ele tem o poder de dizer aos outros deuses que você não é mais virgem.

— Então, o que aconteceria?

Seus olhos azuis a queimavam. — Você será envergonhada.

— Há coisas piores neste mundo.

Ele balançou a cabeça. — Eu não posso permitir que isso aconteça com você por minha causa. Eu não posso.

— E eu não posso permitir que você seja chamado de covarde pelo seu irmão e amigos para me proteger. Como você pode me pedir isso, sua esposa?

— Bathia, por favor.

Ela olhou para seu corpo devastado e balançou a cabeça. — Eu não vou permitir isso. Não.

Antes que ele pudesse detê-la ou ela pudesse reconsiderar, ela tomou sua mão e voltou para onde os outros estavam preparando o corpo de Heitor.

Aricles começou a se afastar, mas ela agarrou seu braço e puxou-o de volta para ela. Quando ele abriu a boca para protestar, ela deu-lhe o beijo mais quente de sua vida.

O silêncio desceu. Aricles sentiu o rosto queimar, quando ele percebeu que eram o centro das

atenções de todos. Afastando-se, ele varreu seu olhar em cinco pares de olhos que se arregalaram chocados.

Bathymaas se virou para enfrentá-los. Recuando no peito dele, ela puxou o braço em volta de sua cintura e o segurou lá. — Aricles e eu estamos casados. O deus grego Apolo descobriu e ameaçou me desacreditar e me envergonhar diante dos outros deuses, a menos que Aricles se recusasse a lutar. Para proteger a minha honra e meu nome, ele permitiu que todos vocês o insultasse e o atacasse, e eu não vou permite que ele se machuque novamente. Por ninguém.

Aricles não teria pensado que poderia ter ficado mais chocado.

Ele estava errado. Durante vários minutos, ninguém se moveu ou falou.

Eles nem sequer piscavam.

Não até Galen dar um passo adiante e lhe dar um soco. Duro. — Seu filho da puta! Você se casou e não me contou?

Bathymaas se moveu para explodi-lo, mas Aricles pegou a mão dela antes que ela pudesse machucar seu irmão.

— Está tudo bem minha senhora. Essa é a sua reação normal.

Seus olhos brilharam vermelhos. — Ele precisa encontrar outra.

Galen sacudiu a cabeça. — Como é que você não me contou? Eu sou seu irmão! Seu gêmeo! Quando você se casou?

— Enquanto vocês estavam fora, ela respondeu para ele.

Malphas amaldiçoou quando ele olhou para Aricles. — Você tem alguma ideia da tempestade de merda que você está prestes a desencadear?

Um tic começou na bochecha de Aricles antes que ele assentisse. — É por isso que eu recuei dos combates. — Ele olhou para o corpo de Heitor, enquanto as lágrimas o cegavam. — Eu não queria ninguém ferido. Muito menos Bathymaas.

Malphas rosnou. — Agora eu quero dar um soco você... Mas eu entendo. Ele esfregou a mão contra o colar de ouro que nunca o deixava. — O coração quer o que quer, e nada vai negar. Mas caramba... — Ele voltou seu olhar para Bathymaas. — Droga.

Monokles fez uma careta. — E o que isso quer dizer?

Malphas gesticulou para Bathymaas. — Os deuses vão atacá-la por isso. Abertamente. Os que a odeiam vão dizer que ela não pode mais realizar suas tarefas, porque ela foi corrompida pelo toque de um mortal. E eles vão atrás de Aricles com tudo o que têm.

Phelix estreitou os olhos em Aricles. — Eu ainda não confio nele. Ele caiu fora quando mais precisávamos dele.

— Para proteger sua esposa, — Haides lembrou Phelix. — Certo ou errado, eu duvido que uma parte de nós que não faria o que ele fez, para manter sua mulher a salvo.

Monokles assentiu. — Ele está certo. Não há nada que eu não faria para proteger a minha esposa e sua honra.

Galen abraçou Bathymaas e depois seu irmão. — Eu te odeio.

— Eu odeio você também.

Bathymaas fez uma careta para Aricles que sorriu para ela, então, explicou suas palavras contraditórias. — Não queremos dizer isso, minha senhora. Pelo contrário, é a nossa maneira de dizer que ainda estamos com raiva, mas estamos dispostos a perdoar.

— Os mortais são tão estranho...

Caleb concordou com a cabeça. — E nós temos um homem para enterrar e chorar. Estejamos atentos a isso e depois vamos lidar com esse próximo desastre.

Bathymaas se teletransportou com Aricles para sua tenda, para que ela pudesse limpá-lo e vesti-lo. — Eu não posso acreditar que lhes permitiu fazer isso com você.

Ele deu de ombros. — Eu ficaria feliz em sofrer isso e muito mais para mantê-la segura.

E era por isso que ela o amava. Tirando o cabelo para trás de seus olhos, ela suspirou. — Apollo virá atrás de nós.

Aricles engoliu em seco quando uma onda de dor passou por ele. Ele começou a dizer-lhe o que Apollo havia feito com ele, mas as palavras congelaram em sua língua. Não importava o quanto ele tentasse, ele não conseguia dizer em voz alta o horror daquele dia. Por favor, não me odeie Bathia, quando ele lhe dizer o que ele fez para mim.

Mas, em seu coração, ele sabia que ela nunca iria olhar para ele da mesma forma, uma vez que ela soubesse sobre isso. E isso o deixou tão triste quanto a perda de Hector.

É tudo culpa minha.

Ele deveria ter sido forte o suficiente para manter Apollo fora.

E agora...

Beijando-a na testa, ele sabia que tinha que fazer alguma coisa para parar Apollo. E o que ele pretendia era tão estúpido quanto era corajoso.

23 de janeiro de 12248 aC

Aricles franziu a testa quando ouviu uma briga feroz acontecendo no templo de Bathymaas. Agarrando sua hoplon e xiphos, ele correu em direção a ele o mais rápido que podia, para encontrar Apollo batendo em Bathymaas.

Sem hesitar, ele foi para o deus e o atacou com tudo o que tinha.

Apollo amaldiçoou quando Aricles o arremessou para longe dela. O deus grego o amaldiçoou, mas Aricles não se importava. Ignorou a dor e continuou, batendo no deus até Apollo estar pressionado contra a parede.

Desesperado pela ferocidade e pela habilidade de Aricles, Apollo cambaleou para trás e caiu de joelhos. — Todo mundo vai saber sobre vocês dois! Todo mundo! Então o covarde desapareceu.

Liberando seu grito de guerra, Aricles ainda queria o sangue do desgraçado por atacar sua esposa. Ele deixou cair as armas e correu para onde ela estava sentada no chão. Sua face esquerda estava machucada e inchada. Seu nariz sangrando.

— Bathia? — Ele respirou, aterrorizado pelo que Apollo poderia ter feito para ela.

Lágrimas brotaram nos olhos dela quando ela colocou a mão contra sua bochecha. — Meu pobre Ari.

Confuso, ele fez uma careta ante as suas palavras. —Ele te estuprou?

— Não. Eu o ataquei.

O alívio o inundou, até que ela falou de novo.

— Por que você não me disse que ele te estuprou Ari?

Incapaz de encontrar o seu olhar, se retirou de perto dela. Não queria ver o desdém ou o ódio em seus olhos. Ou pior...

Decepção.

Ele era a pessoa que deveria protegê-la. Mas como poderia, quando ele não tinha a força para se proteger?

Ela fechou a distância entre eles e colocou a mão em seu braço. — Ari fale comigo.

— O que posso dizer deusa?

Bathymaas se afligia pela angústia que ouviu em sua voz. A vergonha que ela viu em seus olhos, quando ele se recusou a olhar para ela. — Querido... não foi culpa sua.

Ele finalmente encontrou seu olhar e a fúria crua não a assustava. — Você acha que isso torna certo? Eu sou um homem Bathia. Um guerreiro.

— Você é mortal e ele é um deus.

— E eu *deveria* mantê-la segura.

Ela balançou a cabeça. — Ele veio para você pelas sombras. Foi um ataque covarde, porque ele sabia que não poderia derrotá-lo, se ele te atacou como um guerreiro.

— Ainda não está ajudando.

Colocando seu rosto em suas mãos, ela o obrigou a olhar para ela. — Eu amo você Ari, e eu nunca quis que o meu amor te machucasse.

— Isso não me machuca deusa, me fortalece.

— Não. Torna-o vulnerável e por isso, eu sinto muito.

Ele franziu o cenho para as suas palavras. — Por que você pede desculpas para mim?

Bathymaas não podia falar enquanto suas novas emoções a devastavam. Culpa, horror, dor... Ela não gostava desses sentimentos. Mas de todos os que feriam mais, era a adoração feroz que tinha pela força e pela beleza interior de seu marido. — Eu deveria ter deixado você em sua fazenda quando você me pediu.

— Então eu não teria tido você.

O amor em seu olhar trouxe lágrimas aos seus olhos. — Ari...

Ele parou suas palavras com um beijo. — Gostaria de enfrentar qualquer coisa por você, minha senhora.

— E eu por você.

Finalmente, ele puxou-a em seus braços e abraçou-a. — Me desculpe, eu a envergonhei.

Ela franziu a testa ao ouvir suas palavras. — Envergonhou-me como?

— Por não ser o homem que você merece.

As lágrimas corriam pelo seu rosto. — Nunca mais diga isso! Em toda a minha vida, eu nunca conheci um homem melhor, mais nobre do que você. Deus ou mortal. Ela puxou sua cabeça para baixo e segurou-o perto.

Aricles tremeu ante a sensação de seus braços em volta dele. Nesse momento, ele odiava Apollo com tudo o que tinha. Sem dúvida, o desgraçado já estava se espalhando a notícia de seu relacionamento, muito longe.

Eu vou matá-lo ...

Apollymi, deusa da destruição e da criação, eu humildemente convocar você. Por favor, pelo seu servo mais sincero e humilde, faça a honra de aparecer, Aricles sussurrou as palavras enquanto derramava óleo perfumado sobre as brasas na base da estátua de Apollymi em Didimosia. Ele não havia voltado à esse templo, desde que o seu avô lhe havia trazido aqui em uma peregrinação sagrada quando ele era um menino.

Olhando para a estátua, estava tão impressionado com a beleza da deusa hoje, como ficara antes. Mas era a crueldade em seus olhos de pedra que ainda era aterrorizante.

Essa crueldade que ele agora estava implorando.

Sem saber de suas intenções, seus sacerdotes estavam todos em seu canto, e ele estava sozinho no salão principal do templo, para fazer a sua oferta de sangue para a deusa mais perigosa em seu panteão.

A princípio, pensou que ela iria ignorá-lo. Mas, assim que estava pronto para sair, ele sentiu a mesma agitação no ar que vinha a qualquer hora que Bathymaas se materializava diante de um mortal.

Lá na frente dele estava uma visão da beleza feminina. Quase tão alta quanto ele, ela tinha o cabelo loiro ondulado longo e os olhos girantes de prata. — Você tem alguma coragem mortal. Você jura fidelidade a uma deusa egípcia que eu detesto, tome a espada para ela, e agora você ousa chamar-me? Sério?

Ele caiu de joelhos diante dela. — Por isso, eu peço a sua indulgência deusa. Mas eu estou aqui porque eu sei que você e eu temos algo em comum.

— E o que é?

— O ódio do deus grego Apolo.

Seus olhos brilharam vermelhos. — Eu desprezo todas as coisas gregas.

— E é por isso que eu ofereço a minha alma e minha espada para você.

Ela fez uma careta para ele. — Eu não entendo.

Engolindo em seco, obrigou-se a fazer uma barganha, que esperava não se arrepender. — O deus ameaça o que eu amo, e eu pretendo desafiá-lo, e ao mesmo tempo eu sei o que é um guerreiro muito mais capaz do que eu, também sei que não tenho as habilidades para destruir um deus por minha conta.

Um lento sorriso curvou seus lábios. — Você é um filho da puta bastardo... e eu o respeito. — Ela fez uma pausa para considerar suas palavras. — O que você vai me dar por este favor que devo concedê-lo?

— Pode escolher, minha deusa, e eu vou pagá-la.

Apollymi se aproximou dele lentamente. Ela empurrou seu manto para longe de seu ombro esquerdo para mostrar onde Bathymaas havia colocado sua marca nele, depois que os dois se uniram. — O que você fez, mortal? Set irá matá-lo por se atrever a tocar sua amada filha.

— A senhora nunca esteve apaixonada deusa?

Ela rosnou baixo em sua garganta. — O amor faz com todos nós de idiotas sempre. Até mesmo a grande Bathymaas. — Ela puxou seu manto para trás sobre a marca. — Eu ainda deveria matá-lo.

Aricles não vacilou ou reagiu às suas palavras.

— Não tem nada a dizer sobre isso? — Ela perguntou a ele.

— Prefiro não dizer.

Ela riu. — Você tem sorte de ser tão valente. Isso por si só já salvou sua vida hoje. Ela deu um passo para trás e estreitou seu olhar sobre ele. — E, infelizmente, você não pode matar Apollo... tanto quanto eu gostaria.

Aricles sentiu seu espírito se quebrar por suas palavras.

— Mas... você pode derrotá-lo, e quando o fizer traga-o para mim, amarrado e amordaçado, e isso vai ser a minha taxa. — Ela manifestou uma xiphos de bronze e estendeu-a para ele. — Use-a para se igualar a ele no campo de batalha, e depois de tê-lo derrotado, traga-o aqui para mim.

Ele franziu o cenho para a arma em sua mão, que não parecia diferente do que ele normalmente levava para a batalha. — O que é especial sobre esta espada?

— Ela foi mergulhada no rio Styx[13]

da invulnerabilidade, um dos rios do Tártaro

(Inferno). Segundo uma versão da lenda, uma promessa feito a partir pelo Estige é o voto mais sagrado que pode ser feito. Nem mesmo os deuses podem quebrar uma promessa pelo Estige. Para saber mais, leia o outro livro dessa série “Styxx”.

. Isso permitirá a Apollo sangrar como qualquer mortal.

— Obrigado deusa.

Ela inclinou a cabeça para ele. — Boa sorte Aricles, e cuidado com traição.

— Sempre. — Depois saudando a espada ele a amarrou quando ela desapareceu.

Ele colocou a mão no punho e deixou templo dela. Agora ele tinha uma promessa a ser mantida, e Apollo definitivamente iria sangrar.

24 de janeiro de 12248 aC

Aricles suspirou satisfeito, enquanto abraçava Bathymaas, durante as tranquilas horas da manhã. Agora que os outros sabiam a verdade, eles riram dele quando ele foi para a cama no alojamento.

Você tem uma bela deusa como esposa e dorme aqui com a gente, sozinho? Está louco?

Ele sorriu com a memória do tom indignado de Galen. Acariciando o cabelo dela para trás de seu rosto, ele deu um beijo lá ao mesmo tempo um flash brilhante iluminou o quarto.

Aricles mal teve tempo de piscar antes que ele fosse arrancado da cama e preso ao chão. Cada osso em seu corpo se sentiu abalado. Incapaz de se mover, ele foi forçado a ficar lá, enquanto um homem enorme o perseguia, com o assassinato em seus olhos dourado. Bem construído e forte, ele era, obviamente, o deus da guerra de algum lugar.

Bathymaas despertou com um suspiro. — Papa não! Ela pulou da cama, arrastando o lençol com ela

para que pudesse envolvê-lo em torno de seu corpo nu. Ela agarrou o enormes bíceps do deus. — Não o machuque!

— Eu não quero machucá-lo. Quero matar o cão bastardo e podre!

Ela se plantou entre eles. — Eu o amo Papa. Se você matá-lo vai destruir o meu coração.

Com seus olhos atormentados, Set puxou-a em seus braços e apertou-a. Ele apertou os lábios em sua cabeça enquanto olhava para Aricles. — Você tem um batimento cardíaco?

Ela assentiu com a cabeça.

Set amaldiçoou. — Quando Apollo disse que tinha visto você com um homem, eu fui para estripar aquele bastardo grego, mas Ma'at me parou. Tem alguma ideia de o que você colocou em movimento filha?

Lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Eu não me importo. Ele é tudo para mim.

Acariciando as lágrimas, Set suspirou pesadamente em seguida, liberando qualquer corda invisível que ele tivesse sobre Aricles. — Eu gostaria que você houvesse me dito antes.

— Eu sabia que você não aprovaria e eu não quero que você machuque Ari.

Completamente envergonhado, Aricles rapidamente se vestiu.

Set rosnou no fundo de sua garganta quando ele se afastou de Bathymaas. — Leto está pedindo o seu afastamento e sua punição. Ela diz que a guerra que você está travando contra os gregos não é justa, mas sim um favor para o seu marido de Atlântida.

Ela ficou horrorizada com a acusação ridícula. — Ari não tem nada a ver com a guerra.

Set fez uma careta para ele. — Mas ele é seu melhor lutador.

— Que não queria ter nada a ver com a guerra — Aricles repetiu. — Eu era um fazendeiro antes de tudo isso, e eu preferia isso que a luta.

Set riu com raiva. — Nada disso importa. Eles ainda estão exigindo sangue de nós.

— E eu exijo de Apollo.

Bathymaas engasgou quando se afastou de seu pai para enfrentar o marido. — O que você fez Ari?

— Eu lancei um desafio a Apollo. Nós vamos fazer de um jeito que seja a única maneira dos gregos entender. Com a violência.

— Não, — ela respirava. — Você não pode!

— Ele está certo.

Ela olhou para seu pai. — Não, ele não está.

— Sim, filha ele está. Se ele derrotar Apollo, acabaríamos com a sede de sangue e intimidariam os outros. Eles iriam recuar.

— E se eles não o fizerem?

Set passou a mão contra o queixo. — Você é novata com as emoções Bathy. E eu duvido que você compreenda o poder do medo. — Ele olhou além dela para Aricles. — Quando você estará disposto a lutar contra ele?

— Dois dias a partir de agora.

— Certifique-se que você não perca rapaz.

Aricles olhou para a esposa. — Eu prometo, não vou.

Mas ao mesmo tempo em que ele disse isso, Bathymaas teve um sentimento terrível em seu interior. Algo ruim estava para acontecer. Ela não tinha nenhuma dúvida.

5 de janeiro, 12.248 aC

Bathymaas tremia enquanto observava Aricles lutando com Galen. Apavorada sobre a próxima luta, ela olhou para Caleb. — Você acha que ele pode ganhar de Apollo?

— Honestamente?

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu acho.

— Você está dizendo isso para me consolar?

Caleb riu. — Eu continuo esquecendo que você tem emoções. Então, não. Não penso que estou te confortando, mesmo agora.

Como ela desejou que pudesse esquecer que tinha emoções.

Mais e mais, sua mente conjurava imagens de Aricles morrendo horrivelmente. Não importa o quanto ela tentasse, não poderia eliminá-las. Elas voltavam para torturá-la.

Incapaz de suportar isso, ela deixou os outros e foi até o Monte Olimpo, onde Apollo vivia com a maioria dos deuses gregos. Por mais que odiasse, ela teria que fazer um acordo com seu inimigo. Era a única maneira de garantir a segurança e a vida de Aricles. Por mais que ela acreditasse na palavras de Malphas que Ari pudesse derrotar o deus, não podia arriscar que Apollo não trapaceasse.

E Apollo não estava definitivamente acima disso.

Apollo deixou cair a lira que ele tocava, quando ela se manifestou diante de sua espreguiçadeira dentro de seu templo privado. — Será que os trópicos congelaram?

Ela revirou os olhos para ele. — Estou aqui para emitir um desafio.

Ele zombou. — Estou cansado de seus desafios e de seu menino-brinquedo. Sem mencionar que tenho uma luta amanhã.

Encolhendo-se com uma indiferença que não sentia, Bathymaas arqueou uma sobrancelha. — Estou impressionada. Eu não tinha ideia de que você desejava tanto uma humilhação.

— O que você quer dizer?

— Nós dois sabemos que você não pode derrotar Aricles. Ele é o melhor lutador que conduziu um hoplon e uma espada. E a partir de amanhã, todo mundo saberá sobre isso também. Eu só vim para tentar salvar um pouco da sua dignidade. Mas já que você está tão desesperado pela degradação pública, quem sou eu para privá-lo? — Ela começou a sair, mas ele a impediu.

— O que você tem em mente?

— Uma disputa entre deuses. Você e eu. Dessa forma, se você perder, ninguém vai zombar de você por isso.

— E se eu ganhar?

Como se isso pudesse acontecer. Mas ela precisava dar-lhe algum tipo de esperança, caso contrário, ele nunca concordaria com isso. — O que você quer Apollo?

— Você se retirará e permitirá que minha mãe seja a deusa suprema da justiça.

Ela ficou horrorizada com o seu pedido. — De verdade? Isso é o que você quer?

Ele acenou com a cabeça.

Leto nunca seria uma deusa decente de justiça. A cadela não tinha conhecimento disso. Mas isso não importava. Apollo nunca iria derrotá-la.

— Tudo bem então... Eu desafio você a um concurso de arco e flecha. Nós dois somos deuses do tiro com arco. Pegue o seu arco e me encontre fora do meu templo.

— Agora? — Ele perguntou em choque.

Ela olhou sobre seu templo vazio. — Você tem algo melhor para fazer?

Ele estreitou seu olhar sobre ela. — Eu quero testemunhas para isso.

Com os olhos arregalados, Bathymaas ficou surpreendida com o seu pedido. — O que? Você acha que eu iria enganá-lo?

— Quem sabe o que você pode fazer? Você tem emoções agora. Esperaria qualquer coisa de você.

Ela ergueu o queixo enquanto a raiva rasgava através dela. — Nunca estive mais ofendida, mas desde que sei que você é muito mais propensos a enganar do que eu, também trarei uma testemunha. Vejo você lá em uma hora.

Ele inclinou a cabeça para ela. — Uma hora.

— Você tem certeza sobre isso filha?

Bathymaas estendeu a mão para tocar o rosto de seu pai. — Eu tenho. Não posso deixar Apollo ter uma chance de prejudicar meu marido. Ari é tudo para mim.

Set segurou o arco que ele havia dado a ela quando ela era uma criança. Só Bathymaas poderia puxar a corda, e ela nunca o perdeu e nem o tirava de suas vistas. Com a exceção de Ari e seu pai, era a única coisa que ela mais prezava no universo.

O ar atrás dela se mexeu.

Virando-se, ela encontrou Apolo e sua irmã gêmea, Ártemis. Com longos cabelos ruivos, cacheados, Artemis era uma das mais belas deusas.

Mesmo assim, um arrepio de presságio passou pela espinha de Bathymaas pela testemunha que Apolo escolhera. — Você chamou a sua irmã? Era sabido por todos, que a deusa não morria de amores por seu irmão gêmeo.

— Você não me deu muito tempo para me preparar. — Apollo olhou para seu pai como se Set o deixasse extremamente nervoso.

E bem que deveria. Um deus primordial, seu pai era conhecido por rasgar as partes do corpo dos homens que não gostava, apenas por diversão. E era por isso que ela lhe pediu para vir. Com seu pai presente, ela estava esperando que se comportasse.

Bathymaas pegou seu arco e empurrou o queixo em direção aos seus alvos no final do campo. — Três tiros.

Apollo não fez nenhum movimento para conjurar sua arma. Em vez disso, ele apertou os lábios. — Talvez devêssemos tornar isso mais interessante.

Ela estreitou os olhos para ele com desconfiança. — Como assim?

— Como você disse, nós dois somos deuses do arco e flecha. Que tal atirar nas corças de ouro[14]

: ¢ñôåìéò [1]

) era uma deusa grega ligada inicialmente à vida selvagem e à caça. Durante os períodos Arcaico e Clássico, era considerada filha de Zeus e de Leto, irmã gêmea de Apolo. Por ficar grávida de Zeus, sua mãe sofreu a ira de Hera (esposa de Zeus). Quando finalmente na ilha de Delos a receberam, Ilítia, filha de Hera e deusa dos partos, estava retida com a mãe no Olimpo. Leto esperava gêmeos, e a bela Ártemis, tendo sido a primeira a nascer, revelou os seus dotes de deusa dos nascimentos auxiliando no parto do seu irmão gêmeo, Apolo. Outra lenda conta que, tendo ela se apaixonado perdidamente pelo jovem Orion, e se dispondo a consorciá-lo, o seu enciumado irmão Apolo impediu o enlace mediante uma grande perfídia: achando-se em uma praia, em sua companhia, desafiou-a a atingir, com a sua flecha, um ponto negro que indicava a tona da água, e que mal se distinguia, devido à grande distância. Ártemis, toda vaidosa, prontamente retesou o arco e atingiu o alvo, que logo desapareceu no abismo no mar, fazendo-se substituir por espumas ensanguentadas. Era Orion que ali nadava, fugindo de um imenso escorpião criado por Apolo para persegui-lo. Ao saber do desastre, Ártemis, cheia de desespero, conseguiu, do pai, que a vítima e o escorpião fossem transformados em constelação. Quando a de Órion se põe, a de escorpião nasce, sempre o perseguindo, mas sem nunca alcançar. Deusa da caça e da serena luz, Ártemis é a mais pura e casta das deusas e, como tal, foi ao longo dos tempos uma fonte inesgotável da inspiração dos artistas. Zeus

, seu pai, presenteou-a com arco e flechas de prata

, além de uma lira do mesmo material (seu irmão Apolo ganhou os mesmos presentes, só que de ouro). Todos eram obra de Hefesto

, o Deus do fogo

e das forjas

, que era um dos muitos filhos de Zeus, portanto também irmão de Ártemis. Zeus também fê-la rainha dos bosques e lhe deu uma corte de Ninfas

, para ser uma das caçadoras de sua corte, a mulher ou menina deve lhe fazer um juramento de fidelidade e total desapego á figuras masculinas, assim se tornando uma caçadora de Ártemis adquire-se imortalidade. Como a luz prateada da lua, percorre todos os recantos dos prados, montes e vales, sendo representada como uma infatigável caçadora. É representada, como caçadora que é, vestida de túnica, calçada de coturno, trazendo aljava sobre a espádua

, um arco na mão e um cão ao seu lado. Outras vezes vemo-la acompanhada das suas ninfas, tendo a fronte ornada de um crescente. Representam-na ainda: ora no banho, ora em atitude de repouso, recostada a um veado, acompanhada de dois cães; ora em um carro tirado por corças

, trazendo sempre o seu arco e aljava cheia de flechas. O templo de Ártemis

em Éfeso

foi uma das sete maravilhas do mundo antigo

.

da minha irmã?

Artemis engasgou. — Apollo, você não pode! Foram presentes para mim e eu preciso delas para puxar o meu carro.

Apollo lhe deu um olhar fulminante. — Você só precisa de quatro delas e você tem cinco. Eu digo que devemos tomar um e soltá-la em um rebanho de outros veados e deixá-los correr. Quem atirar no coração da corça de ouro é o vitorioso.

Artemis enrolou o lábio. — Eu aceito e desafio Bathymaas e atirar em você, querido irmão.

Set e Bathymaas riram.

Apollo nem tanto.

Dando as costas à sua irmã, ele enfrentou Bathymaas. — Você está pronta para o desafio?

— Onde estão esses cervos?

— No bosque de Artemis.

Bathymaas franziu o cenho para o truque óbvio. Se seu pai colocasse um pé no Olimpo, os outros deuses gregos os chamariam para uma guerra suprema. — Você nos permite a nos aventurar até o Olimpo?

— Eu posso colocar uma das corças aqui se você preferir.

— É claro que eu prefiro.

Sem reagir ao seu tom de voz, ele olhou para Artemis. — Vá buscar o primeiro traseiro você vê e misture-o com um rebanho aqui. Então nos deixe saber quando você os liberá-los.

— Eu te odeio, Artemis rosnou baixinho antes dela partir.

Bathymaas baixou o arco quando Artemis desapareceu. Enquanto esperavam pela volta de Artemis, ela não conseguia afastar a sensação desconfortável no estômago.

Algo terrível estava para acontecer. Ela podia sentir isso.

Mas antes que tivesse tempo para examinar plenamente aquela sensação Artemis retornou. — Eu tenho um misturado com os outros. Diga a palavra e eles são liberados.

Apollo finalmente manifestou o seu arco. Ele olhou para Bathymaas. — Pronta?

— Quando você quiser.

— Solte o veado! — Apollo exigiu.

Bathymaas preparou sua flecha e esperou.

Depois de alguns segundos, o rebanho de veados correu por entre as árvores na frente deles.

Apollo atirou num piscar de olhos, antes que ela o fizesse. Sua flecha entrou nos flancos da traseira. A dela foi direto para o seu coração.

Aliviada que houvesse acabado e ela tivesse ganhado, Bathymaas começou a sorrir, até que a traseira do veado começou a mudar de forma. Sua respiração ficou presa na garganta.

Não!

Soltando seu arco, ela se teletransportou até Aricles. Nu, ele estava deitado na grama com a flecha de Apollo embutido em sua coxa.

E a dela em seu coração.

— Ari, ela soluçou, afundando até os joelhos. Ela puxou-o em seus braços. — Como?

O sangue escorria pelo canto de sua boca. Sua respiração vinha em respirações curtas irregulares. — Eu estava... com Galen...

Bathymaas gritou para que sua tia viesse ajudá-la.

Ma'at apareceu instantaneamente, em seguida, congelou. — O que é isso?

— Apollo ... ele transformou Ari em uma gazela e eu atirei nele.

Seus olhos se encheram de lágrimas, Ma'at se ajoelhou ao seu lado. — Filho você sabe que eu não posso curar suas feridas dessa flecha. Ninguém pode.

O desespero se apossou dela, enquanto olhava nos olhos cheios de dor de seu marido. — Ari... Eu não sabia que era você.

— Shh, — ele respirou chegando a tocar seu rosto. — Não chore Bathia. Você é meu coração e vou estar sempre com você. Se demorar dez mil vidas, eu vou encontrar o meu caminho de volta para você, eu prometo. — Enquanto ele sorria, ele expulsou uma única respiração e sua mão caiu de seu rosto.

A luz se apagou de seus olhos e, quando o fez, seu amuleto que ele usava em seu pescoço, se quebrou em duas metades.

Gritando em agonia absoluta, ela embalou contra seu peito e balançou seu corpo quando a dor a rasgou. Alguém, ela assumiu Ma'at, colocou uma mão reconfortante no ombro.

— Set! Pare com isso!

Ela olhou para o grito de Ma'at para perceber que era Artemis ao seu lado, e sua tia estava tentando evitar que seu pai matasse Apollo e Leto.

Lágrimas brilharam na deusa grega olhos verdes. — Eu não sabia Bathymaas. Eu sinto muito. Ele estava pastando fora do meu templo. Eu presumi que era um dos meus. Não tinha ideia de que minha mãe fez isso para ele e para você. Eu juro. A agonia em sua voz atestaram a verdade de suas palavras.

Mas não mudou nada.

Aricles estava morto.

Por sua própria mão, e por Apolo e pela traição de Leto. E enquanto ela ficou lá com o seu corpo em seus braços, um frio assustador encheu. Ele gelou cada parte de seu ser e acalmou seu coração batendo.

Ela foi concebida como uma deusa da justiça. Mas isso não era justo. Isso não estava certo.

E a morte injusta de seu marido não ficaria sem vingança.

Beijando seus lábios frios, Bathymaas o deitou no chão e cobriu o corpo com seu manto.

Artemis suspirou e se encolheu para longe dela enquanto ela se levantou e se virou para Apollo e sua mãe.

Por isso, haveria um inferno para pagar.

E dela seria a mão que recolheria o pagamento.

EPÍLOGO

3 de janeiro de 12247 aC

Set abraçava a filha recém-nascida, enquanto seu coração se rompia novamente. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ele encontrou o olhar de Ma'at e viu sua própria tristeza espelhada nos olhos. Após a morte de seu marido, Bathymaas vivera em um tumulto sanguinário que quase custara ao panteão olímpico todas as suas vidas. Mas desde que a vida de Apollo estava amarrada ao sol, eles não poderiam permitir que ela o matasse, ou então o mundo inteiro teria terminado. Mas a sua raiva foi de tal forma, que nenhuma quantidade de lógica poderia impedi-la de sua vingança.

Unindo pela primeira vez na história, os deuses e Chthonians estavam todos reunidos para estabelecer uma sentença de morte contra ela. Algo que Set não podia permitir. Desesperado, ele fora até sua irmã, que havia concebido o plano de Bathymaas renascesse com metade de um coração e sem memória de seu precioso Aricles.

Agora ela dormia novamente em seus braços, pequena e indefesa.

— Será que você nunca me deixará segurar a minha filha?

Ele olhou para o pedido de Symfora. Ela estava deitada na cama onde ela lhe entregara sua filha a ele há poucos minutos atrás. A deusa Atlante da tristeza e da angústia, era a mãe perfeita para sua filha. Se alguém quisesse entender a dor de sua filha, era Symfora.

Beijando sua filha na testa, ele a levou de volta para Symfora e a colocou nos braços de sua mãe. — Ela é a beleza encarnada.

— Assim como seu pai. Symfora a embalou com o amor que ele queria que sua menina conhecesse. — Então como devemos chamá-la?

— Bet'anya[15].

Symfora arqueou uma sobrancelha. — Casa da Aflição?

— Ela deverá ser deusa da aflição e da ira de vocês, não é?

— De fato. Ela olhou para a filha e ofereceu um raro sorriso. — Mas eu vos chamo de Bethany, pequena.

Set se encolheu com o nome que era quase idêntico ao apelido de Aricles para ela. Symfora poderia usá-la se ela quisesse, mas ele nunca iria chamá-la pelo nome que seu marido lhe dera. Ela seria sempre a sua preciosa Bet.

Ele tomou sua pequena e frágil mão na dele. *Espero não ter prejudicado você, filha.* Por causa dos poderes da Fonte Primordial que haviam sido utilizados em seu nascimento, Bet só tinha metade de seu coração.

A outra metade jazia com seu Aricles e não iria voltar para ela até que ele o fizesse.

É melhor você encontrá-la, seu bastardo.

Caso contrário, Set traria uma chuva de ira neste mundo, que faria a de Bathymaas parecer

misericordiosa. Mas em seu coração, ele conhecia o verdadeiro amor quando ele a viu.

Aconteça o que acontecer, Aricles iria encontrá-la e se reunir com sua Bathymaas. E não importa quais poderes procurasse separá-los, Set não tinha dúvida de que um dia iriam estar juntos novamente...

Leiam mais sobre Bathymaas e Aricles em ***Styxx***

Mordidas de amor

1

— Você poderia me dizer o que há de errado comigo? Eu juro que se mais alguém olhar para mim e der uma risadinha, eu vou surtar.

Samantha Parker ergueu os olhos do monitor do computador, para ver Adrian Cole em pé em sua baia. Ou melhor, elevando-se sobre ela. Com quase dois metros de altura, o homem lembrava uma girafa quando se movia em torno do escritório.

Não que se importasse. Pessoalmente, ela adorava a sua altura, assim como adorava aqueles olhos lindos dele. Profundo e de uma cor marrom-chocolate escuro, que a fazia se derreter cada vez que ele olhava para ela.

E a forma elegante e ágil com a qual se movia

Oooh, só de pensar nisso era o suficiente para fazê-la queimar.

Ela nunca gostara particularmente de homens loiros, mas aqueles olhos escuros com sua juba espessa de cachos amarelados e pele dourada exuberante, apenas a fazia doer para ter um gosto. Um tremor nervoso passou por cima dela, como sempre, acontecia quando ele estava tão perto dela, e podia sentir o cheiro do perfume limpo, picante dele. O homem era simplesmente delicioso e incrivelmente brilhante.

— Bem, — ele pediu.

Sam mordia o lábio enquanto ela passava seu olhar sobre o corpo, muito magro. — Além do fato de que você se parece com seu cão-guia vestido como você nesta manhã, — brincou ela. —O que você fez para deixar Heather louca desta vez?

Ele amaldiçoou sob sua respiração. Era de conhecimento geral que Adrian tinha um tipo raro de daltonismo, que o tornava completamente incapaz de ver qualquer cor que seja. Como resultado, ele pagava à sua irmã para cuidar de suas roupa, e cada vez que Heather ficava chateada com o irmão mais velho ela descontava no guarda-roupa dele.

— O que ela fez para mim agora? — Ele perguntou com cautela.

— Bem, você vai ficar feliz em saber que sua camisa xadrez vermelha ainda é vermelha, mas a camiseta Henley[16] rosa manchada, realmente tem que ir.

Adrian segurou sua perna e puxou a calça jeans até mostrar-lhe as meias. — E sobre elas?

— Ao contrário de sua camisa elas realmente correspondem à cor de sua Henley.

Rosnando baixo em sua garganta, ele abotoou a camisa xadrez todo o caminho até o pescoço. — Um dia, eu vou matá-la.

Sam ria da ameaça que ele pronunciava, pelo menos duas vezes por semana. Ela conheceu Heather durante alguns almoços, e apesar de Sam gostar dela, Heather era um pouco egoísta.

— Então, o que você fez? — Ela perguntou.

— Eu me recusei a deixar que ela pegasse meu Vette[17]. A última vez que ela o levou para fora, ela bateu em um poste e me custou três mil dólares em danos.

— Caramba. — Sam se encolheu diante dele. Adrian amava seu Corvette 1969 Stingray[18]. — Ela se machucou?

— Felizmente, não, mas meu carro ainda está de mau humor sobre isso.

Sam riu de novo, mas então, sempre fazia isso ao seu redor. Adrian tinha uma inteligência afiada e seca que nunca perdia uma oportunidade. — Bem, eu estou feliz que você tenha se detido. Meu Perforce[19]

[20] Programa para gerenciamento de arquivos.

está novamente se comportando mal. Eu não consigo fazer minhas alterações. — O que significava que o servidor estava bloqueado e todas as vezes que ela tentava atualizar uma página em seu site, ele se recusava a deixá-la.

Ela odiava o Perforce, e ele a odiava. Mas eles eram obrigados a usá-lo de modo que a alta gerência poderia manter o controle de quem mudava alguma coisa no site, e fora do departamento de serviços de rede, Adrian era o único que realmente entendia do programa.

— O que está fazendo? — Ele perguntou enquanto se movia para ficar ao lado dela.

Sam não conseguia respirar quando ele se inclinou para baixo para ler sua tela. Seu rosto estava tão perto do dela, que tudo o que ela tinha a fazer era se mover apenas dois centímetros e ela seria capaz de colocar seus lábios contra aquela mandíbula forte, esculpida.

— Role a tela para baixo.

Ela ouviu as palavras de Adrian, mas não registrou. Ela estava muito ocupada observando o modo como seus incrivelmente ombros largos se curvavam, quando ele se inclinou com uma mão contra a mesa.

Ele olhou para ela.

Sam piscou e olhou para a tela. — Eu estou rolando, — disse ela quando pegou o mouse.

— Aqui está o seu problema, — disse ele enquanto lia o que parecia em grego. — Você não ativou a linha de fusão de dados.

— E em Inglês isso significa?

Adrian riu uma risada profunda que a fazia queimar ainda mais. Ele cobriu a mão dela com o mouse e mostrou-lhe como escolher as opções certas.

Cercou-a com seu calor masculino. Sam engoliu com a sensação perturbadora de sua mão sobre a dela, enquanto o fogo corria por ela. Ele tinha belas e fortes mãos. Seus dedos longos e magros eram afilados e perfeitos. Pior, cada vez que ela olhava para eles, ela não podia deixar de se perguntar qual seria a sensação em seu corpo, tocando-a, acariciando-a.

Seduzindo-a.

O celular dele tocou. Adrian endireitou-se e puxou o telefone do gancho em seu cinto. Ele verificou o identificador de chamadas, em seguida, abriu-o como o Capitão Kirk. — Sim, Scott, o que há de errado?

— Radius[20] não está funcionando, — Scott, seu especialista em segurança de rede, disse no viva-voz, — e eu não posso consigo fazê-lo rodar.

— Você o reiniciou?

— Oras.

Adrian indicou sua cadeira com a cabeça.

Sam se levantou e viu quando ele colocou o telefone ao lado, sentou-se na cadeira, e abriu uma janela do DOS em seu computador. Ele teclou rapidamente em seu teclado, em seguida, pegou o telefone de volta. — Não está respondendo.

— Eu sei, e não posso corrigi-lo.

— Tudo bem, — disse Adrian com uma santa paciência. — Eu estarei lá em cima, em poucos minutos.

Ele desligou o telefone, mas antes que pudesse se mover, seu telefone tocou ao mesmo tempo assim como o Pager e o sistema chamou o seu nome. Adrian respondeu ao celular de novo e olhou para o Pager.

— Você recebeu o alerta de hackers? — Perguntou Scott.

— Espere, — disse Adrian, então estendeu a mão para o telefone de mesa para responder à sua página.

— Oi, Randy, — disse ele enquanto colocava o telefone entre o ombro e rosto e começava a digitar em seu teclado. — Eu estou no processo de mudança das principais bases de dados para o meu SQL. Devemos estar prontos para voar em cinco minutos. Ele fez uma pausa enquanto ouvia e trocava seu sistema do Windows para o Linux.

Sam assistia com admiração enquanto ele navegava com perfeição, em linha após linha, sobre coisas que ela não podia nem sequer começar a seguir ou entender.

— Não, — disse Adrian para Randy, — nossos clientes não vai notar nada, exceto que as pesquisas levarão menos tempo. Ele digitava enquanto ouvia seu diretor sênior, Randy Jacobs, no telefone.

Outro aviso chegou até ele.

Adrian assentiu enquanto ouvia Randy. — Sim, eu vou chegar lá. Você se importaria de esperar um segundo?

Ele pegou seu telefone celular. — Scott, não é um hacker. É um IDS inválido. Alguém está usando um marcador com um velho login ligado a ele.

— Tem certeza?

— Positivo. Eu estou olhando para isso agora.

— Ok, obrigado.

Adrian deu um sorriso tímido quando ele desligou o celular e pegou a outra linha em seu telefone de mesa.

Mordendo os lábios para não sorrir em meio ao caos, Sam impressionava-se por ele. Aos vinte e seis anos, Adrian era conhecido por todos na empresa como menino prodígio. Ele pegara uma empresa de bilhões de dólares com a mentalidade da década de 1980 de mainframe, e a guiara a mentalidade o e-commerce do século XXI. Ele, sozinho, construiu o a programação inteira de um milhão de dólares de um site de varejos de negócios, e montou uma equipe Web design que era inigualável.

Infelizmente, porém, todos na empresa se voltava para ele toda vez que algo dava errado com o site. O que significava que estava sempre de plantão e sempre correndo de um departamento para o outro, apagando incêndios e tentando o seu melhor para explicar as coisas muito complicadas para as pessoas que não tinham absolutamente nenhuma ideia, sobre o que ele estava falando.

Adrian entrava no escritório todas as manhãs às cinco e meia, e raramente ia para casa antes das oito da noite.

O estresse sobre ele deveria ser insuportável, e ele ainda era o chefe mais descontraído que ela já havia conhecido. Ela não podia contar o número de vezes que um dia alguém estava reclamando, se não gritando sobre alguma coisa, ou pedindo-lhe para ajudá-los, e mesmo assim ele não deixava a tensão aparecer.

— Scott, — disse Adrian em seu telefone celular, — pegue uma xícara de café. Estarei aí assim que terminar com Randy. Ele voltou para seu telefone. — Estou de volta Randy. — Ele escutou por mais alguns minutos, em seguida, assentiu. — Tudo bem, — disse ele, puxando o Palm Pilot fora de seu cinto. — Eu vou colocá-lo na minha agenda.

Sam viu quando ele adicionou mais uma reunião de seu calendário já lotado.

— Ok, — ele disse a Randy. — Eu estou dentro. Vejo você mais tarde.

Adrian deixou a cadeira, mas hesitou ao abrir a porta do escritório de Sam, enquanto ela retomava seu assento. Em uma rara demonstração de ansiedade, ele pegou o cavaleiro medieval de madeira, que seu irmão lhe dera. — Isso é novo.

Ela assentiu com a cabeça. — Teddy trouxe para o dia de Ação de Graças, quando ele foi para a Alemanha.

— É legal, — disse ele, colocando-o de volta na prateleira com o resto dos cavaleiros. Ela os colecionara durante anos. Ela imaginou que eles eram tão próximos quanto se ela houvesse a ter um verdadeiro cavaleiro de armadura brilhante.

Ele olhou em volta dela com os grandes recortes de Papai Noel e bonecos de neve que ela havia colocado, e a pequena árvore de Natal que ela tinha ao seu lado do monitor, e a pilha de catálogos de férias em seu teclado. — Você realmente ama o Natal, não é?

Sam olhou para o suéter de Papel Noel e de Rena e sorriu. — A minha época favorita do ano. Você não gosta?

Ele deu de ombros. — É um dia de folga, eu acho.

Ainda Adrian hesitava, brincando com sua placa de identificação.

Que estranho. Era tão estranho ser inquieto. Este era um homem que tomava decisões de milhões de dólares e tinha reuniões com as estrelas da Fortune 500, mesmo sem o menor escrúpulo.

Que diabos ele poderia estar nervoso?

— Você se importaria se eu lhe pedisse um favor gigante?

Seu coração batia forte. Oh, *baby, peça-me qualquer coisa!*

— O que você precisa?

Ele baixou o olhar para baixo em sua placa de identificação, enquanto a deslizava para frente e para trás em seu suporte. — Desde que Heather só me prega peças com minhas roupas, eu queria saber se você se importaria de ir às compras comigo depois do trabalho? Eu levaria Randir, mas mesmo eu posso dizer suas roupas não combinam.

— Eu ouvi isso! — Disse rindo Randir da baia ao lado.

Sam sorriu. Os caras do seu departamento brincavam uns com os outros sem piedade, e era o que ela mais amava sobre seu trabalho. Todo mundo se dava bem e ninguém se importava com as incessante ironias e provocações que eram lançadas tão frequentemente, quanto as vezes que Adrian era bipado.

— De qualquer forma, disse Adrian, ignorou a interrupção de Randir. — Você se importaria? Eu vou pagar o jantar.

Sim! Seu coração pulou uma batida, enquanto ela fazia o seu melhor para parecer calma, enquanto que, no interior, o que ela realmente queria fazer era virar e dar cambalhotas. — Eu não me importo.

— Tem certeza?

— Positivo.

— Ótimo, — ele disse com um leve sorriso. — Então eu acho que é melhor eu ir até Scott antes que ele hiperventile.

— Ok, te vejo mais tarde.

Adrian deu uma última olhada em Sam quando ela voltou sua atenção para seu monitor. Ele cerrou os dentes enquanto observava seus dedos acariciando as teclas em seu teclado.

Aquela mulher tinha o toque mais suave que ele já tinha visto, e ele ansiava por sentir aquelas mãos

em seu corpo. Doía para levá-las em sua boca e mordiscar cada centímetro.

Pior, o que ele realmente queria fazer era buscá-la na cadeira, levá-la ao seu escritório, e atirar tudo em cima da mesa para o chão, antes de colocá-la em cima.

Oh, sim, já poderia saborear seus lábios quando ele retirasse o suéter grosso e jeans para fora de seu corpo. Sentia-a quente e úmida para ele, enquanto persuadia e provocava seu corpo em êxtase cego.

Sua virilha se apertou de dor com o pensamento.

Pare com isso! ele virou-se para si mesmo. Ele era o seu líder de equipe, e ela era um de seus melhores funcionários. A política da empresa rigorosamente proibia namoro entre a administração e os funcionários, e a violação dessa política significava a demissão imediata.

Sim, mas a mulher o deixava seriamente quente.

Perigosamente quente.

Ela sempre usava o cabelo longo e escuro puxado para trás de seu rosto, de onde caia em ondas grossas até a cintura. Passara horas a noite fantasiando sobre o cabelo envolto em seu peito, ou espalhando-se através de seu travesseiro.

E tinha os mais pálidos olhos que ele já havia visto. Ela disse-lhe uma vez que eles eram verdes, e doía-lhe que ele não tinha absolutamente nenhuma ideia do que essa cor significava.

Mas pelo o que ele podia ver, verde tinha que ser bonito.

Seus olhos eram um pouco grande para o rosto de duende, e eles eram sempre brilhantes e provocantes, quando ela olhava para ele.

Ele podia olhar para aqueles olhos por uma eternidade.

Adrian correu seu olhar sobre suas curvas exuberantes, e ele endureceu ainda mais, enquanto o desejo rasgava através dele. Sam uma vez reclamara sobre seu peso, mas não conseguia encontrar qualquer falha nele. Depois de crescer com uma mãe e irmã magras e frágeis, ele não podia ver uma mulher sem carne em seus ossos.

Seu corpo inteiro, voluptuoso, o fazia absolutamente louco de tesão. E durante o ano passado, ele fora forçado a aprender a viver com uma ereção furiosa cada vez que ele chegou perto dela, ou ouvia o som suave de seu sotaque sulista.

Sam fez uma pausa e olhou para ele. — Você precisa de algo mais?

Sim, eu preciso que você sorria para mim.

Toque-me.

Melhor ainda, eu preciso que você me escale ...

— Não, — ele disse enquanto outro bip soava.

Adrian se afastou dela e respondeu ao bip com o seu telefone celular, enquanto se dirigia para cima, para atender aos twitters impacientes de Scott.

Sam apertava as mãos enquanto seu relógio do computador mostrou que eram cinco e dez. Um tremor ansioso passou por ela, pois temia que Adrian pudesse ter mudado de ideia sobre sair com ela.

Respirando fundo buscando coragem, ela fechou seu computador, em seguida, caminhou a curta distância até o escritório de Adrian.

Ele estava de costas para ela enquanto digitava como um relâmpago em seu teclado, falando ao telefone. — Está ligado, — disse ele. — Tudo está limpo... Não, eu corri os logs, a partir de ontem, nós já limpamos setecentos mil dólares em encomendas desde o final de outubro... Sim, ele disse com uma risada leve. — Feliz Natal para você também.

Ele desligou o telefone, e ela o viu esfregar a mão sobre os olhos, como se ele tivesse uma dor de cabeça. Seu celular tocou. Sem perder o passo, ele atendeu.

— Oi, Tiffany, — disse ele à sua diretora de marketing. — Sim, eu vou ficar aqui por mais alguns minutos. Eu estava pensando em implementar a sua mudança depois do Natal, uma vez que há uma boa chance de que poderia retardar o acesso ao site. — Ele ouviu enquanto trabalhava e Sam balançou a

cabeça.

O homem era simplesmente incrível. Ela não sabia como ele conseguiu ficar em cima de tudo, mas ele fazia.

Ele empurrou sua cadeira para trás de sua mesa do computador e girou-a em torno da mesa em frente a ela. Enquanto seu olhar caiu sobre ela, ele sorriu aquele sorriso de lobo que fez seu sangue correr. Ela sentiu uma pontada viciosa de desejo, direto através de seu íntimo.

Alcançando uma pilha de relatórios, ele virou para uma das páginas do meio. — Ok, ele disse a Tiffany. — Eu vou cuidar disso logo no início da manhã.

Ele desligou o telefone. — Desculpe por isso, — disse ele a Sam. — Eu não sabia que você estava aí. Só me dê um segundo, eu vou acabar isso, e nós podemos sair.

Sam soltou um suspiro aliviado. Graças a Deus, ele não havia mudado de ideia. Ela moveu-se em seu escritório e sentou-se contra a janela, enquanto esperava por ele. — Fizemos realmente setecentos mil dólares desde o Dia das Bruxas?

Ele acenou com a cabeça. — Nós devemos facilmente atingir um milhão até o Natal. Ele lhe deu outro sorriso. — Devemos obter bônus agradáveis.

O dinheiro não importava para ela. Enquanto tivesse o suficiente para cobrir seu carro e aluguel, estava completamente feliz. Mas estava feliz pelo amável Adrian. O seu Web site de e–commerce, business-to-business era seu orgulho e alegria, e ele levou várias críticas de seus superiores quando o site não funcionava da maneira como eles pensavam que deveria.

Sam olhou para cima enquanto Tiffany atravessava o escritório de Adrian. — Adrian, Tiffany choramingou quando ela olhou para Sam, sem reconhecê-la. Magra, alta e linda, Tiffany deveria ter sido um modelo. Tudo o que a loira de pernas longas tinha que fazer, era bater seus cílios, e cada indivíduo no edifício deixaria o que estava fazendo e correr para seu lado.

E cada vez que Sam ficava perto dela, ela se sentiu como um troll em comparação.

— Adrian, — disse Tiffany novamente. — Eu recebi um e-mail de um cliente querendo saber por que ele tem que entrar com sua senha toda vez que ele quer pedir algo. Ele quer que isso seja corrigido para que ele possa fazer apenas uma opção de ordem com um clique. O que devo dizer a ele?

Adrian não se deteve em sua digitação enquanto respondia. — Isso é uma garantia para salvar a sua bunda, caso um de seus funcionários descontentes sinta-se incomodado, e decida fazer um pedido no valor de vários milhares de dólares em mercadorias e carregá-lo para a sua conta.

Tiffany revirou os olhos para o sarcasmo de Adrian. — Bem, ele diz...

— Eu não dou a mínima para o que ele diz, — disse Adrian com calma.

Sam mordeu o lábio enquanto o rosto de Tiffany corava de vermelho brilhante. Isso era a única de falha de Adrian. O homem não era sutil, e ele sempre falava o que estava na sua mente, as consequências que se danassem.

— Essas salvaguardas existem para sua proteção, — ele continuou, — e eu não estou a ponto de alterá-lo uma vez que ele vai ser o primeiro a queixar-se quando ele se ferrar.

Tiffany bateu o pé. — Você poderia olhar para mim quando você estiver falando comigo?

Sam arqueou as sobrancelhas enquanto Adrian virava seu rosto com um olhar, que deveria ter enviado Tiffany para a execução. Para seu crédito, tudo que ele disse foi um simples: — Sim?

— Eu preciso de uma resposta de mais tato para ele do que isso. Ela estreitou seus olhos azuis para ele. — Olha, eu sei que você pensa que você é dono desse site, mas a última vez que chequei, você era apenas mais um lacaio aqui como o resto de nós.

Ele respirou fundo, enquanto o seu Pager e telefone tocaram. — Eu vou lhe dizer o que você vai dizer a ele, — ele disse em um tom de autocontrolado, — já que eu sou um lacaio aqui como todos os outros, por que você não vem à meia-noite para deixar um comunicado à imprensa, porque o homem que assina nossos cheques quer que ele vá ao vivo exatamente nesse horário? — Ele pegou seu telefone do seu

cinto.

Ele verificou o identificador de chamadas, abriu-o, e disse: — Scott, que não é um hacker. Estou validando o PHP.

Adrian desligou o telefone. — Agora, senhorita Klein, se você quiser uma resposta mais diplomática, favor encaminhar o e-mail para mim e eu vou responder eu mesmo.

Jogando seu cabelo por cima do ombro, Tiffany olhou para ele. — Eu quero uma cópia de sua resposta.

— Sim, mamãe.

As narinas de Tiffany queimavam. Virando-se por sobre os saltos altos vermelhos, ela saiu de seu escritório. Mas, enquanto ela saia, Sam a ouviu murmurando baixinho: — Maldito, maldito.

Ela não podia dizer se Adrian ouvira. Ele simplesmente olhou para o Pager, em seguida, pegou um dos relatórios e virou a cadeira para trás em torno de seu computador.

— Você deve se cansar de tudo isso, — disse ela em voz baixa.

— Eu estou acostumado com isso, — ele disse simplesmente enquanto começava a escrever novamente.

Sam balançou a cabeça. Pobre Adrian. Ele não tinha permissão para ficar doente. Lembrou-se no verão passado, quando ele teve pneumonia. Foi forçado a arrastar-se para trabalhar para corrigir algum problema que ninguém mais poderia resolver.

O homem precisava de uma pausa.

E como ela desejava que ousasse se levantar de sua cadeira, ir até ele e massagear esses largos, ombros tensos. Ela podia imaginar a sensação de seus músculos magros sob sua mão, a vista dos seus belos traços relaxados.

Ele seria de tirar o fôlego.

Sam, você tem que parar de fantasiar. O garoto prodígio nem sequer sabe que você está viva.

Mesmo que fosse verdade, ela queria as coisas fossem diferentes entre eles. Adrian foi o primeiro cara que ela já conhecera, a quem realmente poderia se ver tendo filhos com ele. Ela adoraria ter uma casa cheia de nerds altos que eram inteligentes.

Foi um total de dez minutos antes que Adrian finalmente desconectasse o seu computador. Levantou-se e encolheu os ombros em sua jaqueta azul de esqui desbotada.

— Vamos lá, — ele disse a ela. — Vamos fazer uma corrida louca até a porta antes que alguém me chame.

Ela riu, sabendo que não era uma piada.

Ele trancou seu escritório, em seguida, eles se dirigiram para fora para o estacionamento mal iluminado.

— Por que você não vem comigo? — Ele perguntou quando ela começou a andar até o Honda prata. — Você é a única pessoa no departamento que não andou no Vette.

Oh, não me tente, homem cruel. Ela não tinha andando em seu Corvette, porque ela não podia suportar a ideia de estar tão perto dele, e não ser capaz de tocar aquele corpo maravilhoso. — Sim, mas você vai ter que me trazer de volta aqui.

— Eu não me importo.

Sam mordeu o lábio enquanto seu pulso disparava. *Não faça isso! Não se torture*.

Mas um olhar para suas feições esculpidas pelas luzes da rua, e ela estava viciada. — Tudo bem, disse ela com uma indiferença que não sentia.

Ele abriu a porta do lado do passageiro para ela, em seguida, fechou-a depois que ela estava dentro. Sam respirava irregularmente. Nunca um homem fizera isso com ela antes.

Adrian ficou no outro lado, e ela teve que morder de volta um sorriso ao vê-lo enfiando o seu longo corpo dentro do carro.

— Não diga nada, — disse ele enquanto colocava a chave na ignição. — Heather já me disse que eu pareço um gafanhoto em uma casca de amendoim.

Ela não pôde deixar de rir com isso. — Desculpe-me, — ela disse, limpando a garganta enquanto ela olhava para os lados. — Eu não teria rido se não tivesse dito isso.

Sam recostou-se no assento de couro preto e inalou o perfume quente, picante dele. Deus do céu, mas aquele cheiro masculino a deixava tonta e quente. Ela adoraria nada mais do que inclinara a mão para parte de trás do seu pescoço, e beijar aqueles lábios cheios e sensuais.

Adrian ligou o carro e fez o seu melhor para ignorar o quanto era bom ter Sam o olhando e sentada ao lado dele. Ansiava para chegar a sua mão até onde ela tinha as pernas ligeiramente separadas e acariciar sua coxa.

Oh, sim, ele já poderia sentir o jeans e sua carne na palma da mão. E então, ele imaginou onde gostaria de colocar as suas mãos em seguida.

Nas coxas abertas entre as pernas dela.

Apertando os dentes, ele podia vê-los trancados em um beijo, sentir suas mãos deslizando sobre ele enquanto ele a despia.

Já fazia muito tempo desde que ele tinha feito em um carro, mas, pela primeira vez desde o colegial, ele achou a ideia atraente.

Uma onda de luxúria atravessou-o enquanto se mexia desconfortavelmente em seu assento.

Ela havia tirado aquela fivela estúpida de seu cabelo e o os escova com a mão de modo que agora, seu cabelo caiu em torno de seu rosto, enquadrando-o à perfeição. E o estava torturando-o.

Saindo do estacionamento, ele foi em direção Hickory Hollow Mall. Ele ainda não tinha andando alguns quilômetros quando notou Sam tensa em seu assento. — O que há de errado? — Questionou.

Ela estremeceu quando ele mudou de faixa. — Você sabe Adrian, este não é um jogo de vídeo, e os carros não evaporam, se você atingi-los. Caramba, você dirige como se tivesse desejo de morte.

Ele riu e reduziu a sua velocidade. — Vamos lá, metade da diversão deste carro está em empurrar os seus limites.

Ela benzeu-se. — Eu espero que você tenha um seguro de vida muito bom.

Ele tinha, mas não havia ninguém para colher os benefícios dos mesmos. E era um de seus maiores arrependimentos. Ele nunca fora o tipo de cara que namorasse muito. Tendo o cuidado de sua mãe, irmã, e ainda o trabalho, deixaram muito pouco tempo para se socializar.

Não que isso importasse. Assim que ele abria a boca e dizia alguma coisa, a maioria das mulheres tinha um olhar vazio, atordoado em seus rostos e olhava para ele como se ele estivesse falando uma língua estrangeira.

Mas não Sam. Ela entendia mesmo suas referências mais obscuras.

— Adrian! — Ela estalou como se estivesse sendo cortado. —Isso é um caminhão!

Ele pisou no freio. — Não se preocupe, eu não me atrevo a morrer antes de eu colocar o relatório de Natal no ar. E mesmo que eu morresse, eu tenho certeza que Randy estaria na casa funerária com um laptop me pedindo para cuidar de uma coisa de última hora. — Você não é engraçado, — disse ela, mas ela estava sorrindo. — Você realmente tem que ir mais tarde e fazer isso?

— Infelizmente, sim. Adrian dirigiu-se para Bell Road. — Quer comer primeiro?

— Claro.

— O que você está com vontade de comer?

— Qualquer coisa.

— Que tal Olive Garden? — Ele perguntou, sabendo que era um de seus favoritos.

— Parece ótimo.

Adrian entrou no estacionamento, em seguida, foi abrir a porta para ela, mas ela já estava saindo. Ela olhou para cima e sorriu. — E eles dizem que o cavalheirismo está morto.

— Você não deixa ninguém fazer nada por você, não é? — Questionou.

— O que eu posso dizer? Meus irmãos fizeram um bom trabalho.

Adrian balançou a cabeça. — Eu não posso acreditar que sua mãe não os repreendia para que fizessem mais para você.

— Ela poderia ter feito se estivesse em casa, mas como ela tinha que trabalhar o tempo todo depois que meu pai nós deixou, era praticamente só nós.

Adrian colocou as mãos nos bolsos de trás, para evitar subconscientemente tocá-la.

Deus, como ele a queria. Ela mal chegava aos seus ombros e cada vez que ele estava tão próximo dela, ele tinha o pior desejo de segurá-la em seus braços e enterrar o rosto em seu pescoço, onde ele poderia inalar o cheiro doce de sua pele.

Apertando os dentes, tentou banir o pensamento de colocá-la em sua cama, e passar o resto da noite a explorar seu corpo. Devagar. Meticulosamente.

Ele abriu a porta do restaurante e deixou-a entrar primeiro. Quando ela passou por ele, olhar dele se arrastou para baixo, para a parte de trás do corpo dela e se focou em seus quadris redondos. Sua virilha instantaneamente se endureceu. Graças a Deus, ele usava jeans.

A atendente os levou para uma mesa na parte de trás. Adrian hesitou enquanto Sam se sentava. Seu primeiro impulso foi sentar-se ao lado dela, mas sabia que não seria apropriado. A única vez que ele fizera isso, foi quando todos eles saíam para o almoço, e ele sempre fez questão de ser o único a sentar-se mais próximo a ela.

Seu intestino se apertou quando outra onda de desejo o atingiu, obrigando-o a ficar no lado oposto dela.

— É estranho estar aqui sem os caras, — disse ela enquanto olhava por cima do cardápio.

Adrian olhou para ela enquanto ela lia o cardápio. Ele não sabia por que ela se incomodava em ler, pois sempre pedia um *Manicotti Formaggio*, e ele amava o jeito que ela dizia isso. Ela rolava a língua como se fosse por causa de um uísque suave.

Sam apertou as mãos no cardápio quando sentiu o olhar de Adrian sobre ela. Nervosa com a sua intensidade, ela tentou cruzar as pernas, mas acabou chutando-o debaixo da mesa. — Eu sinto muito, — ela engasgou quando ele fez uma careta.

— Está tudo bem, — disse ele, chegando por baixo da mesa para esfregar sua perna. — Eu ocupo muito espaço.

— Não brinca, eu mataria para ser alta.

— Eu não sei por que. Eu acho que você tem um tamanho perfeito.

Ela olhou para ele, por seu elogio inesperado. Ele limpou a garganta e baixou o olhar para o seu menu.

Depois que eles pediram, sentaram-se em um silêncio constrangedor.

Sam tomou um gole de sua bebida enquanto tentava pensar em algo para dizer a ele. Normalmente, eles nunca tiveram dificuldade em encontrar coisas para falar e rir de novo. Mas esta noite, ela estava totalmente consciente dele. Um pouco nervosa por estar a sós com ele, sabendo que não havia ninguém aqui para vê-la se ela se esticasse e alcançasse a mão dele.

Ninguém para ver se ela...

— Você decidiu chamar aquele cara sobre a programação de posição? — Ela perguntou, lembrando-se do currículo que ele tinha dado a ela para rever essa manhã.

— Decidi, apesar de que o meu primeiro impulso foi jogá-lo fora.

— Por que?

— Prezada Sra. Cole, — disse ele, curvando o lábio. — Eu odeio quando alguém erra meu sexo. É a razão pela qual eu chamei você tão rápido, quando enviou o seu currículo. Você é a única que não cometeu esse erro. Eu sabia que tinha que ser brilhante.

Ela sorriu. — Sim, bem, eu tenho que dizer que fiquei perplexa, e é por isso que eu escrevi ‘Prezado Adrian’. Eu achei que você tinha que ser um cara, uma vez há poucas mulheres programadoras, mas apenas no caso de que você não fosse, eu não queria que se zangasse.

— Obrigado, mãe, — ele murmurou amargamente. — Não foi ruim o suficiente que ela tenha me passado os genes daltônico, oh-tão-maravilhoso, mas ela tinha que me amaldiçoar com um nome desgraçado.

— Se você o odeia tanto, por que não usa o seu nome do meio?

— Porque é Lesley.

Sam sentiu sua mandíbula relaxar. — Sua mãe te chamou de Adrian Lesley Cole?

Ele acenou com a cabeça. — Ela realmente queria uma filha. Quando a enfermeira disse que ela teve um filho, ela disse à enfermeira para verificar novamente. — Isso não pode estar certo, — ele disse em um falsete, zombando de um sotaque sulista.

Ele estava falando sério?

— Você sabe, — disse ela. — Eu realmente gosto do nome Adrian. Eu acho que combina com você.

Ele bufou. — Puxa, obrigado pela afronta à minha masculinidade.

— Não, — ela disse com uma risada. Não havia absolutamente nada feminino sobre ele, ou em suas feições. — Você apenas tem um olhar clássico, romântico, como o herói de um filme de época.

Ele parecia um pouco envergonhado em seu elogio. Sam baixou o olhar para baixo para suas mãos novamente e observou a maneira como ele arrastava os hashis através de seus longos dedos. Oh, ela adorava aquelas mãos.

Como desejava ter a coragem de estender a mão e cobri-las com a dela. Mas estava com medo do que ele pudesse fazer. Medo de ele rejeitá-la, porque no seu coração, ela sabia que já tinha se apaixonado por ele. Ela precisava ser capaz de vê-lo todos os dias. Precisava sentir sua presença, mesmo que fosse à distância.

Não, ela nunca teria alguma chance com ele. Ele era o chefe dela, e ela teria que satisfazer -se em ser apenas seu amigo.

Assim que terminou o jantar, Adrian levou-os pela rua até o shopping. Sam levou-o a seção da Dillard dos homens, à procura de coisas que ela pensou que ficariam sexy nele.

Ela fez uma pausa quando encontrou uma pilha de calças jeans de botão, sem zíper. — Sabe, estas ficariam muito bem em você.

Adrian não perdeu o brilho nos olhos dela. Ele odiava jeans de botão, mas se Sam gostava deles...

— Eu preciso de uma cintura de trinta e duas polegadas e de cavalo trinta e seis.[21]

— Oh, meu Deus, você é alto.

Ele riu. — Eu sei e é um saco encontrar roupas. Mas se você puder localizar um par nessa confusão, vou experimentá-los.

Ela conseguiu. Adrian enfiou-os debaixo do braço enquanto a seguia ao redor e fazia o seu melhor para não ser muito óbvio por babar em cima dela.

— Você não vai me colocar em alguma coisa estranha, não é? — Ele perguntou, desconfiado quando ela parou de olhar para uma prateleira de blusas com decote em V. — Eu posso não ser capaz de ver as cores, mas eu sei que caras não usam rosa, ou tons pastéis. E, por favor, nada de amarelo brilhante, porque eu não suporto piadas sobre luz de poste

— Eu não faria isso com você. Estou pensando em preto e azul escuros. Talvez vermelho. Você parece que fica muito bem de vermelho.

Ele sorriu. — Sério? Como assim?

— Muito bom. — Ela puxou sua camisa. — Mas eu não gosto de suas camisas xadrez. Eles fazem você parecer um lenhador.

Ela reparou nele! Adrian queria gritar de felicidade. Não podia acreditar que ela realmente havia olhado para ele.

— Então, o que — ele teve que morder de volta a palavra *você* para que não saísse — as mulheres querem em um homem?

— Não aos jeans folgados, — disse ela, olhando para o seu traseiro e fazendo-o ainda mais quente. Mais duro.

Sua respiração ficou tensa, era tudo o que podia fazer, para não puxá-la para ele e descobrir exatamente qual o gosto dos lábios dela.

— Eu não sei quem teve a ideia, — ela continuou, mas eca. As mulheres gostam de ver um homem...

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Não importa. Eu estou tendo um caso estranho de *déjà vu*.

— Por quê?

— Eu costumava comprar roupas para meus irmãos e sempre entravamos em discussões semelhantes. Ela passou o olhar por ele. — Sem ofensa, mas você poderia realmente passar por uma reforma.

Adrian hesitou. Talvez se ele permitisse, ela pode ser um pouco mais receptiva à sua...

Você é o chefe dela.

Sim, mas ele gostava dela mais do que nunca havia gostado de qualquer outra mulher. Ela o fazia rir... o fazia feliz toda vez que ela olhava para ele.

Melhor ainda, ela o fazia queimar.

— Você faria isso? — Ele perguntou, antes que pudesse se conter.

— Você me deixaria? — Ela perguntou incrédula.

— Claro, contanto que você não pinte minhas unhas de rosa pálido.

Ela franziu o cenho. — O que?

— Heather fez isso comigo na escola como uma brincadeira. Uma noite, enquanto eu estava dormindo, ela se esgueirou para o meu quarto e pintou minhas unhas. Eu não percebi até que cheguei à escola no dia seguinte e as pessoas começaram a rir.

— Por que a sua irmã faria isso para você?

Ele deu de ombros. — Ela não fez nenhum dano real. Ela é apenas impulsiva, e nunca parece pensar antes de agir.

Sacudindo a cabeça, Sam procurou através de um rack de camisas de abotoar negras, enquanto ela pensava sobre o que ele disse. — Ela realmente pintou suas unhas?

— Sim.

— Meus irmãos teriam me matado.

— Sim, bem, ela é minha irmã mais nova. Minha mãe sempre disse que meu único trabalho era protegê-la, não pulverizá-la.

Afetada pelo sentimento de proteção dele, ela estendeu a mão sem pensar e tocou em seu braço.

O coração dela parou.

Puta que o pariu!

Até esse momento, ela pensava que ele era magro como sua irmã, mas não havia nada fino sobre o braço. Seus bíceps eram mais duros do que um tijolo mesmo quando relaxado.

— Tudo bem, — disse ela, tentando distrair-se do músculo delicioso. — Remodelação sem esmalte de unha.

Sam escolheu várias camisas e calças jeans, em seguida, levou Adrian para experimentá-los. Ela estava ocupada olhando através de outro rack, quando sentiu alguém atrás dela.

Virando-se, ela congelou. Adrian estava no espelho do lado de fora do provador com seu suéter levantado, quando ele puxou a parte de trás de sua calça jeans. — Eu não sei sobre esses, — disse ele.

Ela apenas vagamente registrou suas palavras. Porque ela estava cativada por ele. O jeans desbotado segurava um traseiro tão apertado e bem formado, que a deixava doente para tocá-lo.

Ele estava vestindo uma camisa preta com decote em V que se agarrava a seus ombros largos, bíceps e peitoral. E pior, a bainha da camisa estava levantada até onde ela podia ver o abdômen liso e duros e cabelos castanhos escuros ondulando em torno de seu umbigo.

Oh... Meu... Deus. O homem tinha o corpo de um ginasta bem tonificado. Por que ele havia mantido esse gostoso corpo escondido, estava foi dela.

— Amigo, você tem barriga tanquinho! — Disse ela antes que pudesse se conter.

Adrian encontrou seu olhar no espelho. — O que?

Ela fechou a distância entre eles e levantou a bainha da camisa um pouco mais alto, enquanto olhava com admiração para aquele órgão. — Você tem abdômen! Todo o pacote de seis deles[22]. Ela olhou para ele. — Você não conseguiu isso no computador.

— Bem, não. Eu faço outras coisas de vez em quando.

Sem brincadeira.

E logo em seguida, houve uma série de outras coisas que queria fazer com ele. Começando com os duros músculos do abdômen e trabalhando seu caminho para cima e para baixo, pelo corpo suado, bronzeado. — Se eu fosse você, eu iria queimar todas aquelas calças jeans e camisas de grandes dimensões, assim que chegasse a casa.

— Você gosta desses jeans?

Mordendo o lábio, ela balançou a cabeça.

De repente, Adrian gostava deles também. Mas o que ele mais gostava era a fome que via nos olhos dela, a sensação de sua mão contra seu estômago. Isso enviava arrepios por todo o corpo.

Era tudo o que podia fazer para não beijá-la.

Pior, uma imagem dela deitada nua debaixo dele rasgou através dele. Ele fechou os olhos, enquanto sua respiração vacilava. Ele a queria tanto, ele já podia sentir a umidade dos lábios dela. Sentir a suavidade dos seios fartos em suas mãos.

Uma necessidade crua provocava tal dor, que o rasgava.

Sam olhou para cima e percebeu o olhar aquecido em seus olhos. Ele tinha os lábios entreabertos. E ela se tornou muito consciente do fato de que ela ainda estava segurando a camisa na mão, e estava tão perto de sua barriga dura, que podia sentir o calor de seu corpo.

Seus seios se apertavam enquanto uma onda de luxúria a chamuscava.

Por favor, me beija...

Mas ele não a beijou. Ele engoliu em seco e deu um passo para trás.

Sam suspirou. O que ela estava pensando? Caras lindos e inteligentes como Adrian não namoravam colegas de trabalho gordas. Eles eram amigos, pura e simples. Nunca poderia haver nada entre eles.

No momento em que eles terminaram, Adrian estava quase mil dólares mais pobre, mas ele tinha um guarda-roupa todinho novo. E se isso iria manter Sam olhando para ele como ela estava fazendo, ele decidiu que valia a pena cada centavo.

Ele se transformou colocando uma camiseta, uma camisa e jeans antes de partirem.

Sua próxima parada foi no Mastercuts[23]

[24] Barbearia

. — O que há de errado com meu cabelo? — Ele perguntou quando ele se sentou na cadeira.

— Nada, Shaggy-Doo[24], — disse Sam, brincando enquanto passava a mão pelo cabelo. Seu corpo inteiro explodiu em fogo, enquanto saboreava seu leve toque contra o seu couro cabeludo. — Eu amo a cor marrom e cachos. Com o corte certo, você iria parar o trânsito.

Sam assistia ao lado de sua cadeira, enquanto a esteticista aparava seus cachos de seda em um corte mais curto que parecia incrivelmente sexy e elegante.

Ah, sim, agora ele estava cozinhando. Ela o olhava com admiração enquanto a mulher enchia de mousse seu cabelo.

— Agora isso é que uma ótima aparência, — Sam disse a Adrian. — Você deveria se livrar desse cavanhaque.

— Você odeia meu cavanhaque? — Ele perguntou horrorizado.

— Só para registrar, — Sam disse quando encontrou seu olhar no espelho, — todas as mulheres odeiam cavanhaques.

A esteticista concordou. — Ela está certa. Eles são desagradáveis.

Adrian acariciou seu cavanhaque com o polegar. — Sério? Você não acha que é viril?

— Você acha um bode é viril?

— Oh, obrigado Heather.

Os olhos de Sam brilharam.

Adrian pagou pelo corte e pela a garrafa de mousse que Sam insistiu que seria melhor usar, mas, pessoalmente, preferia enfiar um par de pinças em uma tomada elétrica.

Rapidamente noite acabou e ele teve que levá-la de volta para seu carro.

— Obrigado, — ele disse quando ela entrou em seu Honda. — Eu realmente gostei pela sua piedade com relação às minhas roupas.

— O prazer foi meu.

Deus, ele queria beijá-la. Ele olhou para os lábios, tentando imaginar qual seria o gosto. Ele daria tudo para ter uma noite com ela. Para afundar-se profundamente entre as coxas macias, enquanto ela o abraçava e gemia em seu ouvido.

Então, novamente, uma noite com ela nunca seria suficiente.

— Tenha cuidado, — ele disse, com a voz rouca. — Qual a distância de Spring Hill a partir daqui?

— Uns 50 minutos.

— Puxa, eu não deveria tê-la segurado tanto tempo. Faça-me um favor e ligue no meu celular e deixe-me saber quando você chegar a casa, ok?

— Tudo bem.

Adrian se obrigou a fechar a porta do carro. Ele se afastou de seu carro quando ela o ligou. A luz do painel de controle iluminava seu rosto enquanto ela se dobrava lá dentro.

Nesse momento, ele ansiava por algo que ele sabia que nunca poderia ter.

Ela.

Ela olhou para cima e acenou. Ele retribuiu o gesto, em seguida, viu quando ela foi embora. Seu coração estava pesado, e sentindo-se duas vezes tão solitário quanto estivera antes, entrou em seu carro.

Adrian congelou quando ele estendeu a mão para a ignição. Ele ainda podia sentir o cheiro seu perfume floral no ar. Respirando fundo, ele adorou e sonhava em ser capaz de enterrar o rosto em seu pescoço, onde pudesse respirar ela todas as noites. E nesse momento, ele tomou uma decisão.

Certo ou errado, a política da empresa que se danasse, ele ia encontrar alguma maneira de fazê-la sua.

2

— Ei, Sam, você poderia vir aqui por um minuto?

Sam se encolheu enquanto Tiffany a assaltava para fora da cantina às dez horas da manhã. — O que você precisa?

Tiffany bufou em agitação. — Adrian ainda não está aqui...

— Isso é porque ele estava aqui das 23h30 ontem à noite até às três horas da manhã. Eu imagino que ele está dormindo.

— Tanto faz. Eu tenho que responder ao cliente da Waverley Valley, e ele ainda tem que me enviar seu e-mail.

Sam apertou os lábios para não rir. Oh, ele tinha escrito o e-mail correto. Ele tinha respondido as queixas do cliente, ponto por ponto, com o sarcasmo mais hilariante que já havia lido. E a última linha do que havia escrito: — Deus salve a deusa Discórdia no dia em que deixar vinte e dois funcionários adolescentes do Lorde Cabeça de Osso, terem a capacidade irrestrita de fazerem pedidos em nosso sistema.

Adrian estava amotinando.

E na parte inferior do e-mail, ele tinha colado na resposta muito mais profissional que havia enviado para o seu cliente.

— Eu sei que ele escreveu, — disse Sam a sério. — Tenho certeza que ele vai enviar uma cópia assim que ele chegar.

— Bem, é melhor que ele faça, ou eu falarei com Randy sobre o assunto. — Tiffany olhou para o corredor, deu duas vezes uma olhada, em seguida, ficou boquiaberta.

Sam virou a cabeça para ver o que estava acontecendo.

Ela congelou com a visão.

Oh, meu.

Como todas as outras mulheres no corredor, Sam foi paralisada por Adrian e sua sexy arrogância, que vinha em sua direção. Vestido todo de preto, exceto pela dica de sua camiseta branca espreitando para fora do V de sua camisa preta de botão costurado, ele estava deslumbrante.

A jaqueta de couro preta que lhe tinha falado, parecia ainda melhor nele do que ela tinha imaginado que ficaria.

Seu cavanhaque havia ido embora e o novo corte de cabelo lhe dava um olhar profundamente poético para suas feições. Ele usava um par de óculos Wayfarer[25], e quando ele sorriu, ela viu covinhas profundas que haviam sido mascarados todo esse tempo por seus bigodes espessos.

O homem era seriamente quente.

Regina, a recepcionista, estava indo para sua mesa, quando ela passou por ele. Virando a cabeça para vê-lo, ela olhou tão atentamente em sua traseira que ela foi direto para a parede.

Alheio às mulheres escancaradas à sua volta, Adrian foi direto até Sam.

— Bom dia — disse ele, piscando aquelas covinhas enquanto ele tirava os óculos escuros.

— Bom dia, — Sam disse, surpresa com o quão normal, sua voz soou dada a quantidade de estragos que seu novo visual tinha sobre seus sentidos. Agora que ele estava tão perto, ela podia sentir o cheiro do couro e de sua loção pós-barba Old Spice. Hum. Seu corpo inteiro queimava.

— Oh, Adrian! — Tiffany jorrou enquanto girou uma mecha de cabelo loiro em torno de seu dedo indicador. — Nós estávamos falando sobre você.

Adrian arqueou uma sobrancelha para ela. — O que eu fiz agora?

— Oh, não foi nada de mal. Eu só estava perguntando sobre aquele chato e-mail, mas eu sei que você está ocupado. Então, leve o tempo necessário e, quando estiver pronto, eu vou cuidar dele para você.

Meu, como sua canção mudou, Sam pensou irritada. *Por que acontece isso, você encontra um bom homem, transforma-o, e então os abutres começam a mergulhar em cima dele?*

A vida não era justa.

— Eu mandei o e-mail ontem à noite, — disse Adrian.

— Que estranho, — disse Tiffany com uma careta obviamente praticada. — Eu não vi isso na minha caixa de entrada.

— Você se esqueceu de configurar o seu e-mail pessoal para os servidores da empresa de novo?

— Oh, — disse Tiffany, acariciando-o de leve no braço enquanto ria e o acariciava. — Que bobagem a minha. Você sabe, eu apenas não consigo manter todas essas coisas de computador direto na minha cabeça. Eu realmente ficaria feliz se você me mostrar como corrigir isso.

— Vou mandar Scott te ajudar.

Seu telefone tocou. Adrian respondeu enquanto Tiffany correu um olhar faminto sobre seu corpo.

Sam queria sufocá-la. — Você não tinha que fazer algo? — Ela perguntou à Tiffany.

Tiffany a encarou até que Adrian desligou, então ela sorriu docemente para ele. — Se você tiver um minuto, agora...

— Na verdade, eu não tenho. Eu preciso falar com Sam. Pode nos desculpar?

— Ah, com certeza. Tenho certeza de que vocês, sem ofensa, Sam — ela disse varrendo um olhar

duro para Sam antes de dar a Adrian um sorriso de adoração, — tem problemas de computador para falar. Vejo-te — ela pontuou a palavra tocando Adrian no peito. — Mais tarde

Sam teve que se esforçar para não espancar Tiffany.

Assim que eles estavam sozinhos, Adrian inclinou-se para sussurrar em seu ouvido. — Eu usei as cores certas juntas, não foi? — Questionou.

— Oh, sim, — Sam respirou enquanto duas mulheres que estavam olhando para Adrian colidiram atrás dele.

Ele soltou um suspiro de alívio. — Eu estava tendo um flashback da Heather malvada, quando cheguei à porta e três mulheres olharam para mim e começaram a rir.

Sam podia imaginar isso. Ela sentiu-se tonta.

Adrian coçou o queixo com a mão. — E eu não tenho certeza sobre o rosto. Eu sempre tive uma barba ou bigode desde que eu tinha dezessete anos. Eu me sinto realmente nu.

Naquele momento, ela desejou que ele estivesse nu. Nu e em seus braços fazendo uma coisa selvagem com ela. — Você não deveria.

— Você tem certeza que não me pareço com uma garotinha? Porque eu realmente não quero que os rapazes no projeto, comecem a me seguir.

— Oh, não, — ela disse com uma risada. — Não há nada feminino sobre a maneira como você se parece.

— Tudo bem, mas se os caras começam a me assediar, eu poderia ter que demiti-la.

Ela riu da ameaça vazia.

Seu telefone tocou novamente e Regina o bipou

— Já começou, — disse Sam.

— Já? O inferno começou há duas horas, e é por isso que eu vim, — ele murmurou enquanto ele abria seu telefone e se dirigia para o seu escritório.

Sam mordeu os nós dos dedos enquanto o observava em pé. Ela correu um olhar lascivo por suas costas magra e traseiro bem formados. Uma imagem daqueles músculos planos a atormentava, e era tudo que ela podia fazer para não segui-lo em seu escritório, trancar a porta, e mantê-lo lá até que ambos estivessem suados e cansados.

— Yo, A- dri - an! — Scott o chamava quando ele passava pela baia de Sam.

Sam se encolheu, sabendo o quanto Adrian odiava que alguém fizesse isso com ele.

— O que? — Ele estalou quando enfiou a cabeça sobre a baia de Randir.

— Oh, — disse Scott. — Você não está em seu escritório. Eu queria saber o que estamos fazendo para o almoço de hoje?

— Nós não discutimos isso.

— Bem, são 11h30 e eu estou morrendo de fome. Vamos discutir isso.

Adrian espiou por cima do muro da baia para olhá-la. — Sam, você vem?

— Depende de onde você vai.

— Bem, — disse Scott para Adrian. — Eu queria saber se sua irmã está trabalhando no Chik -Fil-A hoje. Estou quebrado, por isso, se ela nos atrasar novamente, realmente vou ficar feliz.

— Seu preguiçoso, — disse Randir. — Eu vou arrancá-lo de lá, e matá-lo.

Adrian riu quando ele pegou o telefone e ligou para lá. — Ei, Mark? É Adrian. Hoje Heather trabalha aí?

— Ei mana, — disse Adrian depois de uma breve pausa. — Scott está quebrado e queria saber se você pode alimentá-lo de novo? Ok, vamos vê-la em breve. — Desligando, ele olhou para Sam. — Chik -Fil-A?

— Claro, eu vou.

— Eu vou dirigindo, — disse Jack da baia em frente a ela. — Estou com a minivan hoje. Mas eu aviso, ela está cheia de brinquedos.

Os seis reuniram suas coisas e se dirigiram para a porta. Adrian ficou ao lado dela, em seguida, chegou um braço em sua direção.

Sam congelou em antecipação nervosa, enquanto parecia que ele estava prestes a colocar o braço em torno dela, então ele inclinou-o rapidamente e passou a mão pelo cabelo.

Desapontada, ela fez tudo o que podia fazer para não fazer beicinho.

Adrian amaldiçoou a si mesmo quando ele percebeu o que ele quase havia feito. E no trabalho não... Opa. O que estava errado com ele?

Mas então, ele sabia. Sam havia furtivamente olhado para ele durante toda a manhã.

E ele amou cada minuto.

Jack destrancou a van. Sam sentou-se ao lado do condutor e Adrian rapidamente sentou-se ao lado dela. Quando ela olhou para cima e sorriu, ele sentiu como se alguém tivesse lhe dado um soco bem no intestino.

— Eu realmente gosto dessa jaqueta, — ela disse a ele.

— Oh, Adrian, — Scott brincou do assento do passageiro da frente, enquanto Jack ligava a van. — Você está tão bonito hoje, — balbuciou. — Posso dar um passeio em sua máquina de orgasmos depois do trabalho?

— Será que devo deixar os dois sozinho? — Disse Sam.

— Está tudo bem, — disse Adrian enquanto pegava um Game Boy do banco e ligava. —Eu vou disparar na bunda dele depois do almoço.

Adrian jogava Centipede enquanto Sam e os rapazes trocavam insultos. Ele os ouvia, o tempo todo olhando de soslaio para Sam. Cara, como ele amava o modo como seus olhos brilhavam quando ela ria.

Assim que chegaram ao shopping, eles se dirigiram para a praça de alimentação. Eles tinham acabado de entrar na área quando Sam avistou Heather em pé ao lado de uma mesa com um cara vestido com uma jaqueta de couro de motocicleta. Ele parecia ter a barba preta de três dia sobre o rosto, e um aperto de morte no braço de Heather.

Sam prendeu a respiração.

A raiva desceu sobre o rosto de Adrian quando ele correu em direção a eles.

— Josh, — disse Heather com uma voz cheia de dor, tentando erguer a mão do homem fora de seu braço. — Você está me machucando.

— Eu vou fazer mais do que isso, se...

— Solte-a, Adrian rosnou quando ele agarrou a mão de Josh e a retirou do braço de Heather. Ele empurrou o homem para trás.

Josh deu um sorriso de escárnio sobre o corpo de Adrian, mas não havia medo em seus olhos quando ele mediu o tamanho de Adrian. — Olha, amigo, isso é entre mim e minha mulher.

— Não, — disse Adrian. — É entre você e minha irmãzinha. E se você tocá-la novamente, vai ser entre você e eu.

Uma onda de apreensão cruzou o rosto de Josh, enquanto olhava de Adrian para Heather — Eu pensei que você disse Adrian era um nerd.

— Ele é, — disse Heather. — Mas ele é realmente um grande nerd.

Josh inclinou o dedo para Heather. — Você se lembra do que eu disse.

— Deixe-me dizer uma coisa, — disse Adrian com um olhar mortal. —-Se eu encontrá-lo perto da minha irmã de novo, eu vou jogar Picasso[26] com suas partes do corpo.

Heather posicionou. — E ele pode fazer isso também, ele é um faixa preta.

Josh rosnou para os dois, então se afastou.

— Puxa, Heather, — disse Adrian quando ele se virou para encará-la. — Você não pode encontrar um cara decente?

— Ele não é sempre assim, — disse Heather com desdém. — Ele pode ser muito doce, às vezes.

O rosto de Adrian ficou duro, frio. — É melhor eu não encontrá-la perto dele de novo, e eu quero dizer isso.

— Cai fora, Adrian. Não é da sua conta. Você sabe, não tenho mais onze anos mais, e eu não preciso que você me resgate o tempo todo.

— Tudo bem, — ele estalou. — Então pare de me chamar toda vez que você entrar em um congestionamento.

— Tudo bem, — Heather rosnou para ele. — Mamãe tem razão, você é igualzinho ao seu pai. Inútil e insignificante.

Sam conteve a respiração quando uma dor escura e irritada desceu pelo rosto de Adrian.

Foi então que Adrian deve ter se lembrado de que eles estavam lá, ouvindo, porque ele olhou para a esquerda, viu-os e trancou sua mandíbula.

Sem dizer uma palavra, ele se afastou.

Os caras ficaram na praça de alimentação para confortar Heather enquanto Sam correu atrás de Adrian. Ele estava no meio do shopping antes que ela finalmente o alcançasse.

-— Hei, — ela disse enquanto ela o puxava com a mão suavemente no seu braço, para detê-lo. — Você está bem?

Adrian olhou para ela enquanto sentia o seu toque suave por todo o caminho através de seu corpo. — Por que ela tem que agir dessa forma? — Ele perguntou retoricamente. — Eu nunca vou entender vocês, mulheres, e por que vocês só se sentem atraídas por idiotas que correm para cima de vocês, e só se excitam se vocês tiverem coragem de abrir a boca para se defender.

— Nem todas as mulheres são atraídas por homens como esse.

— Sim, certo. Prove.

Antes que ele soubesse o que ela estava fazendo, ela levantou-se na ponta dos pés, colocou o braço em torno de seu pescoço, e trouxe a cabeça para baixo para um beijo ardente.

A cabeça de Adrian nadou na suavidade de seus lábios, a sensação de sua língua contra a dele. Ele segurou seu rosto com as mãos e fechou os olhos para melhor saborear o momento.

Ela estava com a mão enterrada em seu cabelo, enviando calafrios todo o comprimento do seu corpo. Ele sentiu-se endurecer ainda mais quando uma onda de seu perfume feminino doce permeou seus sentidos.

Naquele momento, ele não conseguia pensar em nada a não ser levá-la para casa, tirar a calça jeans e a blusa de seu corpo, e mantê-la assim até o café da manhã.

Sam não sabia onde havia encontrado a coragem de finalmente beijá-lo, mas ela estava feliz que houvesse tido. Ela estava sonhando com ele durante todo o dia. E agora que ela realmente fez isso, era tudo o que ela podia fazer para não gemer do incrível sabor de seus lábios. O cheiro quente, masculino dele.

Até que lhe ocorreu o que ela estava fazendo. Ela estava beijando seu chefe a menos de oito quilometro do trabalho, no meio de um shopping lotado de compradores de Natal, onde quatro de seus colegas de trabalho poderiam vê-los a qualquer momento.

Afastando-se, — ela o largou. — Eu sinto muito, — ela sussurrou. — Não deveria ter feito isso.

Mas Adrian não a deixou escapar. Ele a pegou nos braços e apertou-a contra a vitrine atrás dela. Em seguida, beijou-a com tanta força que ela pensou que poderia desmaiar.

Era bruto, exigente, e isso a deixava tão quente que não conseguia respirar. Não poderia pensar, enquanto sentia o coração dele batendo rapidamente no mesmo tempo com a dela.

Meu Deus, o homem sabia como dar um beijo. Cada parte de seu ser pulsava e doía por ele. E quando ele passou as mãos por suas costas para pressioná-la mais perto de seus quadris, ela sentiu sua ereção dura contra seu estômago.

Ele a queria.

Naquele instante, ela sentiu que podia voar.

— Eu não devia, — ele sussurrou contra seus lábios. — Mas a única coisa ruim é que eu quero fazer

isso de novo.

Ele deu um passo para trás e colocou as mãos nos bolsos da jaqueta.

— O que vamos fazer sobre isso? — Ela perguntou timidamente.

— Eu não sei. Ele olhou à sua volta. — Você provavelmente deveria voltar para os caras, antes que alguém nos veja.

Ela deu um passo em direção à praça de alimentação, em seguida, percebeu que ele não se mexia. — Você vem?

Ele balançou a cabeça. — Eu não estou com fome. Eu vou jogar no Radio Shack enquanto vocês comem. Apenas me peguem na saída.

— Eu vou ficar com você.

Ele sorriu. — Eu agradeço, mas a Sra. Hipoglicemia não pode ir sem almoço.

Era tão gentil da parte dele pensar nela, e isso era uma das coisas que ela mais gostava dele. — Tudo bem.

Ele pegou a mão dela antes que ela o deixasse, em seguida, beijou as costas de seus dedos. — Obrigado por ter vindo atrás de mim.

— Por nada.

Ele a soltou e ela sentiu um buraco vazio estranho em seu estômago. Olhando para trás, a imagem impressionante dele sorrindo para ela, ela foi para a praça de alimentação.

Sam acenou para os caras quando ela foi até Chik-Fil-A e pediu uma refeição.

— Adrian está bem? — Perguntou Heather.

— Não. Você o envergonhou.

— Bem, você sabe, não é culpa minha. Ele sempre tem que agir como se ele fosse o Sr. Macho para defender minha honra o tempo todo. Ele está muito velho.

— Ele te ama, Heather. O que ele deveria fazer? Sentar-se ao redor e deixar você se machucar? Caramba, eu mataria para que meus irmãos fizesse as coisas para mim que ele faz para você. Quero dizer, caramba menina, você o deixa ir para o trabalho, sabendo que ele é o chefe, com roupas em ruínas, enquanto ele lhe paga para embaraçá-lo. Eu só não entendo.

Heather desviou culpada. — Eu o amo, você sabe. Eu só queria que ele parasse de tentar de ser meu pai o tempo todo.

— Bem, pelo que eu ouvi, ele foi praticamente o único pai que você teve.

— Eu sei, — disse Heather. — Eu me lembro quando ele tinha doze anos e eu tinha seis anos, minha mãe não podia pagar uma árvore de Natal. Eu estava chorando na noite de Natal, porque eu não achava que Papai Noel viria sem uma, então Adrian andou de bicicleta até o supermercado e falou com o revendedor de árvores, para deixá-lo trabalhar em troca de uma.

Heather suspirou. — Ele está sempre fazendo coisas realmente gentis como essa para mim. Eu acho que eu realmente tenho que tratá-lo melhor.

— Pessoalmente, eu acho que um monte de pessoas deveriam fazer.

Heather entregou à Sam sua comida.

— Espere, — Heather sussurrou enquanto Sam começou a sair. Ela rapidamente ensacou um sanduíche, batatas fritas e brownie. — Quer levar isso para ele e dizer-lhe que eu realmente sinto muito?

— Claro.

Sam foi até onde os amigos estavam comendo. Eles estavam de volta às brincadeiras de costume, mas enquanto ela comia, não conseguia tirar o gosto do beijo de Adrian fora de sua mente. Aquele beijo tinha realmente feito alguma coisa com ela.

Pior, ela ficou imaginando-a como uma criança trabalhando em um estacionamento frio de Nashville, para que sua irmã mais nova tivesse uma árvore de Natal. Era uma coisa tão Adrian de se fazer.

E ela se perguntou se alguém já tinha feito uma coisa dessas para ele. Mas, em seu coração, ela sabia

que eles não haviam feito.

Adrian tomava conta do mundo, enquanto ninguém cuidava dele.

Sam abriu a porta do escritório de Adrian. — Ei, eu só queria que você soubesse que eu estava saindo.

Ele virou-se na cadeira para encará-la. — Já são cinco horas?

— Cinco e meia, na verdade.

— Oh. Ele se levantou da cadeira e deu de ombros em sua jaqueta de couro. — Eu vou levá-la até lá fora.

— Tudo bem, — disse ela, com o coração batendo enquanto cada hormônio em seu corpo disparava instantaneamente.

Houve um silêncio constrangedor entre eles, enquanto caminhavam pelo corredor em direção a porta do lado onde ela estacionou.

— Eu, hum... Eu tinha uma coisa que eu queria perguntar a você, — ele disse enquanto abria a porta para ela.

— Claro, — disse ela com medo quando ela abria o caminho para seu carro. — Se você está preocupado com o que aconteceu esta tarde, não fique. Eu não vou contar a ninguém.

— Oh, eu não me importo com isso. Quero dizer, eu me preocupo com isso, mas... merda, — ele respirou. — Eu nunca fui bom nisso. Então, vou fazer o que eu faço melhor, e deixar escapar para fora. Você gostaria de ir para a festa de Natal comigo?

Sam sorriu enquanto seu coração se acelerava ainda mais rápido. — Sim, eu gostaria. Mas só se você levar o visco[27].

Seu olhar caiu sobre os lábios e ela se perguntou se ele estava imaginando a sensação de como foi o beijo.

— Ótimo, disse ele. — Te pego as três.

— Parece bom. Amanhã te dou o meu endereço.

— Tudo bem. Ele inclinou a cabeça para baixo, como se fosse beijá-la de novo, então ele rapidamente disparou de volta na posição vertical. — Ainda estamos no trabalho.

Adrian viu quando ela entrou em seu carro, e um arrepio percorreu lhe a espinha, e que não tinha nada a ver com o vento frio do inverno e tudo a ver com ela.

Ela era outra coisa. E ele gostava.

Ela abaixou a janela do carro.

Adrian inclinou-se para onde ele poderia falar com ela sem que alguém os ouvisse. — Você sabe, eu realmente quero te beijar agora.

— Eu também.

Convide-a para ir para o seu apartamento. Estava na ponta da língua, mas não se atreveu.

— É melhor você voltar, — disse ela. — Está frio aqui fora.

Não, não estava. Não quando ele estava tão perto dela. — Sim, ele suspirou. — Você provavelmente está congelando.

Ela estendeu a mão e tocou-lhe a mão. — Vejo você amanhã.

Adrian deu um leve aperto de mão, mesmo o que ele queria fazer era segurá-la apertado.

Deixando-a ir, ele se afastou dela e, a cada passo que dava amaldiçoava pela estupidez. Por que ele não pediu para ela ir para o seu apartamento?

Mas então, ele sabia. Se ele a tivesse sozinha em sua casa, suas mãos estariam totalmente sobre ela. Era cedo demais, e a última coisa que ele queria era levá-la para longe dele.

Ele nunca quis nada em sua vida do jeito que ele queria Samantha Parker.

Fechando os olhos, ele fez o seu melhor para banir a imagem em sua mente dela nua em seus braços. A sensação imaginada de seu fôlego caindo sobre seu pescoço, quando ele se perdia dentro de seu corpo.

— Eu quero você, Sam, — ele suspirou, enquanto a observava sair estacionamento. — E de um jeito ou de outro, eu vou ter você.

3

— Sam?

Sam olhou para cima, para ver a cabeça de Adrian na porta de seu escritório. — Sim?

— No meu escritório. Agora.

Ela engasgou com o tom rude dele. Soou estranho, da mesma maneira que ele usava para reclamar com Scott, quando Scott fazia algo estúpido.

Pior, ele a tinha evitado o dia todo. Ele nem fora almoçar com eles. E se ela tivesse feito alguma coisa errada? Nervosa, ela se levantou e deu os cinco passos que separavam seus escritórios.

Assim que ela estava lá dentro, ele fechou a porta. O coração de Sam batia. Isso não era bom. Adrian nunca fechou a porta a não ser que fosse sobre uma conversa sobre desempenho.

Com os olhos escuros e o rosto sombrio, ele se virou para ela.

Sam esperava que ele para lhe dissesse para se sentar, então quando ele segurou o rosto dela entre as mãos, e apertou-a contra a sua parede, ela ficou surpresa.

Com sua respiração irregular, ele abaixou a cabeça e capturou seus lábios com os dele.

E não era qualquer beijo. Foi escaldante e exigente. Cada hormônio em seu corpo saltou para atenção. Fechando os olhos, ela adorou o cheiro quente dele. A sensação magistral de sua língua dançando com a dela, enquanto suas mãos percorriam os ombros e costas, até os quadris. Ela colocou os braços ao redor de seus ombros e gemeu baixinho quando seu desejo por ele triplicou.

Ele separou as pernas com a coxa e segurou suas nádegas enquanto ele a colocava sentada sobre seus músculos tenso. Sam gemeu com a sensação dele entre suas pernas. Seus pés mal tocavam o chão quando ele a rodeou com o calor.

Sua luz flamejava, ela pulsava e doía por mais dele.

Adrian sabia que não deveria estar fazendo isso, mas não tinha sido capaz de suportar isso por mais tempo. Durante todo o dia, ele tinha sido incapaz de pensar em outra coisa senão o fato de que ela estava apenas cinco metros de distância.

Ela era tão inteligente, tão divertida.

Ele queria devorá-la.

Adrian se afastou do beijo para que pudesse morder os lábios enquanto enterrava sua mão em seu cabelo espesso e escuro. Lambeu um rastro de seus lábios para seu pescoço onde a inalou.

Ele deslizou a mão de sua cintura para o lado de seu seio. Ao som de seu prazer murmurou, ele sentiu seu controle escorregar. Ansiava por ela. Queimava por ela de uma forma que nunca tinha queimado antes e tudo o que podia pensar era estar dentro dela.

— Eu quero você Sam, — ele sussurrou.

Sam deu-lhe um olhar de repreensão. — Eu pensei que eu estava em apuros.

Adrian balançou a cabeça enquanto ele se perdeu naqueles olhos claros dela. — Eu acho que eu sou o único com problemas. Sérios problemas.

Ele baixou a cabeça para beijá-la novamente. Seu celular tocou.

Rosnando ele atendeu. — Scott, eu estou no meio de uma reunião malditamente importante. Envie um e-mail.

Alguém bateu na porta.

— Só um minuto, — Adrian retrucou, então ele roçou seu rosto com os dedos, mas o que ele realmente queria fazer era deitá-la sobre a mesa e aliviar a vicioso e latejante dor em sua virilha.

Sem mencionar a dor em seu coração.

Com a respiração irregular, ele a soltou. — É melhor eu deixar você voltar ao trabalho.

Ela balançou a cabeça, em seguida, beijou-lhe com força nos lábios.

A batida soou novamente.

Ela sorriu. — O dever chama.

Sam passou o resto do dia sonhando com aquele beijo. E enquanto observava as pessoas caminhar para dentro e fora do escritório de Adrian, ela se sentia como uma maldição. Eles não poderiam deixá-lo em paz?

— Hei! — Disse Randir assim que ele chegou ao redor de seu escritório. — Está nevando muito lá fora.

Sam olhou para cima com um sobressalto. — O que?

— Ah, sim, as estradas estão congelando. — Randir enfiou a cabeça na porta do escritório de Adrian. — Eu vou para casa.

Adrian saiu de seu escritório. — Diga a todos para caírem fora.

Como morava a 50 minutos de distância, Sam ligou para o telefone celular do irmão mais velho.

— Não se atreva a ir para casa, — Teddy disse com firmeza. — As estradas são horríveis. Eu tive que deixar minha Blazer na parte inferior do morro e ir para casa. Existe algum lugar em La Vergne que você possa passar a noite?

— Eu vou achar. Obrigada. — Ela desligou.

— Por que você ainda está aqui? — Perguntou Adrian.

— Meu irmão disse que as estradas estão congeladas. Parece que eu vou passar a noite na cama da sala de primeiros socorros.

Adrian fez uma careta. — Você não pode fazer isso.

Como se ela tivesse escolha, pensou melancolicamente. — Claro que posso. Eu tenho as máquinas de venda automática e o guarda de segurança da empresa. — Eu vou ficar bem.

— Por que você não vem para casa comigo? — Ele perguntou estoicamente.

Sam hesitou enquanto seu coração batia forte. Se ela fizesse isso, ela tinha uma ideia muito boa do que iria acontecer. Mas então, o quão ruim seria fazer amor com ele a noite toda?

Ela mordeu o lábio em indecisão. — Eu não sei.

Ao olhar a mágoa no rosto, ela rapidamente acrescentou, — eu aposto que você vai ficar preso aqui comigo. Tenho certeza que o Corvette não é melhor nesse tempo, do que o meu Honda.

— Eu não vim com o Vette. Eu vim com o meu Ford Bronco[28].

Ela arqueou uma sobrancelha. — Eu não sabia que você tinha outro carro.

— Sim. Eu amo o Vette, mas ele é temperamental e odeia neve. Ele pegou sua jaqueta e segurou-a aberta para ela. — Vamos lá. Eu prometo que vou me comportar.

Seu estômago deu um nó com excitação e medo, e ela encolheu os ombros no casaco. —Tudo bem.

Adrian a levou para fora do prédio, em frente ao estacionamento praticamente vazio, caminhou até um velho modelo preto Bronco e abriu a porta para ela.

Depois que ele entrou e ligou o carro, Sam se sentou ao lado de Adrian com o coração na garganta. Ela estava tão nervosa, que estava realmente tremendo. Já fazia muito tempo desde que ela estivera com um homem. Um longo tempo desde que ela tinha ido para a casa de um cara.

E ela nunca havia amado um homem tanto quanto ela amava Adrian.

Devo fazer alguma coisa? Ou devo esperar que ele faça alguma coisa?

E se ele achar que eu sou gorda? Ele era tão bem tonificado e ela era ... bem, carnuda. E se isso não excitá-lo? Impressionante, suas dúvidas e medos a atormentavam.

Adrian tentou pensar em algo para dizer, enquanto dirigia o trajeto de dez minutos para o apartamento dele. Mas ele não podia.

Suas mãos estavam realmente suando dentro de suas luvas. Ele não levava uma garota para casa com ele desde a faculdade.

Devo fazer alguma coisa? Ou devo esperar que ela faça alguma coisa? É muito cedo?

Ele não queria assustá-la. Realmente gostava dela. E a última coisa que queria, era que ela corresse para a porta. Mas não podia suportar a ideia de não tê-la.

No momento que parou ao lado do Corvette, o estômago estava absolutamente contraído.

— Você divide o apartamento com alguém? — Ela perguntou enquanto ele a acompanhava até a porta.

— Com o meu horário? Ninguém iria me aturar. — Ele abriu a porta e deixou-a entrar.

Sam entrou na sala de estar, então congelou. Nunca tinha visto nada parecido em sua vida.

— Meu Deus, parece que um showroom da Circuit City[29]

[30] Circuit City foi uma grande rede varejista norte-americana especializada em artigos de informática e eletrônicos.

, — ela disse enquanto seu olhar se lançava sobre a TV de tela grande, três poltronas de couro, DVD player, double-decker de videocassete, dois computadores e um aparelho de som maior do que o carro dela.

Suas paredes eram brancas gritantes e completamente nua. Mas, pelo menos, todo o apartamento estava surpreendentemente limpo e bem conservado.

— Caramba. Adrian, você vive como um urso em uma caverna eletrônica.

Ele riu quando ele trancou a porta, em seguida, colocou as chaves, o crachá de segurança e a carteira em uma tigela num balcão da cozinha.

Ele tirou o casaco e o pendurou em um armário à esquerda. Sam tirou o dela e entregou a ele. — Devo perguntar sobre as três poltronas?

Ele deu de ombros. — Às vezes, os caras vêm para assistir a um jogo.

— Então, por que você não tem um sofá?

Ele parecia ofendido com a ideia. — Eu não vou colocar a minha bunda para baixo ao lado de outro cara. Nossa, Sam, pensei que você cresceu com cinco irmãos.

— Oh, sim, como eu poderia esquecer? — Ela disse enquanto revirava os olhos para ele. — O homem e seu território.

Ele riu quando ele lhe deu uma breve turnê de seu apartamento.

— Você realmente precisa de um Playstation 2, Dreamcast e Nintendo 64? — Ela perguntou. Mas o que realmente a divertiu foi a pequena TV ao lado de uma grandes. Ela arqueou uma sobrancelha questionando.

— Às vezes eu jogo enquanto estou assistindo à TV de tela grande, — disse ele como se não houvesse nada de anormal nisso.

Sam sorriu, até que ela olhou para uma das cadeiras. Então ela ficou séria. — Você sabe, Adrian, você é um bom rapaz.

Ele lhe deu um cenho franzido.

— Não há muitos homens que deixam suas roupas íntimas assistir TV, enquanto estão no trabalho, — disse ela, olhando para o par no assento da cadeira mais próxima à janela.

— Oh, caramba, — ele gemeu quando as agarrou e correu para a lavanderia na cozinha.

— Sinto muito, — disse ela, enquanto seguia atrás dele. — Eu não queria envergonhá-lo. Eu acho que é engraçado. Além disso, eu costumava ter que lavar a roupa dos meus irmãos e tudo que eu tenho a dizer é...

Ele se virou, ao mesmo tempo, ela deu um passo para frente. Eles colidiram.

A respiração de Adrian deixou seu peito, logo que seus seios tocaram em seu braço. Ela olhou para ele com os lábios entreabertos e antes que pudesse se conter, ele se aproveitou dela.

Sam colocou os braços ao redor de seus ombros, ela o beijou com toda a paixão e amor que fluía através dela. E nesse momento, ela sabia o que estava prestes a acontecer entre eles. Este foi o momento pelo qual ela passou o último ano sonhando. Assustada e animada, ela não podia esperar.

Adrian aprofundou seu beijo enquanto suas mãos percorriam livremente sobre suas costas, pressionando-a para mais perto dele. Rosnando baixo em sua garganta, ele se afastou de seus lábios e enterrou sua boca contra seu pescoço.

Sam assobiou de prazer quando sentiu a língua quente dele, os lábios, e os dentes a mordiscavam e chupavam. Calafrios percorriam todo o seu corpo, enquanto os seios formigavam em resposta ao seu perito toque masculino. O calor e a dor pulsavam entre as pernas. O cheiro de couro e de Old Spice[30] a atormentavam sem piedade. Misericórdia, como ela queria esse homem.

Ninguém nunca a havia feito se sentir do jeito que ele fazia. Desejável. Linda. E o melhor de tudo, necessária. Hoje à noite, ela iria mostrar o seu amor a ele. Hoje à noite, ela não pediria nada de volta e esperaria por um momento em que, talvez, ele pudesse amá-la em troca.

A visão de Adrian se entorpeceu quando ele inalou o cheiro quente e doce de sua pele. E ele queria mais dela. Ele queria tudo dela.

Essa necessidade estava acima de tudo em sua mente, ele passava a mão sobre o seio, e apertou-o com cuidado. Ele gemeu com suavidade, ao sentir o mamilo endurecido através de seu suéter Papai Noel.

Para sua surpresa Sam respondeu a carícia com uma própria carícia, enquanto ela se abaixou entre seus corpos e colocou a mão, através de seu jeans. Adrian grunhiu enquanto ela o acariciava, brincou, fazendo todo o seu corpo tremer e queimar por ela. Ela foi ousada com suas carícias, e mais do que generosa com os lábios.

Com seu corpo em chamas, Adrian voltou para sua boca quando ela desabotoou a calça jeans, então deslizou sua mão sob o elástico de sua cueca para levá-lo em sua mão. Ele respirou bruscamente entre os dentes enquanto se endurecia ao ponto de doer.

— Você é um grande homem, — ela sussurrou contra seus lábios enquanto acariciava suavemente seu eixo.

— Você é a única que faz isso para mim, — ele sussurrou. Ele passou as mãos sob sua blusa, sobre sua pele lisa, macia, pela parte de trás do sutiã, onde ele abriu o fecho.

Ele prendeu a respiração enquanto seus seios se derramavam para fora do sutiã de cetim e em suas mãos. Ele se deliciava com a sensação de os mamilos tensos em suas mãos e ele não podia esperar para prová-los. Para passar a língua sobre os minúsculos sulcos, enquanto respirava seu cheiro. Sua carne macia mais do que enchia sua mão, passando a sua capacidade e ele adorou.

Em seguida, ela arrancou a camisa dela para fora da calça e passou as mãos sobre o peito e costas, agarrando-se a ele de uma forma que o deixou com tonturas. O maldito telefone tocou.

— Você precisa responder a isso? — Disse ela, sem fôlego.

— Para o inferno com isso.

— E se for do trabalho?

— Para o inferno com isso.

Ela riu.

Ele ouviu a secretária eletrônica atender.

— Adrian?

Ele estremeceu quando ouviu sotaque nasal e sulista de sua mãe.

— Adrian é a mamãe. Você está aí? Se você estiver, atenda querido. Eu preciso falar com você.

Seus hormônios instantaneamente gelaram pelo som da voz de sua mãe, ele se afastou. — É melhor eu respondê-la ou ela vai me chamar a cada dez minutos a partir de agora e começar a me bipar.

Devastada pela interrupção, Sam lambeu os lábios e tentou se recompor, enquanto Adrian a deixava e pegava o telefone sem fio do balcão. Ele enfiou a camisa de volta e abotoou suas calças.

— Oi, mãe, — disse ele friamente enquanto ele deixava a cozinha, em seguida, foi para o seu quarto e fechou a porta enquanto Sam endireitava suas próprias roupas.

— Adrian, onde você esteve? Eu tenho chamado por uma hora.

Sam foi até sua secretária eletrônica para desativá-la para que não ouvisse a conversa deles, mas tinha tantos botões sem identificação, ela não sabia qual apertar.

— Eu estava no trabalho.

— Eu gostaria que você me desse o seu número de trabalho. Preciso ser capaz de conseguir falar com você, quando algo vem à tona.

— O que você precisa agora, mãe?

— Eu preciso que você venha e jogue sal minha calçada, de modo que eu não fique presa aqui amanhã.

— Jesus mãe, são quarenta minutos de carro e as estradas estão perigosas.

— Eu sei, é por isso que eu preciso que você venha, agora.

Sam franziu a testa, com a insistência de sua mãe.

— Mãe, eu não posso. Estou ocupado.

Sua mãe deu um suspiro dramático. — Ocupado fazendo o que? Jogando com seus computadores estúpidos de novo? Tudo que eu peço é um pouco, pequeno favor e este é o agradecimento que recebo. Você sabia que eu estive em trabalho de parto por 36 horas com você? Eu quase morri de dar à luz.

— Sim, mãe, eu sei.

— Não use esse tom comigo rapaz. Eu dei minha vida para vocês, crianças, e o mínimo que pode fazer é cuidar de mim na minha velhice.

— Você tem apenas quarenta e sete anos.

— Não se atreva a bancar o esperto comigo. Não é como se você tivesse alguma coisa melhor para fazer. Deus me livre, mas você deveria realmente namorar e casar-se com alguém, e me dar um neto.

— Posso ser dispensado mãe? Eu não estou de bom humor.

— Tudo bem, — disse ela em um tom sarcástico que fez Sam quer sufocá-la. — Fique aí e deixe-me cuidar de mim mesma sozinha. Você é igualzinho ao seu pai inútil.

— Daria pra deixar meu pai fora disso?

— Você é igual a ele, sabia? Egoísta e sem valor. É uma coisa boa que você não tenha uma namorada. Você provavelmente apenas a chutaria, e a deixaria também.

O coração de Sam balançou. Pobre Adrian. Era uma coisa boa que ele não tivesse outro telefone ou ela iria pegá-lo e falaria umas verdades para a mãe dele.

— Que sorte a minha, — sua mãe continuou. — Por ficar com um filho ingrato. Eu sabia que deveria ter sido uma menina. Isso é bom, no entanto. Eu vou chamar Heather e pedir que o faça.

— Puxa mãe, Heather dificilmente pode dirigir quando o tempo está claro, e ela vive mais longe do que eu.

— O que te interessa? Pelo menos eu posso depender dela.

— Tudo bem, Adrian espumou. — Eu estou indo, ok? Não a mate porque você precisa de sua garagem salgada.

— Ah, bom.

Sam ficou de boca aberta com a mudança repentina na voz da mulher. Agora que ela estava conseguindo o que queria, ela realmente parecia boazinha.

— Amo você, querido.

— Eu também. Por seu tom de voz, Sam sabia que ele tinha os dentes cerrados.

A secretária eletrônica desligou. Sam balançou a cabeça. Nunca tinha ouvido nada parecido em sua vida.

Adrian saiu do quarto com sua mandíbula cerrada. — Eu tenho que sair por pouco tempo.

— Adrian, você não pode fazer isso. E se você sofreu um desastre e for morto?

— Confie em mim, eu não tenho essa sorte.

— -Você não é engraçado.

Ele colocou sua jaqueta pesada nos ombros. Sam fechou-a enquanto ele abotoava o cinto. — Tenha cuidado, — disse ela, levantando-se na ponta dos pés para beijá-lo.

Adrian mordiscou seus lábios enquanto o calor espalhou-se por meio dele. Apenas Sam havia dito aquilo para ele. — Eu irei. Tranque a porta atrás de mim.

Assim que ele se foi, Sam suspirou. Adrian lembrava um leão tolerante com filhotes pendurado fora dele, enquanto eles beliscava sua pele. Como ele poderia suportar isso?

Sacudindo a cabeça, Sam foi atrás uma Coca-Cola. Ela abriu a geladeira e olhou incrédula. Estava nua, exceto por um galão quase vazio de leite azedo e um engradado de cerveja.

Franzindo a testa, ela abriu os armários de cozinha, fazendo o inventário. Um prato, duas tigelas incompatíveis, uma assadeira, uma panela de tamanho médio, três copos, dois copos de café, café e duas caixas meio vazias de cereal. Era isso.

Inacreditável. Ela não tinha ideia de que ele vivia assim. E agora que ela pensava sobre isso, ela percebeu que ele não tinha sequer uma árvore de Natal em seu apartamento.

O telefone tocou novamente.

Sam ignorou até a que secretária eletrônica atendeu.

— Adrian? — Disse Heather. — Ei, eu preciso que você me ligue de volta assim que você ouvir isso, ok? Hum, eu preciso de você, irmão mais velho. E por favor, não grite comigo. Eu tinha que assinar um cheque para a mensalidade de hoje ou então eles cancelariam minhas aulas. E eu não tenho dinheiro para cobri-lo. Eu também estou duas semanas atrasada com meu aluguel novamente. Eu realmente preciso de mil e duzentos dólares até amanhã. Eu juro, eu não vou nunca mais pedir-lhe dinheiro. Eu sei que eu disse isso a última vez, mas quero dizer isso neste momento. De qualquer forma, por favor me ligue hoje à noite. Amo-te.

Sam sofria por ele. Quando ele disse a ela que cuidava de sua irmã e da mãe, ela não tinha ideia do tipo de desafio que elas representavam.

— É isso aí, — ela murmurou enquanto pegava o casaco do armário. — Está na hora de alguém fazer alguma coisa por você.

Já havia se passado quase três horas, quando Adrian finalmente chegou em casa. Sua cabeça latejava das incessantes críticas de sua mãe. E a mulher se perguntava por que nenhum homem jamais iria ficar com ela por mais do que alguns meses.

Se ele tivesse algum juízo, também cairia fora. Mas se recusava a fazer isso a Heather. Sua irmã mal conseguia cuidar de si mesma, muito menos cuidar de sua mãe.

Empurrando os pensamentos da sua mente, ele abriu a porta. Ele franziu o cenho quando sentiu o cheiro de algo realmente bom.

Deveria ser o jantar de seu vizinho novamente, ele pensou enquanto fechava e trancava a porta. Ele pendurou o casaco.

— Sam, — ele chamou, não a vendo na sala de estar.

— Eu estou bem aqui, — disse ela na cozinha.

Adrian se virou, então congelou enquanto sua respiração deixava seu corpo. Sam estava de pé na pia vestindo nada além de uma de suas camisas de flanela. Estava enorme nela, chegando nos joelhos. A visão o congelou.

— Eu espero que você não se importe, — disse ela, enquanto puxava o colarinho. — Eu caí no meu caminho de volta e tem lama em toda a minha roupa.

— Caiu? — Foi então que ele percebeu que o quente e delicioso aroma, vinha de seu fogão. *Caramba, a coisa realmente funcionou. Quem diria?*

Ele franziu o cenho. — O que você fez?

Ela se moveu em direção a ele com uma xícara de café nas mãos. — Aqui, — ela disse, entregando-lhe chocolate quente. — Tenho certeza de que você está congelado.

Ele estivera até que a viu seminua. Agora, ele se sentia como se estivesse em chamas. — De onde é que isso veio?

Ela sorriu. — Eu fui até o mercado da esquina.

Ele estava atordoado. Nunca em sua vida voltara para casa para uma recepção calorosa. E nesse momento, ele sabia que a amava. Colocando o copo no balcão da cozinha, ele puxou-a em seus braços e a abraçou.

Sam tremeu com o contato. Ele passou as mãos pelas costas, em seguida, para os quadris nus.

— Oh, Deus, — ele respirou. — Você está nua lá.

Sam riu. — Eu sei.

Os pensamentos de Adrian se atrapalharam, quando tocou as nádegas nuas dela. Sua pele era tão incrivelmente macia, enquanto ele estava mais duro do que ele já estivera antes. Inclinando-se, ele pegou-a nos braços e levou-a para o quarto.

Sam colocou os braços ao redor do pescoço, espantada por ele ser capaz de carregá-la tão facilmente. E quando ele a deitou na cama, ela sorriu, sabendo que isso era o que ela queria desde a primeira vez que o tinha visto cumprimentando-a no saguão, para sua entrevista no ano passado. Ela se levantou de joelhos e puxou a camisa dele por sobre a cabeça. Seu olhar se banqueteava com os olhos de toda a pele forte, escura, enquanto corria as mãos sobre a sua carne deliciosa.

Meu Deus, o homem tinha um corpo lindo, e ela não podia esperar para provar cada centímetro dele. A maneira como ele a olhava com seus olhos escuros e com fome, tornava sua respiração irregular, fazendo-a queimar ainda mais por ele. Como poderia um homem como este a querer?

Sam hesitou quando ela colocou as mãos sobre o botão de cima da calça jeans. — Eu quero que você saiba que eu não sou fácil, — ela sussurrou.

— Isso nunca passou pela minha cabeça, — disse ele enquanto segurava o rosto dela entre as mãos. Moveu-se para beijá-la, mas ela se afastou.

Ela encontrou seu olhar confuso. — Eu só estive com outro cara. Meu namorado da faculdade.

— Tudo bem, — disse ele, mergulhando a cabeça na direção dela.

Ela riu quando se esquivou de seus lábios novamente. — Será que você poderia me ouvir por um segundo?

Ele arqueou uma sobrancelha para ela.

— Eu queria que você soubesse que eu não estou tomando pílula ou qualquer coisa.

Adrian ficou rígido. Xingando, ele deu um passo para trás da cama. — Bem, já que estamos confessando coisas, eu tenho que te dizer, eu não estive com uma mulher desde a faculdade também. E eu joguei fora meus preservativos no ano passado, pois me ocorreu que eles eram mais velhos do que eu. Adrian pegou sua camisa do chão.

Droga, ele estava tão duro que doía. E tudo o que conseguia pensar era tomá-la, as consequências que se danassem. Mas ele não podia fazer isso. Não estava disposto a dar uma chance de deixá-la grávida. Apesar do que sua mãe pensava, ele não era como seu pai.

Parece que sim. O que te fez pensar que você poderia ter uma mulher como ela, afinal?

Sam franziu a testa enquanto ele saiu do quarto. Ela começou a chamá-lo de volta, então reconsiderou. Ele precisava comer primeiro.

Ela foi atrás dele. — Está com fome?

Adrian assentiu, mas pela sua cara podia dizer a comida era a última coisa que ele queria.

Sam serviu-lhe uma tigela de chili.

Adrian ficou em pé no balcão, enquanto comia.

Confusa, Sam viu quando ele se recusou a olhar para ela. E as únicas palavras que ele proferiu foram um breve elogio de quão bom seu chili estava bom e um simples agradecimento.

Assim que ele terminou, Adrian colocou o prato na pia, em seguida, foi sentar-se em sua cadeira. Pegando o controle remoto para o aparelho de som, ele clicou em seu leitor de CD. Ele tinha que fazer alguma coisa para distrair-se daquelas pernas deliciosas que o espreitavam por debaixo de sua camisa. Ele girou os discos no Matchbox20.

De repente, ele sentiu Sam ao lado de sua cadeira. Ele olhou para ela, em seguida, olhou mais duas vezes quando viu sua camisa desabotoada todo o caminho para o seu umbigo. Ainda pior, o contorno de um seio era tão óbvio, que enviou uma onda de calor em linha reta através de sua virilha.

— Não me provoque Sam, — disse ele com voz rouca.

Com um sorriso de boca fechada, ela levantou a bainha da camisa a ele com um vislumbre dos cachos escuros na junção de suas coxas antes que ela subisse em seu colo.

— Sam, — ele gemeu quando ela começou a desabotoar as calças. Todo o seu corpo queimava e, pior, seu feminino, perfume floral o estava deixando louco. Se ela não se levantasse, ele a tomaria, independentemente do seu bom senso. — Por favor, não.

Ela tomou as mãos dele nas delas, e levou-os a seus seios.

Adrian inclinou a cabeça para trás e gemeu com a suavidade de seus seios nus em suas mãos.

Sam beijou-o, em seguida, e ele sentiu algo estranho em sua boca.

Adrian empurrou-se para trás para vê-la com um preservativo enrolado entre os dentes.

O sorriso em seu rosto era diabólico enquanto ela removia o pacote. — Eu comprei na loja, apenas se precisasse.

Rosnando baixo em sua garganta, ele a beijou ferozmente.

Sam engasgou quando ele se levantou com ela ainda em seu colo. Ela colocou os braços e as pernas ao redor dele, enquanto ele a levava de volta para sua cama, com as mãos firmemente segurando seu traseiro nu. Ele a colocou na cama, em seguida, puxou a camisa sobre a cabeça de novo quando ela terminou soltando seus jeans. Ela tirou as roupas dele.

Sam ficou boquiaberta com a visão de seus músculos magros, quando o viu nu pela primeira vez.

Cada centímetro de seu corpo magro, duro, era tonificado e perfeito. Nunca tinha visto nada assim. Seu rosto queimou quando viu o tamanho de sua ereção.

Ela passou as mãos sobre as veias em seus braços, sobre a força de um corpo que ela nunca ousara que pudesse tocar. Sua pele era tão macia, seus músculos tão duros. Eles lembravam o veludo estendido por sobre o aço. Ela nunca tinha imaginado que seu gênio de programação, tinha o corpo de um deus grego. Mas ele realmente tinha.

Adrian hesitou, enquanto olhava para ela em sua cama, vestindo sua camisa. Ela era bonita. Tão suave, quente e se entregando. Seu desejo surgiu através dele como lava, quando ele se juntou a ela na cama e colocou-a de volta contra o colchão. Ele depositou beijos em seu rosto e pescoço enquanto fazia o seu melhor para se controlar.

Seu corpo exigia que ele começasse a trabalhar com ela, mas o seu coração queria saboreá-la por tanto tempo quanto podia. Mesmo que o matasse. Adrian gemeu quando ela rolou de costas e montou sua cintura. Ele gostava dela destemida. Mas acima de tudo, gostava dela em cima dele.

Ela se inclinou sobre o peito e passou a língua ao longo da borda de sua mandíbula, enviando milhares de calafrios de desejo sobre seu corpo enquanto ela se esfregava contra seu estômago. Isso o agarrou por todo o caminho para sua alma.

— Estou tão feliz que você se livrou do cavanhaque, — ela sussurrou em seu ouvido um segundo antes que ela passasse a língua ao redor da curva de sua mandíbula.

Adrian segurou-a contra ele. — Se eu soubesse que você iria sentir assim, eu teria raspado na primeira semana você veio trabalhar.

Ela riu.

Ele enterrou os lábios na curva de seu ombro, inalando o doce aroma de sua pele. Sua cabeça nadou na umidade dela em seu estômago.

Precisando dela de uma forma que o aterrorizava, ele desabotoou a camisa e puxou-o pelos ombros. — Você é tão linda, — ele respirou quando a viu nua.

Suas curvas eram tão cheias e exuberante, como ele havia imaginado. E seus seios... Ele podia olhar para aqueles seios deliciosos a noite toda. Com sua respiração irregular, ele estendeu a mão e segurou-os em suas mãos. Ela tremeu em resposta, deleitando-o ainda mais.

Ele baixou o olhar para baixo para os cachos úmidos que o estavam deixando louco, os cachos úmidos que cobriam a parte dela que não podia esperar para ter.

Sentando-se, ele a beijou furiosamente enquanto deslizava a mão de seu seio, por seu suave e macio estômago, para os cachos emaranhados e na elegante fenda molhada.

Sam assobiou com o prazer de seus dedos longos e magros acariciando-a intimamente. Ela nunca sentiu nada melhor, até que ele deslizou para dentro dela. Dentro e fora, e ao redor, esses dedos a atormentavam com um prazer de fogo, que ela temia que realmente poderia consumi-la.

Descaradamente, esfregou-se contra ele, querendo-o de uma forma que estava além da física. Com seu corpo em chamas, ela o empurrou de volta contra a cama, em seguida, moveu-se para beijar uma trilha até o peito.

Adrian assobiou quando Sam roçou os lábios contra seu mamilo tenso e quando ela puxou -o em sua boca, ele pensou que iria morrer de prazer pela sua língua em sua pele. Ele enterrou suas mãos em seu cabelo, segurando seu rosto suavemente enquanto deixava o amor que ele sentia por ela, se transbordasse por cima dele. Ela estava se entregando assim, tão amável. Nunca em sua vida ninguém havia cuidado dele. Nunca tivera alguém que se importara com ele.

Mas Sam sim, e embalou todo o caminho até seu coração.

— Toque-me Sam — ele respirou, querendo sentir a mão contra ele novamente.

Ela moveu-se mais para baixo, arrastando a língua e os lábios por seu abdômen, até o umbigo, seu quadril, onde ela o atormentava sem piedade com pequenas mordidas que abalaram todo o seu corpo.

Delirando pelo seu toque, ele fechou os olhos em antecipação dolorosa, quando ela finalmente passou a mão pelos cachos no centro de seu corpo. Ela segurou-o na mão. Adrian arqueou as costas, rosnando pela suavidade de seus dedos que acariciavam seu eixo.

— Sim, — ele gemeu, contorcendo-se pelas sensações incríveis que rasgavam através dele.

E antes que ele soubesse o que ela estava fazendo, ela moveu a cabeça para baixo e lambeu um caminho lento, tortuoso da base do seu eixo, todo o caminho até a ponta.

Adrian assobiou pelo êxtase cego e inesperado, que rasgou através dele.

Sam sorriu quando ela o sentiu tremer ao seu redor. Seu único pensamento era lhe dar mais prazer, então ela o levou em sua boca.

Ela sabia que estava deixando-o louco, e ela adorou cada minuto disso. Adrian merecia ser amado por alguém que não queria nada em troca, e ela queria mostrar a ele o quanto ele significava para ela. O quanto ela precisava dele.

Adrian cerrou os punhos nos lençóis com a incrível sensação de sua língua e dos lábios cobrindo-o. Ninguém nunca tinha feito isso com ele antes, e ele não podia acreditar o quanto era delicioso. Seu corpo tremia, ele não poderia ficar sem saboreá-la em troca. Tinha que tê-la. *Agora!*

Sam levantou a cabeça quando Adrian se sentou. Com seus olhos escuros e fechados, ele se moveu até que seu corpo estava deitado no sentido oposto dela. Ele correu sua boca e língua sobre seu estômago, enquanto deslizava a mão para baixo, por seus quadris, abrindo um caminho escaldante de calor.

Seu toque literalmente queimava de dentro para fora enquanto ele arrastava a parte interna da coxa, exortando-a a abrir as pernas para ele. Ele cutucou as pernas para ficarem mais distantes, em seguida, enterrou seus lábios no centro de seu corpo.

— Adrian, — ela respirou enquanto ele a atormentava.

Sam gemeu com a sensação de sua boca sobre ela, enquanto ele mordiscava e lambia. A língua e os dedos giravam em torno dela, intensificando o prazer dela.

Tremendo, ela voltou a atormentá-lo da mesma maneira. Ela se contorceu enquanto ele continuava e enquanto ela o prova. Havia tanta fogo e magia em seu toque. Ele a queimava de uma forma que era indescritível. Não é à toa que ela amava esse homem.

Ela entregou-se a ele sem reservas ou medo. Havia algo de tão especial neste partilha igual, igual doação. Ele tocou-lhe profundamente e sabia em seu coração que nunca mais seria a mesma.

A cabeça de Sam estava leve quando ele deu uma pausa cuidadosa para ela, e quando ele deslizou dois dedos dentro de seu corpo e acariciou-a, ela gemeu em êxtase.

Mordendo o lábio, ela fechou os olhos enquanto seus dedos mergulhava fundo e duro dentro dela, girando em torno com a promessa do que estava por vir, enquanto ele lavava-a ainda mais rápido.

Todo o corpo de Sam estremeceu e empurrou involuntariamente em resposta ao seu toque.

Sua cabeça girava a partir das sensações intensas. O prazer era tão incrível, tão extremo, aumentava dentro dela, até que ela não pudesse suportar mais. De repente, todo o seu corpo explodiu, quando o êxtase em brasa rasgou através dela em ondas cada vez maiores. Sam gritou quando sua libertação veio. Ofegante, ela não podia se mover.

— É isso aí, — disse ele, sua pele coberta de suor. — Eu tenho que estar dentro de você.

Sam se afastou dele e pegou o preservativo a poucos centímetros do dela.

Adrian ficou tenso enquanto deslizava suavemente o preservativo frio sobre o quente e inchado o eixo. Então ela segurou-o na mão. Seu toque o chamuscava e seu corpo tremia em resposta. Como poderia mãos tão pequenas causar tantos estragos nele? Precisando senti-la mais do que precisava respirar, Adrian pressionou suas costas contra o colchão, então separou as coxas com os joelhos.

Você está prestes a violar a sua web designer.

Ele não sabia de onde esse pensamento veio, mas rasgou sua mente enquanto pressionou a ponta do

seu pênis contra o seu núcleo.

O que ele estava fazendo?

— Adrian? — Ela perguntou quando olhou para ele com uma careta. — Tem alguma coisa errada?

— Você tem certeza que quer isso? — Ele perguntou enquanto olhava para ela. — Se alguém descobrir, poderíamos ser demitido.

— Então eu vou encontrar outro emprego, — disse ela, levantando seus quadris em direção ao dele.

Alegria rasgou através dele. Tomando-lhe a mão na sua, ele olhou em seus olhos, em seguida, dirigiu-se profundamente dentro de seu corpo. Eles gemeram juntos.

Sam não podia acreditar na plenitude que a enchia, enquanto ele balançava os quadris contra os dela. Ele estava tão profundamente dentro dela, ela poderia jurar que ele tocava seu útero se as ferozes facadas quentes de prazer o atormentassem.

Ela envolveu suas pernas ao redor de sua cintura magra e saboreou a sensação ao flexionar seus músculos, e em torno dela. Ela passou as mãos pelas costas, ao longo dos calafrios que cobriam seu corpo enquanto ela ia de encontro às estocadas dele. Ele era espetacular.

— Eu me sinto tão bem dentro de você, — ele respirou em sua orelha enquanto balançava os quadris, duros e cruéis, contra o dela. — Eu poderia ficar dentro de você para sempre.

Ela tinha certeza de que ele não sentia metade do que ela sentia com ele. Ele baixou a parte superior do corpo, para onde ela pudesse acariciar seu pescoço enquanto ele se empurrava para dentro dela. Sam enrolou as pernas apertadas sobre seus quadris, então ela virou-se com ele.

Adrian olhou para cima, assustado, assim que se encontrou embaixo dela. Ela levantou as mãos e as colocou em seus quadris. Em seguida, segurando-os no dela, ela levantou-se até a ponta do eixo, antes de ela se abaixasse para ele.

Ele rosnou ao sentir seu corpo no nele enquanto ela montava rápido e furiosamente Ele nunca tinha sentido nada parecido.

— Você está fazendo meus dedos se enrolarem, — ela suspirou.

— Eu pretendo fazer mais do que isso, antes que a noite acabe, — ele disse enquanto ela soltava suas mãos e se inclinava para frente.

Adrian correu as mãos sobre seus seios, tocando-os suavemente, enquanto ela continuava a acariciá-lo com seu corpo.

Por que ele esperou um ano antes de beijá-la?

E era aterrorizante quando pensava o quão perto esteve para nunca agir segundo seu desejo. E se ele tivesse deixado ir embora, sem nunca ter provado os lábios? Seu corpo?

E nesse instante, uma onda de possessividade tomou conta dele. Ele nunca iria deixá-la ir.

Ela pertencia a ele.

Sam observou Adrian observá-la. Seus olhos escuros estavam fechados, mas o olhar de prazer em seu rosto rasgava através dela.

Ela passou a mão sobre seu rosto mal barbeado, grata por finalmente tê-lo beijado. Este momento excedeu qualquer fantasia que ela já tivera sobre ele.

Seu corpo doía com a felicidade, e ela podia sentir seu prazer chegando novamente com cada golpe contundente, quando ela se entregava a ele. Ela moveu os quadris mais rápido e Adrian levantou os quadris para conduzi-la ainda mais profunda.

— Oh, meu Deus, — ela gritou enquanto seu corpo se tornou ainda mais quente, e os golpes de prazer a atravessavam.

Adrian rolou com ela então, e colocou-a debaixo dele. Com seus olhos selvagens, ele apressou o passo. Sam gemia com a sensação dele deslizando para dentro e para fora, rápido, profundo, duro.

E, de repente, um êxtase indefinível explodiu através de seu corpo em ondas ressonantes Sam suspirou, ao mesmo tempo em que Adrian jogava a cabeça para trás e rugia enquanto ele dava duas estocadas, mais longas e profundas com ela. Seu corpo inteiro convulsionou ao redor dela enquanto ele lançava a si mesmo. Ele caiu em cima dela e enterrou o rosto em seu pescoço.

Sam segurou-o ali, aninhada em seus braços e pernas, enquanto ela apenas o ouvia respirar. Ela sentiu seu coração batendo contra o peito e suor cobria a ambos. Este foi um momento perfeito, tranquilo que ela desejou que ela pudesse segurar para sempre.

— Foi a experiência mais incrível que eu já tive, ele sussurrou em seu ouvido enquanto ele a embalou suavemente em seus braços fortes.

— Sem brincadeira, — ela disse enquanto passava as mãos sobre seus bíceps duros, então o beijou com ternura em seu peito. — Você sabe, eu nunca fiz isso antes.

— Feito o quê?

— Orgasmo.

Adrian sorriu. Ele estava feliz que fora o homem que lhe havia mostrado toda a profundidade da sua sexualidade. Colocando a cabeça na mão, ele puxou os lábios dela nos dele, para um beijo ardente.

O telefone tocou.

— Eu juro, eu odeio essas coisas, — ele rosnou.

— Oh, Sam — disse ao soltá-la. — Eu esqueci de te dizer que Heather ligou.

Cuidadosamente, ele retirou-se dela. — Então eu tenho certeza que é ela, — disse ele, pegando o telefone sem fio na sua cabeceira.

— Oi, Heather, — ele disse em um tom que era metade de um rosnado.

Sam podia ouvir apenas um toque de vibração de Heather na outra extremidade.

— -Porra, Heather. O que você faz com o seu dinheiro? Eu pagar duzentos e cinquenta dólares por semana para você cuidar da minha roupa e comprar mantimentos para mim, e metade do tempo você não precisa nem fazer isso.

Ela ouviu Heather conversando novamente enquanto Adrian passava a mão pelos cabelos e apertava com força.

Adrian saiu da cama e pegou sua calça enquanto ele a ouvia. Mordendo o lábio, Sam admirava a forma perfeita de suas nádegas e traseiro enquanto ele se curvava.

— Dá um tempo, — ele disse enquanto prendia seu jeans. — Eu trabalhava em três empregos na faculdade e ninguém nunca...

Ele ficou rígido. — Sinto muito, — disse ele. — Basta parar de chorar, ok? Heather, por favor, pare de chorar.

Sam sentou-se enquanto caminhava para fora da sala.

Franzindo a testa, ela puxou a camisa e seguiu atrás dele.

Ele mexeu o mouse em seu computador. — Estou fazendo isso agora, — disse ele em uma voz suave. Ele xingou novamente. — Você só tem dois dólares em sua conta, você sabia disso? Como você está vivendo?

Sua mandíbula estava trancada, mas sua voz era paciente. — Tudo bem, estou transferindo dois mil mais para você, mas é isso, Heather. Eu trabalho muito duro só para dá-lo a você, porque você decidiu que precisa de um período de férias de Natal em Daytona por uma semana.

Ele desligou o telefone e jogou-a sobre a mesa.

Sam se moveu para ficar atrás dele. Ela passou a mão sobre suas costas. — Você é um homem maravilhoso.

— Eu sou um idiota, — disse ele em voz baixa. — Eu não sei por que eu as aturo.

— Você as ama.

— Eu me pergunto às vezes. Deus, estou tão cansado de todo mundo precisando de mim o tempo todo.

Sam ficou fria com suas palavras. Sua confiança era o que ela amava mais sobre ele e na verdade era isso que ela queria. Alguém que pudesse depender de quem não iria decepcioná-la. Ela estava cansada de promessas não cumpridas.

Sam, sua tola. Ninguém jamais vai colocá-la em primeiro lugar. Quando você vai perceber isso?

Seu pai tinha feito o que o pai de Adrian fizera, ele a abandonou. E seu maior medo era se apaixonar por algum impensado, idiota mulherengo que a trocasse por uma namorada troféu, no minuto em que passasse a idade de trinta anos.

Não queria um menino, queria um homem. E esperava que Adrian fosse aquele homem.

— Tem alguma coisa errada? — Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça, em seguida, passou a mão por sobre o rosto barbudo.

Por favor, não me decepcione também. As palavras estavam na ponta da língua. Mas ela não se atreveu a proferi-las em voz alta. Não se atreveu a dar-lhe todas as outras maneiras de machucá-la. Ele já ocupava um lugar no seu coração, onde só ele poderia destruí-lo.

— Por que nós não voltamos para a cama? — Ela sussurrou.

Ele olhou para ela com aquelas covinhas. Em seguida, ele pegou-a em seus braços e correu com ela de volta para o quarto.

4

— Oi, Adrian, — disse Sam, logo que ele respondeu ao seu telefone celular.

— Ei querida, o que está errado? Você parece triste.

Deus, como ela amava o som de sua voz profunda e carinhosa. Ele confortava-a em um nível que desafiou explicação.

— Meu irmão esqueceu de pegar a árvore de Natal da minha mãe e ela está tendo um chilique. Estou aqui no estacionamento e não há nenhuma chance de voltar para casa e ficar pronta à tempo. Está tudo bem se nós nos encontrarmos no hotel?

— Claro. Há algo que eu possa fazer por você?

Ela sentiu as lágrimas com sua oferta. Essa semana passada tinha sido a melhor de sua vida. Depois que eles haviam retornado ao trabalho, haviam mantido silêncio sobre seu relacionamento, mas não havia sido fácil. Muitas noites ela havia deixado o trabalho antes, em seguida, ia para o apartamento dele para preparar o jantar e esperar por ele.

Ele até lhe dera uma chave.

— Obrigada, — ela disse — mas não precisa. Encontro-te no hotel.

— Eu estarei esperando por você no saguão.

Preocupado, Adrian andava pelo saguão do hotel. A temperatura exterior estava em constante queda, e a notícia era que uma tempestade de neve estava prevista para mais tarde naquela noite. Ele tentou ligar para Sam uma dúzia de vezes, para avisá-la para não sair, mas ela havia desligado o telefone celular.

A porta se abriu.

Adrian olhou para cima e sentiu seu queixo cair enquanto Sam entrava.

Ela estava usando um vestido de estilo renascentista com uma cintura alta, mangas longas fluidas e sapatilhas de bailarina. Seu cabelo caía em torno de seu rosto e ela tinha uma fita trançada na parte superior do seu cabelo com flores. Ela se parecia com Guinevere[31]

, *Gwenhwyfar* em galês

) é um personagem mitológico-literário, rainha consorte do Rei Artur

nas lendas do Ciclo Arturiano

da Bretanha

.

.

E ele adorou.

Não, corrigiu-se, ele a amava.

Sam fez uma pausa quando ela avistou Adrian olhando para ela. Ele estava lindo em sua calça jeans preta e blusa. Ele havia se dado ao trabalho de fixar seu cabelo e ela sabia o quanto ele odiava fazer isso. Melhor ainda, todo o seu rosto se iluminou quando seu olhar encontrou o dela.

— Minha senhora, você está linda, — disse ele, enquanto ela se aproximava dele. Ele tomou-lhe a mão e beijou as costas de seus dedos.

O calor da mão dele a assustou. Ele pegou o casaco de suas mãos e ofereceu-lhe o braço.

Sentindo-se como uma heroína em um romance Sam tomou seu braço e permitiu que ele a levasse para a festa.

— Uau, Sam, — disse Randir quando ele os viu. — Você está muito bem apresentável.

Ela riu. — Obrigado, eu acho.

Enquanto Adrian foi lhe buscar algo para beber, ela se sentou na mesa redonda grande, com o pessoal do seu departamento.

— Oh, Adrian, — Scott brincou, logo que ele voltou. — Você está tão pensativo. Quer ir me buscar uma Coca-Cola?

— Não, — disse Adrian quando ele se sentou ao lado dela.

Sam fez o seu melhor para parecer indiferente e distante de Adrian, mas não era fácil, quando tudo o que queria fazer era se enroscar de volta em seus braços e que ele a segurasse como fez nas primeiras horas da manhã.

Como ela amava se enrolar com ele em sua poltrona favorita, assistir TV ou ouvir música, enquanto eles alimentavam um ao outro com pipoca. Nus. Nunca estivera muito confortável com seu corpo, mas Adrian parecia amá-lo e ela o amava por isso.

Ele lhe deu um olhar significativo, então deslizou o olhar para o saguão. — Preciso ir fazer uma ligação.

Sam esperou até que ele estava fora de vista, antes que pedisse licença para ir ao banheiro.

Ela encontrou Adrian no pátio, onde ele a puxou para um canto escondido, escuro. — Por que estamos aqui? — Ele perguntou enquanto ele pressionava suas costas contra a parede.

Ela tremeu com a força de seu peito contra os seios, enquanto ele segurava o rosto dela entre as mãos e olhou para ela com o calor em seus olhos. — Por que é uma refeição grátis? — Ela perguntou maliciosamente.

— Eu prefiro ficar em casa e fazer amor com você.

— Mmm, eu também.

Então a beijou.

— Ei, Adrian!

Ambos ficaram tensos ao ouvir a voz de Randy.

Adrian saiu do canto enquanto Sam apertou-se contra a parede, esperando que estivesse fora da vista de Randy.

— Oi, Randy. E aí como vai?

— Ótimo. Eu queria lhe dizer que Greg Wilson vai aplaudir sua equipe hoje à noite, após o jantar. Nós batemos a marca de um milhão de dólares para a época do Natal, esta manhã. Parabéns. Greg diz que vai dobrar seu bônus e dar-lhe um aumento.

— Obrigado.

— Então, o que você está fazendo aqui? — Perguntou Randy. — Vamos lá, vamos dizer oi para o Greg. Eu sei que ele quer apertar a sua mão.

Sam ouvia com orgulho. Greg Wilson era meio arrogante, mas possuía uma das maiores empresas privadas do país. Por ele querer passar seis segundos na presença, era um grande elogio.

Assim que o caminho estava livre, ela foi para o banheiro das mulheres.

Ela mal tinha fechado a porta de sua cabine quando ouviu Tiffany e um bando de amigas correndo para o banheiro.

— Você viu o Adrian? — Disse Tiffany para elas.

— Você está brincando? — Disse Barbara Mason sem fôlego. — Como alguém pode perder essa coisa fofa?

— Eu ouvi isso. — Sam não reconheceu aquela voz.

— Sim, bem, — disse Tiffany em um sussurro alto: — Vou pegar aquele cara essa noite.

Suas amigas riram enquanto Sam via tudo em vermelho. Era melhor Tiffany nem chegar perto de Adrian, se quisesse manter esse nariz perfeito dela.

— Certo, — disse Barbara em descrença.

— Eu vou, Tiffany se gabou. — Eu aluguei um quarto no andar de cima e assim que eu vê-lo, eu vou levá-lo lá em cima e ter o momento com ele.

Elas saíram do banheiro.

Sam cerrou os punhos. *Como ela se atrevia!*

Seus olhos se estreitaram, ela saiu do banheiro e foi atrás de Adrian para avisá-lo. Não havia necessidade. Tiffany o encurralara fora do salão. Pior, eles foram trancados em um beijo ardente com as mãos de Tiffany em sua cintura e pescoço.

Sam congelou ao ver enquanto a dor a atravessava.

Seu primeiro impulso foi separá-los e esbofetear Tiffany. E se não estivesse tão atordoada, poderia ter realmente feito isso. Mas não podia se mover. Não enquanto seu coração estava lentamente se fragmentando em milhões de pedaços.

E o que a machucou mais foi o fato de que Adrian beijara Tiffany na frente de todos, enquanto ele nem sequer se atrevia a tocar a sua mão quando alguém estava por perto.

Suas lágrimas apareceram, mas ela piscou de volta. Ela não quis dar qualquer um deles a satisfação de ver o tamanho dos danos que tinham feito para ela.

Deus, ela era um tola tão estúpida. Como poderia ter pensado que Adrian era diferente do que seu próprio pai?

Tiffany se afastou, e entregou-lhe um cartão-chave. — É o quarto 316, — disse ela sedutoramente. — Vejo você em vinte minutos.

Sam ficou dormente enquanto mais dor a invadia. Como ele pode?

Ele é um homem! Olhe para Tiffany. Como na terra você poderia competir com isso?

Deprimida e machucada, Sam correu de volta para sua mesa. Ela pegou sua bolsa e casaco.

— Você está bem? — Perguntou Randir.

— Não, — ela disse, engolindo as lágrimas. — Eu preciso ir para casa. Vejo vocês na segunda-feira.

Adrian esperou e esperou por Sam. Onde ela estava? Será que ela havia indo embora quando ele não estava olhando?

Ele foi checar, e assim que ele viu o casaco que estava faltando, um sentimento de pavor tomou conta dele. — Onde está Sam?

Randir encolheu os ombros. — Ela foi para casa.

— O que?

— Ela disse que não se sentia bem.

Adrian pegou o telefone e ligou para o celular dela. Nenhuma resposta. Xingando, ele correu atrás dela. Uma forte nevasca que começou assim que ele chegou ao seu Bronco, entrou, e foi encontrá-la.

Sam chorou todo o caminho para a Spring Hill. Ela realmente não notara as estradas geladas até que ela teve de virar para Nashville, na estrada para chegar a sua casa. Seu carro começou a derrapar. Aterrorizada, prendeu a respiração até que pousou em segurança em uma vala.

Seu coração batia forte pois estava feliz que não houvesse sido ferido fisicamente. Ela pegou o celular para ligar para seus irmãos, em seguida, viu que a bateria tinha acabado.

— Droga! — Ela rosnou quando ela bateu seu punho contra o volante. — E agora?

Com raiva e mágoa, ela enxugou os olhos, em seguida, empurrou a porta e começou a andar cinco quilômetros a pé até sua casa alugada.

O coração de Adrian pulava quando percebeu como as estradas estavam se tornando perigosas. O pequeno Honda de Sam era tão seguro num tempo assim, como o seu Corvette.

Por que ela foi embora? Não fazia qualquer sentido para ele. Ele virou-se para a estrada de Nashville e viu o carro na vala. Apavorado com a visão, Adrian dirigiu para o lado da estrada e saiu. Correndo até o carro, viu que estava vazio.

Ela estava caminhando com 26 graus negativo? Ele balançou a cabeça quando se lembrou de seus sapatos e do vestido fino. Ela iria congelar até a morte. Maldita independência. Não poderia deixar alguém fazer algo por ela?

Ele correu de volta para seu Bronco. Entrando nele tentou ligá-lo.

— Não! Ele rosnou quando o motor não pegou. Ele tentou novamente, mas ainda assim o carro se recusava a dar a partida. Puxando seu telefone celular, ele chamou a única pessoa que sabia que morava em Spring Hill.

— Ei, Trey, — disse ele assim que seu amigo atendeu. — Eu preciso de um grande favor.

Sam estava absolutamente congelando. Seus sapatos estavam molhados e tinha perdido as solas dele

Pior, ela ainda tinha um quilômetro para chegar em casa. E uma e outra vez, tudo o que ela podia ver era Adrian beijando Tiffany.

— Ora, Adrian? — Ela respirou, agarrando seu casaco mais apertado ao redor dela. — Por que não fui boa o suficiente?

De repente, ela ouviu um som estranho vindo atrás dela. O que na Terra? Parecia vagamente como cascos. Virando-se, viu... Não, não podia ser. Sam piscou, não confiava em seus olhos. A imagem só ficou mais clara quando a neve tornou-se mais pesada.

Era um cavaleiro. Um cavaleiro em couro preto.

Franzindo a testa, ela viu quando Adrian se dirigiu até ela na parte de trás de um garanhão branco. Com sua boca aberta, ela olhava para ele, até que ele parou ao lado dela.

— Acaso me parece, que Milady esteja em perigo, minha donzela.

Ela balançou a cabeça pelo uso do inglês medieval. Essas profundos e escuros olhos cor de chocolate, olhavam para ela com um calor que aqueceu instantaneamente os seus ossos congelados.

— Adrian, — ela engasgou.

— Sir Adrian, corrigiu com um sorriso. Ele estendeu a mão para ela.

Sem pensar, ela aceitou e permitiu que ele a puxasse para cima para se sentar diante dele na sela de estilo medieval. Ele a envolveu em dois cobertores enquanto a colocava na frente dele.

— O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou incrédula. — Eu pensei que você estava com Tiffany. — Assim que ela disse o nome a sua ira acendeu.

— Tiffany? — Ele perguntou com uma careta. — Por que você...

Ela viu a cor escurecer suas bochechas.

— Sim, ela rosnou para ele. — Eu vi vocês dois. E você pegou sua chave do quarto.

— Você não me viu dá-la de volta?

Sam hesitou. — Você deu a ela de volta?

— Sim. Poucos minutos depois que ela saiu.

— Você aguardou alguns minutos, — ela rosnou. — Você, seu cachorro. Como você pôde fazer...-

Ele parou suas palavras com um beijo quente.

— Não grite comigo Sam — disse ele enquanto se afastava. — Não foi minha culpa. Eu estava esperando por você, quando ela me agarrou por trás. No início, eu pensei que era você. Em seguida, ela se enroscou em volta de mim e deu um beijo em mim tão rápido que eu não sabia o que fazer. Caso você não tenha notado, as mulheres não costumam fazer coisas assim para mim. Ela me pegou desprevenido.

— Para mim parecia que você estava gostando.

— Eu estava atordoado demais para me mover. E quando ela me entregou a chave, levou um minuto inteiro antes que ocorresse o que era.

— Um minuto inteiro?

— Eu sei que você não acredita em mim, mas se eu quisesse Tiffany, então por que estaria aqui em um cavalo, congelando?

— Eu não sei. Por que está aqui em um cavalo congelando?

— Porque eu te amo, e queria vir em seu resgate.

Sam se engasgou com um soluço. — Sério?

Ele inclinou o queixo para que ela olhasse para ele. — Nunca duvide de mim Sam. Você é a única mulher que eu sempre quis e de quem eu quero cuidar.

Vindo dele, isso significava alguma coisa. Ela sorriu quando ele chutou o cavalo na direção do sol poente. E nesse momento, Sam sabia que ela tinha o melhor presente de Natal da vida. Ela tinha seu cavaleiro brilhante em couro.

EPÍLOGO

DIA DE NATAL

Adrian soltou um suspiro cansado enquanto dirigia até seu apartamento, logo após o meio-dia. Ele passou a maior parte da manhã no trabalho, sozinho, fazendo o seu melhor para não ligar e perturbar Sam. Ela foi passar o dia com a família dela, enquanto a dele fugia. Heather havia ido para a Daytona, e sua mãe estava em um cruzeiro no Alasca com seu último namorado.

Mas então, não havia nada de anormal nisso. Ele não tivera um Natal em família desde que tinha quinze anos.

Durante os últimos 11 anos, o Natal não significava nada mais do que um jantar aquecido, comido na frente de programas de TV ruins.

— Eu odeio o Natal, — ele murmurou enquanto saía de seu carro, e ia para o seu apartamento. Ele abriu a porta. Depois, congelou como se estivesse morto.

Alguém tinha colocado uma pequena árvore de Natal em sua sala de estar e a decorado.

Com o cenho franzido, Adrian fechou a porta e tirou o casaco, depois foi até a árvore onde um cartão de aparência medieval, estava amarrado com uma fita em um galho.

Ele abriu.

Milord, Cavaleiro de Armadura Brilhante, parece-me que há um presente para ti, em tua câmara.

Ele sorriu pelo o que Sam escrevera. Ela deveria ter passado por lá, enquanto ele ainda estava no trabalho. Como ele desejou que ela ligasse. Ele adoraria vê-la hoje.

Oh, bem, ela estaria no trabalho amanhã.

Segurando o cartão perto de seu coração, ele foi ver o que ela tinha deixado para ele. Ele abriu a porta de seu quarto e ficou completamente imóvel, e seu queixo caiu.

Sam estava deitado em sua cama, vestida com uma camisola que lhe dava água na boca, e ela tinha um laço amarrado em volta do pescoço.

— Onde você estava? — Ela perguntou com um sorriso sedutor, enquanto fechava o livro que estava lendo e o colocava em seu criado-mudo.

Adrian não podia falar, já que sua língua estava pendurada no chão.

O sorriso dela se arregalaram, quando ela saiu da cama e até ele. — O rato comeu sua língua? — Ela perguntou.

Ele sorriu.

Colocando seu rosto em suas mãos, ele a encarou. — Eu pensei que você tivesse ido até a sua mãe.

— Eu vou para o jantar. Mas eu queria fazer uma surpresa.

Adrian puxou para si e beijou-a até que ele não aguentasse mais. Ele a queria de uma maneira que nunca quis qualquer outra coisa. E essa roupa frágil que mal a cobria e não deixava nada para sua imaginação, o estava deixando-o muito duro sem conforto.

Rosnando, ele tirou a roupa em tempo recorde, em seguida, jogou-a por cima do ombro e depositou-a suavemente na cama.

Sam riu.

Adrian passou a mão para baixo pela curva de sua coxa, surpreso com o quanto ele a amava. Sam beijou o ombro nu enquanto ele procurava um preservativo no criado-mudo.

Ele se virou para ela, em seguida, mas em vez de entregar o preservativo a ela como ele normalmente fazia, ele a beijou.

Ela sentiu algo estranho em sua boca.

Afastando-se, ela franziu a testa quando ele puxou um anel para fora entre os dentes e entregou a ela.

— Eu ia dar te dar isso amanhã no jantar, — disse ele, parecendo um pouco envergonhado. — Mas já que está aqui...

Completamente atordoada, Sam não conseguia respirar quando olhou para o anel. Era um anel de noivado de diamante, de um quilate, em forma de coração em um estilo medieval que fez seu coração bater. As lágrimas brotaram nos olhos dela enquanto piscava com incredulidade.

— Você tem certeza disso?

Ele passou a mão pelo seu braço. — Você é a única coisa na minha vida, que eu mais tive certeza, — ele sussurrou, antes que ele pegasse o anel de volta.

Ele saiu da cama e se ajoelhou ao lado dela, então pegou a mão dela na sua. Lágrimas escorriam pelo seu rosto com a visão de Adrian nu no chão.

— Samantha Jane Parker, você quer se casar comigo?

Ela lançou-se para ele e caíram contra o chão. — É claro que sim.

Ele riu enquanto ela se sentava sobre seu estômago nu. Colocou o anel na mão esquerda, então ele beijou-a. — Eu amo você Sam.

— Eu te amo Adrian, ela sussurrou, sabendo em seu coração que ela finalmente encontrara seu único e verdadeiro cavaleiro de armadura brilhante. E ela nunca, nunca iria deixá-lo ir embora.

PAPAI NOEL USA ESPORAS

PRÓLOGO

Perigo. O'Connell sentia-o na parte de trás do seu pescoço e se aprofundava em seus ossos, enquanto cavalgava seu cavalo através das planícies mortas do Texas no inverno, em direção a uma cidade que nunca havia ouvido falar.

Depois de todo esse tempo, ele deveria estar acostumado com o perigo. Ele vivia sua vida sob a sombra constante de sua perseguição, e mantinha-o como o seu fiel companheiro. Perigo era seu aliado e seu inimigo.

Isso o definia. Houve apenas uma vez sua vida, quando ele se sentiu seguro. Mas isso foi há muito tempo atrás.

Ele estava congelado no frio, não que sentisse frio. Seu sangue acelerado o mantinha, quente enquanto cavalgava durante a noite.

— Você deveria ter estado lá, Kid. Foi como tirar doce de criança, — Pete tinha rido. — Hah, agora que penso nisso, foi como tirar doce de criança. Eu só queria era poder ver seus rostos quando eles

acordaram e descobriram que o dinheiro havia sumido.

Então como agora, O'Connell não havia achado as palavras divertidas. Ele sabia que Pete poderia ser sangue-frio, o ferimento de bala em seu braço era o testemunho disso. Mas nem mesmo ele pensou que Pete iria roubar de um orfanato apenas dois dias antes do Natal.

O homem não tinha alma.

Houve um tempo em que O'Connell havia sido assim. Quando o ódio havia estrangulado seu coração e o deixara incapaz de sentir algo por alguém, exceto a si mesmo.

E então ele a conheceu.

Seu coração deu um pulo, como sempre fazia quando pensava nela. Ela havia lhe mostrado de outra forma, outra vida e o transformara durante o processo. Tinha lhe dado esperança, um futuro. Uma razão para viver. E a vida sem ela não havia sido nada mais do que um inferno amargo.

Com toda honestidade, não sabia como ele conseguiu fazer isso através dos intermináveis dias miseráveis que haviam se transformado em anos.

De alguma forma, ele só sobrevivera. Frio. Vazio.

Sozinho.

Deus, como ele sentia falta dela. Como ele ansiava por alguma forma de voltar e reviver apenas um segundo do tempo compartilhado com ela. Só para ver seu rosto mais uma vez, sentir sua respiração em sua pele.

Por um momento, O'Connell deixou seus pensamentos se dirigem para o passado. E, como sempre faziam quando ele estava com a guarda baixa, ele se lembrou de um cabelo castanho escuro longo e olhos tão claros e quentes como um dia de verão. De uma mulher que lhe havia dito que o amava sem fazer um único som.

Fechando os olhos, ele viu seu sorriso brilhante e ouviu a música de sua risada enquanto ela estava deitada nua debaixo dele, enquanto ele a reivindicava para si. Ele cerrou os dentes com o desejo incandescente que enrolada através de sua barriga. E por um momento ele jurou que ainda podia sentir as mãos em suas costas enquanto ela segurava-o com força e gritava em êxtase.

Nem mesmo cinco anos poderiam embaçar aquelas memória. Ou a sua ânsia por seu toque. Ele podia sentir a doçura salgada de seu corpo, senti-la quente e apertada ao redor dele, e sentir o cheiro da luz do sol que sempre parecia estar em seu cabelo.

Catherine lhe tinha tocado de forma que ninguém o fizera, antes ou depois.

— Eu me lembro de você, — ele respirou. Mas acima de tudo ele se lembrou da promessa que fizera a ela. A promessa que ele havia quebrado. E nesse momento, ele desejou que bala de Pete houvesse sido em seu coração inútil.

Senhor dos Céus, se houvesse um último desejo que ele pudesse ter, seria para acertar as coisas. Ele venderia tudo o que restava de sua alma enegrecida por uma maneira de voltar atrás e mudar o que havia feito para ela.

Mas não era para ser.

Ele sabia disso.

Não havia mais nada para ele fazer, exceto ver o dinheiro voltar para os órfãos de quem Pete havia roubado e partir.

Depois disso, ele não sabia para onde iria. Ele teria que encontrar outro lugar onde a lei e Pete não conseguisse encontrá-lo. Se tal lugar existisse.

Resumidamente, ele considerou tentar encontrá-la. Afinal, ela tinha sido o seu porto seguro. Sua maior força.

Mas então, ela também havia sido sua maior fraqueza.

Não, não iria procurá-la. Muita coisa dependia que ele ficasse longe dela. Porque uma coisa seu irmão, Pete, havia lhe ensinado anos atrás, não havia tal coisa como uma segunda chance.

1

— Tudo que eu quero para o Natal é um homem tão bonito como o próprio Diabo. Um com um sorriso encantador, pelo menos, alguma aparência de inteligência, e uma grande, grande, saliente...

— Rebecca Baker! — Catherine O'Callahan engasgou, chocada com as palavras da amiga.

— Conta bancária, — disse Rebecca quando ela deixou cair as mãos dos gestos que estivera providenciando. Ela pegou a frigideira perto de Catherine, em seguida, colocou-a em cima do fogão de ferro preto. — Eu só ia dizer conta bancária.

Tentando não sorrir para que ela não incentivar a conversação libidinoso da amiga, Catherine olhou de soslaio para Rebecca, enquanto ela continuava lavando pratos.

As bochechas de Rebecca estavam um pouco coloridas, enquanto ela caminhava de volta para a pia. — Bem, talvez eu não estivesse. Mas, como uma mulher casada, você sabe o que quero dizer. Quanto tempo eu devo ficar por aí lamentando Clancy, afinal? Senhor Deus, já faz quase quatro anos desde que ele morreu. E eu mal o conhecia antes de nos casarmos.

Como era seu hábito, Rebecca gesticulou dramaticamente com as mãos para ilustrar suas próximas palavras. — Meu pai praticamente me arrastou até o altar para se casar com um homem com quase o dobro da minha idade. Eu te digo, aconchegar-se a um homem cujas mãos e pés são mais frio do que gelo em janeiro, não é minha ideia de felicidade conjugal.

Catherine poderia concordar muito bem com esse ponto.

Rebecca suspirou sonhadora, enquanto preguiçosamente colocava os pratos na prateleira acima de sua cabeça. — O que eu gostaria de ter é um homem quente lindo a quem eu pudesse me amarrar para sempre. Um homem que podia entrar no quarto e me deixar toda quente e fria, e nervosa. — Ela olhou para Catherine e sorriu. — Sabe o que eu quero dizer?

Corando, Catherine ficou em silêncio enquanto ela lavava uma panela grande preta. Ela sabia exatamente o que Rebecca queria dizer. Ela tinha ficado acordada muitas noites enquanto as memórias caiam sobre ela, memórias de um demônio, com olhos da cor do estanho que havia prometido a ela tudo, inclusive a lua acima.

Um homem que deixara seu corpo tão quente, que houve momentos em que ela estava certa de que pereceria em chamas.

Mas ao contrário de sua amiga, ela não era uma viúva. Por tudo o que sabia, seu marido poderia vir valsando até a porta da frente a qualquer momento e bater nela.

Como se isso fosse acontecer, Catherine se repreendeu.

Quando ela iria desistir de sua inútil e inabalável esperança de vê-lo de novo? Por que não podia simplesmente colocá-lo para fora de sua mente?

O que havia nele que a fazia ansiar por ele depois de todo esse tempo?

É claro que ela sabia a resposta à essa pergunta, tudo sobre ele. Ele havia sido tão maravilhoso e gentil, atencioso e generoso. Até o dia em que ele a deixou, sem ao menos pedir licença.

Ela deveria estar louco por ainda ansiar por ele.

E depois de cinco anos, ele poderia estar morto. Deus sabia, muito havia acontecido com ela desde que ele fugira. Ela mudou-se para uma nova cidade, começara seu próprio restaurante e pensão, e criou uma vida respeitável para ela e sua filha de quatro anos de idade, Diana.

No verão passado, após a epidemia de febre amarela, ela e Rebecca haviam tomado conta de cinco órfãos da cidade de Redwood.

Muita coisa havia acontecido.

Rebecca aproximou-se dela e tirou o pote de suas mãos para secá-lo. — Então, me diga, se um lindo

Papai Noel não vier bater na porta, o que você quer de Natal?

— Oh, eu não sei, — disse Catherine quando ela foi até a pia para lavar uma panela. — Eu acho que se eu tivesse meu direito de escolha, eu gostaria que o nosso dinheiro fosse devolvido. Incomoda-me que alguém tenha as crianças antes do Natal.

Rebecca concordou. — Eu sei o quanto você queria gastar com eles. É uma vergonha. Eu não posso imaginar que tipo de monstro poderia fazer algo tão terrível.

Nem ela imaginava.

Elas não falaram por alguns minutos. Apenas o som da água e o bater dos pratos, quebrava o silêncio enquanto trabalhavam.

De repente, o cabelo na parte de trás do pescoço de Catherine se levantou. Virando a cabeça, ela viu Rebecca olhando para ela.

Ela perguntou: — O que?

— Isso é realmente tudo o que você quer de Natal?

Catherine entregou-lhe outra panela para secar. — Porque, sim. Estou muito feliz com todo o resto.

Rebecca arqueou uma sobrancelha questionando.

— Eu estou, — Catherine insistiu.

— Parece-me que a senhora protesta demais, — disse Rebecca, colocando a panela longe. — Você pode realmente me dizer que nunca pensou uma única vez, em ter um homem bonito deixando-a louca?

Catherine riu sem entusiasmo. — Eu já tive isso, e devo dizer que achei a experiência menos do que desejável.

Rebecca balançou a cabeça. — Você sabe, eu vim trabalhar aqui há quase quatro anos e nunca, nesse tempo, eu ouvi você falar de seu marido. É disso que você está falando, não é?

Catherine assentiu, recusando-se a atender ao curioso olhar fixo de olhos castanhos de Rebecca, enquanto movia-se para bombear mais água na pia. — Não há muito a dizer.

Rebecca empurrou -a para longe da bomba e segurou o movimento. — Vamos lá, Catherine. Todas as crianças estão na cama durante a noite. Por que não se abrir um pouco?

Catherine enterrou as mãos para trás na espuma e suspirou. — O que você quer que eu diga? A filha de pregador Plain se apaixonou pelo estranho lindo que veio para trabalhar para o rancho de seu pai? Ele se casou com ela um mês depois de se conhecerem, levou-a para Nevada.

— Só isso?

— É isso.

Rebecca fez uma pausa. Seus olhos castanhos escureceram de raiva. — Eu nunca vou entender um homem que pode fazer algo tão sangue-frio.

— Nem eu, — ela sussurrou baixinho.

— Eu não vejo como você pode suportar.

Catherine deu de ombros. — Eu me acostumei com isso. Cinco anos me deram tempo para deixar de lado o meu ódio. Além disso, tenho de pensar em Diana. Eu sou a única mãe que ela tem e eu decidi no dia em que nasceu, que eu nunca mencionar o seu nome ou me debruçaria sobre o que ele fez para nós.

— Bem, eu a respeito por isso. Eu, eu não teria descansado até que encontrasse o cachorro e o esfolasse vivo.

Catherine aproveitou a imagem da pele morena de seu marido sendo esfolado, enquanto ele gritava por misericórdia. Agora que Rebecca mencionou, apreciava bastante o pensamento de ele ser esfolados. Seria certamente bem-vindo. — Sabe, eu quero alguma coisa, afinal.

— E o que?

Catherine esfregou o pote com renovado vigor, desejando que fosse a cabeça do marido que ela segurasse debaixo da água. — Eu gostaria de poder colocar os olhos sobre ele uma última vez, para dizer-lhe como ele é um cão sarnento e idiota, por ter me deixado.

— Essa é minha garota. — Rebecca riu quando ela deu um tapinha nas costas de Catherine. Em seguida, ela se inclinou para frente e disse em voz baixa: — Mas a verdadeira questão é, ele era bom onde contava?

— Rebecca Catherine suspirou, tentando ao máximo não pensar sobre o quanto era bom estar com ela.

Embora por que as palavras de Rebecca continuassem a chocá-la depois de todos esses anos, ela não podia imaginar. Rebecca nunca tinha tido um pingo de vergonha.

Mas era sua franqueza que Catherine gostava. Ela sempre soube onde estava com Rebecca. Sua amiga nunca exigia nada. E depois de ter vivido com seu marido e seus segredos, ela encontrava na franqueza de Rebecca uma verdadeira bênção.

De repente, uma batida soou na porta.

Catherine apertou a espuma de suas mãos, em seguida, limpou as mãos secas no avental. — Por que você não vai para a cama? — Disse ela, revirando os mangas de volta para baixo seus braços e abotoando-os contra os pulsos. — Eu abro a porta. Eu tenho certeza que é apenas alguém precisando de um quarto.

— Pobre alma estar lá fora na véspera de Natal, sem uma cama, — disse Rebecca. Ela inclinou a cabeça para a pia. — Tem certeza que você não quer que eu termine os pratos?

Catherine balançou a cabeça. — Há apenas alguns, e já temos todos os presentes debaixo da árvore. Por que você não vai e aproveita o que sobrou de véspera de Natal?

— Tudo bem, então. Eu vou dar uma olhada nas crianças e depois descansar. Deixe-me saber se você precisar de mim.

— Eu aviso.

Rebecca foi para a escada dos fundos, enquanto Catherine tomou a lanterna da mesa da cozinha e caminhava pelo corredor estreito até a porta da frente.

Através das cortinas de renda, ela podia ver o contorno de um homem alto, de ombros largos. Um sorriso se contorceu nos cantos de sua boca. Talvez Rebecca iria receber o seu desejo, afinal. Revirando os olhos com o pensamento muito indecente que brincava em a sua mente, Catherine abriu a porta.

Ela deu uma olhada no belo estranho, que virou sua cabeça para olhar para o seu cavalo, e deixou cair a lanterna direto para o chão.

O'Connell amaldiçoava enquanto o fogo da lanterna explodia nas tábuas de pinho do alpendre. Reagindo sem pensar, ele jogou o chapéu preto Stetson e os alforjes, e abafou as chamas, as esporas tilintando alto enquanto ele pisava. Então, para seu desgosto, as chamas se espalharam para as botas e incendiaram os dedos de seu pé esquerdo.

Ele assobiou de dor enquanto sacudia a poeira negra para fora e apagava o fogo em sua bota. Então ele rapidamente usou a manta para extinguir o resto do fogo. Felizmente, o fogo não fez muitos danos permanentes, mas a porta da varanda e precisaria de uma boa lavagem amanhã.

— Meu Deus, mulher, — ele estalou enquanto inspecionava os danos. — Você deveria ser mais... — suas palavras sumiram quando ele olhou para cima e encontrou grandes olhos castanhos assustados.

Sua mandíbula se afrouxou. Aqueles eram os mesmos olhos com quais estivera sonhando não mais do que alguns minutos antes.

— Catherine, — ele sussurrou em descrença.

Catherine não podia se mover quando ela olhou para o rosto bonito, diabólico que havia persuadindo-a para longe de tudo o que ela já conhecera.

Pedi e recebereis, a frase favorita de seu pai, ecoava em sua cabeça.

Atordoada pelo seu aparecimento súbito, ela o olhou de alto a baixo, em uma só vez. Ele ainda era tão bonito quanto o pecado. Seu cabelo castanho escuro estava curto na parte de trás, com um franja longa que caía por sobre os olhos cinza prateado, parecendo quase incolor.

Cativantes e lancinantes, os olhos poderiam assombrar uma mulher noite e dia. E ela deveria saber, já que eles não fizeram nada além de atormentá-la desde o momento em que ela os vira pela primeira vez.

Esse mesmo ar de perigo ainda se agarrava a ele, seduzindo-a, cortejando0a. Oh, mas ele era um homem que fazia bater o coração de qualquer mulher.

Seu rosto havia emagrecido ao longo dos anos, acrescentando rugas afiadas e angulares para ele. Mas de forma alguma prejudicara a perfeição de suas feições clássicas. Sobrancelhas escuras contrastavam fortemente com os olhos cinza-prata, e seu nariz largo ainda tinha a pequena colisão no centro onde tinha quebrado.

Glória, mas ele estava ótimo. Completo e absolutamente delicioso, como um raro deleite do chocolate suculento depois de uma longa abstinência.

Ele sempre possuíra uma poderosa e convincente aura masculina, que era francamente obscena na natureza. Uma aura que estendia a mão e capturava a atenção de qualquer coisa do sexo feminino dentro de seu poderoso alcance.

E só Deus sabia, ela estava longe de ser imune a ela.

Mas o Diabo iria mover sua casa para a Antártida antes que ela nunca deixá-lo saber disso.

— O que diabos você está fazendo aqui? — Catherine perguntou quando ela finalmente encontrou sua voz.

— Precisando de um médico, — disse ele sarcasticamente, balançando o seu pé esquerdo.

Catherine olhou para baixo para ver o couro preto carbonizado ao luar de inverno brilhante. Uma onda de vergonha a encheu.

— Por que é que é que cada vez que nos encontramos, eu acabo precisando de um médico?

Ela ergueu o queixo pelo seu tom brincalhão. Seus dias de achá-lo divertido estavam no passado. — Você está tentando flertar comigo?

Nem mesmo a escuridão poderia mascarar o olhar perversamente quente em seus olhos. — E se eu estivesse?

Eu provavelmente acabaria me rendendo a ele.

Mas ela não tinha nenhuma intenção de deixá-lo saber disso. *Engane-me uma vez, vergonha para você. Engane-me duas vezes, vergonha para mim*[32]. Ela não podia se dar ao luxo de deixá-lo quebrar seu coração novamente. A primeira vez tinha sido dolorosa o suficiente. E, na verdade, ela não tinha certeza se ela poderia sobreviver a perdê-lo novamente.

Em vez disso, ela procurou se proteger, colocando um fim a qualquer pensamento que pudesse estar em sua mente.

— Eu não sou mais uma menina, Sr. O'Callahan. Eu já não danço a sua música.

O'Connell respirou fundo quando ele a encarou. Ele tinha quase esquecido o seu antigo nome. Mas o tom frio de sua voz gelou lhe mais do que o vento do inverno em suas costas.

Ainda assim, ele não fez nada para assustar o fogo em suas entranhas que a presença dela causava. Ela parecia ainda melhor do que ele se lembrava. Foi-se o quadro de salgueiro -fino de sua juventude e em seu lugar estavam as curvas sensuais de uma mulher adulta.

Ela usava o cabelo em coque apertado que ele sempre desprezara. Catherine tinha um cabelo tão lindo - longos, grossos e ondulados. Ele, o homem que era procurado em seis estados, havia passado horas escovando os cabelos durante a noite. Passando as mãos por ele.

E ele se perguntou se ela ainda cheirava a primavera.

Naquele instante, lembrou-se do jeito que ele havia deixado. Sem uma palavra, sem uma nota. Ele

simplesmente havia saído para trabalhar e nunca mais voltara.

A vergonha o encheu. Ele deveria ter, pelo menos, enviado uma carta. Embora, honestamente, ele tentara escrever milhares de vezes. Mas ele nunca havia completado. O que um homem diz a uma mulher a quem fora forçado a desistir contra a sua vontade?

Especialmente quando ele não queria que ela soubesse a verdadeira razão de tê-la deixado?

Pegando o chapéu do chão varanda, ele lhe lançou um olhar arrebatador, com fome sobre seu corpo, e desejou pela milionésima vez, que as coisas tivessem sido diferentes entre eles. Que ele poderia ter passado uma longa vida passou ao lado dela, sendo o marido que ela merecia ter. — É bom vê-la novamente.

Seu olhar o congelou enquanto ela desamarrava o avental, em seguida, abaixou-se para pegar o vidro quebrado e colocando-o no pano. — Eu gostaria de poder dizer que é muito bom vê-lo novamente, mas, neste caso, eu acho que você vai entender se eu for um pouco fria com você?

'Fria' era um termo suave para o comportamento dela. Na verdade, ele suspeitava de icebergs no Polo Norte, que pudessem ser um pouco mais quentes.

Esperava mais raiva dela. A Catherine da qual se lembrava, o teria amaldiçoado como um cachorro, por tê-la deixado.

Esta Catherine era diferente. Ela era composta e séria, não ria e brincava

Apaixonada, ele percebeu com um sobressalto. Isso era o que estava faltando. Ela perdeu a humor que provocava num minuto, uma risada, depois chorava e depois beijá-lo cegamente dois segundos depois disso.

E, sem dúvida, ele sabia que ele era o culpado por isso. Ser abandonado afetava uma pessoa negativamente. Suas entranhas se contorceram. Ele tinha muito pelo que responder em sua vida. Ele só queria que ela não fosse uma dessas coisas que ele desarrumara.

— Onde está a sua raiva? — Ele perguntou enquanto se inclinava para ajudá-la a recolher a bagunça.

Catherine considerou sua resposta. Ela deveria estar furiosa com ele, mas por incrível que parecia, uma vez que o choque inicial do encontro passou, ela se viu completamente insensível a ele.

Bem, não completamente dormente.

De fato, "entorpecida" descreveria seu efeito sobre ela como "bonito" descreveu Abe Lincoln[33].

Uma mulher teria que estar morta para não sentir uma agitação vigorosa por um homem tão incrivelmente bonito, como sua doninha errante. Especialmente um homem possuído dessa matéria, o apelo primordial.

Tudo sobre ele prometia puras delícias sexuais. E muito bem, ela lembrou-se da maneira como ele se sentia em seus braços, a força de seu corpo longo e magro acariciando o dela em um abandono brincalhão, enquanto ele a enviava ao êxtase feliz.

E logo em seguida, com a cabeça a poucos centímetros da sua próprio, ela podia sentir o cheiro do perfume dele. Couro e almíscar que sempre a excitava. Aquele cheiro quente, maravilhoso era uma parte dele, como o poder inato e autoridade que sangrava por todos os poros de seu corpo. E aqueles lábios...

Completos e sensuais, aqueles lábios a beijaram até que ela perdeu toda a razão, até que seu corpo inteiro zumbia com luxúria e desejo. E esses maravilhosos lábios sensuais, haviam provocado e atormentado seu corpo até o auge final de prazer humano.

Meu Deus, como sofria por ele. Mesmo depois da maneira como ele a tinha machucado.

O que você está pensando?

Catherine sacudiu-se mentalmente. Não, ela não o odiava por tê-la deixado do jeito que ele deixara- cinco anos havia lhe dado tempo para colocar seu ódio de lado. Não iria ficar louca neste momento. Ela iria se vingar.

Ele merecia a sentir a dor da rejeição. Então ele iria entender exatamente o que ele havia feito para ela. Como se sentiu ao ser negada e esquecida.

— Eu me esqueci da minha raiva por você, Sr. O'Callahan, disse ela com sarcasmo, levantando-se com cuidado para que ela não se cortasse com o vidro em seu avental.

Ela lhe deu um olhar da cabeça até as botas ainda esfumaçadas, deu um passo para dentro da casa e falou: — E então eu me esqueci de você.

Com um último olhar estoico para ele, Catherine fechou a porta na cara atordoada dele.

2

As palavras de Catherine soaram nos ouvidos de O'Connell, enquanto olhava incrédulo para a porta fechada.

— Bem, o que você esperava? — Perguntou-se enquanto pegava sua manta carbonizada da varanda.

O ódio dele, com toda a honestidade. Para isso ele estava preparado. Mas sua apatia em relação a ele...

Bem... *Foi ... insuportável*.

A raiva sobre sua rejeição deu um nó em suas entranhas. Como ela se atreve a dispensá-lo por isso? O que ela acha que ele era, algum cachorrinho perdido que viria lamber os restos do chão?

Bem, ele não era um cachorrinho perdido. Ele era um homem. Um homem desejado por todas as mulheres que já haviam colocado os olhos em cima dele. Não que ele fosse vaidoso sobre isso. Sem exagero, de qualquer maneira. Era apenas um fato sobre o qual, há muito tempo se acostumara. Um fato que todos os que o conheciam, apenas aceitavam.

As mulheres sempre foram parciais em relação a ele.

Em Hollow Gulch aonde O'Connell vinha trabalhando nos últimos meses, as mulheres o descobriram no momento em que ele chegou montado na cidade, cozinharam tortas frescas, bateram seus cílios para ele. Inferno, uma loira corajosa entrado sorrateiramente em seu quarto e se escondida nua em sua cama, enquanto ele estivera fora bebendo.

Não que ele estivesse interessado pela loira ou por qualquer uma das outras. Ao contrário de qualquer homem normal, em sã consciência, ele a mandou para casa assim que ele jogou algumas roupas em seu corpo. E o tempo todo ela sussurrou-lhe as coisas, luxuriosas e tórridas que ela poderia fazer para lhe dar prazer.

Seus comentários picantes o incendiaram, mas mesmo assim, ela não o atraía nem um pouco. Seu coração pertencia a Catherine. Ele sempre foi dela. E recusou-se a manchar a memória de Catherine, indo para cama com qualquer outra mulher. Essa era a única promessa que nunca iria quebrar. Inferno, ele tinha desistido de tudo o que ele valorizava para ver Catherine segura.

E ela o banira de seus pensamentos?

Ele viu o cartão vermelho.

Nos últimos cinco anos não houve um instante em que ele não houvesse sido consumido pelos pensamentos dela. Nem um minuto que ele não havia se perguntado o que ela estava fazendo. Como ela estava fazendo.

E ela não sentia nada para ele.

Nada.

Ele nem sequer justificara o ódio dela.

— Tudo bem, — murmurou O'Connell para a porta fechada, deu de ombros, então colocou seu Stetson na cabeça. Fez uma careta para frente da aba que tinha sido parcialmente queimada pelo fogo. — Eu não preciso que você sinta qualquer coisa por mim, mulher. Eu não preciso de você para nada. Na verdade, eu posso colocá-la para fora da minha mente, também.

Girando nos calcanhares, ele deu um passo para o seu cavalo. A dor explodiu em seu pé e ele

amaldiçoou em voz alta enquanto mancava.

A mulher condenada o havia mutilado. E durante todo o tempo ela não sentia nada em relação a ele.

Nada ...

— O que você quer dizer, sobre está farta de mim?

Catherine virou-se para vê-lo em pé na porta. Seu rosto repleto de sombras, e ela podia sentir seu olhar zangado mais do que vê-lo.

Vá em frente e ferva, o Sr. O'Callahan. Cozinhe na sua raiva até que todo seu corpo se borbulhe.

Era terrível para tomar tal prazer na miséria de um homem, mas ela se deliciou com isso. Catherine tentava não demonstrar sua alegria. Ela sabia que ele não poderia resistir às suas palavras. Foi por isso que ela havia deixado a porta destrancada. A última coisa que ela queria era que ele a arrombasse. E conhecendo-o, ele certamente teria feito isso se ela tentasse impedi-lo de sua casa.

Entre na minha sala, disse a aranha à mosca. Ele não iria escapar de suas garras até que ela exigisse cinco anos de rejeição de sua pele podre.

— Você precisa de alguma coisa? — Ela perguntou friamente.

O'Connell forçava as emoções para longe de seu rosto, enquanto arrancava o chapéu de sua cabeça. Como ela poderia ficar com calma, dispensando-o como um sapato velho?

Bem, ele não era um sapato velho, a ser deixado de lado e esquecido. Eles haviam sido mais do que meramente íntimos. A mulher havia realmente tocado sua alma impenitente. E depois de todos os anos que ele mesmo havia se torturado pela culpa sobre suas ações, ela o esquecera?

Ah, ele não estava disposto a sair daqui até que ele a fizesse se lembrar do que eles haviam compartilhado. Pisando em sua casa, ele fechou a porta atrás de si.

— O que quer dizer, com o fato de que você já teve o suficiente de mim, ele perguntou de novo enquanto encurtava a distância entre eles.

Ela deu de ombros casualmente. — Já se passaram cinco anos, o Sr. O'Callahan.

Como se ele precisasse desse lembrete. Faziam cinco anos, angustiantes, longos de saudades dela. De sentir a presença dela, cheirar seu perfume. De saudade de ouvir sua voz, sentir o seu toque acariciando sua carne.

Como um tolo arrogante, ele tinha assumido que ela sentia falta dele também. Obviamente, ele estava errado.

Bem, ele não ia deixá-la saber o quanto isso o incomodava. Se ela queria jogar com frieza, ele certamente lhe daria isso de volta. Ele poderia esconder suas emoções melhor do que qualquer outra pessoa viva. Na verdade, quantas vezes essa característica a deixou louca?

— Você está certa Sra. O'Callahan, — disse O'Connell em uma voz aparentemente calma. — Tem sido cinco longos anos. Pelo bem dos velhos tempos, você poderia pelo menos me dizer onde eu poderia encontrar um médico para o meu pé?

Um tom rosa manchava o rosto dela, enquanto ela olhou para baixo para seu pé ferido. — Temo que o Dr. Watson morreu há alguns meses e ainda não temos nenhum substituto. Mas desde que fui eu quem o queimou, eu vou cuidar de você.

— Bem, com certeza gostaria disso, porque está latejando.

E agora que ele mencionou isso, o outro membro estava latejando também. Especialmente quando seu olhar mergulhava por sua própria vontade para os seios suculentos. Seu corpo ficou ainda mais quente e a palma da mão coçava a acariciar os montes redondos firmes, e sua boca a sugar as pontas rosa suaves até que endurecessem como gemas que ondulavam debaixo da sua língua.

E ela não sentia nada por ele. Nada.

Sufocando seu grunhido, ele prometeu que isso mudaria em breve. Se fosse a última coisa que ele fizesse, ele iria fazê-la lembrar como era bom quando os dois estavam juntos. Quanto prazer que ele podia lhe dar. E se qualquer outro homem tivesse ousado entrar em sua cama nos últimos cinco anos, a lei poderia acrescentar o crime de assassinato em seu cartaz de procurado.

— Se você continuar me encarando, — ela disse. — Eu mantenho a minha cesta medicinal nos fundos da casa.

— Não a estava encarando, — O'Connell murmurou, não querendo admitir a ela o que estava fazendo.

Ela se dirigiu por um corredor estreito para a parte traseira da casa. — Então, por favor me perdoe, disse Catherine sobre o ombro. — Eu acho que depois de cinco anos, eu esqueci como um flerte se parece.

Reprimindo sua resposta, O'Connell foi mancando o seu caminho pelo corredor estreito, passando pelas escadas. Ele olhou para as paredes cor de vinho e as pinturas que revestiam o corredor. Ela tinha uma bela casa. Ele só queria que houvesse sido o único a dar a ela.

Pior ainda, um aspecto caseiro envolvia pensão.

Houve um tempo, uma vez, há muito tempo, quando ele sonhava em ter um lugar para chamar de lar. E

o pensamento de compartilhar tal lugar com Catherine tinha sido sua ideia de paraíso.

Mas o destino havia lhe virado as costas ele tinha desistido da ilusão. Ele nunca poderia teria uma vida com ela. Ele sabia disso.

— Lugar agradável que você tem aqui, — disse ele.

— Obrigada. Eu usei o dinheiro que você deixou para trás.

— Sabe, — ele disse na defensiva enquanto mancava. — Eu não era de todo ruim.

— É por isso que eu não te odeio.

O'Connell amaldiçoou em voz baixa. Voltara à estaca zero. Isso não tinha ajudado em seu caso. Queria sua raiva, seu ódio. Queria... não, corrigiu, precisava que ela sentisse algo por ele. Algo diferente de apatia. Tinha que haver alguma maneira de agitá-la.

Ele parou na porta da cozinha enquanto ela atravessava o chão para colocar o avental e vidro em um receptáculo de lixo de madeira. — Se você se sentar à mesa e retirar a sua bota, eu volto com a pomada de queimadura.

Ela desapareceu em um quarto ao lado da cozinha.

O'Connell cruzou o chão até mesa. Ele colocou o chapéu em cima da mesa, tirou o manto, em seguida, sentou-se no banco de madeira e fez o que ela pediu.

Fazendo uma careta de dor, ele tirou o meia queimada. Ele teve que admitir que seu pé parecia melhor. E já definitivamente se sentia melhor. Soprou ar na ponta dos pés latejando, observando a pele avermelhada que já estava mostrando sinais de bolhas.

Droga, mas doía. Ainda mais do que o seu nariz tinha quando ela acidentalmente bateu-lhe no rosto com um cabo de vassoura, por causa de alguma teia de aranha ela não podia suportar estar no canto da sala. Pessoalmente, ele preferiria sofrer muito mais com a aranha do que com o nariz quebrado.

Estar em torno de Catherine poderia ser muito perigoso para a saúde. Embora, para ser justo com ela, ele nunca a vira desajeitada em torno de qualquer um, mas ele.

Então, novamente, ele nunca realmente se importara com sua falta de jeito, já que ela tinha tantas formas maravilhosas de fazer as pazes por isso.

Sua respiração ficou presa na garganta ao se lembrar de como ela tinha feito as pazes por causa do nariz. Fechando os olhos, ele ainda podia vê-la abaixando-se em cima dele, sentir sua boca provocando sua carne. Seus dentes mordiscando lhe todo.

E seu corpo ficou mais forte, mais quente, até que ele mal podia suportar.

Senhor, mas ela tinha uma boca pequena tão doce, que tinha gosto de mel parecia o seda quente enquanto ela deslizava sobre sua carne.

Realmente era verdade que um corpo não podia sentir dor e prazer ao mesmo tempo. Porque quando ela provocava a sua carne com a língua e os dentes, toda a sua dor evaporava como o orvalho em uma manhã quente de julho.

Catherine voltou para a cozinha, carregando uma pequena cesta de vime na mão. Ela colocou-o sobre a mesa ao lado de seu chapéu, em seguida, inclinou-se para examinar seu pé. Uma carranca severa deixou as sobrancelhas juntas. — Eu fiz tudo isso?

— Sim, você o fez, — ele disse com petulância.

— Sinto muito, — disse ela. — É melhor eu pegar um pouco de manteiga para isso. Quando ela pegou o pote de manteiga de porcelana sobre a mesa, ela acidentalmente roçou na cesta de vime.

Que caiu direto em seu pé machucado.

O'Connell prendeu sua respiração entre os dentes, quando a dor explodiu na perna.

— Eu sinto muito, — ela repetiu enquanto se agachava para recuperar a cesta.

Seu olhar se banqueteava com fome nos quadris redondos, enquanto ela se abaixava para a cesta debaixo da mesa. Oh, mas ela tinha um quadril tão agradável, redondo. Um que o fazia se sentir incrível em suas mãos, ou contra seus lombos.

Ele esqueceu tudo sobre o seu pé até que ela se endireitou, oscilou ainda que levemente, em seguida, agarrou seu pé lesionado para se firmar.

Desta vez, ele amaldiçoou em voz alta.

A cor explodiu em seu rosto. — Eu não

— Não, — ele retrucou, cortando-a. — Eu sei que você não queria, só por favor, dê um tempo suficiente para o pé se recuperar antes de fazer qualquer outra coisa para ele.

Suas bochechas escureceram ainda mais enquanto ela colocava a cesta de volta na mesa. — É culpa sua, você sabe.

— Como é isso?

— Você me deixa nervosa, — ela confessou.

— Eu te deixo nervosa? — Ele perguntou incrédulo. Se alguém tinha o direito de estar nervoso, deveria ser ele, pois ele nunca sabia qual lesão ela poderia infligir a ele em seguida.

— Sim, você me deixa. A maneira que você se senta e olha para mim como se eu fosse o assado principal e você não tivesse comido nada em uma semana. É bastante desconcertante, o Sr. O'Callahan. Se você quer saber.

Ele parou de abanar o pé e olhou para ela. — Por que você nunca me disse isso antes?

— Eu não costumava me importar com a maneira que você olhava para mim.

— E agora?

— Eu me importo e eu queria que você parasse.

O'Connell trancou sua mandíbula com suas palavras. Tinha que haver alguma maneira de quebrar o gelo ao seu redor.

Claro, ele nunca em sua vida teve que praticar a quebra de gelo ao redor de mulher. As mulheres sempre haviam se derretido em sua presença. Elas só tinham mostrado uma resistência simbólica antes de levantar as saias para ele.

Catherine havia sido a única que já havia cortejado. Mas então, ela sempre foi diferente para ele. Sua inocência tímida havia sido o que o cativara. A forma como o seu sorriso levara todo o calor do sol nele.

Pete o havia ridicularizado por seu amor por ela. — A mulher é simples como o pão de ontem.

Mas para ele, ela sempre foi bonita.

Catherine se inclinou sobre ele e delicadamente espalhou a manteiga em seu pé. Seu leve toque sacudiu-lhe na sua essência, e mil agulhas de prazer rasgaram por ele.

Apesar de si mesmo, ele sorriu. As massagens no seu pé o lembraram de como se conheceram.

Ele havia acabado de fazer dezenove anos e havia vindo trabalhar para o pai dela há poucas semanas. O portão principal até a casa dela fora danificado por uma tempestade e ele estava tentando consertá-la quando, de repente, ela veio correndo por cima da colina, como se o próprio Diabo a estivesse perseguindo. Ele mal tinha se abaixado para fora do caminho, antes que seu cavalo saltasse sobre ele.

O poste que ele estava batendo no chão escorregou para o lado e quando ele tentou agarrá-lo, o martelo caiu de sua mão e caiu sobre os dedos dos pés, quebrando o pequeno. Se isso não tivesse sido doloroso o suficiente, todo o poste também tinha caído em cima dele.

Ela imediatamente virou-se e voltara para ajudá-lo. Mesmo agora, ele podia vê-la na roupa de equitação verde escuro que tinha, sem dúvida, custado o valor de seu salário de mais de um ano, enquanto ela o ajudava a empurrar o posto de cima de suas pernas. Sem qualquer pensamento com seu vestido, ela se ajoelhou no chão lamacento, cuidadosamente tirou a bota, e verificado seu dedo do pé, mesmo quando ele lhe disse que não.

Ela insistiu que desde fora ela quem o quebrou, que deveria cuidar dele.

Essa havia sido a primeira vez na vida alguém já tinha realmente sido gentil com ele sem esperar algo em troca.

Mais tarde naquela noite, quando ela trouxe uma bandeja de bife, batatas e biscoitos para o barracão

que dividia com o resto dos vaqueiros, ele sabia que estava apaixonado.

Ela parecia um anjo vindo através da porta com a bandeja de prata grande em suas mãos.

E a margarida estúpida que ela colocara no vaso... Os outros homens haviam zombado dele por semanas depois disso. Mas ele não se importava.

Nada tinha importância para ele, a não ser o sorriso dela.

— Você está fazendo isso de novo, Catherine retrucou, chamando a sua atenção de volta para o presente enquanto ela colocava a pomada contra queimadura. Com seu toque ainda mais suave, ela colocava sobre os dedos dos pés queimados.

— Fazer o quê? — Perguntou ele.

— Me encarando.

O'Connell sorriu para ela. — Você sabe por que eu te encarando?

— Eu não posso imaginar.

— Porque você ainda é a mulher mais bonita do mundo.

A descrença estava gravada em seu rosto enquanto ela se endireitava e olhava para ele. — É por isso que você me deixou?

— Não.

— Então me diga o porquê.

3

O'Connell mal se conteve antes que ele derramasse a verdade. Agora, como então, ele não podia suportar a ideia de que ela soubesse o que ele havia sido.

O que ele havia se tornado.

Ele nunca fora orgulhoso do que o desespero a obrigação familiar o levara a fazer. Ele sabia que deveria ter se afastado de Pete e seus esquemas malucos anos atrás. Mas cada vez que pensava em ferir Pete, ele se lembrava de sua infância, quando Pete fora a única coisa que se interpunha entre ele e fome.

O mundo era um lugar duro, frio, para dois órfãos sozinhos, e cheio de pessoas sem escrúpulos que rapidamente se aproveitam deles. Mas Pete, que era sete anos mais velho do que ele, sempre o manteve seguro.

Se apenas Pete podia deixá-lo ir. Infelizmente, o seu irmão mais velho os via como gêmeos inseparáveis unidos pelo quadril. E não importa o que ele fazia para fugir, seu irmão conseguiu localizá-lo como um cão de caça possuído.

Não, não havia nenhuma maneira que ele poderia tê-la enquanto Pete se arrastasse atrás dele. Mais cedo ou mais tarde, o seu irmão iria aparecer e usá-la como alavanca contra ele - assim como ele havia feito há cinco anos em Nevada.

O'Connell só podia ficar forte contra Pete quando apenas os dois estavam envolvidos.

Catherine o fizera fraco. Vulnerável.

Além disso, ela era uma boa mulher, com um bom coração e que preferia que ela achasse que ele era um canalha, que nunca soubesse que havia se casado com um bandido. Nada de bom poderia advir dela saber a verdade. Então ele respondeu sua pergunta com a primeira resposta estúpida que lhe ocorreu. — Eu não sei.

Ela arqueou uma sobrancelha marrom escuro para ele, enquanto erguia o olhar de seu pé para o rosto dele. — Você não sabe?

— Parecia que era a coisa certa a fazer, ofereceu como um consolo.

Pelo olhar irado em seu rosto, ele percebeu tarde demais, que ele deveria ter apenas mantido a boca fechada.

Catherine estreitou seus olhos nele. — Por que você apenas não foi e... — A voz dela sumiu.

Ele esperou que ela terminasse.

Ela não o fez. Em vez disso, ela olhou estranhamente para seu braço direito.

— E, ele solicitou

Ela deu um passo ao redor do banco até que ela estava a seu lado. Ela agarrou a manga de sua camisa preta, e abaixou-se para olhar mais de perto para ele. O contato trouxe a cabeça para perto de seu nariz. Seu estômago se contorceu. Ela ainda cheirava a primavera. Seu cabelo possuía o mesmo aroma delicioso de flores frescas e calor.

E logo em seguida, tudo o que ele queria fazer era deitá-la na mesa da cozinha, levantar a saia para cima, e enterrar-se profundamente dentro de seu corpo quente.

Levou toda a sua força de vontade para não ceder a esse desejo quando o aroma dela circulava em volta dele, deixando-o tonto. Faminto. Incitando além do pensamento ou a razão.

Um minuto inteiro se passou antes que ele percebeu que ela estava olhando para o seu sangue em sua mão.

— Você está sangrando, — ela perguntou.

Recusando-se a explicar-lhe que Pete havia atirado nele quando ele fugiu com o dinheiro roubado, ele se levantou. — Eu provavelmente deveria ir agora.

— Sente-se! — O tom agudo vindo dela foi tão inesperado, e fora do personagem, que ele realmente obedeceu.

— Tire sua camisa e deixe-me ver o que você fez agora.

— Sim, senhora, — ele murmurou sarcasticamente enquanto desabotoava a camisa e a obedecia.

Catherine abriu a cesta, em seguida, cometeu o erro de olhar para ele.

Seus movimentos lentos e lânguidos capturaram seu olhar enquanto aqueles longos e fortes dedos, trabalhavam nos botões através do cambraia preta. Ela sempre amou aquelas mãos. A maneira como ela se sentia ao estar atada às elas, o prazer e o conforto que sempre conseguiu dar a ela. Sua garganta secou com a lembrança.

Ele abriu a camisa, em seguida, começou a trabalhar nos botões de seu terno branco. E a cada botão branco que abria, ela via mais e mais de sua perfeita carne bronzeada.

Ela tinha esquecido como estressante a visão da pele nua dele poderia ser. Os anos não havia feito nada, apenas deixaram seus músculos mais enxutos, mais definidos. E lembrava muito bem sobre qual era a sensação de deslizar a mão sobre essas ondulações tensas. A forma como seu estômago dura a sentia percorrer enquanto a mantinha acima dela e levava-a para o paraíso com braços longos e suados.

Seu corpo ficou quente, e levou toda a sua concentração para forçar-se a alcançar o curativo improvisado em seu bíceps direito. Seu braço flexionavam sedutoramente enquanto seus dedos roçavam sua pele, e um tremor de desejo a atravessou. Havia poucas coisas na terra melhores de sentir do que os bíceps fortes, duros flexionando sob suas mãos.

Catherine cerrou os dentes em frustração. Como ele poderia fazê-la tão sem fôlego depois do que ele havia feito?

Por que seu corpo estava tão determinado a traí-la? E logo em seguida, ela desejou desesperadamente por um interruptor para parar o desejo irresistível correndo por suas veias.

Cuide da ferida, cuide da ferida. Ela repetiu mentalmente as palavras mais e mais, na esperança de ganhar algum controle sobre si mesma.

Eu não vou sucumbir a ele!

Por tudo o que era mais sagrado, ela não iria.

Desenfaixando seu curativo, Catherine viu imediatamente o ferimento de bala. — Você levou um tiro?

— E você pode acreditar que não foi por você?

Ela endureceu em seu tom brincalhão. — Você não é engraçado.

— Nem um pouco?

— Eu disse a você, Sr. O'Callahan, eu sou imune a seus encantos.

Não lhe desejo! Se ao menos pudesse viver de acordo com essas palavras corajosas.

— Eu queria que você parasse de me chamar assim, — ele virou-se para ela. — Eu tenho um nome e você estava acostumada a usá-lo.

Ela não se atreveu a usá-lo, então, porque se o fizesse, ela não tinha nenhuma dúvida de que ela seria sua para fazer o que quisesse. Apenas o som dessas sílabas em sua língua seria, suficiente para acabar com ela.

Ela se esforçou para ficar sob controle. — Eu costumava fazer um monte de coisas com você que eu não faço mais.

— Como o quê?

— Use sua imaginação.

Aquele olhar cinza-prata caiu para os seios, que ficaram apertados e pesados pelo olhar aquecido. — Oh, eu estou usando-o, tudo bem. E eu posso muito bem imaginar o som de seus suspiros de prazer no meu ouvido, quando eu mordia o seu pescoço. Você se lembra?

— Não, ela mentiu, sua voz surpreendentemente calma.

Mas, apesar de suas negativas, ela sentiu seu corpo se derreter contra o calor daquele olhar cinza-prata. Pior ainda, ela podia sentir o cheiro quente, exclusivamente masculino dele. Era tudo o que podia fazer para não enterrar o rosto na curva do pescoço dele e inalar o cheiro inebriante.

Cuide da ferida, cuide da ferida! Ela se forçou a se concentrar na tarefa em suas mãos.

— Será que a bala ainda está aí? — Ela perguntou enquanto examinava o buraco em seu braço.

— Mulher, — disse ele com voz rouca, seu olhar nunca deixando seus seios, — agora eu tenho uma arma carregada à espera de... — sua voz sumiu.

Ele finalmente olhou para cima e encontrou o olhar dela, mas ela não conseguia ler nada nas profundezas ardentes de seus olhos, exceto a fome crua que ela queimou por completo. — Acabei de dizer isso em voz alta?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele limpou a garganta e olhou através da sala. — Não, — ele disse rapidamente. — A bala atravessou completamente.

Desconsiderando a sua resposta, ela cuidadosamente examinou a ferida para ver por si mesma. Como ele previu, ele parecia estar limpo. — Isso precisa ser costurado.

Ele encontrou seu olhar novamente. Apenas três centímetros separavam o rosto e ela podia sentir sua respiração em seu rosto enquanto ele falava. — Então, por todos os meios, faça-o. Tenho certeza de que nada lhe daria mais prazer do que enfiar uma agulha na minha pele.

Ela deveria ter prazer nisso, mas sabia que não teria. Como poderia deliciar-se ferir o homem que havia roubado seu coração?

Mas ela nunca iria deixá-lo saber disso. Não depois de ele a machucara. Não, ela nunca iria deixá-lo saber o quanto de poder ele ainda mantinha sobre ela.

Nunca.

— Na verdade, eu não vou sentir nada, — disse ela, pegando sua cesta.

O'Connell cerrou os dentes em frustração reprimida.

Eu não vou sentir nada, ele zombou em silêncio enquanto ela pegava uma agulha e linha.

Você costura a ferida, e quando você terminar, eu prometo que você vai sentir alguma coisa, muito bem. Ela se lembraria de seu toque, nem que fosse a última coisa que ele fizesse.

O'Connell sentiu endurecer ainda mais quando ela colocou o fio entre os lábios e lambeu-o. A ponta

da língua ficou para fora enquanto ela enfiava a agulha.

Eu não posso suportar isso. Sua mente gritava pelo tormento desnecessário. Se ele não soubesse, ele poderia jurar que ela fizera isso de propósito.

Quando ela começou a trabalhar em sua ferida, ele não sentia dor, só o prazer de suas mãos suaves contra sua carne nua. A respiração dela caia em seu ombro quando ela se inclinou tão perto dele, que ele podia sentir o cheiro do sol fresco dela.

Mais e mais ele poderia imaginar deixar seu cabelo para baixo e enterrando as mãos nas ondas grossas. Sentindo-a cair sobre o peito, enquanto ele a colocava em cima dele e se banqueteava com os seios roliços, gostosos.

Catherine mal conseguia firmar a mão dela enquanto ela a ferida. Sua memória de tocar seus músculos duros, quentes, não poderia competir com a realidade de sua mão contra ele agora.

Sua cabeça nadou com o contato. Pior, ela podia sentir seu calor em torno dela, sentir sua respiração contra seu pescoço. Seu ombro pressionando contra seu seio direito.

Milhares de calafrios se espalharam através dela. Era tudo o que podia fazer para não gemer e exigir que ele a tomasse ali mesmo. Oh, era torturante. Especialmente depois de todos os anos ela ansiava por vê-lo novamente, todos os anos que ela ficara acordada lembrando-se da sensação dele deitado contra ela. A sensação dele deslizando dentro dela.

Depois do que pareceu uma eternidade, ela terminou os quatro pontos minúsculos que fecharam a ferida. Ela mal tinha amarrado o nó fora quando ele estendeu a mão, segurou-lhe o rosto com a mão, e tomou posse de seus lábios.

Catherine suspirou com o contato.

Ele fora o único homem que já beijara, e o gosto dele ficara marcado em sua memória por muito tempo, há muito tempo. Ele a puxou para ele possessivamente e sentou no banco diante dele, enquanto saqueava sua boca.

Catherine enterrou as mãos em seu cabelo sedoso e pressionou os seios contra o peito quente, nu. Ela deveria impedi-lo, ela sabia disso. Mas, por sua vida, ela não queria. Tudo o que ela queria era saboreá-lo como ela havia feito anos atrás.

Um calor vulcânico derramou-se através de seu corpo, acumulando-se entre as pernas dela, enquanto sofria por ele na mais primitiva das formas. Ela o queria desesperadamente. E só ele poderia pacificar o calor dolorido que exigia o seu corpo dentro dela.

Ele era seu marido e a parte dela que ainda o amava veio correndo para frente. Sob o assalto de seu beijo ardente, essa parte sua tomou posse de seu bom senso e obrigou-o a fugir de sua mente.

Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, ela sentiu o cabelo cair em torno de seus ombros e foi só então que ele se afastou de seus lábios para beijar sua bochecha, sua pálpebra, a ponta do nariz. Seus lábios estavam quentes e úmidos, deixando uma trilha de fogo em seu rosto.

— Minha preciosa Catherine, — ele sussurrou em seu ouvido. — Deixe-me te amar do jeito que você merece ser amada.

Ela sentiu as mãos dele desabotoar o corpete. Queria dizer-lhe que não, mas na verdade não podia. As palavras ficaram na garganta, porque, no fundo, ela o queria. Sempre queria o quis, e não importava o quanto ele a havia machucado, ainda havia uma parte dela que precisava dele.

E ela entregou-se a essa parte.

Ele abriu o corpete, então enterrou aqueles lábios quentes contra os topos de seus seios, enquanto suas mãos se moviam em volta para desatar o espartilho. Ela suspirou de prazer quando ela enterrou o rosto em seu cabelo e inalou o quente e ímpio aroma que era de seu marido.

A cabeça de O'Connell nadou no perfume dela enquanto enterrava o rosto entre os montículos suaves de seus seios e lambia sua pele salgada. Fazia tanto tempo desde que ele a saboreara, sentira-a, e ele sabia que ele iria passar o resto desta noite fazendo valer os cinco anos que haviam ficado afastados.

Os cinco longos anos que ele ficara sem uma mulher.

Nos braços dela, ele sempre achava que tudo era possível. Que ele poderia fazer qualquer coisa, ser qualquer coisa. Nenhuma outra pessoa já tinha levantado ele às alturas da bondade e prazer como ela fizera.

Ela era a única verdade em sua vida que ele podia confiar. A única pessoa que ele realmente necessitava. Passou a língua por cima dos seus seios, deliciando-se com a forma que ela estremecia em seus braços enquanto ele lutava com os laços do espartilho.

E naquele momento ele desprezava quem havia inventado a coisa amaldiçoada. Tinha que ser uma velha matrona, buscando preservar a virtude de sua filha, pois nenhum homem jamais projetaria uma engenhoca tão inconveniente.

Por fim, ele o soltou para que pudesse libertar os seios à boca com fome.

Catherine segurou a cabeça dele enquanto continha um gemido de puro prazer. A mão dele acariciou seus seios inchados, desenhando os mamilos tensos tão apertado que mal podia suportar. O calor rasgou através de seu corpo, enquanto uma dor profunda começou no centro dela. Era um desejo familiar que ela só se sentiu na presença dele.

Nenhum outro homem jamais a havia despertado do jeito que ele fizera. Ninguém. E ela duvidava que qualquer um jamais pudesse. E, em seguida, suas mãos estavam debaixo da saia dela, acariciando e brincando quando deslizaram sobre suas panturrilhas e coxas. Uma mão segurou suas nádegas quando passou o outro braço em volta dela e puxou-a para cima apertando0a contra ele.

Ele recuperou seus lábios para um faminto e pulsante beijo, em seguida, puxou-a de volta.

Ele segurou seu rosto entre as mãos e inclinou a cabeça para olhar para ele. Seus lábios estavam inchados de seus beijos e ele olhou para ela como se estivesse sonhando.

A necessidade e a fome no olhar cinza-prata a hipnotizava. Sua respiração era irregular e ela não podia fazer nada, além de olhar para ele com espanto.

— Diga meu nome, — ele pediu, acariciando seus lábios inchados suavemente com os nós dos dedos.

Ela hesitou.

Mas qual era o ponto? Já havia se entregado a ele. E por alguma razão, não conseguia entender, queria agradá-lo.

— Michael, — ela suspirou.

Ele sorriu, e voltou a torturar a boca com a doce felicidade.

Levantou-se com ela em seus braços. — Onde é o seu quarto?

— Para lá, — disse ela, apontando para o corredor atrás da sala à esquerda.

Mancando por todo o caminho, ele levou-a consigo, em seguida, fechou a porta com o calcanhar do pé queimado. — Onde está a luz?

Catherine se contorcia em seus braços e movia-se para encontrar a cômoda à esquerda da porta. Muito escuro para ver, ela tateou ao longo da parte superior lisa, enquanto ele veio por trás dela e segurou os seios com as mãos.

Ela gemeu enquanto ele brincava com ela e o calor percorria seu corpo.

— Você está fazendo isso difícil, — disse ela, em seguida, suspirou ao sentir os lábios dele na parte de trás do pescoço dela enquanto pressionava seu membro inchado contra seu quadril.

Ele deu um último aperto possessivo em seus seios, em seguida, soltou. — Acenda a luz, disse ele, com a voz entrecortada. — Eu quero vê-la. Inteira.

Rapidamente, ela encontrou o vidro da lâmpada. Levantamento o globo, ela pegou um dos jogos ao lado dele e acendeu-o. Ela virou o pavio para baixo, um brilho quente, baixo, que fizeram as sombras dançarem na parede distante.

Michael veio por trás dela de novo e deu um beijo em seu ombro enquanto colocava seus braços em volta de sua cintura, para puxá-la para perto de seu peito. Ela inclinou a cabeça para trás, saboreando a

sensação dele. A força e o calor de seus braços poderosos. Seu gemido profundo ecoou em seus ouvidos e ela suspirou satisfeita.

Lentamente, ele começou a desfazer-se de suas roupas.

— Michael, o que...

— Shh, — ele disse, colocando um dedo sobre os lábios. — Eu quero saborear você como um presente embrulhado. Devagar. Cuidadosamente e com prazer.

E assim ele fez. Ela não se moveu enquanto ele removia o corpete, então saia e anáguas. Seu espartilho foi próximo, expondo a parte de cima de seu corpo a ele. Ela estremeceu com o ar frio contra a sua pele, mas seu olhar quente, a esquentou quando ele desamarrou suas calças e depois os deixou cair no chão.

Ela engoliu em seco quando ficou nua diante dele.

O'Connell pensou que iria ficar louco, enquanto olhava para seu corpo nu. Nem mesmo sua memória tinha sido capaz de segurar a verdadeira beleza que era sua Catherine.

E por era noite ela era dele.

Toda a sua.

Ele estendeu a mão e correu uma mão sobre seu seio direito, deliciando-se com a forma como seu mamilo endurecia com seu toque. Depois, ele arrastou a mão sobre seu abdômen para os cachos na união de suas coxas. Ela gemeu quando ele deslizou os dedos contra ela.

Sua mente cambaleou na quentura de seu corpo, a umidade em sua mão. Ela estava tão pronta para ele como estava para ela, mas ele não queria apressar isso.

Ele queria que esta noite para durar uma vida.

— Eu irei te saborear, — ele disse a ela. — Cada centímetro de você.

Catherine não poderia responder verbalmente. Sua mente estava entorpecida, e ela não podia fazer nada mais do que observá-lo.

Ele a pegou novamente e a levou para a cama, onde ele tirou os sapatos, então, cuidadosamente rolou suas meias, mordiscando as pernas enquanto fazia isso.

Quando ela começou a sentar-se, ele a segurou no lugar com uma mão e balançou a cabeça. — Deixe-me olhar para você ali. Eu quero ver você nua na sua cama.

E olhar foi o que ele fez. Seu olhar viajou a partir do topo de sua cabeça até seus seios, para a barriga, quadris e pernas e, em seguida, voltou para o centro de seu corpo, que vibrava com uma quente necessidade exigente.

Ele ergueu as mãos até suas coxas e abriu as pernas.

— Michael...

— Deixe-me olhar para você.

Assim ela o deixou, e seu olhar queimava ainda mais que seu toque. Ele inclinou a cabeça para baixo e deu um beijo suave, logo abaixo do umbigo. Seu hálito quente queimou-a, enquanto os dentes atormentavam sua carne. Ele arrastou seus beijos mais baixo, para o interior de suas coxas. Catherine fechou os olhos e gemeu quando seus lábios roçaram contra o centro de seu corpo.

Em seguida, ele se afastou.

Como se sentisse como ela doía por ele, ele rapidamente arrancou suas próprias roupas, em seguida, subiu entre as pernas. Todo o seu corpo acariciava o dela.

Ela gemeu com o prazer erótico que ao qual seu corpo se entregava, arqueando-se para encontrar o dele. Sentiu-o das pontas dos dedos dos pés até as pontas de seus seios doloridos, todo o caminho até a testa, onde ele colocou um beijo carinhoso.

Seu quente e rígido membro descansava em sua barriga.

Querendo-a tanto que não conseguia esperar, ela estendeu a mão entre seus corpos e acariciou a dureza aveludada dele. Ele sussurrou em seu ouvido enquanto ela segurou-o suavemente, em seguida, procurou orientá-lo dentro dela. Mas ele não queria nada disso.

Sem entrar ela, Michael rolou para o lado dela antes que sua boca se voltasse para a dela. Ele passou a mão sobre seu corpo, em seguida, enterrou-o entre as pernas.

Catherine assobiou de prazer quando seus quadris se levantaram instintivamente em direção a sua mão.

Ele se afastou para olhar para ela. — Então, — ele sussurrou enquanto seus dedos brincavam com a carne sensível entre suas coxas. Ele mergulhou um dedo profundamente dentro dela, girando ao redor e provocando-a com puro prazer. — Você se lembra de mim agora?

— Sim, — ela engasgou enquanto seus dedos faziam as coisas mais perversas para o seu corpo.

Ele brincou e brincou, seus dedos circulando e se aprofundando, cada vez mais rápido, até que ela estava sem fôlego em sua dolorosa necessidade.

— E você se lembra disso? — Ele perguntou enquanto o núcleo de seu corpo com o polegar.

— Sim, — ela engasgou novamente enquanto seu corpo inteiro pulsava.

Ele sorriu ternamente. — Agora me diga o que você quer.

— Eu quero sentir você dentro de mim. Agora.

Ele a soltou.

Catherine choramingou até que ele a pegou e a moveu mais uma vez. — O que você está fazendo agora?

Ele a levou para onde o espelho estava no canto. — Você vai ver, — ele sussurrou em seu ouvido, causando arrepios em seus braços.

Ele a manteve diante do espelho, onde ela podia ver suas mãos enquanto acariciavam seu corpo, amassava seus seios, e magistralmente acariciava o estômago.

Ele tirou o cabelo por cima do ombro direito, que cobria a maior parte dela e enterrou seus lábios na curva de seu pescoço.

Estendendo a mão sobre a cabeça dele, ela enterrou a mão no cabelo dele e gemeu de prazer.

— Você ainda cheira a luz do sol, ele sussurrou em seu ouvido antes de rodar a língua sobre a carne sensível. E quando ele enfiou a língua dentro da orelha, ela se derreteu e gemeu quando seu corpo inteiro irrompeu em chamas.

Catherine tremia inteira, enquanto observava suas mãos nos seus seios possessivamente. Ele os apertou, amassou, acariciou-os até que ela mal podia suportar.

— Eu quero tocar em você, — disse ela com a voz rouca, tentando se virar em seus braços.

Ele parou. — Você vai, — disse ele. — Mas ainda não. Não até que eu te devore.

— Então me devore.

Sua rica risada ecoou em seu ouvido. — Sim, senhora, — ele sussurrou. — Estou mais do que feliz de ser obrigado.

E então ele trilhou beijos por sua espinha. Lentamente, metodicamente, cobrindo cada centímetro de seu corpo. Ela não sabia como as pernas conseguiam mantê-la de pé, pois tremia até que tinha certeza que iria cair.

Seu hálito quente acariciava sua carne enquanto sua boca quente, molhada, provocava sua pele. Ele fez uma pausa na parte baixa das costas, sua língua acariciando delicadamente suas nádegas. Suas mãos circulou ao redor na frente dela quando ele se ajoelhou no chão a seus pés.

Então seus lábios beijou as costas de suas coxas, joelhos, panturrilhas, e quando chegou até os tornozelos, ela saltou pelo prazer erótico.

Ele riu, então cutucou as pernas mais afastadas.

Febril e quente, ela fez o que ele queria e viu no espelho enquanto posicionava seu corpo entre as pernas dela e beijava a frente de seus joelhos, as coxas.

Ele parou na junção de suas coxas.

Com o olhar paralisado pela visão dele no espelho, todo o corpo de Catherine pulsava enquanto seu hálito quente queimava sua pele. Ele passou a mão esquerda através de seus cachos escuros, curtos, amassando-os eroticamente. Em seguida, usando as duas mãos, ele gentilmente separou as dobras e

enterrou a boca no centro do corpo. Os tremores de êxtase a sacudiram.

O'Connell queria gritar na vitória de ter provado a parte mais privada dela. Ela era sua e esta parte dela era só para ele. Ele nunca iria partilhá-la! Nunca.

Ele passou a língua sobre ela, deliciando-se com seus gemidos e suspiros. No gosto do seu corpo, quente e úmido contra sua língua faminta.

— Por favor, — ela implorou. — Eu não aguento mais.

Ele beliscou sua carne macia. — Oh, sim, você pode meu amor. Eu apenas comecei com você.

Decidido que tinha torturado os dois o suficiente para o momento, ele moveu-se para mordiscar a carne sensível de seu quadril. Ela enterrou a mão em seu cabelo. Adorava a sensação de suas mãos em seu couro cabeludo. Mais rapidamente do que antes, ele beijou o seu caminho até o seu corpo até que ele pudesse enterrar seus lábios no oco de sua garganta.

Ele segurou -a com força contra ele, divertindo-se com a sensação de sua pele nua contra a dele, a sensação de seus mamilos apertados queimando em seu peito.

Catherine levantou uma perna para cima para a coxa dele, enquanto arqueava o corpo contra ele, precisando, desesperadamente, estar mais perto de seu calor. Seus lábios queimavam sua garganta. Ela esfregou seus quadris contra os dele em um pedido silencioso, para que ele tivesse misericórdia dela e esmagasse o fogo que a queimava de dentro para fora.

Para seu desgosto, ele se afastou. Então, ele tomou -lhe as mãos e apoiou-os na moldura do espelho enquanto se movia para ficar atrás dela.

Ela encontrou seu o olhar quente de luxúria no espelho. Nunca havia visto um olhar de amor e luxúria misturado. Com sua respiração irregular, ele sussurrou para ela: — Eu quero que me veja tomando-a.

E, em seguida, com um golpe poderoso, ele dirigiu-se dentro dela. Ela engoliu o fôlego bruscamente ao sentir sua plenitude acariciando-a.

— Oh, sim, Michael, sim, — ela gritou.

O'Connell pensei iria morrer ao ouvir o som de seu nome em seus lábios, enquanto ela se entregava a ele. Naquele momento, ele sabia o que significava paraíso. Nada poderia ser mais agradável do que estar com a mulher que amava, ouvindo seus suspiros, e sentir seu corpo de dentro para fora.

— Mostre-me, — disse ele em seu ouvido. — Mostre-me que você se lembra de mim.

Ela hesitou apenas um instante antes que ela se levantasse na ponta dos pés, deslizando seu corpo até a ponta do seu eixo. Assim como ele tinha certeza que ela iria levá-lo para fora, ela soltou-se para trás contra ele, arrancando um gemido profundo de prazer dele. Ele rangeu os dentes na tortura agridoce de seu corpo com o dela.

Para o inferno com sonhos! Ele pensou furiosamente. Eles não eram nada comparados a esta realidade. À verdadeira sensação do corpo dela deslizando contra o seu.

Catherine sorriu ao ver a expressão de êxtase no rosto dele, enquanto o olhava no espelho. Ousado, deu-lhe o que ele queria e tomou o que ela precisava. A transpiração estourou em sua testa quando ele encontrou seu olhar no espelho.

Ela podia sentir seu corpo começar a balançar, a espiral que só ele já tinha mostrado a ela.

Mas antes que ela fosse até lá, ela queria algo mais dele. Ela entregou um último movimento longo para ele, depois parou. Ele arqueou uma sobrancelha questionando.

— Alguma vez você se lembrou de mim? — Ela perguntou.

— A cada minuto de cada hora. Eu nunca deixei de amar você.

A sinceridade em seu olhar lhe disse que ele falara a verdade. A alegria se espalhou através dela, enquanto ela novamente se balançava contra ele, então se afastou. Ele olhou para ela interrogativamente.

— Eu quero te abraçar enquanto isso acontece.

Recusando-se a percorrer a curta distância até a cama, ele a deitou no chão e novamente entrou nela.

Catherine gemeu com a sensação dele empurrando entre suas pernas quando ela cercou seu corpo com

o dela. Envolvendo suas pernas ao redor de sua cintura, ela passou as mãos por sua espinha e segurou suas nádegas, incitando-o. Seu prazer a levava cada vez mais alto, até que ela sentiu-se escorregar de novo. Desta vez, ela se deixou balançar sobre a borda.

Chorando, ela se balançava enquanto os tremores de puro prazer a atravessaram. Ainda assim, ele empurrou, aprofundando seu êxtase, até que ele jogou a cabeça para trás e gritou também. Com um suspiro de satisfação, ele caiu em cima dela e ela se deliciava com o peso dele. Havia sido um longo tempo. Muito tempo.

O'Connell não conseguia respirar ou se mover. Não até o pulsar voltar ao seu braço e ao pé. — Ai, ele respirou.

— Ai, — ela repetiu.

— O meu pé, — disse ele enquanto ele rolava de cima dela. — Está doendo de novo.

Um rubor cobria as bochechas dela. Levantou-se lentamente do chão e estendeu a mão para ele. — Eu acho que sei uma maneira de fazer você esquecer isso.

Ele sorriu e levantou-se ante seu convite. Ela o levou para a cama e deitou-o de volta contra o colchão macio.

Entregando-se a seus caprichos, ele a observava enquanto ela se arrastava até seu corpo como uma gata selvagem nua. Ela mexeu os quadris e, em seguida, montou seu corpo.

O'Connell gemeu com a sensação dos cabelos na junção de suas coxas, acariciando sua pele nua quando ela se sentou em cima de seu estômago. Ela se inclinou para frente, derrubando os seios em seu peito enquanto mexia a parte inferior dela contra ele.

— Agora vamos ver o quanto eu me lembro, ela sussurrou antes de enterrar os lábios logo abaixo da orelha. — Isso vai ajudar a dor?

— Um pouco, — ele gemeu.

Ela arrastava beijos sobre sua pele até que ela chegou ao seu peito. Ela acariciou seu mamilo com a língua e ele assobiou de prazer. Ela mordiscou-o sempre muito gentil.

— E isso? — Ela perguntou.

— Um pouco melhor do que antes, — disse ele.

— Ainda não completamente?

Ele balançou a cabeça.

— Bem, então, vamos ver o que é preciso.

Ela moveu-se para o lado e enquanto se inclinava sobre ele, seu cabelo caiu sobre sua carne, levantando arrepios por todo o corpo. Ela atacou o peito com seu cabelo, mais e mais, e ele arqueou as costas contra o espancamento prazeroso.

— Melhor? — Ela perguntou.

— Um pouco.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Um pouco?

Ele deu de ombros.

Seu sorriso era mau e quente. — Nesse caso...

Ela abaixou a cabeça e levou-o em sua boca. O'Connell apertou a cabeça de volta para os travesseiros enquanto todo o seu corpo estremecia de prazer.

— Catherine, — disse ele com voz rouca. — Da próxima vez, você pode incendiar todo o meu corpo se a cura for essa.

Ela riu-se contra ele. — Não me tente, — disse ela, olhando -se um instante antes que ela voltou para a parte dele que estava ficando cada vez maior. Mais dura.

Antes que ele pudesse se mover, ela montou nele de novo e abaixou-se sobre o seu eixo. — E agora?

— Quente e úmido, como eu gosto, — disse ele.

E, desta vez, quando gozaram, foi em uníssono.

O'Connell não soube quanto tempo depois eles adormeceram. Tudo o que sabia era que, pela primeira vez em cinco anos, seu corpo estava totalmente saciado. Ele não conseguia se lembrar da última vez que ele se sentira tão bem. Livre.

Ele embalou forma adormecida de Catarina contra o peito e escondeu o rosto em seu cabelo. Se ele pudesse, morreria ali mesmo.

Porque com o amanhecer que invariavelmente viria, ele sabia que teria que deixá-la. E ele preferia estar morto deixá-la novamente.

Mas ele não tinha escolha.

4

Catherine acordou com o som e a sensação da respiração de Michael em seu ouvido, com o calor do corpo dele pressionado contra o dela. Fazia muito tempo desde que ela tivera o prazer de dormir ao lado dele.

Como ela poderia ter dito a ele que não se lembrava, quando tudo que fazia era se lembrar da sensação dele? Do cheiro dele? Da essência dele?

E como ela poderia rejeitar um homem que amava tanto?

Catherine abriu os olhos e o viu deitado de lado, de frente para ela. Sua perna esquerda se aconchegava entre as dela, tinha o braço esquerdo envolto possessivamente através de seu corpo.

Impulsivamente, ela acariciou os tufos castanhos de cabelo da testa e deu um beijo carinhoso na testa.

— Eu ainda te amo, — ela sussurrou, sabendo que não podia ouvi-la. Isso foi uma coisa sobre Michael, uma vez que ele dormia, levaria ao fim do mundo para acordá-lo.

Ela ouviu passos do lado de fora da cozinha. Com medo de que era uma das crianças ou que Rebecca, ou que alguém que pudesse entrar em seu quarto para acordá-la, ela rapidamente se levantou e se vestiu.

Com um último olhar para saborear a visão dele dormindo nu em sua cama, ela puxou-a colcha por cima da sua forma adormecida e na ponta dos pés saiu do quarto.

Entrando na cozinha, ela não viu ninguém.

Que estranho.

Ela definitivamente tinha ouvido alguém um momento atrás.

Com o cenho franzido, ela caminhou para a sala onde haviam colocado a árvore e os brinquedos de Natal. À direita da árvore, escondido nas sombras, ela encontrou sua filha, Diana, embalando a boneca que Papai Noel havia trazido.

Catherine fez uma pausa, olhando para o produto de seu amor por Michael. Diana era um pouco pequena para os seus quatro anos. Ela tinha os cabelos longos e ondulados de Catherine, e os olhos escuros, cinza-prata de Michael. Nunca deixara de surpreender Catherine, que algo tão bonito e inteligente houvesse vindo dela.

Sorrindo, ela se aproximou de sua filha, que olhou para cima, com os olhos cheios de lágrimas.

— Diana, o que é? — Ela pergunto de imediato, se ajoelhando ao seu lado. Ela afastou a franja escura para trás, do rosto de sua filha.

— Ele não veio, — Diana choramingou enquanto uma lágrima solitária caia de seu rosto.

— É claro que Papai Noel chegou, docinho. Você tem a boneca e tudo mais.

— Não, mamãe, ele não veio, — ela repetiu, abraçando-a boneca ainda mais à medida que mais lágrimas caíam. — Era tudo que eu queria para o Natal e ele não veio.

— Quem baby?

— Papai, — ela soluçou.

A respiração de Catherine ficou presa na garganta ao ouvir a palavra inesperada. Diana tinha apenas

começado a perguntar sobre seu pai poucos meses atrás, e o fato de que ele aparecera na noite...

Foi o suficiente para dar um arrepios.

— Do que você está falando? — Catherine perguntou à sua filha.

— Você me disse que Papai Noel poderia fazer milagres, lembra-se, mamãe?

— Sim.

— E eu disse que queria um milagre especial.

— Eu pensei que você queria dizer a boneca.

Diana balançou a cabeça. — Eu queria que Papai Noel trouxesse o meu pai. Eu queria ver seus olhos parecidos com os meus.

Catherine colocou os braços ao redor de sua pequena filha e abraçou-a. Ela não tinha certeza do que ela deveria fazer. Parte dela queria levar Diana para o quarto para que encontrasse seu pai, e a outra parte dela estava muito apavorada de como Michael poderia reagir.

Ela deveria ter dito a ele na noite passada, mas ela havia ficado covarde. Uma coisa era ele abandoná-la. Ela podia lidar com isso. Mas ferir Diana era outra questão.

Não, seria melhor esperar e dizer-lhe sobre a sua filha quando Diana não estivesse por perto. Dessa forma, só ela seria ferida se ele corresse porta à fora. Mais uma vez.

Com a ponta de seu xale, Catherine enxugou os olhos de Diana. — Sem lágrimas no Natal, por favor?

Diana fungou de volta.

Ela beijou o topo da pequena cabeça escura de Diana e apertou-a com força. — Eu vou falar com St. Nick depois do almoço e ver o que eu posso fazer.

— Mas ele já voltou para o Polo Norte.

— Eu sei, docinho, mas alguém já não lhe disse que mamães têm uma maneira especial de deixar Papai Noel saber o que seus filhos querem?

Diana limpou as lágrimas com as costas da mão. — Depois do almoço?

Catherine assentiu. — Mantenha seus dedos cruzados e talvez ele possa arrumar alguma coisa.

— Eu vou. Eu prometo.

Ela sorriu para aqueles olhos cinza-prata que brilhavam com inocência. — Boa menina. Agora vá verificar as suas meias e ver o que mais Papai Noel poderia ter deixado enquanto eu vou começar a café da manhã.

Diana fugiu para fora de seus braços e Catherine se levantou lentamente.

Na verdade, sentia-se doente. Seu estômago deu um nó. Como ela iria dar a notícia a Michael? Será que ele se importaria?

Respirando fundo para ter coragem, ela sabia que uma forma ou de outra ela tinha que dizer a ele. Até mesmo um canalha irresponsável, merecia saber que ele era pai de uma linda menina que não queria nada mais do que conhecê-lo.

— Só não a machuque, — ela sussurrou. — Porque se você fizer isso, eu vou matá-lo por isso.

O'Connell despertou lentamente com o cheiro de bacon e café, e ao som de crianças rindo de fora de sua porta. A princípio, ele pensou que era um sonho. Quantas vezes ele ansiava por experimentar isso apenas uma manhã? Muito mais vezes do que ele poderia contar.

— Catherine, eu preciso colocar pratos extras para quem estava na porta ontem à noite? Eu não sabia se ele, ela ou eles ficariam, ou o quê.

Ele ouviu a resposta que Catherine murmurou através das paredes, mas não poderia entender qualquer uma de suas palavras. De repente, a lembrança da noite anterior desabou de volta através dele. Havia sido real. Tudo isso. Este não era um sonho. Ele estava, na verdade, dormindo na cama de Catherine na manhã de Natal.

O'Connell recostou a cabeça no travesseiro enquanto uma grande alegria o atravessava. Ele sentiu vontade de gritar ou cantar ou fazer algo. Qualquer coisa para comemorar um evento tão glorioso.

Impulsivamente, ele puxou o travesseiro de Catherine para ele e inalou o cheiro de sol fresco dela. Intoxicado, ele ouvia as crianças cantando "God Rest Ye Merry Gentlemen"[34] enquanto se ouvia alguém tilintando pratos e talheres.

— Não é um sonho, ele sussurrou.

Ele riu suavemente enquanto uma euforia crua invadia cada parte dele. Ele tinha o seu milagre de Natal. Sorrindo, ele se levantou da cama e se vestiu, e depois arrumou a cama. Catherine sempre se queixara que ele torcia os lençóis em nós e ela odiava a cama bagunçada.

Este seria o seu presente para ela.

Ele saiu do quarto com cautela e fez com que ninguém o avistasse, pois Catherine poderia ter que dar alguma explicação séria a respeito disso. A última coisa que ela precisava, era de uma reputação manchada, e a última coisa que ele precisava era de perguntas intrometidas que não podia responder.

Ele viu as escadas atrás dele e fez como se estivesse vindo de um dos quartos no andar de cima. Quando chegou à porta da cozinha, viu Catherine em pé na frente do fogão, fritando ovos.

Ele se deleitava em vê-la por trás. Ela deixou o cabelo longo na parte de trás com uma trança sobre o topo de sua cabeça para mantê-lo fora de seus olhos. Seu vestido verde escuro, abraçava cada uma das curvas com as quais se banqueteara na noite anterior. E um xale branco drapeado sobre os ombros.

Nunca tinha visto uma imagem mais gloriosa, e ele desejava que pudesse ficar aqui para sempre.

— Rebecca? — Catherine chamou, dando um passo para trás do fogão e olhando para a porta no lado oposto da sala. — As crianças ainda estão lá fora?

— Fazendo anjos de neve, na última vez que as vi, disse a mulher, quando entrou no recinto. A morena pequena parou seu caminho, quando seu olhar caiu para ele.

Catherine pegou o olhar da mulher e virou-se para encará-lo.

— Bom dia, — ele cumprimentou.

Catherine corou, e ele não perdeu a luz que surgiu nos olhos da morena.

— Bom dia, — disse a morena calorosamente, sugestivamente.

Catherine limpou a garganta. — Rebecca, este é o nosso visitante de ontem à noite.

— Prazer em conhecê-lo, — disse Rebecca. — Senhor...?

— Burdette, — disse ele, falando seu pseudônimo mais recente. — Tyler Burdette.

Ele olhou para Catherine, que ouviu o seu nome com o cenho franzido.

— Eu vou colocar outro lugar na mesa para o senhor, Sr. Burdette, — disse Rebecca.

Assim que eles estavam sozinhos novamente, Catherine se aproximou dele, acenando com uma espátula com gordura quente perigosamente perto de seu nariz. — Tyler Burdette, — ela perguntou em um tom irritado. — Existe algo que você precisa me dizer?

Essa foi uma pergunta capciosa e ele não tinha certeza de como responder. Felizmente outro visitante, um homem, poupou alguns momentos para pensar.

Mas para ser honesto, tudo o que conseguia pensar era o fato de que, o, homem grisalho de aparência distinta, passou um pouco longo demais olhando para *a sua* Catherine.

— Senhorita Catherine?

— Marshal[35] McCall, — disse ela, ressaltando o título, sem dúvida, para o benefício dele.

E deu certo. O'Connell estava imediatamente em guarda.

Pelo olhar no rosto do homem, era óbvio que ele queria perguntar à Catherine algo de natureza pessoal. Pior, o homem gaguejou e se deslocou nervosamente antes que ele saísse com: —Eu só vim para a minha xícara de café da manhã.

O olhar de O'Connell se estreitaram. O maldito homem estava apaixonado por sua esposa. Ele se encolheu quando uma imagem dela nos braços do xerife, rasgou através de sua mente.

Será que os insultos não cessam?

Assim que se moveu para buscar uma xícara de café, o xerife olhou para O'Connell — Como vai? —

Ele perguntou amável o suficiente.

— Muito bem xerife, — O'Connell disse, tentando permanecer agradável, apesar do desejo que tinha de sufocar o homem. — E você?

O xerife franziu o cenho quando olhou de cima a baixo. — Não te conheço de algum lugar?

Provavelmente por causa de uma dúzia de cartazes de “procurado”, mas ele não se atreveu a dizer isso. Em vez disso, O'Connell balançou a cabeça. — Eu não conheço nenhum xerife. — Ele fazia o melhor para evitá-los a todo custo.

— Não? — Perguntou o xerife. — Você com certeza me parece familiar. Você tem alguma família em Reno?

O'Connell balançou a cabeça. — Não que eu saiba.

Ele pareceu aceitar isso. Mas ainda assim ele deu um passo à frente e estendeu a mão. — Dooley McCall.

— Tyler Burdette, — disse ele sacudindo a mão estendida.

— Burdette, — o xerife repetiu. — Não, eu não acho que o conheça, afinal.

Catherine entregou ao xerife seu café.

— Obrigado Senhorita Catherine. Eu continuo dizendo aos meus soldados, que ninguém na terra faz um café melhor do que você.

— Obrigada xerife.

O'Connell não perdeu o blush que manchava as bochechas dela. Por um momento, ele teve que lutar para respirar. Como ela se atrevia a corar por outro homem. E daí se já se passara cinco anos, isso ainda não lhe dava o direito de fazer isso para alguém.

Ela era sua esposa, e não a do xerife.

O xerife acenou com a cabeça, em seguida, tomou o seu café e saiu.

O'Connell não perdeu tempo esgueirando-se até a porta para ver o xerife sentado na sala de estar com um papel, tomando seu café como se tudo estivesse certo no mundo.

— Que diabos um xerife está fazendo aqui? — Ele perguntou à Catherine, em voz baixa.

Ela deu-lhe um olhar altivo. — Ele mora aqui.

— Mora aqui? — Repetiu ele.

— Dirijo uma pensão, lembra? Ele é um dos meus inquilinos regulares.

— Por que você o deixa viver aqui?

— Eu não sei, — disse ela com sarcasmo. — Talvez eu gosto de tê-lo aqui, pois ele mantém a ralé longe, — disse ela com um olhar aguçado, — e ele paga dois meses de aluguel adiantado.

Catherine não perdeu o brilho aquecido que Michael lhe deu. Lambendo os lábios, ela sentiu uma onda de apreensão percorrer a espinha. Michael estava inteiramente, demasiadamente, interessado no xerife.

Alguma coisa estava errada.

— Você é procurado? — ela perguntou de repente.

Ele olhou para ela com aqueles olhos cinza-prata claro. — Depende, — disse ele com uma voz grave. — Eu tive esperanças que você me procurasse.

Sua respiração ficou presa. Será que ela se atreveria a ter esperança de que ele pudesse realmente ser capaz de estabelecer-se com ela e Diana?

— E se eu o tivesse procurado? — Ela perguntou.

Ele olhou para o xerife. — Este é um momento ruim. Eu realmente preciso ir embora.

— Embora, — ela engasgou. — Você não pode.

— Por que não?

— Porque você acabou de chegar. Você não pode simplesmente aparecer na minha porta, rolar na minha cama, e, em seguida, levantar assim que o sol nascer. Pensei que houvéssemos compartilhado algo de especial na noite passada. Ou tudo era mentira de novo?

Ele estremeceu como se isso o tivesse atingido. — Eu nunca menti para você Catherine.

— Não. Mas você mentiu para meu hóspede e minha governanta. Isso não é verdade, Sr. Tyler Burdette?

— Eu...

— Senhorita Catherine? — Um menino animado irrompeu pela cozinha com os alforjes de Pete em suas mãos. A cabeça loira balançava enquanto o garoto pulava para cima e para baixo. Eu encontrei estes aí fora na porta da frente, e olhe, disse ele, lançando lhe um aberto. — Eles estão cheios de dinheiro! Posso ficar com ele?

O'Connell foi frio quando tudo veio junto em sua mente.

Eu encontrei este pequeno orfanato em uma cidade chamada Redwood, Pete havia lhe dito. *Você provavelmente gostaria muito de lá, Kid. Tinha um aspecto muito caseiro.*

O'Connell o amaldiçoou, enquanto o estômago se apertava. Pete sabia. Ele o havia enviado propositadamente para encontrar Catarina.

O pânico tomou conta dele. Isso significava Pete não estaria muito atrás. Ele teria que levá-la para a segurança, antes que seu irmão aparecesse e a usasse para arrastá-lo de volta para os roubos. Mas como? Ela nunca deixaria seu negócio ou seus órfãos.

— Isso é ruim, — ele sussurrou. — Muito ruim.

Catherine olhou para os alforjes. — De onde é que isso veio? — Ela perguntou ao menino.

— Disseram-me que foi roubado de você, — disse O'Connell, enquanto verificava duas vezes se o xerife estava sentado.

Olhando para ele, Catherine franziu o cenho. — Por quem?

— É seu? — Perguntou O'Connell, visando retardar a inevitável explicação de como ele havia chegado ao seu dinheiro. — Você foi roubada?

— Sim, nós fomos. Mas como é que você conseguiu isso?

Tanta coisa para adiar o inevitável.

Ela olhou para ele com severidade. — Será que você o levou?

— Não, — ele latiu. — Como você poderia até mesmo perguntar isso?

— Bem, o que eu deveria pensar? — Perguntou enquanto colocava os alforjes sobre a mesa e pedia licença ao menino.

Ela se moveu para ficar diante dele, as mãos nos quadris. — Eu pensei que eu te conhecesse, e, no entanto, cada vez que eu pisco eu aprender alguma coisa sobre você que me assusta. Agora me diga como é que você tem o meu dinheiro.

O'Connell não tinha a menor chance. Antes que ele pudesse dizer uma palavra, a porta se abriu para mostrar Pete segurando uma das meninas de Catherine em seus braços.

— Toc, toc, — Pete falou. Ele deu um sorriso maligno para O'Connell, em seguida, levantou o rosto da menina para onde O'Connell pudesse ver seus olhos coberto de lágrimas. — Olha o que o velho tio Pete encontrou no quintal.

5

O'Connell sentiu o ar sair dos pulmões, enquanto olhava para um par de olhos indistinguíveis de sua autoria. Eles foram criados em um rosto que parecia idêntico ao de Catherine, até nos cachos castanhos escuros que se derramavam sobre o braço de Pete.

Em um instante, ele reconheceu a filha.

Chorando incontrolavelmente, a menina olhou para Catherine. — Ajude-me Mama! Faça esse homem me soltar!

Catherine deu um passo em direção à garota, mas O'Connell agarrou seu braço e puxou-a para que parasse.

Ninguém se aproximava de seu irmão. Se Catherine tentou levar a menina, não havia como dizer o que Pete poderia fazer com ela.

— Deixe-a ir Pete — disse O'Connell, com a voz calma desmentindo o estado volátil de sua mente e corpo.

Pete deu um sorriso maligno. — Eu disse em Oak River que você não poderia escapar de mim, Kid. Agora eu lhe pergunto de novo, você vem comigo ou não?

— Oak River? —Ouviu Catherine repetir em voz baixa.

Essa foi a cidade onde ele a deixara. Então, Pete havia usado Catherine como sua chantagem. Ele deveria ir com Pete para roubar outro banco, ou causaria algum dano à sua esposa.

Após o roubo, O'Connell faltava o coração para voltar a ela. Ele não conseguia encará-la depois do

que ele fizera por Pete. Pior ainda, ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, Pete iria aparecer novamente com a mesma ameaça.

E a última coisa que ele queria era matar seu irmão por ter ferido sua esposa.

Enquanto houvesse vida em seu corpo, ele iria proteger sua Catherine.

Você é a minha segunda chance. Isso é o que O'Connell havia dito a ela na noite de núpcias. Catherine não sabia o que ele queria dizer com isso. Mas agora sabia.

Por um tempo, ele fora estúpido o suficiente para acreditar nisso. Mas segundas chances eram para os tolos. E Catherine nunca poderia voltar a ser sua.

— Eu vou com você Pete. Basta colocá-la no chão.

Pete assentiu. — Bom garoto. Eu sabia que você ia ver as coisas do meu jeito, uma vez que as vi. Pete apertou as bochechas da menina e inclinou a cabeça até onde ele pudesse olhar para o rosto dela. — Ela é uma coisinha bonita, não é?

A raiva inflamava cada célula do corpo de O'Connell. — Tire as mãos de cima dela Pete, ou eu vou matá-lo por isso.

Seu irmão encontrou seu olhar e durante vários segundos, eles se encararam em compreensão mútua. — Você sabe. Kid, eu acredito que sim.

— Você pode contar com isso.

O'Connell não respirou novamente até Pete, colocar a menina no chão, e ela correu para os braços estendidos de Catherine.

Pete olhou para Catherine e para a menina. — Já que é Natal e tudo mais, eu vou lhe dar cinco minutos com elas. Eu estarei esperando do lado de fora junto com os cavalos.

O'Connell esperou ele sair antes de se virar para Catherine, que embalava a menina ao peito. A filha dele.

Ele sentia tanto orgulho e alegria, que pensou que seu coração fosse explodir. Mas a alegria morreu quando ele se lembrou que seu irmão estava esperando por ele do lado de fora.

O'Connell estendeu a mão para tocar os cachos castanhos escuros. A suavidade do cabelo de sua filha chegou dentro dele, esculpindo um lugar em seu coração.

— Ela é linda, — ele suspirou.

Catherine viu a dor dentro dele e notou a tensão de sua mão no cabelo de Diana. — O nome dela é Diana.

Ele deu um sorriso. — O nome de sua mãe.

Ela assentiu com a cabeça.

— Por que você não me contou sobre ela em Nevada? — Ele perguntou com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu não sabia que estava grávida até depois que você se foi. — Ela estreitou seu olhar sobre ele quando finalmente compreendeu tudo o que havia acontecido. — Você me deixou por causa dele, não é?

— Ele é meu irmão, — ele disse simplesmente. — Eu não tive escolha.

— Nós sempre temos escolhas.

Ele balançou a cabeça. — Não, nós não. Você não sabe que tipo de homem é meu irmão, mas eu sei. Sei que ele é cruel, mas eu devo muito a ele. Se não fosse por Pete, eu nunca teria sobrevivido após a morte de nossos pais. Ele é duro, porque essa é a maneira que o mundo o fez.

— Ele é duro, porque ele é...

O'Connell parou suas palavras, colocando os dedos sobre os lábios. Com seu coração rasgando, ele inclinou-se e beijou-a suavemente na boca, e sussurrou: — Até o dia que eu morrer, eu sempre vou me lembrar de você.

Ele tocou o cabelo de Diana uma última vez, então ele se virou e foi embora.

O'Connell encontrou Pete perto do cavalo, que Pete deve ter selado. Seu irmão era tão loiro e de pele

clara, como O'Connell era moreno. Os dois sempre haviam sido opostos em quase tudo. Mesmo os olhos de Pete eram de um verde acastanhado.

E nunca antes tinha O'Connell senti muito ressentimento e ódio para o irmão que tinha uma vez o protegeu.

— Por que você não pode simplesmente me deixar ir? — Ele perguntou Pete. — Eu paguei minha dívida com você mil vezes.

Pete deu-lhe um olhar duro. — Você é a minha família, Kid. Goste ou odeie, é só você e eu. — Pete sorriu maliciosamente. — Além disso, você é o único homem que conheço que pode explodir um cofre e não destruir a metade do dinheiro com isso.

— Você não é engraçado.

Pete deu-lhe um tapinha no ombro. — Agora, não fique chateado comigo, Kid. Você pode ter algo melhor do que ela. Eu lhe disse que anos atrás. Ela não é bonita o suficiente para você.

Ele agarrou Pete por sua camisa. — Eu não sou mais uma criança Pete, e eu já não tenho medo de você. Catherine é a minha esposa e ela merece o seu respeito. Se você alguma vez dizer mais alguma contra ela, como Deus é minha testemunha, eu vou rasgar sua pele por isso.

Pela primeira vez em sua vida, ele viu um lampejo de medo através dos olhos de Pete. — Tudo bem, Kid. Do jeito que você quiser.

O'Connell deixa-o ir. Ele mal tinha dado um passo quando ouviu a porta da frente da pensão aberto.

O xerife saiu pela varanda com dois homens no encalço. E todos os três tinham espingardas em seus braços. Pelos sombrios e determinados olhares em seus rostos, ele sabia o que eles queriam.

Ele e Pete.

Seu sangue gelou.

O xerife olhou para Pete quando ele apontou a espingarda sobre eles. — Pete O'Connell, — disse ele lentamente. — Jamais esperava receber tal presente de Natal. Imagine a recompensa de dois irmãos O'Connell.

Pete amaldiçoou, depois foi até sua arma.

O'Connell não pensou. Ele apenas reagiu. Ele estava cansado dos esquemas de seu irmão, e cansado da vida que Pete lhe havia tomado sem nenhuma razão. Era tempo de isso acabar.

Ele pegou a arma de seu irmão, e os dois lutaram por isso.

Catherine observava os homens brigando, da janela da sala de estar. Ela havia enviado Diana para o andar de cima com Rebecca, então imediatamente procurou o xerife, para que ele soubesse que havia um possível fora-da-lei lá.

Ela apertou a mão aos lábios quando o terror a cortava, enquanto observava os dois homens que lutavam pela posse da arma. O que ela fizera?

Um tiro ecoou.

Catherine parou de respirar. Michael e Pete congelaram e trancaram olhares. O tempo parecia suspenso enquanto ela esperava.

Quem havia sido baleado?

Então Michael cambaleou para trás, e viu a mancha vermelha em sua camisa, antes de cair no chão.

— Não, — ela gritou enquanto lágrimas desciam pelos seus olhos. Não poderia ser Michael! Não podia ser.

Pete apenas olhava para ele, com o rosto indecifrável.

Soltando o xale, Catherine correu para a porta, descendo as escadas, correndo pelo quintal para o lado de Michael.

Seu irmão estava friamente parado ao lado, enquanto o xerife o marechal e seus homens colocavam algemas em seus pulsos.

Soluçando, ela se ajoelhou ao lado de Michael. Assustada e tremendo, ela tocou a testa fria.

— Michael, — ela suspirava.

Ele abriu os olhos e olhou para ela. Nesse olhar viu o amor que ele tinha por ela. Ele abriu a boca para falar, mas ela pressionou as pontas dos dedos sobre os lábios.

— Guarde suas forças, — ela sussurrou. Ela olhou para cima para Marshal McCall, que olhava com raiva para Pete.

— Eu sempre ouvi dizer que era mau, mas, caramba, atirar no seu próprio irmão no Natal? Você é um homem doente, O'Connell, — disse o xerife para Pete.

Com seu rosto impassível, Pete olhou para ela e Michael, depois de volta para o xerife.

— Você é burro? Parecemos como irmãos? Pete demorou lentamente. — Meu irmão foi morto em Shiloh no mês passado, durante o nosso último assalto. Esse é apenas um vaqueiro estúpido, que acha é um caçador de recompensas. O bastardo está me arrastando por semanas. Eu nem sei o nome dele. — Pete a encarou, em seguida, chocou-a com suas palavras. — Mas acho que a senhora ali o conhece. Pergunte a ela quem ele é.

O xerife deu-lhe um olhar de sondagem. — Isso é verdade Srta. Catherine? Você conhece este homem?

Um tremor de pânico sacudiu a quando ela percebeu que o destino inteiro de Michael, estava em suas mãos. O que ela deveria responder?

Ela olhou para a calma de Michael, o olhar fixo e deliberado. Ele esperava que ela o traísse. Ela podia ler claramente em seus olhos enquanto ele esperava que ela o denunciasse.

Mas ela não podia. Não sabia de tudo ainda, mas antes que ela o entregasse para o delegado, ela queria algumas respostas. Respostas que não podia muito bem serem dadas trancadas na cadeia.

— Ele é meu marido, — ela respondeu com sinceridade. — Michael O'Callahan.

O xerife deu-lhe um olhar duro. — Eu pensei que você houvesse dito que seu marido fugira.

— Ele fugiu, — disse ela, olhando para Michael. — Mas ele veio para casa, para mim, na noite passada.

— Farley, — o xerife gritou para seu ajudante. — Ajude-me a levar o marido da senhorita Catherine para dentro, enquanto Ted algemava O'Connell.

O xerife ajudou-a a ficar em pé.

— Para onde quer que o levemos? — Perguntou o xerife.

— Para o meu quarto, — disse ela, abrindo o caminho de volta para a pensão.

Michael O'Connell não disse nada durante o resto do dia. Sua cabeça rodava com o que havia acontecido.

Por que Pete mentira?

Por que Catherine o protegeu, quando ela poderia facilmente tê-lo colocado na prisão durante os próximos dez ou vinte anos?

Nada disso fazia sentido para ele, e pior, Catherine havia evitado entrar no quarto para que ele a questionasse. Se ele tivesse sido capaz, teria ido atrás dela, mas ele estava muito fraco para fazer muito mais do que apenas respirar.

A porta de seu quarto se abriu. Ele olhou por cima para ver uma pequena cabeça escura espreitar para dentro. Ele sorriu com a visão de sua filha na porta.

Quando Diana o viu, a menina sorriu de orelha a orelha.

Ela segurava a porta, enquanto ela se contorcia na moldura da porta. — Você é realmente meu pai? — Ela perguntou.

— O que sua mãe lhe disse?

— Ela disse que Papai Noel o trouxe até mim ontem à noite.

O'Connell deu uma risada com as palavras dela, mas ele não conseguiu mais do que isso, já que a dor cortava a respiração. Pete havia sido chamado de um monte de coisas ao longo dos anos, mas esta foi a

primeira vez que alguém se referiu a seu irmão como Papai Noel.

— Sim, — disse ele com uma careta. — Eu acho que talvez ele tenha trazido.

Liberando a maçaneta da porta, ela correu pela sala e se esforçava para se sentar ao lado dele na cama. Ele estremeceu com a dor que ela causou, mergulhando o colchão, mas na verdade, ele não se importava com nada disso. Para ter sua filha perto dele, ele sofreria muito mais do que isso.

— Você é muito bonito para um homem.

O'Connell sorriu com suas palavras. Ninguém nunca havia dito isso a ele antes.

Ela estendeu a mão um pouco para o lado para tocar sua pálpebra. — Você tem os olhos como o meu. Mamãe me disse que você tinha.

Ele segurou seu rosto macio, espantado com o que via em seu rosto. Era tão estranho ver partes dele misturadas com partes de Catherine.

Nunca em sua vida havia visto uma garotinha mais linda. — Os temos graças a minha mãe.

— Ela era bonita também?

— Como você, ela era tão bonita quanto um anjo.

— Diana!

Ele percebeu o tom de repreensão de Catherine.

— Eu lhe disse para não perturbá-lo.

— Sinto muito, mamãe.

— Ela não está me perturbando, — disse ele, soltando a mão de seu rosto.

Catherine enxotou-a para fora de qualquer maneira. A princípio, ele pensou que ela iria sai, mas ela hesitou na porta.

—- Por que você não me disse quem você realmente era? — Ela perguntou.

Ele olhou para ela. — Eu gostei ser o homem que você achava que eu fosse. Para você, eu era um homem decente, e não algum vagabundo bandido. A última coisa que eu queria era que você mudasse de ideia sobre mim e me odiasse.

— Então você mentiu para mim?

— Na verdade não. Eu só não te contei tudo.

Ela balançou a cabeça. — Eu sempre soube que você estava escondendo algo de mim. Eu estava mais certo do que nunca. — Engraçada, eu costumava pensar que você amava outra, e não um irmão louco.

Ele deu-lhe um olhar duro, significativo. — Eu nunca poderia amar alguém além de você.

— O que você quer dizer sobre isso?

— Na minha vida.

E então ela o presenteou com um daqueles sorrisos amorosos, que o mantivera aquecido nos dias mais frios. — Então me diga, Michael, para onde vamos a partir daqui?

EPÍLOGO

Véspera de Natal. Dois anos mais tarde

— Ei, Pai, para onde vamos a partir daqui?

Michael olhou para a pergunta de Frank de nove anos. Depois que Catherine lhe havia dado sua segunda chance, os dois haviam decidido adotar os órfãos que ela estava cuidando. E todos os dias dos últimos dois anos, ele havia passado a cada minuto recompensando-a pelo tempo que eles estiveram separados.

Ela nunca mais teria motivo para duvidar dele, e ele se deliciava com a bênção de sua família e do lar.

— Eu acho que você deveria perguntar a sua mãe, — ele disse a Frank. — Catherine?

— É a grande casa branca no final da rua, — disse ela enquanto ia rebolando até eles, ao lado da estação ferroviária.

Michael sorriu com a visão do corpo de grávida dela. Ele havia perdido vê-la levando Diana, mas ele definitivamente estava desfrutando de sua companhia.

Pelo jeito que Catherine estava, eles tinham mais de dois meses antes de o bebê viesse se juntar a eles. Apenas o tempo suficiente para visitar seus pais com seu bando de filhos a tiracolo, e, em seguida, voltar para casa a tempo para o nascimento.

Quatro dos órfãos ainda moravam com eles. Cinco crianças no total com Diana. Michael sorriu enquanto observava todos eles subirem a bordo da carroça que ele havia alugado.

Ele sempre quis uma família grande.

— Está nervosa? — Ele perguntou à Catherine enquanto envolvia um braço reconfortante sobre os ombros. Ela não havia visto seus pais desde o dia em que eles haviam fugido quase sete anos antes.

— Um pouco. E você?

— Um pouco.

Mesmo assim, ele era muito grato por sua vida, mesmo com uma visita demorada a seus sogros. Ele ainda achava difícil acreditar que Pete houvesse mentido para salvá-lo.

— Eu arruinei sua vida o suficiente Kid. Este é um lugar que eu acho que é melhor eu ir sozinho, Pete tinha-lhe dito.

Pete estaria na prisão por um longo tempo para vir. Talvez ele faria seu irmão um homem melhor. Tudo o que ele podia fazer era esperar que um dia seu irmão fosse encontrar a paz que sempre lhe escapava.

Michael deu um beijo suave na testa de Catherine, enquanto ele pegava a mão de Diana e ajudava a subir na carroça.

Todos os dias nos últimos dois anos, ele fora grato que sua esposa o esperara, mesmo que fosse a última coisa que ele merecia.

— Obrigado, Cathy, — ele respirou enquanto a ajudava a subir no banco da carroça.

— Pelo o que? — Ela perguntou.

— Por fazer minha vida valer a pena.

Seu sorriso aqueceu-o a. — Tem sido um prazer, Sr. O'Callahan. Feliz Natal.

E seria um Feliz Natal, também. Pois nesta vida, havia uma segunda chance, e desta vez, Michael não desperdiçaria a que lhe fora dada.



Incentive os revisores contando no nosso blog o que achou da história do livro.

https://twtalionis.wordpress.com

Todos os arquivos aqui postados são para leitura pessoal.
É proibido postar e/ou anexar nosso conteúdo em outros blogs, fóruns, grupos, redes sociais e afins.
Nosso trabalho é gratuito e não temos nenhum tipo de lucro.

---

[1] Bom, no original, Rising, que significa levantar, ascender, algo que está em ascensão, em proeminência, emergente. Ou nascendo, como o sol... Rising em inglês significa muitas coisas. É uma palavra para expressar o nascer do sol. The Sun rises (O sol se levanta)... mas em português usamos: O sol nasce. Em português não existe uma expressão condizente com o que a autora está querendo colocar: um clã, uma dinastia que está surgindo, se elevando, um homem que está destinado a ser grandes coisas, um homem em ascensão...

[2] Deus Atlante da Guerra e da Morte.

[3] Manta grega.

[4] Filho.

[5] Tipo de ginásio.

[6] Dote

[7] Os chlamys era típico traje militar grego

[8] Cálice



9 É uma taça usada para se beber vinho na Grécia Antiga, com um corpo relativamente raso e que possui um pé e duas asas dispostas simetricamente.

[10] Aqui, Eperon, além de local de treinamento, significa equipe, pequeno exército.

[11] Bathymaas faz referência à Flor de Lótus. Ela nasce na lama. É também um provérbio budista, que diz que de coisas más, feias, também nascem coisas bonitas. Que todo lado negativo tem um lado negativo. E que todo sofrimento tem um final.

[12] Cidade grega.

[13] O Estige/Styxx é o rio

[14] **Leitores, atenção ao mito de Ártemis e como a história vai ser conduzida pela autora a partir desse ponto da narrativa. Para entender, leiam o trecho que conta a história da deusa (na mitologia), e observem como a autora, SK, desenvolveu a narrativa**: "Ártemis ou Artemisa (em grego

[15] Na Bíblia Betânia/Bethany, além de ser uma vila palestina, é também o lugar onde os pobres, os aflitos e doentes eram tratados.

[16] Marca de vestuário masculino.

[17] Corvette

[18] 

[20] Remote Authentication Dial In User Service é um protocolo de rede que provê de forma centralizada autenticação, autorização e contabilização no processo de gerenciar computadores que estarão se conectando e usando um determinado serviço de rede.

[21] Nos EUA existe uma medida adicional para as **calças**, que é o comprimento (inseam) que é dado em polegadas (inches). Normalmente a medida de uma **calça** começa com a medida da cintura em polegadas (waist), que é a única medida que usamos e continua com a medida do comprimento (inseam) que normalmente nós não usamos. A medida do comprimento (inseam) é feita na parte interna da perna, na bifurcação das pernas (nome que se dá é "cavalo") até a bainha. No caso do Adrian, o tamanho dele seria mais ou menos 46, porque ele é muito alto.

[22] 

[24] Rapper Americano de cabelo arrepiado.

[25] Modelo de óculos ray ban de lentes quadradas.

[26] Aplicativo de fotos.

[27] É uma tradição Americana espalhar ramos de visco pelos tetos da casa, durante as comemorações de Natal. Se um homem e uma mulher se encontrarem embaixo de um raminho, devem se beijar.

[28] 

[30] Marca de perfume masculino.

[31] Genebra ou Ginebra (*Guinevere* em inglês

[32] Ditado Americano.

[33] Presidente Americano do século XIX

[34] Canção Tradicional de Natal http://www.vagalume.com.br/loreena-mckennitt/god-rest-ye-merry-gentlemen.html

[35] Marshal pode ser o equivalente Marechal em português. No caso em questão, é a maior autoridade policial da cidade. Algo como "xerife chefe".